

Elaine Coffman – Casada com um Estranho

Casada Com Um Estranho

Elaine Coffman



PESQUISA E DISPONIBILIZAÇÃO: **SORYU**

TRADUÇÃO: **GISELDA**

REVISÃO INICIAL: **GISELDA**

REVISÃO FINAL E FORMATAÇÃO: **EVÂNIA AMORIM**

PÉ GASUS LANÇAMENTOS





Resumo:

Lady Meleri Weatherby estava disposta a fazer qualquer coisa para escapar do casamento com um homem cruel e que não amava. Assim decidiu romper seu compromisso com lord Phillip e saiu de Northumberland com a promessa de casar com o primeiro homem que encontrasse... sem pensar nas consequências de sua decisão. Robert Douglas também havia sido castigado por seu destino: o orgulhoso escocês devia casar-se com uma inglesa para não perder seu castelo e o título que ostentava. Estava quase desistindo quando cruzou com aquela jovem tão teimosa e decidida como ele. Ambos acreditavam que o casamento era sua salvação, mas não haviam contado com a existência de um fantasma , a sede de vingança e com a mais poderosa força do universo:

O Amor!!



Prólogo

Dizia-se que só um espírito vagava pelo castelo de Beloyne. Ao longo dos séculos tinha recebido muitos nomes, mas quase todos o conheciam simplesmente como o fantasma do Black Douglas.

Era seu antecessor, um ser místico cujo espírito morava nos corações e nas mentes daqueles que o seguiam, porque lhes dava algo mais real e tranquilizador que uma presença física. Dava-lhes esperança.

Ninguém nunca tinha visto o fantasma, mas isso não significava que não existisse. Naquela terra de histórias mágicas e folclore sobrenatural, sabiam que o passado arrojava sombras sobre o que pudesse acontecer. A fama pode ficar em nada. Um nome grandioso pode sumir-se no desconhecido. Mas a magia de uma alma geme-a impregna os lugares pelos que passou como a fragrância persistente das rosas em dezembro.

Ao longo dos séculos, as gerações foram e vinham conscientes da proximidade do fantasma, porque sempre estava presente, silencioso sob uma manta de neve, tranquilizador no verde da primavera, nobre no amarelo e avermelhado do outono. Com os ecos inquietantes do gaélico, cantavam sobre ele em músicas que falavam de vales vazios e fortaleza em ruínas, dos estalos metálicos de tropas armadas, de orgulho ferido. E transmitiam a lenda de pai para filhos ao longo das décadas, falando dos dias em que tinha vivido e perecido, e do dia em que retornaria.

-Cavalgará pelas montanhas, quando a lua banhar em prata a planta e que o vento sopra brandamente nas colinas.

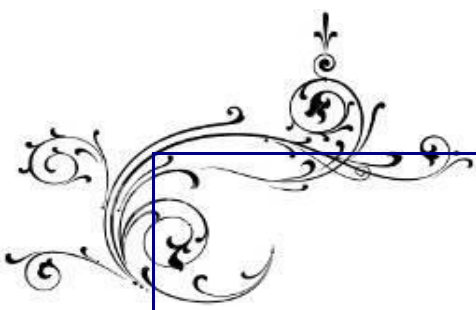
Como sombra arrojada fazia tempo, dar-se-ia a conhecer saindo da névoa do passado o presente. Ninguém sabia quem o veria, nem que momento exato escolheria para aparecer. Só sabiam que ocorreria. Os anos não tinham alterado a crença de que ele existia.

Não importava que não pudessem vê-lo, porque sentiam sua presença. Chamava-os em sonhos e falavam com uma voz mais antiga que as pedras emboloradas dos muros do castelo. De noite, plantava as sementes na terra fértil de suas mentes, e despertavam refletindo em tudo o haviam perdido e no que recuperariam quando ele retornasse.

Estava ali, no silêncio horripilante de paisagens sombrias, nos trovões e relâmpagos que precediam a chuva. Pelas noites, os campos sussurravam seu nome. Quando um de seus pequenos rompia a chorar, tomavam em braços e lhe cantavam: "Cala já, cala já, ou o Black Douglas te apanhará". Entretanto, os pequenos não tinham medo nem choravam. Sentiam sua presença. Acreditavam nele.



Elaine Coffman – Casada com um Estranho

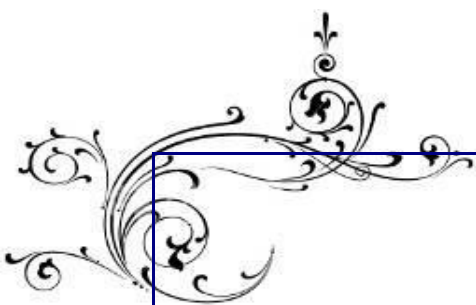


Primeira Parte

O amor verdadeiro são como os fantasmas, deles todo mundo fala, mas poucos os viram.

François, Duque de La Rochefaucauld (1613-1680), escritor francês, moralista.

Sentences et máximes morais, número 76 (1678).



Capítulo 1

Northumberiand, Inglaterra, 1785

Quase todas as mulheres fariam algo por casar-se com o filho de um duque. Lady Meleri Weatherby não era uma delas.

Prometida ao Philip Ashton, marquês do Waverly, desde seu nascimento, faria algo por liberar-se daquele compromisso... Algo. De menina, tinha adorado o, lorde Waverly. Philip era dez anos mais velho que ela e o idolatrava. Alto, loiro e arrumado, de sorriso cativante, não era capaz de fazer nenhum mal. Eram os dias em que se considerava a mulher mais afortunada do planeta.

Mas já nada era o mesmo. Tinham transcorrido os anos e Meleri tinha amadurecido. Observava o mundo com olhos de mulher. O que antes adorava já não era mais que um fino verniz rachado e descascado. Depois dele, via o homem que era Philip em realidade... Um homem cruel com os animais e com os subordinados. De repente, compreendia que lorde Waverly não era o amor de sua vida a não ser o último homem do universo com quem queria contrair matrimônio. Ia dando-se conta pouco a pouco, mas abriu os olhos de forma repentina em um tarde quente, quando retornava a casa depois de um longo passeio a cavalo. Ao subir uma colina, presenciou uma cena horripilante que a deixou atônita e enojada.

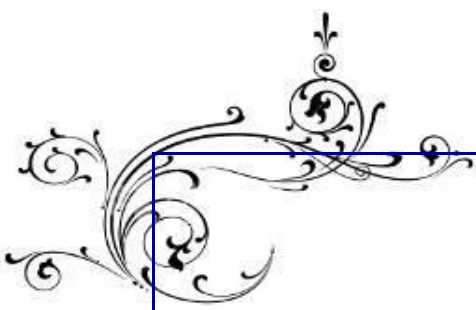
Philip sustentava as rédeas de seu apavorado cavalo e açoitava ao pobre animal sem piedade com a vara. Havia sangue por toda parte. Instintivamente, Meleri desmontou e correu para ele, gritando:

-Pare! Pelo amor de Deus, Philip, pare! Quando se voltou para ela, com a vara levantada, Meleri acreditou que ia goleá-la, e ficou gelada, com os olhos muito abertos ante aquela faceta do Philip desconhecida até aquele momento. Viu a raiva em seus olhos vermelhos e raiva e a mandíbula fortemente contraída. Sabia que combatia o impulso de castigá-la.

-Não te meta nisto, Meleri. Não é de sua incumbência.

-Perdoa, mas uma crueldade desta magnitude não só me irrita, mas também me magoa profundamente.

Jamais tinha visto a fúria nua em uns olhos. Só quando Philip jogou a vara ao chão e se afastou, reparou em um de seus moços de quadra, um moço chamado Will, que se encontrava a curta distância. Sustentava as rédeas do cavalo do Philip com força em uma mão, enquanto com a outra apertava um lenço contra um corte sangrento da bochecha.



-Will, o que te passou na cara? -perguntou Meleri, embora temesse conhecer a terrível resposta.

-Me... Dei-me um golpe com um ramo, milady. Meleri se aproximou dele, retirou o lenço e fez uma careta ao ver o corte tão profundo.

-Isto não lhe tem feito isso um ramo. Bateu-te ele, verdade?

Will baixou a vista.

-Dei-me um golpe com um ramo, milady.

-Entendo -disse Meleri com suavidade, e lhe deu um, tapinha no braço -. Não se preocupe não lhe falarei disto ao lorde Waverly. Você pode retornar a cavalo sozinho?

Will lançou um olhar temeroso para o lugar pelo que lorde Waverly se afastou.

-Devo esperar a milord.

-Deve ir curar esta ferida antes que perca muito sangue. Vai para casa. Explicarei ao lorde Waverly que fui eu quem te ordenou que fosse.

-Obrigado, milady, mas não posso lhe pedir que se exponha. Acredito que será, melhor para nós dois que fique aqui.

Meleri entendia o raciocínio do Will. Seria pior para ele se fosse embora, fosse o que fosse o que dissesse ao Philip.

-Como quiser. Espere aqui. Eu verei o que posso fazer - disse, e se afastou em busca do Philip. Quando o alcançou, ele estava indo ao seu encontro. Ao parecer, serenou-se, porque não havia rastro de ira nele. Por incrível que parecesse, aparentava uma calma absoluta, como se não tivesse ocorrido nada. Ao vê-la, desdobrou seu sorriso mais cativante e cortês.

-Meleri, querida, lamento que tenha visto, mas temos que fazer frente aos problemas quando surgem. É mais cruel pospor o castigo.

-Assim é como o chama? Castigo?

-Te ocorre um final melhor?

-O castigo é uma coisa, Philip, a brutalidade, outra.

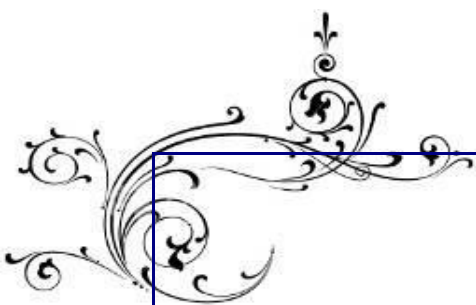
-Acredita que sou brutal?

-Sim, suponho que o é. O que uma mulher tão sensível e delicada, Perderia o tempo tratando de fazer lhe compreender isso.

O que Philip não se dava conta era de que Meleri o compreendia, e muito bem. Aquele incidente não só lhe fez reparar na importância do que observava, mas também, mais importante ainda, descobrir a verdadeira natureza de seu prometido.

Depois de despedir-se de Philip, retornou correndo para casa e surpreendeu a seu pai sentado em silêncio no jardim.

-Olá, papai - disse, e sentou a seu lado. Tomou uma de suas mãos e a segurou enquanto contava detalhadamente o incidente com o Waverly. Jamais tinha visto tanto sangue em um homem ou em um cavalo. Junto a eles, uma abelha zumbia em



um arbusto de lavanda. Na cozinha se ouvia ruído de cachorros e, ao longe, o barulho frenético de um bezerro extraviado. Passavam os segundos e o pai do Meleri continuava sem responder. Ao final de uns minutos, voltou-se para ela.

-Vem aqui frequentemente... Sentar-se no jardim?

Era a primeira vez que a olhava como se fosse uma desconhecida ou lhe falava como se nunca a tivesse visto em sua vida. Sentiu pânico, e experimentou um profundo temor. Ultimamente, seu pai estava ficando muito estranho. Tão logo era seu adorado papai. "Aonde vai, papai?"

Viu que a olhava com calma e, apesar de que seu coração ter ficado muito triste, para seguir pulsando, Meleri conseguiu dizer:

-Sim, estou acostumada a vir aqui.

-Eu também. Não lhe parece estranho que não a tenha visto aqui antes?

-É que... É que hoje vim antes do horário de costume.

-Aaah. Então, isso o explica tudo. Eu gosto de vir a última hora da manhã.

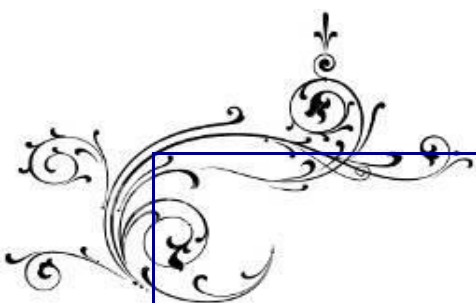
Meleri tinha a sensação de que seu pai se foi de viagem a um lugar longínquo, porque o homem que via parecia mais sombra que substância. "Você não é meu pai, a não ser sua sombra!", queria gritar. "Quero recuperar o meu pai!"

Retornou no dia seguinte, tão alegre e acordado como sempre. Apavorada, Meleri não se separou dele até a noite, por temer a que sua sombra retornasse se o deixasse sozinho um momento.

Passou o tempo, e enquanto observava como seu pai ia deteriorando-se, teve ocasiões de sobra para captar uma impressão muito mais detalhada do que tinha representado seu recente encontro com o Waverly. O resultado foi que, no Philip, não só mostrava um defeito, mas também muitos, e pôde vislumbrar o que seria sua vida se casasse com ele. Lorde Waverly não só era um homem cruel e ardiloso e um ser perigoso.

Embora soubesse que não queria que não pudesse, casar-se com ele, não se enganava pensando que poderia escapar facilmente do compromisso. Mas bem, resultar-lhe-ia quase impossível. A fim de contas, era o filho de um dos duques mais capitalistas da Inglaterra, um homem que, além disso, era parente do rei. Mas, impossível ou não, devia achar uma saída, e esta só conseguiria se desse às costas ao seu lar, Humberly Hall, e à vida que levava ali.

Seu pai era o único obstáculo, a única consideração que lhe impedia de ficar completamente livre para fugir para a América, a Austrália ou a qualquer lugar em que lorde Waverly não pudesse encontrá-la. Não podia pensar que seu pai era uma carga, ou um impedimento para sua felicidade futura, isso era impensável. Podia contar os dias em que sua mente não vagava para a longe e podia comunicar-se com ele... "Pobre papai" pensava. "Tão esquecido, despreocupado e distraído, inclusive com a filha que tem diante de si". Tinha-lhe dado tanto... Doía-lhe compreender que não podia ajudá-lo, como tampouco entendê-lo.



A Senhora que tomava conta de Meleri, Betty, mostrou-se de acordo com sua senhora quando lhe falou de sua intenção de escapar a seu matrimônio com lorde Waverly. Estava arrumando a cama de Meleri, sacudindo os travesseiros com alegre abandono, quando esta lhe deu a notícia.

-Romper o compromisso? Seu pai não o compreenderá, milady. E, embora o fizesse, esqueceria na manhã seguinte o que tivesse entendido a noite anterior. Não conseguirá ajuda nesse terreno e, sem o apoio de seu pai, temo que sua fuga seja impossível.

-Estou em um dilema. Devo resolver por mim mesma e tomar as rédeas do assunto antes que Philip albergue a mais leve suspeita. Ao menos, não sofrerei sabendo que fui uma terrível decepção, ou que meu pai se sentirá humilhado se vou embora.

-Tem razão. Sinceramente, milady. Não sei se seu pai repararia em sua ausência. Mas não esqueça que o médico lhe disse faz duas semanas que seu estado se agravaria.

-Isso não me tranquiliza.

-É uma carga muito grande para seus ombros. Tem-lhe escrito a sua irmã?

-Sim, escrevi a Elizabeth faz várias semanas e o outro dia recebi uma resposta. Vai vir a Humberly Hall. Chegará hoje ou amanhã.

-Mencionou-lhe seu desejo de pôr fim ao compromisso?

-Não, considere melhor esperar que viesse.

-Seria bom se ela a compreendesse e se oferecesse para ajudá-la.

-Não posso confiar muito nisso. Embora seja minha meio-irmã favorita, nunca estivemos muito unidas... Não porque tenha havido nenhum problema, mas sim pela enorme diferença de idade.

As duas meio-irmãs do Meleri, Mary e Elizabeth, eram maiores que a mãe de Meleri. As duas estavam já casadas quando Meleri nasceu. Das duas, Mary sempre tinha sido distante e crítica, mas Elizabeth tinha conseguido compensar um pouco essa atitude mostrando-se mais amável e compassiva, em particular, depois da morte da mãe do Meleri. Sua amabilidade tinha chegado ao ponto de convidar ao Meleri a viver em Londres com ela. Mas o pai desta tinha recusado a idéia.

-Viver contigo em Londres! Nem pensar! Melli é a único que fica comigo, agora que sua mãe nos deixou. Não posso permitir que se vá para Londres contigo, Elizabeth. Como te ocorreu fazer esse convite?

-Estava pensando em Meleri, pai, e na solidão que representa para uma menina de sua idade criar-se no campo, sem uma mãe e outros meninos de sua idade com quem brincar. Humberly Hall é precioso, mas afastado.

-Também é seu lar e sua herança - sir William se voltou para o Meleri. Minha princesa quer ir a viver a Londres com a Elizabeth ou ficar aqui com seu velho e pobre papai?



A lembrança de como tinha rodeado o pescoço de seu pai com seus braços gordinhos e o tinha estreitado com força!

-Não quero te deixar nunca, papai. Nunca, nunca, nunca.

Pouco podia imaginar naquele momento que, ao final, seria seu pai quem se iria.

-Está pensando em algo triste, milady? -Betty irrompeu em seu pensamento.

-Não, estava lembrando o passado. É o presente o que me entristece. Como aprender a aceitar que seus entes queridos envelhecem, e que tem que ver como se vão, pouco a pouco cada dia?

-Siga pensando assim e acabará casando-se com lorde Waverly.

Betty tinha razão. Podia afogar-se no sentimentalismo ou concentrar-se em romper aquele horrível compromisso. Ninguém o faria por ela. Não podia casar-se com o Waverly, fora qual fora o preço de sua liberdade.

Betty estava esmurrando os travesseiros com tanta força que acabou espirrando de tantas plumas de ganso que flutuavam a seu redor.

-Jesus.

-Obrigado, milady. Pensei no que disse, e sei como se sente, mas não pode esperar romper um compromisso que se assinou faz tanto tempo.

-Será que essa é uma razão válida para casar-se?

-Eu não sei disso, só que não vejo que tenha saída. Ouvi dizer que os contratos de compromisso são vinculantes. Nesse caso, sendo mulher, sua palavra não vale nada.

-É certo Meleri, mas sempre há outra maneira de ver as coisas.

Betty dispôs os travesseiros e abriu o baú nos pés da cama. Tirou uma camisola de algodão branco que tinha um laço de rosa no pescoço em lugar de botões.

-Parece-lhe bem esta milady?

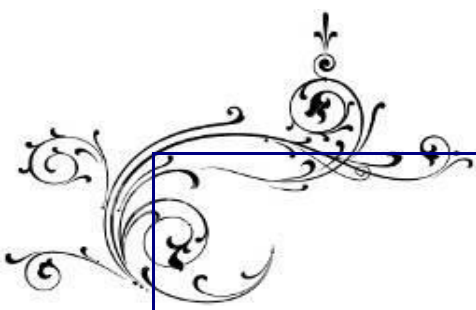
Meleri o olhou sem fixar-se e disse:

-Sim, pode ser - deu a volta para que Betty alcançasse melhor à fileira de minúsculos botões das costas, mas não estava concentrada em despir-se. Não é justo que uma mulher receba um tratamento tão diferente do homem. Ninguém deveria estar obrigado a casar-se, em particular, com alguém que vai lhe fazer sofrer.

Betty vestiu-lhe a camisola. Quando Meleri começou a escovar o cabelo, Betty estava deslizando a mão pelos lençóis de algodão branco, as alisando até as deixar impecáveis.

-Lamento dizê-lo, milady, mas a única saída que tem é aceitar como as incontáveis mulheres que antes de você, quer dizer, aceitando as coisas como uma dama.

Meleri deixou de escovar-se e enrugou o nariz para ouvir aquela recomendação repugnante.



-Esse é o pior conselho que já ouvi, nunca! Não pensarei que devo me render docilmente como um mártir. Antes prefiro beber vinagre.

-A gente faz o que deve fazer milady.

-Sei disse Meleri com tristeza. Deixou a escova e se meteu na cama. De repente, fechou os punhos e esmurrou o colchão -. Aaah! Tanta irritação e tão poucos dias para me desafogar! Sério, Betty, esta injustiça me desespera. Betty levou as mãos ao peito.

-Milady, por favor, não cometa nenhuma loucura!

-Mmm... Como disse, a gente faz o que deve fazer - respondeu, ainda refletindo no tema. Inclinou-se para frente e apoiou o queixo nas Palmas das mãos. Céus! Estou tão se desesperada por acabar com este absurdo compromisso que faria algo por me desfazer dele e de lorde Waverly - teve uma ideia repentina e levantou a cabeça. Conhece alguém que tenha ingressado em um convento?

-Ai, é obvio que não! E me perdoe por dizê-lo, mas essa vocação não é para você.

-Por que não?

-Não é católica, milady.

-Ah... Sim, isso seria um problema - suspirou fundo. Possivelmente possa desaparecer, sem mais... Ou passar despercebida entre uma banda de ciganos vagabundos.

-Passar despercebida? Com todo esse cabelo vermelho? -Mmm... E se unisse a uma tripulação de piratas... Ou a um clã de escoceses selvagens sem civilização?

-Escoceses! -Exclamou Betty com perfeita atitude de horror. Milady. Rogo-lhe que não fale assim, nem sequer de brincadeira. Não esqueça que o pastor disse que tomássemos cuidado com o que pedimos, não vá ser nos concedido. Meleri contemplou a cara redonda e confiada da Betty e viu que sua donzela não sentia o cinismo que a invadia. E por que ia sentir? "Eu sou quão única está obrigada a casar-se com um homem capaz de algo".

Betty apagou todos os abajures, salvo o da mesinha do Meleri.

-Posso deixar este aceso?

-Sim. Logo o apagarei.

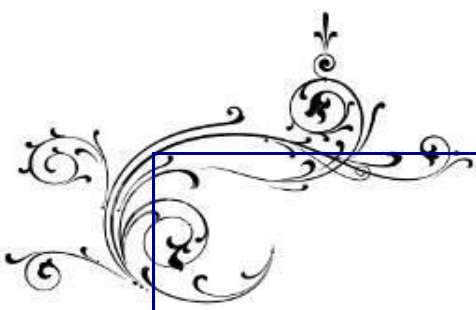
Betty dirigiu ao Meleri um sorriso tranquilizador.

-Não se inquiete milady. Sei que ocorrerá algo bom. É muito bondosa para que lhe ocorra essa desgraça. Agora, tente dormir um pouco.

-Tentá-lo-ei, Betty. Quase todos os dias, concílio o sonho em seguida. Mas depois, chegam os sonhos e acordo, e já não posso seguir dormindo. Passando o resto da noite pensando.

-No que, milady?

-Neste horrível compromisso, nessa besta do lorde Waverly... E na injustiça que sofreram as mulheres ao longo dos séculos.



-Ao longo dos séculos? Quer dizer que passa as horas pensando em todas as mulheres que viveram este sofrimento milady?

-É obvio.

-Mas se estiverem mortas, milady! Para que pensar nelas?

-Para poder aprender com seus enganos, de sua servidão. Como posso ajudar a mim mesma sem pensar em todas as mulheres que estiveram cativas em mãos dos homens da criação? Às vezes, até acredito ouvir o ruído de suas cadeias-fez uma careta. E não demorei em me unir a elas, a não ser que me libere deste compromisso. Ai, Betty, o que vou fazer?

-Oxalá tivesse uma solução, milady. Céu não me ocorre nada nem ninguém que possa ajudá-la, salvo o Todo poderoso, é obvio.

-Esperas que confie em outro homem? -Bom... Pasmada, Betty fechou a boca. Meleri não lhe prestou atenção.

-Se por acaso tinha esquecido, dá a casualidade de que Ele é o responsável por tudo isto.

-Não foi Deus, milady, a não ser nossa mãe Eva a que nos fez isto quando foi tentada por Lúcifer e mordeu a maçã.

-A isso não! Ora, que injustiça. Todas as mulheres castigadas, durante milhares de anos, porque uma deu uma mordida a uma maçã? Um excelente exemplo da lógica masculina. Parece-te justo?

-Não, milady.

-Acho que é um absurdo.

-Não sei milady.

-E por que eu? Nem sequer eu gosto das maçãs!

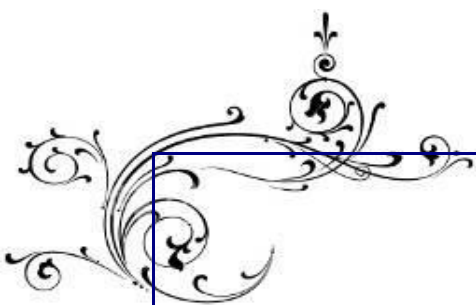
-Terá que confiar. A sabedoria de Deus não é como a nossa. Ele é sua única esperança. Meleri se afundou ainda mais na cama, até que sentiu que o mundo se fazia maior e ela, menor. Exalou um comprido suspiro.

-Não é que não confie, é que levo fazendo-o algum tempo sem nem sequer vislumbrar uma salvação, e o momento se aproxima cada vez mais. Estou em idade de casar. Cada manhã me vem à mesma pergunta se não será hoje o dia em que lorde Waverly deve vir a papai para cobrar a data das bodas.

-Não perca a fé, milady. Não desespere. Reze como se tudo dependesse de Deus, e trabalhe como se tudo dependesse de você. Antes que Meleri pudesse acrescentar algo mais, Betty lhe deu um rápido "boa noite, milady" e se afastou para a porta.

-Boa noite, Betty - disse distraída. Um momento depois, apagou a vela.

Como tinha por costume, Meleri dormiu facilmente. Foi muito depois, enquanto dormia profundamente, quando teve um sonho com reflexos de encantamento. Vagamente consciente de uma repentina tormenta que repicava sobre os cristais, incorporou-se de repente quando a janela se abriu. Horrorizada,



contemplou como balançavam as cortinas, e sentiu um calafrio pelas costas. Depois, fez-se o silêncio.

Entrou no quarto, ao princípio, como uma mera sombra... Uma figura tênue e inapreciável, apenas um torvelinho de neblina verde que começava a tomar forma. Um momento depois, encontrava-se de pé no marco da janela. Podia vê-lo com clareza, a figura de um homem imponente e elegantemente vestido. A roupa era antiquada. Uma enorme capa negra lhe caía dos ombros e se movia em torno de seus pés.

"Possivelmente teria medo", pensou, "se não parecesse o fanfarrão do rei". Acabava de surgir aquele pensamento em sua cabeça quando advertiu que o homem abria os olhos. Não falou, mas seu semblante indicava que ele lia o pensamento.

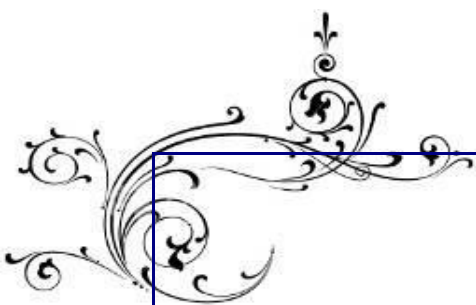
Entrou no seu quarto e se colocou a um lado, para que ela pudesse ver a cortina de fundo de um céu cheio de estrelas. Com gesto grandioso e sem dizer uma palavra, moveu a mão para lhe indicar que olhasse detrás dele. Através da janela, Meleri viu uma larga procissão de mulheres, incalculável em número, que desaparecia misteriosamente na vaporosa ilusão da luz. Com os pensamentos claros e lúcidos, Meleri viu um minúsculo ponto de luz na lonjura. Começou a fazer-se mais brilhante à medida que se aproximava, e advertiu que era uma vela que ia passando de mulher a mulher. Quando chegou às mãos da primeira mulher, esta se voltou para o Meleri. Assim que lhe tendeu a vela, uma luz pura banhou seu rosto, deixando descoberto toda a beleza e a brancura de uma pérola. Meleri proferiu um grito apavorado, porque era o rosto de sua mãe, morta fazia muitos anos.

Tentou gritar, pronunciar o nome de sua mãe, mas tinha a garganta fechada e as palavras que pronunciava não era mais que um débil sussurro. Com lágrimas na cara, viu o olhar amável e bondoso de sua mãe e sentiu que o coração arrebentaria ante tanta beleza.

Uma vez mais, levantou a vela para Meleri. Esta franziu o cenho, tentando compreender o significado da vela ou o que ocorreria se tomasse-le. Mas pensou: "Em quem se pode confiar, a não ser em sua própria mãe?" A idéia a fez avançar, mas se deteve a poucos passos de distância, quando uma força invisível lhe impediu de continuar.

Sua mãe sorriu com suavidade e lhe estendeu a vela com as mãos estendidas. Meleri tomou e, ao fazê-lo, sua mão entrou em contato com a de sua mãe. De repente, compreendeu o que significava todo aquilo, mas, naquele mesmo instante, a visão começou a debilitar-se e, ao pouco, desvaneceu-se por completo.

O que tinha sido tão real era. Naqueles momentos, escuro para a sua mente e os sentidos, nada mais que a lembrança de figuras imprecisas na distancia. Com aquela vaga lembrança, Meleri se envolveu na tristeza e na dúvida. Começava a perguntar-se se não o teria imaginado tudo quando viu a figura transparente de uma vela na mão. Nela podia contemplar os séculos passados, as gerações de mulheres, e



compreendeu que cada mulher da cadeia era uma parte da tradição. Eram as sustentadoras da herança: as guardiãs do legado feminino, as custódias do conhecimento e instinto femininos, as protetoras da sabedoria antiga passada de mãe para filha.

Compreendeu que, ao aceitar a luz, se fazia eco do espírito de todas as mulheres anteriores a ela, uma parte destas que morava no mais profundo de sua alma. Encheram-lhe os olhos de lágrimas ao compreender que tinha herdado de sua mãe o desejo de sobreviver... Tinha estado nela desde o começo. Sempre tinha tido o poder e a vontade de seguir adiante apesar das dificuldades, mas não o tinha sabido.

Aproximou-se da janela e olhou, mas só viu as árvores de folhas chapeadas e o tapete de erva salpicado de água. Decepcionada, fechou a janela e retornou à cama.

As coisas aconteceriam. Obedeceria a seu instinto e escutaria a sua intuição. Fechou os olhos caiu em um profundo sonho reparador, alheia a tudo, salvo a uma voz que dizia:

-Faz o que achar correto. Deixe que seu instinto te mostre o caminho. Não tenhas medo. À manhã seguinte, quando despertou, tinha na mente nebulosa a lembrança imprecisa. Adoecendo em seus pensamentos, ainda estava deitada quando Betty entrou no quarto com a bandeja do café da manhã e a voz tão harmoniosa como um servidor lhe disse.

-Bom dia, milady - deixou a bandeja sobre a cama, junto ao Meleri, e lhe lançou um olhar inquisitivo enquanto abria as cortinas. Dormiu bem?

-Uma parte da noite sim, depois a luz do sol entrou em torrentes no quarto, Cega por um momento, olhou a Betty pestanejando.

-Como sabe se algo ocorreu de verdade ou o sonhaste?

Betty se movia pelo quarto, tirando objetos de gavetas e preparando a roupa que Meleri usaria naquele dia.

-Não sei. Por intuição, talvez. Aquilo lhe resultava familiar. Quase imediatamente, Meleri despertou por completo. Pegou a bandeja do café da manhã e a aproximou.

-Mmm... Pãezinhos com manteiga - pegou um passou mel. Estava morno e muito doce para resistir, assim que o meteu na boca. Saboreando cada pedaço, serviu-se com um pouco de leite e uma colherinha de açúcar no chá.

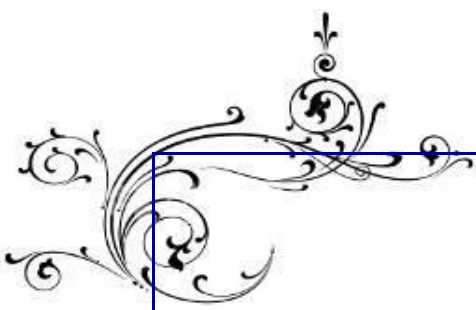
-Teve outro sonho esta noite, milady? Com a boca cheia, Meleri se limitou a assentir com um movimento de cabeça, disse:

-Sim, ao menos acredito que foi um sonho deu um suspiro. Se existisse alguma maneira de demonstrar que ocorreu de verdade...

Betty riu entre dentes.

-Os visitantes noturnos poucas vezes deixam cartões de visita, milady.

-Temo que tenha razão - sorriu Meleri.



A conversa se interrompeu com a aparição da ama de chaves, a senhora Hadley, que entrou no quarto, precedida de seu estômago, como se ela mesma constituía um desfile ao completo. Era uma mulher robusta, de figura quadrada e bastante brusca, mas lhe podia arrancar um sorriso de vez em quando.

-Vá bendito seja - disse a senhora Hadley, sustentando-se sobre duas pernas roliças. Já está levantada.

-Ao menos, em parte - disse Meleri – tomou o chá, e deixou a xícara na bandeja e saltou da cama.

Betty lançou um olhar à senhora Hadley e pegou a bandeja do café da manhã.

-Levarei isto à cozinha. A senhora Hadley assentiu. Permaneceu onde estava com o aprumo e a autoridade de uma montanha. Tinha uns olhos de águia que captavam todos os detalhes.

-Necessita de ajuda com a roupa?

-Não, obrigado, Betty já me tirou quase tudo - Meleri abriu as portas do armário e pegou o traje de amazona que sua donzela lhe tinha preparado. A senhora Hadley assentiu.

-Essa cor realça seu esplendor. Esse tom azul combina muito bem com o cabelo vermelho. Meleri aproximou o traje do seu corpo e se olhou no espelho.

-Você acredita? Custei escolher entre este e o verde escuro. A Betty gostava do verde. Dizia que fazia jogo com meus olhos.

-Tem vários trajes verdes e só um azul, e é um tom muito pálido. Esta cor em particular será uma incorporação inesquecível ao seu guarda roupa.

-Inesquecível? - Meleri voltou a olhar-se no espelho-. Mmm... Sabe? Acredito que tem razão. É uma cor espetacular. A costureira disse que era a última moda em Londres. De todas as formas, me alegro por ter adquirido, do contrário, teria o mesmo aspecto que outros aristocratas quando desse meu passeio matutino a cavalo pelo Hyde Park.

-Espero que não esteja muito decepcionada por não ter tido nunca a oportunidade de morar em Londres. É tão jovem e tão cheia de vida... Sei que você adoraria ir a festas e levar a vida social que as demais aristocratas da sua idade desfrutam. Seu pai não pretendia deixá-la sem este passeio, mas descuidou quando não te organizou uma temporada em Londres. Estou segura de que esqueceu.

-Sei. E cada vez perde mais a memória. É um aviso horrível de que está envelhecendo.

-Antes de você nascer, antes de se casar com sua querida e doce mãe, era um pai muito carinhoso e atento com a Mary e Elizabeth... Como o era contigo, ao princípio. Meleri recordou os Natais em que a surpreendeu com seu primeiro pônei.

-Suponho que isso é o que ocorre quando um homem contrai matrimônio com uma esposa muito mais jovem, Meleri tentou imaginar-se casada com um homem



trinta anos mais velho, ou o que passaria se um homem de mais de cinquenta anos fosse o pai de seu primeiro filho.

A senhora Hadley desviou o olhar um momento e seus olhos se encheram de melancolia.

-Oxalá o tivesse conhecido faz tanto tempo, quando era um jovem arrumado, cheio de vida e energia. Não havia festa a que não participasse.

-E todo isso foi substituído por livros, criação de gado e coleta de bom vinho - Meleri se sentiu repentinamente envergonhada de falar assim de seu pai. Não deveria haver dito isso. Era muito franca e tinha defeito de dizer a primeira coisa que lhe passasse pela cabeça.

Você é sincera, e isso é louvável. Eu admiro as pessoas que tem coragem de criticar a si mesma.

Senhora Hardley, insinua que ofendo o nome da minha família, do meu pai, com minha sinceridade?

Meleri rompeu a rir, depois, tampou-se a boca com a mão, mas foi inútil. Não podia conter a risada. Por fim, quando pôde controlar-se, disse:

-Senhora Hadley, insinua que chamei o meu pai molenga?

A senhora Hadley pareceu reunir suas generosas proporções e as reorganizar para parecer mais alta, o qual se amoldava a seu tom ultrajado.

-Claro que não. Jamais quis ofender o nome de sua família, principalmente meu patrão.

-Depois, lançou um olhar ao relógio que tinha a sua frente. Santo Deus! Olhe que horas são, e aqui estou tagarelando. Devo retornar minhas tarefas agora. Correu para a porta e, acabava de desaparecer, quando voltou a aparecer.

-O azul é a escolha correta, disse, e voltou a sair tão depressa naquela ocasião que ao Meleri pareceu uma tartaruga escondendo a cabeça em seu casco.

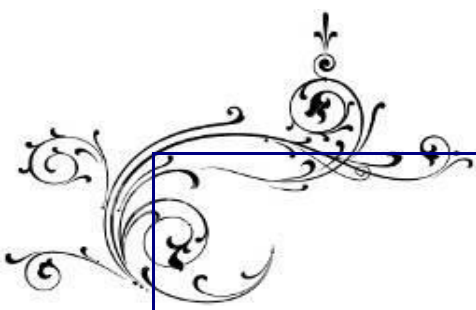
Meleri ficou o traje de amazona. Estava absorta em seus pensamentos e não reparou no enfeite dourado que lindamente estava bordado na jaqueta. Assim que se vestiu, passou mais uma vez diante do espelho, tentando esconder uma mecha de cachos vermelhos sob um pequeno chapéu do mesmo tom azul, enfeitado com plumas negras que desciam e seguiam a curva de sua cabeça. Estava a ponto inclusive jogar o traje pela janela, quando Betty apareceu e exclamou:

-Ai, milady! Está tão bonita como uma flor! Meleri forçou um sorriso e assentiu.

-Obrigado, Betty. Sinto-me tão bem como uma flor -giro em círculos -. É muito bonito, não é verdade?

-É claro que sim, milady. Pensei que devia comprar o verde, mas o azul a favorece muito mais. Faz maravilhas com seus olhos. Meleri começava a sentir-se cômoda, apesar de tudo.

-Se tão linda estou, devia ir dar um passeio a cavalo.



-Para que as flores dos campos a vejam.

Uma vez fora, Meleri lhe pediu ao moço do estábulo que lhe tirasse sua égua e se sentou no toco que utilizava para subir à cadeira. Enquanto esperava, a senhora Prolífica, a gata do celeiro, virou a esquina, com a cauda muito estirada e a ponta em curva, como o cajado de um pastor. Meleri pegou-a em seus braços e começou a acariciar suavemente seu pelo. Ao primeiro ronrono, desejou que a felicidade pudesse chegar a ela com a mesma facilidade.

No interior da casa, Betty e a senhora Hadley se encontravam junto à janela da cozinha, observando ao Meleri. Betty franziu o cenho.

-Está um pouco melancólica ultimamente, não é verdade?

A expressão da senhora Hadley se suavizou.

-Sim, perdeu um pouco de seu brilho. E é compreensível, com a preocupação que está pelo senhor William. Pobrezinha, deveria estar com pessoas da sua idade, e não trancafiada em um imóvel rural com um pai ancião e distraído e uma casa cheia de criados. Por não falar de sua situação com lorde Waverly.

-Ai, nem me fale! O simples nome me assusta.

-O que precisava era de casar por amor. Pois isto traria lhe deixaria feliz não é mesmo? Além disso, tem todas as qualidades de uma boa esposa e uma boa mãe.

Betty suspirou, cheia de ilusões românticas.

-Tudo o que diz é certo. Oxalá fosse possível. Estaria melhor solteirona que casada com esse Waverly.

-Já pensei a esse respeito - disse a senhora Hadley. Tem um coração muito belo e se merece algo muito melhor. O outro dia deu três vestidos à cozinheira para que os entregasse a sua vizinha, a que teve a casa queimada. O mês passado lhe deu à viúva Peabody quatro meses de se salário para que comprasse a sua filha um vestido de noiva.

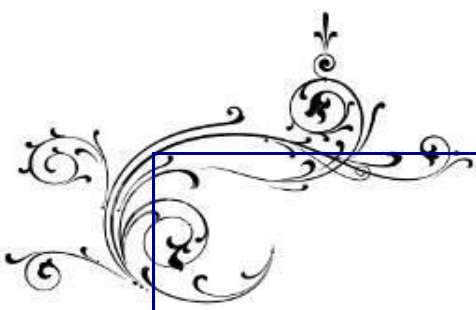
-Qual será a reação de lorde Waverly quando descobri o que ela pensa?

-Meleri sentirá falta de muitas coisas, a não ser seu enorme dote.

-Enorme?

-É claro que sim. Quando morreu senhora Serena, correram rumores de que o senhor William queria que Meleri tivesse um dote ainda maior a que tinha atribuído às filhas de seu primeiro casamento. Pois ela também herdará uma grande fortuna com os títulos de sua mãe e de sua avó?

-Não, não sabia. Não entendo por que lorde Waverly não está impaciente para por as mãos em todo esse dinheiro. Ouvi dizer que tem dívidas que superam o que recebe do duque. Dizem que compra muitos cavalos e que frequenta os salões de jogos, quando não perde apostas no White's. Betty moveu a cabeça com perplexidade. A aristocracia é muito peculiar. Não parecem ver as coisas como os outros. Meu pai sempre disse que um nobre era como um nabo: está melhor clandestinamente.



A senhora Hadley assentiu.

-A maioria são relíquias... Pertencem ao passado. Têm mais riqueza que poder, e isso permitem aferrar-se a seus vícios. Quanto ao lorde Waverly, tem tantas dívidas... Motivo mais que suficiente para se romper o compromisso, acredito eu.

-Não se esqueça da amante de Londres. A senhora Hadley inspirou com brutalidade.

-Uma amante! Quem te disse isso? Betty pareceu inflar-se de importância.

-Bom quem me disse foi a minha irmã de Londres. Tem uma amiga íntima trabalhando para o duque.

A senhora Hadley franziu o cenho.

-Alguém deveria dizer ao Meleri.

-Sim, mas quem? Gostaria você que lhe contasse essa horrível tarefa?

-É obvio que não, mas alguém deveria atrever-se a dizer-lhe olhou a Betty de maneira significativa.

-Ah, não, eu não penso fazê-lo.

A senhora Hadley guardou silêncio, e quando não pensou em ninguém que pudesse levar adiante essa missão, disse:

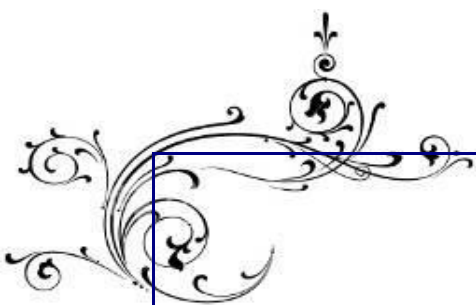
-Suponho que não demorará descobrir por si mesmo. Já quase era meio-dia quando Meleri retornou de um longo passeio a cavalo. Enquanto desmontava, pensava que poderia ter continuado cavalgando durante todo o dia. Cada passeio seu pelo campo tinha sido um puro gozo, porque aquele dia a Mãe Natureza parecia decidida a pôr sua melhor aparência, enchendo as colinas e os campos de cores que só um artista podia pintar e salpicar com tanta felicidade. Em lugar de tirar o traje de amazona, dirigiu-se diretamente ao salão de música, onde se sentou ante o piano, desejosa de expressar com música o presente que acabava de lhe dar a natureza. Não demorou, para perder-se na melodia. A metade do Concerto de piano número cinco do Mozart, Jarvis, o mordomo, entrou no salão. Deixou um bilhete sobre no piano, ao lado do Meleri.

-Espero a resposta, milady?

Meleri assentiu e disse com um sorriso:

-Sim, por favor, espere um momento. Jarvis inclinou a cabeça e permaneceu junto à porta. Meleri continuou até o final da peça; depois, parou e abriu o envelope branco. Tirou uma folha com as iniciais de sua amiga da infância, lady Rebecca Crandall.

Meleri ficou tão alegre quando Becky se casou no ano anterior por amor com lorde Crandall... Mas a decepção chegou quando descobriu que Becky ia mudar para Londres. Durante um ano, tinham tentado manter-se em contato por correspondência, mas as longas cartas não equivaliam a ter perto a sua melhor amiga. A marcha do Becky lhe tinha deixado um vazio que lhe ensinava o verdadeiro significado da palavra "solidão".



Tremendo de ilusão, percorreu rapidamente com o olhar a nota de sua amiga. Minha querida Meleri:

A outra noite, no baile de lady Davenport, chegou a meus ouvidos algo que me angustiou. Não te escrevi imediatamente porque meu querido David pensou que devia como ele disse, "me ocupar de meus próprios assuntos". Entretanto, depois de muita reflexão e estudo da questão, decidi te escrever. A final de contas, é minha melhor amiga e isso é algo que nem o tempo nem o matrimônio nem a separação podem trocar.

Querida Melli. Conheço-te melhor que ninguém e sei que compreenderá que não te digo isto para te entristecer mas sim porque acredito que deveria sabê-lo antes que marque a data de suas bodas. Lorde Waverly tem uma amante, uma, tal lady Jane. Estou tentando descobrir o sobrenome e te escreverei quando o souber. Faz bastante tempo que é seu amante. Ao parecer, não se esforça por manter seu idílio em segredo nem oculta a sua amante, já que todos os veem juntos frequentemente. Existem rumores que a razão de que até agora não tenha marcado a data para as bodas é que esteve procurando a maneira de casar-se com lady Jane, e não com você. Por favor, me desculpe por ser a portadora de uma notícia tão trágica e decepcionante. Oxalá tivesse podido fazê-lo em pessoa ou, ao menos, poder consolar. Escreva-me com a maior urgência possível para saber que não me guarda rancor por ter feito o que considerava melhor.

Sua amiga para sempre, Becky.

As mãos Meleri tremiam e sentia uma raiva tão intensa e repentina que a irritava. Sofrer uma humilhação daquela magnitude... Era tão repugnante, como Waverly era desprezível.

-Será...! Aaaah! Ficou em pé com um pulo e com os punhos fechados aos gritos e os cachos vermelhos balançando, andou pelo salão de música. Uma amante! -Exclamou, e girou em círculos. E em Londres! - Acrescentou ao chegar à parede oposta e dar a volta de novo. Certamente, sou a única pessoa em toda a Inglaterra que não sabia. Deteve-se em seco e brocou ao mordomo com um olhar inquisitivo -. Você Sabia?

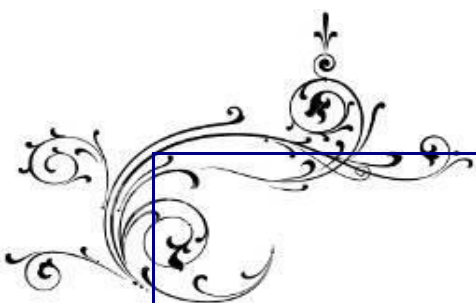
Jarvis, com semblante de sofrimento, olhou-se as pontas dos pés... Um movimento

-Eu... Verá...

-Já vejo que sim, não ouviu como engolia a saliva, mas viu que sua voz tremia. E os outros criados? Suponho que também sabiam.

-Acredito que a maioria já ouviu comentário em algum lugar.

-Valha-me Deus! Acaso sou a única que ignorava? - estava furiosa. Como pôde me enganar tão facilmente? Sabia que devia manter a cabeça fria em momentos como aquele, mas saber e fazer eram duas coisas muito diferentes. Queria



pensar algo, gritar ou bater os pés até que soassem os sinos do povo. Espere um pouco Jarvis

-É obvio milady - respondeu com uma voz que refletia o mesmo pavor em seu semblante. Serena como uma tumba, dirigiu-se à porta principal. Envoltos em seus pensamentos com mistério e moderação, saiu à luz do sol e, com a maior calma possível, fechou a porta atrás de si, aproximou-se dos degraus e se desabafou.

Com os punhos fechados, transbordando de ira, caminhou de um lado a outro agitando os braços e liberando sua irritação. Quando terminou, deu uma pisada forte e resmungou algo horripilante cuja distancia só era comparável com seu volume.

Aliviada da irritação, sentia-se imensamente melhor. Alegrou-se de que Becky lhe tivesse dado a notícia. Que melhor razão teria para conseguir se libertar das garras do Waverly e por um fim naquele compromisso de uma vez por todas? Tinha perdido o romantismo. Já não esperava que aparecesse um salvador sobre um corcel branco e com a lança em riste.

Franziu o cenho, pensativa. Não estava zangada pelas relações amorosas do Philip. Embora tivesse cem mulheres, não lhe produziria nenhum efeito, já que não dava nem dois peniques por ele, com ou sem amante. Essa não era a questão. O injurioso era sua falta de respeito e de decoro. Ter uma amante era uma coisa. Aparecer com ela em publico era outra coisa muito diferente.

Agracia por que seu pai nunca ter lhe permitido ir passar uma temporada em Londres, porque lhe economizava a humilhação mais profunda, já que quase todos os membros da aristocracia só a conheciam de nome. A humilhação perante desconhecidos sempre era mais fácil. Jamais tinha desejado tanto como naquele momento que seu pai fosse um homem forte e capaz, que tinha sido um homem de grande intelecto e profunda compreensão, podendo confrontar com todo tipo de dificuldades.

Mas por muito que o desejasse, não se faria realidade, e mesmo assim, iria aprendendo a cuidar de si. "Auto- suficiência" era a palavra do dia, concluiu, recordando os anos em que seu pai lhe ensinava uma palavra nova a cada manhã. Auto - suficiência... Melhor aprendê-la já do que ir tropeçando pela vida.

Elizabeth apresentou-se aquela tarde a última hora e, descendo apressadamente da carruagem, entrou na casa. Meleri, que estava descendo a escada nesse momento, não pôde conter a alegria.

-Querida Elizabeth! - exclamou, e correu a abraçá-la. Não sabe quanto me alegro de que tenha vindo.

-Oxalá tivesse podido vir antes de receber sua carta.

Meleri reparou no cabelo loiro e os olhos claros de sua irmã, tão diferentes dos seus.

-Já está aqui e isso é o que importa.



-Vá, virou uma mulher encantadora da última vez que te vi. Céus, quanto tempo faz disso?

-Quase três anos, acredito, porque passou o Natal aqui.

Elizabeth moveu a cabeça.

-Três anos! Não posso acreditar que tenha passado tanto tempo. Oxalá tivesse vindo a Londres quando veio nosso pai, embora saiba que não queria te perder as bodas de sua amiga.

-Não, não podia perder as bodas de Becky. Viu-a alguma vez?

-Com frequência, na verdade. No teatro, ou passeando pelo Hyde Park. No baile que ofereceu lady Primrose à condessa Alexandria do Rubicoff, falei com ela por um bom tempo - fez uma pausa e olhou ao redor-. A casa segue igual. Não sei por que, mas isso me anima. Onde está papai?

-Com o Geoffrey, passeando aos cães. - Vamos buscá-lo?

-Assim que for possível primeiro eu gostaria de falar um momento com você.
- É obvio.

-Que tal ir para o jardim? Estou segura de que o agradecerá, depois de ficar todo o dia trancada em uma carruagem.

Elizabeth tomou o braço de Meleri e as duas saíram ao jardim e se sentaram em um banco de pedra localizado diante de um olmo senhorial.

-Por favor, me fale de nosso pai. É grave? - Ai, Elizabeth, é uma situação tão difícil e dilaceradora que jamais presenciei. Como posso te preparar para algo que nem sequer eu entendo?

Elizabeth escutou em silêncio, secando de vez em quando as lágrimas enquanto Meleri lhe falava de seu pai e de como sir William tinha ido distanciando da realidade. Quando terminou, Meleri esperou pacientemente enquanto Elizabeth olhava a distancia pensativa e calada.

-Ele às vezes recorda quem é.

-Sim, há dias em que volta a ser o mesmo, e não parece que sua memória lhe tenha falhado a véspera, ou que lhe tenha apagado a antevéspera. Tão logo se está rendo de algo que ocorreu quando eu era menina como, sem prévio aviso, deixa de falar e fica com o olhar perdido. Nesse momento sei que vou ver os olhos de um desconhecido quando me olhar.

-Foi muito rápido.

-E doloroso - Meleri ficou em pé. O que acha de irmos vê-lo agora? - perguntou, e as duas se afastaram em busca de seu pai.

Enquanto caminhavam, Meleri descobriu que Elizabeth não estava muito falante, assim aproveitou a oportunidade para lhe falar do Philip. Surpreendeu-se ao descobrir o quanto necessitava do conselho de uma pessoa mais madura e mais sábia naquelas questões. Quando terminou, a angústia que a envolvia se converteu em um nó de temor.



-Nada do que diz me surpreende, em realidade - disse Elizabeth-. Nem te culpo por sentir o que sente. Passaria-me o mesmo se estivesse em seu lugar. Sabe? Nunca gostei de lorde Waverly nem seu pai.

-Não sabia. Pensava que sentia um grande afeto por ele.

-Não, essa era Mary. Sempre tinha algo, não sabia determinar o que, que me intranquilizava. Lembrança verte de menina, tão vivaz e cheia de energia. Foi muito precoce. O pai gostava de dizer que você florescia mais depressa que os tulipas na primavera. Quando te olhava, com seus enormes olhos verdes e cachos vermelhos, não podia a não ser sentir lástima por ti e pelo futuro ao que nosso pai te tinha sentenciado ao assinar esse contrato de compromisso.

O ruído de uns latidos e de vozes masculinas cortou a conversação, e Meleri e Elizabeth se deteve esperar sir William. Elizabeth estava impaciente por ver a mudança operada em seu pai, enquanto que Meleri seguia dando voltas a seu problema com o Waverly, sem saber o que fazer.

Mais tarde, depois de que Elizabeth fora a passar um momento a sós com sir William, Meleri ficou um vestido de cor amarela pálida, com adornos verdes.

Enquanto penteava seu cabelo, prendeu um laço verde, perguntou-se se teria escolhido aquele vestido em particular por acaso ou porque sempre tinha sido um dos preferidos de seu pai.

Uma hora mais tarde, encontrava-se bordando com ajuda do bastidor, pensando não no Philip, a não ser na lástima que sentia pela desafortunada lady Jane. Não entendia como alguém podia ser voluntariamente a querida do Waverly. Decidiu que a saída mais fácil seria que Philip se casasse com ela, mas sabia que não cometeria essa estupidez enquanto o duque vivesse.

Para ouvir passos, Meleri afundou a agulha no tecido e levantou a vista. Elizabeth entrava na habitação com uma taça de chá na mão.

Quando se sentou junto a ela, Meleri viu que sua meio-irmã tinha estado chorando e se sentiu obrigada a tranquilizá-la.

-Sei que não é um grande consolo, mas entendo como se sente.

-Sei pobre menina. E pensar que tiveste que suportar isto, dia sim dia não, e que estiveste contemplando a deterioração progressiva do homem ao que tanto queremos sem poder fazer nada para detê-lo...

-Elizabeth se tirou um pequeno lenço de linho da manga. Duvido que eu tenha sido capaz. É muito forte.

-Que tal estava?

Uma lágrima escorregou pela bochecha da Elizabeth, e a secou.

-Falou-me como se fosse uma desconhecida. Rompeu-me o coração quando perguntou se me conhecia.

Meleri e Elizabeth não demoraram a começar uma intensa conversação que durou mais de uma hora. Foi então quando sir William diminuiu o passo e desceu a



escada de atrás, com aspecto de ter um propósito em mente. Divisou ao Jarvis lhe tirando o pó a uma estátua de bronze e gritou:

-Ouça Jasper, viu...? - fez uma pausa e franziu o cenho profundamente, como se tentasse recordar. Viu a...?

-Está procurando a suas filhas, sir William?

-Por Júpiter, sim! Estou procurando a minha filha. Viu-a?

-Acredito que as duas estão na sala

Sir William pôs-se a andar, mas se deteve junto à soleira da sala. Meleri e Elizabeth levantaram a vista nesse momento e vira o rápido olhar que dirigia ao Jarvis.

-Por certo, Jeremy, recorda como se chega a sala?

-Sim, sir William, a porta que tem justo ao lado.

-Vá Por Deus - disse sir William e, ao dar a volta, descobriu a porta. Quando colocamos uma porta aqui?

Quando sir William entrou na habitação, Meleri reparou na maneira em que sua sombra corria por diante dele e se alargava sobre o chão ensolarado. Não pôde evitar perguntar-se quanto tempo passaria antes que só visse a sombra e seu pai ficasse permanentemente detrás.

Meleri e Elizabeth ficaram em pé.

-Olá, papai, como esta? – Perguntando Meleri, advertindo como a luz da tarde lhe marcava as costeletas cinza e não suavizava o cabelo prateado que tempo atrás tinha sido tão negro. Sir William se deteve e a brocou com um olhar que indicava que estava procurando as palavras que não lhe saíam. Meleri sorriu.

-Quer nos acompanhar?

-Lhes acompanhar? Seria estupendo. Mas lamento muito não poder ficar. Vou ver o latifundiário Tolliver.

-Não poderia se sentar um minuto?

-O latifundiário está desmamando as crias de seu melhor cão de caça. Vou escolher um.

-Elizabeth e eu queríamos falar contigo.

-Elizabeth? Ah, essa deve ser a dama que te acompanha. É uma nova amiga? Meleri suspirou.

-Papai, queria te falar de lorde Waverly.

Sir William franziu o cenho.

-Não posso falar de lorde Waverly.

-Por que não?

-Não o conheço - tirou-se o relógio do bolso, consultou-o, fechou a tampa e o guardou.

A falta de algo que dizer, mas necessitada de falar para não chorar, Meleri perguntou:



-Que horas são?

-Hora de ver os cães! -exclamou seu pai e pôs-se a andar para a porta.

Jarvis seguia trabalhando no vestíbulo, atarefado com o espanador, quando sir William o viu e disse:

-Que sorte, segue aqui! Poderia me dizer de onde vinha quando falei contigo faz um momento?

Jarvis, branco como o papel, disse:

-Vinha por ali, sir William.

-Magnífico! Isso significa que já almocei.

Elizabeth começou a chorar antes que seu pai se fosse. Meleri tentou consolá-la imediatamente. Depois de várias tentativas, compreendeu que não podia fazer nem dizer nada que aliviasse a sua meio-irmã, assim que se contentou lhe dando uma palmada nas costas para lhe fazer saber que não estava confrontando aquilo sozinha.

-O... Sinto muito - acertou a dizer Elizabeth. Meleri lhe deu outra palmada nas costas e lhe ofereceu o único conselho que sabia.

-Adiante, chora. Sentir-se-á muito melhor.

Quando Elizabeth terminou de chorar e só ficava um pouco de soluço, entrelaçou as mãos no colo e ficou olhando um momento, reflexiva.

-Cheguei a duas conclusões. A primeira é que acredito que deveria ir daqui o antes possível, se não trocou de ideia a respeito de lorde Waverly.

-Ir embora daqui de Humberly Hall?

-Não pode ficar aqui mais tempo que o necessário, Waverly poderia apresentar-se em qualquer momento e exigir fixar uma data.

-Isso não me preocupa muito. Foi dolorosamente resistente inclusive a vir para ver-me.

-Bom possivelmente isso tenha sido certo no passado, mas trocará assim que conheça o declive de nosso pai.

Meleri fez uma careta.

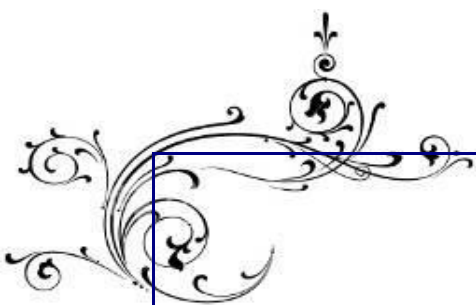
-Não tinha pensado nisso.

-Sabe já aonde irá? Poderia vir a minha casa de Londres.

-É o primeiro lugar em que me buscaria Waverly. Elizabeth deu um tapinha ao Meleri na mão. -lhe dê a este assunto a máxima prioridade. Assim que Waverly se inteire e fixe a data, sua difícil tarefa se tornará impossível.

-Qual é sua segunda conclusão?

-Não posso retornar a Londres agora que sei até que ponto chegou a deterioração de nosso pai, mas tampouco posso ficar aqui. Meu querido marido não demorará em me apressar para que retorne. E tenho filhos e netos, a maioria dos quais vivem em Londres, ao menos, a maior parte do ano.



-Quer levar o papai a Londres. É isso o que propõe? -perguntou Meleri, perguntando-se como era possível que os suaves olhos cinza da Elizabeth se tornaram ainda mais suaves.

-Sim, isso é o que proponho. Ali poderei cuidar dele. Se o deixar aqui, quão único farei é me preocupar. Em Londres terá muitas distrações, e acredito que será estimulante para ele receber a atenção de seus filhos, netos e bisnetos -sorriu -. E desse endiabrado cachorrinho, imagino.

Meleri riu.

-Conhecendo papai, meteria o cachorrinho dentro do colete se insinuasse que fosse deixá-lo aqui.

-Encarregar-me-ei de que haja alguém a seu lado há todas as horas.

-Deve levar o Geoffrey. Papai o adora e ele está igual apegado a ele.

-Falarei com ele assim que retorne - ficou olhando a Meleri-. Diga-me, o que te parece?

-Sei que quer a seu pai, e também sei que é certo que te inquietaria se ficasse aqui. Sou consciente de que não é a única razão pela que decidiste levar isso a Londres.

-Não, não é a única razão. É jovem e tem todo o futuro por diante. Jamais o encontraria se ficasse aqui e te casasse com o Waverly. Não sou tão ingênua para pensar que iria em busca de sua própria felicidade e deixaria a seu pai aqui.

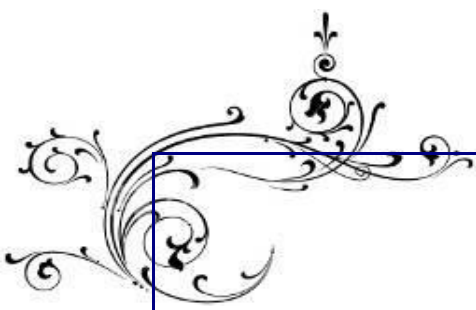
-E se dissesse que não quero que leve a papai a Londres?

-Levar-me-ia de todas as formas. Não é mais que uma mudança, Meleri, não o final. Assim que tenha evitado o matrimônio com o Waverly, poderá ver seu pai quando quiser.

-Humberly Hall sem papai? Nunca seria o mesmo.

Elizabeth moveu a cabeça e tomou a mão do Meleri entre as suas.

-Humberly Hall já não é o mesmo. Seu papai já não está aqui.



Capítulo 2

Castelo do Beloyne, Terras Baixas escocesas.

Criou-se com a lenda. Antes de começar a andar, já se sabia a história de cor. Suas primeiras palavras tinham sido Black Douglas.

Mas isso fazia muito tempo. Era maior, e mais sábio. Robert Douglas não acreditava nos milagres. Tinha visto esmagadas suas esperanças em mais de uma ocasião. Estava cansado de esperar a que uma velha história, uma lenda, fizesse-se realidade. Aquilo não era Camelot, nem ele Merlin. Não podia fazer magia. Bem sabia Deus que se tivesse podido a teria utilizado fazia tempo. A Robert, o fantasma de um antepassado que prometia muito e não contribuía nada não lhe oferecia nenhuma salvação e muito pouca esperança... Salvo deixá-lo taciturno e mal-humorado até muito tarde da noite.

Não tinha tido sorte na vida. Tinha nascido entre discórdias que não tinham feito mais que piorar. Naqueles momentos, estava inquieto, cheio de raiva e amargura, incapaz de dormir sobre seu leito de penas, e amaldiçoava a causa: Inglaterra, uma besta voraz disposta a dominar e a destruir. Inglaterra, que não descansaria até que não morrera o último escocês.

Amaldiçoava aos ingleses por sua imperdoável arrogância e façanhas secretas, por séculos de comportamento criminal e por ser a raiz de todas as aflições de Escócia. Amaldiçoava o seu pai por ter morrido tão logo, por ter posto a carga da tirania nos ombros de um filho muito jovem para compreender ou assumir o título de conde de Douglas. Sobre tudo, amaldiçoava ao fantasma do Black Douglas por dar a seus descendentes esperanças durante trezentos anos e abandoná-los à sorte de um velho inimigo que não retrocederia até eliminá-los por completo.

Robert estava abatido pelo peso dos séculos, e confrontava a tarefa impossível de escolher entre permanecer fiel a suas crenças e a idêntica loucura de liberar-se delas. Seu coração transbordava tristeza, pesar e muito cinismo para um homem de sua idade. Necessitava algo no que acreditar algo que reavivasse a esperança, algo que o ajudasse a confrontar um futuro tão lúgubre que lhe oprimia a garganta como uma força.

Queria mais convicções que dúvidas, mais esperança que desespero mais fé que desconfiança, mais espaço no coração para o amor que para a vingança. Necessitava um propósito, uma razão para continuar. Entretanto, havia vezes em que se perguntava se já era muito tarde para voltar a acreditar em algo.



A sós na biblioteca, esperava que terminasse o dia, a que a escuridão o envolvesse. Estava se convertendo em uma criatura noturna, e encontrava consolo nas horas caladas da noite, quando todo mundo dormia.

Durante o dia, sua mente se ocupava dos problemas e as tribulações do presente. Só de noite, quando morriam as palavras e ressuscitavam os pensamentos, podia deixar atrás a tristeza do dia. Só então, recolhia os fragmentos de sua pessoa e permanecia sentado, reflexivo, imóvel como uma árvore. A noite se apertava contra ele como os seios de uma mulher, brandos e carregados de perfume, e as horas as marcavam uma alma intranquila que sempre tentava encontrar-se outra vez.

Quando chegava a manhã, levantava a cabeça de entre as grossas mechas da escuridão para sentir o velho gosto da vingança, que persistia embriagador como o vinho. Não sabia por que aquele desejo não o abandonava nunca, por que se acrescentava a sede de revanche nem por que o tinha estado atormentando tão ultimamente. Só sabia que o atendia e não o soltava.

Um ruído no corredor pôs fim a sua silenciosa contemplação, e não demorou a reconhecer o rangido da seda. Sua avó se aproximou. Inclusive antes que entrasse na habitação, viu em sua mente um traje de seda de cor chocolate. Viu cada detalhe, dos volantes rematados de encaixe e o cabelo cinza penteado para trás até a touca de impecável cambraia que se fechava em torno de seu adorável semblante. A touca não estava na moda em 1785, mas era o estilo peculiar de lady Margaret Douglas.

Nos trinta anos que tinha Robert, sua avó não tinha trocado muito. Ainda se sentava ante a roca, ou fazia ponto junto ao fogo no inverno, ou perto da janela nos meses mais quentes. De vez em quando, aventurava-se a sair ao jardim, no final do verão, se a noite era agradável. Seu corpo, como uma peça perfeitamente encaixada, ainda lhe permitia realizar as tarefas que sempre tinha feito. Aquilo ao Robert resultava a um tempo grato e doloroso. Doloroso porque via como a energia e a agilidade que recordava foram diminuindo pouco a pouco. Grato porque não via indícios de que fossem cessar logo.

Ultimamente, sua avó logo queria falar de algo que não fossem os dias da glória dos Douglas, do passado longínquo. A Robert parecia absurdo, porque não guardava relação com o presente nem com o futuro. Tampouco importava. Lady Douglas nunca tinha sido fácil de dissuadir nem de exortar. Tinha a sensação de que aquela noite tampouco poderia fazê-lo.

-Já! - exclamou ao entrar na biblioteca e divisá-lo-. Sabia que te encontraria aqui, espreitando na penumbra. Por que não acende o abajur?

Sua presença sempre o alegrava, mas aquela noite nada podia encher sua voz de otimismo.

-Todos os homens deveriam ter direito a um eclipse de vez em quando.

-Se não se converter em uma noite infinita. A alvorada e a ressurreição são parecidas, sabe? A chegada da luz cada manhã garante a sobrevivência.



-A manhã chegará tanto se acender o abajur como se não. Quanto a esta noite, prefiro-a assim.

A avó acendeu o abajur do escritório e baixou a chama.

-Bom, é hora de agradecer a uma anciã. Não posso falar contigo se não te vir a cara, não?

Sua avó queria falar, ele, não. Não queria conversar sobre o passado. Não queria que soubesse que o velho o torturava tinha retornado.

-Sempre é bem-vinda, avó, embora tema não ser boa companhia esta noite.

-Suspeitava-o. Ultimamente estiveste distraído. O que te atormenta?

-Nada pelo que deva preocupar-se - sabia que ela já tinha sua quota de sofrimento e recordou aqueles dias aterradores e sombrios em que seu filho e sua nora, os pais do Robert, tinham sido atacados e assassinados em Londres. Dois anos antes de suas mortes, o marido de lady Douglas tinha morrido vítima de um raio. A irmã do Robert, Sorchia, tinha sido a seguinte em morrer, e depois, a esposa de seu tio Iain, quem pereceu dando a luz às gêmeas.

Tantas perdas. Tanta dor.

Mesmo assim, sua avó permanecia inquebrável. - Seja o que seja, esquece-o. Não serve de nada resgatar lembranças dolorosas.

-Esse sim que é um comentário peculiar vindo de alguém que faz precisamente isso. Eu também poderia te pedir que falasse do que tem que vir, ou do aqui e agora.

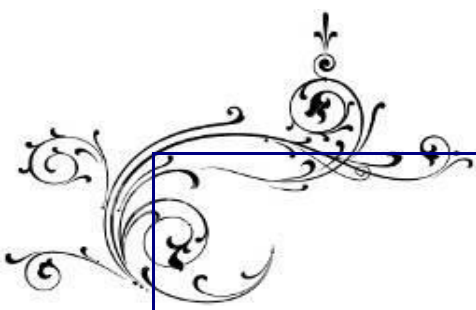
-Por que queima falar do futuro quando o meu está encolhendo-se? Há tão poucas coisas agradáveis em nossas vidas que prefiro não pensar no presente. Por que ia fazer o, quando não devemos nos preocupar de nada que não sejam fortunas diminuídas e o declive da importância de nossa família? -tomou assento frente a ele e se ajustou a seda marrom a seu redor-. O presente e o futuro pertencem a ti. O passado me vem bem, acredito. Na minha idade, sempre é muito mais grato reviver as horas gloriosas as que nadávamos na abundância, ou refletir nos anos em que nosso sobrenome era o mais capitalista de Escócia.

O cinismo se apropriou dele.

-Não posso reviver algo que não conheci. O presente não é mais que disputas e infortúnios, mas, isso, ao menos, resulta-me familiar. Ao contrário que você, careço do passado de abundância que recordar, e de esperança de um futuro assim. E isso inclui qualquer ideia de salvação por parte de um fantasma antiquado.

-Por Deus! Não alcanço a compreender de onde tiraste esse desprezo. Ultimamente, tudo o que diz vai carregado de brincadeira e de sarcasmo. Não tem direito a ridicularizar aos que nos aferramos à lenda. Os miseráveis não têm mais bálsamo que a esperança.

-Minha esperança é que algum dia encontre a outra pessoa a que citar que não seja esse bardo inglês.



Ela moveu as saias a seu redor.

-Fiz o possível por camuflá-lo.

-A próxima vez, eu se fosse você o tentaria com mais ganha, embora nem um disfarce que pudesse mascarar as palavras desse maldito inglês.

-Shakespeare transcende a Inglaterra e aos ingleses. Pertence a todos. Além disso, tinha razão. Não lhe pode arrebatara a esperança a uma pessoa. É o único que tem. Um homem sem esperança não é mais que uma besta.

-Ah, a esperança. O que seríamos sem ela? -de repente, seu tom se tornou amargo. A esperança é para os parvos, por albergar ilusões. É para os espiritualmente pretensiosos. Se esperança for quão único tem, já está perdido.

-Quando era um bebê, balançava-te, te cantando a canção de ninar do Black Douglas. Desmamaram-lhe com histórias de suas façanhas. Jamais pensei que chegaria o dia em que daria as costas à tradição e a tudo o que lhe ensinaram. Menos mal que seu pai está morto. Verte assim lhe romperia o coração. Está-te voltando um homem frio, Robbie, e cheio de ódio, embora você no fundo não seja assim.

-Só odeio aos ingleses, e você, mais que ninguém, sabe por que - ficou em pé e se deu a volta para que não pudesse ver sua dor. Lady Douglas o imitou e também se levantou.

-Está amargurado, e seu ódio é profundo. Jamais será feliz até que o supere.

-Tentei-o, mas não posso.

-Reza todas as noites para que só sejam a frustração e a decepção o que fazem tremer sua fé. Se a esperança está perdida, então, compadeço-te, Robbie Douglas. Compadeço a todos.

Frustração e decepção? Sim, tinha-as em abundância. Ainda não tinha completo os trinta e tinha nascido entre disputas. A batalha do Culloden tinha passado à história quando ele chegou ao mundo, mas não importava. Como cabeça de família, sofreu as consequências como se tivesse estado ali esse fatídico dia.

Sentiu a mão de sua avó no ombro.

-Nem tudo está perdido - disse, beijou-o na bochecha e saiu em silêncio da biblioteca.

Robert pensou no que lhe havia dito. Estava tudo perdido? Certamente, não sabia. Fazia tanto tempo que não sentia nada parecido à fé, a confiança ou a convicção que já não sabia como as albergar. Ficava alguma esperança, não era mais que uma brasa apagando entre frias cinzas. Não bastava para restaurar a crença no fantasma do Black Douglas, nem na inquebrável convicção de que retornaria algum dia para salvá-los.

Reclinou-se com cansaço na poltrona para estirar suas longas pernas e olhou pela janela. O sol estava-se pondo. A escuridão não demoraria em envolver os antigos muros do castelo do Beloyne. Não fez gesto de subir a chama. Nem mil abajures contribuiriam com luz a sua alma. O desespero o rodeava tanto como suas



calças. O castelo estava vindo abaixo. Tinha suficiente dinheiro para manter à família, ou para pagar ao serviço, nem sequer depois de reduzi-lo a uma fração do que tinha sido ou do que requeria um castelo daquele tamanho. Necessitava dinheiro, e logo, ou perderia o único lar que os Douglases tinham conhecido durante séculos.

Com uma maldição entrecortada, deu um murro à parede revestida de madeira.

Esgotava-lhe o tempo. Esse porco inglês, o conde do Drummond, tinha em seu poder uma duplicata que desencadearia a queda dos Douglas. Drummond, conhecido como o homem mais ambicioso de toda a Inglaterra, estava a ponto de tê-lo também da Escócia. Robert amaldiçoou seu nome, incapaz de compreender como tinha conseguido. A duplicata era contra o banco do Edimburgo. Não só o que correspondia ao castelo do Beloyne, mas também a meia dúzia de dívidas dos castelos pertencentes a outros tantos habitantes das Terras Baixas. A aquele passo, as escrituras da metade da fronteira estariam nas parcimoniosas mãos do Drummond antes de Natal.

Na parede em frente, o leve resplendor de um abajur iluminava os retratos taciturnos de seus antepassados. Advertiu que a luz se intensificava, e esperou para ver quem se aproximava. Com sombria resignação e impaciência, contemplou como seus galgos escoceses, Corrie e Dram, entravam na habitação, caminhavam em círculo e se deitavam a seus pés. Deu-lhes um tapinha e se perguntou quanto tempo poderia permitir-se alimentá-los.

Os cães emitiram um gemido de reconhecimento quando seu tio, Iain Douglas, entrou na biblioteca. De estatura mediana, tinha o cabelo resistente e uns olhos de cor cinza chumbo que contrastavam com sua disposição afável. Era o confidente de Robert e o único irmão de seu pai que seguia com vida. Era Iain quem o dissuadia de atirar a toalha, de cair no mais fundo desespero.

-Sangue de Deus! Isto está mais escuro que um gato negro. O que faz aqui assim? Deveria acender mais abajures para dissipar a penumbra.

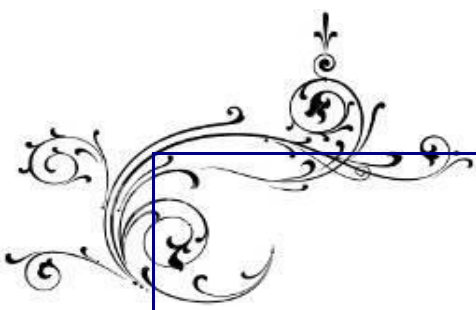
-Alegre desgraçado! Sem branca, mas feliz, fala com música na voz. Prefiro a penumbra.

-Ai, moço. Tem o olhar de um carneiro sacrificado.

-Sacrificado... Uma maneira eloquente de descrever como estou me sentindo agora. Um pouco mais de chuva e a colheita se apodrecerá nos campos. Uns gastos mais e ficaremos sem dinheiro. Estamos endividados até as sobancelhas e temos que pagar aos criados. Beloyne tem cansado na ruína absoluta.

-Quer dizer que não temos moedas para nos manter muito mais tempo?

-Se formos frugais, teremos o justo para sobreviver até fim de mês. Tudo o que intento parece condenado ao fracasso antes de começar - com os olhos fechados, inclinou a cabeça para trás e se massageou os ombros -. Estou cansado, Iain. Tenho os ossos moídos e o coração oprimido. Sinto-me como um velho.



-Oxalá eu tivesse meios, mas, como as maiorias dos escoceses, não tenho o que levar a boca. O que vais fazer?

-Não sei. Frequentemente me perguntei o que leva um homem à ruína, o que lhe faz procurar consolo no uísque ou no ópio. Procurava o consolo da fuga ou só o de viver em um estado de êxtase? Possivelmente ambas as coisas. Em qualquer caso, serve para liberar o desespero.

-Já sabe o que dizem: o caminho mais rápido para sair do Edimburgo é uma garrafa de uísque. Poderia tentar procurar fortaleza em sua fé.

Robert se reclinou na poltrona e apoiou os pés no escritório; depois, entrelaçou as mãos detrás da cabeça.

-Sim, poderia. Uma boa dose do John Knox é melhor que qualquer ópio. O que outra coisa manteria pacientes às bestas de carga enquanto lhes acrescentam mais peso em cima?

Iain se acomodou na cadeira de madeira dura situada frente a Robert.

-Sei que não é fácil ser cabeça de família na sua idade.

-Cuidado, começa a falar como a avó.

-De onde crê que o tirei? -sorriu. Robert baixou os pés da mesa e esfregou os olhos, como se pudesse fazer o mesmo com o cansaço. Ouviu o Iain proferir uma gargalhada e não pôde evitar perguntar:

-O que te faz graça?

-Esse teu olhar. Se fosse rei, preocupar-me-ia sua traição.

Robert esboçou um meio sorriso.

-Não anda muito desencaminhado. Estava pensando nesse provérbio chinês que diz: "Das trinta e seis alternativas, fugir é a melhor". Sua expressão se suavizou e falou em tom mais otimista e crédulo -. Não se preocupe, tio. Duvido que vá trocar algo. Não tenho nem coração nem engenho para fugir - fez girar o globo terrestre que tinha perto-. Meu pai se encarregou de me inculcar o código aristocrático e o comportamento de um nobre. Levo muito dentro ser conde do Douglas.

Iain deu um passo para ele e lhe deu um tapinha nas costas.

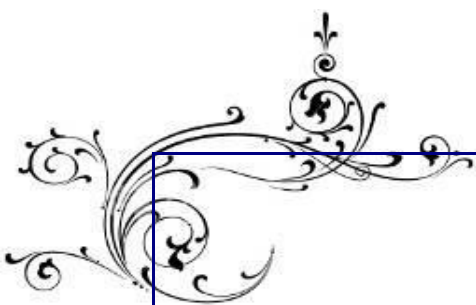
-Vamos, moço, não ponha essa cara de abatimento. Poderia ser pior.

Pior? Robert olhou ao redor e se perguntou como. Viu o aspecto gasto e ruinoso de uma habitação que apenas se parecia com a biblioteca ricamente mobilhada que tinha visto nos quadros do castelo... Quadros que datavam dos anos prévios à tragédia que tinha feito cair de joelhos aos Douglas-. Estou encurralado, Iain. Precisamos dinheiro e não sei de onde consegui-lo.

-Se estiver escrito que o encontre, encontrá-lo-á. A fé e a confiança são o único que fica você goste ou não.

-Deus! Isso se parece muito a como foi minha vida até agora.

Iain riu entre dentes.



-Cuidado ou acabará recitando provérbios outra vez. Naquela ocasião, o sorriso pleno do Robert foi seguido de uma suave gargalhada.

-Agora que já não parece a pedra mais lúgubre de um prado solitário, tenho algo para ti - Iain introduziu a mão em seu espartilho e tirou uma parte de pergaminho que tendeu ao Robert-. Isto acaba de chegar; trouxe-o o mensageiro do rei.

Robert baixou o olhar ao pergaminho que levava o selo do monarca e sentiu o formigamento de temor.

-Vamos, abra. Diga o que diga, não trocará porque a olhe fixamente.

-Não, mas assim pospor a agonia - repôs Robert.

-Agonia? Acaso tem poder? Conhece de antemão o conteúdo da missiva? Possivelmente sejam boas notícias.

-Não há nada da Inglaterra que seja bom, incluídas as notícias. Se vier do rei, só pode significar mais sofrimento - rompeu o selo e começou a ler.

-Então, aceita o sofrimento e aprende dele.

Absorto na missiva, Robert grunhiu, mas não disse nada até que não terminou.

-Ao que parece, os Douglas não pagaram o bastante, apesar do que suportamos ou sangrou de dúzias de feridas.

-Então, usa as feridas em seu proveito. Pouco a pouco lhe farão receptivo à sabedoria, embora não queira.

-Por todo o sagrado, falas como meu pai, e sabendo quem lhes educou aos dois, acredito que deveria estar zangado com meu avô.

-Compensar-te-ia mais que estar a malotes com seu rei.

-Não é meu rei - soprou Robert-, e nunca o será.

-Me fale da carta.

Robert a plantou na mão e se voltou para a janela. Apertou a mandíbula enquanto pensava no decreto do rei.

-Ordena-te que te case - disse Iain assim que leu a carta.

-Sim, que me case com uma moça inglesa, quando preferiria jantar com o demônio.

-Poderia ter sido pior.

-Cada vez que diz isso, as coisas ficam piores, embora me pareça impossível.

-Poderia te haver designado uma mulher. Ao menos, deixa-te escolher.

-Não me diga que não reconhece essa amostra de falsa generosidade. Três semanas para encontrar uma esposa apropriada entre as filhas da aristocracia inglesa? Já!

-Reconheço que três semanas não é muito tempo, mas...

-Uma tarefa impossível e o rei sabe disso. Por que crê que acrescentou que ele me escolheria esposa se fracasso? Nos dois sabemos que não irá procurar a flor mais



bela de toda a Inglaterra tendo em conta que não sou mais que um indigno escocês que foi tudo menos um súdito leal.

-Entretanto, para que tomar-se essa moléstia quando poderia te haver ordenado que te casasse com a mulher de seu gosto desde o começo?

-Porque assim, evitará qualquer crítica. Embora seja um escocês fastidioso, sigo sendo um grande do reino e, como tal, é importante que aparente me dar a oportunidade de encontrar a noiva eu sozinho.

-Como o rei Euristeo e os doze trabalhos que encarregou Hércules.

-Me encomenda uma tarefa impossível. A risada do Iain era brandamente zombadora.

-Hércules o conseguiu.

-Mas eu não sou Hércules. Não posso cumprir essa tarefa no tempo atribuído, por tanto, não vejo por que tenho que perder o tempo tentando-o.

-Quer dizer que vais render-te sem lutar?

-É o que minha cabeça me diz que faça, mas meu maldito coração escocês não o permitirá. Entrei em uma carreira de loucos, sabendo que correrei contra Atlanta.

-Então, reza para que seja tão afortunado como o pretendente que a burlou e ganhou a carreira.

-Não foi tanto fortuna como engano. Sabia que se deteria a recolher as maçãs que ele deixava cair. Por desgraça, eu não tenho três maçãs douradas.

-Estou seguro de que poderá enganar-lhe, de todas as formas. Primeiro, deve encontrar uma moça conveniente.

-Se for inglesa não é conveniente. Você, mais que ninguém, deveria saber que jamais encontraria uma inglesa que fosse de meu agrado.

-Bom, suponhamos por um momento que o fizesse, então, quão único precisaria é algo que ela desejasse o bastante para casar-se contigo por isso.

-E o que seria isso? Minha riqueza?

-Há outras coisas além de riqueza que atraem às mulheres.

-Não comece com seus sermões. É tão impossível como ressuscitar a um morto, e você sabe. O rei nos deu um nó e ninguém pode desfazê-lo. Ninguém!

-Isso mesmo disse para Alexandre Magno.

-De onde tira tio, que estou ao mesmo nível que Hércules e Alexandre Magno?

Iain riu.

-De onde tira você que não o está? Anime-te, moço, está desiludido, mas isso mudará. Nasceu para acreditar. Leva-o no sangue e nos ossos.

Robert pensou em sua irmã, Sorch, e em como ele só tinha acreditado em uma coisa desde sua morte.

-Meu ódio aos ingleses substituiu todo isso.



-Cuidado, Robbie. Não se pode odiar e ser sábio. Ocupe-te do problema que tem entre as mãos. O rei te ordenou que casasses. Não complique as coisas desenterrando fantasmas do passado.

-Se fosse tão fácil...

-A morte de Sorchia doeu a todos, mas te mudou. Sei que sempre te culpaste por sua morte, ao menos, em parte. Disse-lhe isso então e lhe repito isso agora: não poderia ter feito nada. Não foi mais que um moço de dezesseis anos; não foi rival para os quatro homens que lhe retinham.

-Que me retinham e que me forçaram a ver o que faziam a Sorchia.

Iain assentiu e lhe pôs a mão no braço.

-Sei moço, sei. Faz tempo que me dói saber isso.

Robert sentiu uma pontada de culpa no coração.

-Estou em luta comigo mesmo. Contra o que crê, sou capaz de sentir remorso. Às vezes me envergonho do que sinto. Mas um não sempre pode oferecer a outra bochecha nem dá-la volta.

-Sua irmã merece uma memória melhor que essa.

Sim, pensou Robert, Sorchia merecia mais que ser violada por um inglês em terra inglesa. Amaldiçoava o dia em que sua irmã foi visitar a tia de uma amiga que vivia ao outro lado da fronteira. Amaldiçoava o dia em que foi acompanhada de volta para casa, muito jovem e inconsciente para aceitar acompanhante. Mas, sobretudo, amaldiçoava o dia em que deixou que sua avó e seu tio o persuadissem para que guardasse silêncio, quando queria apresentar cargos contra o bastardo que tinha causado a morte da Sorchia.

-Era minha irmã, minha gêmea, uma parte de mim e mais querida que a vida. Teria morrido alegremente em seu lugar. Diga-me como supera um homem ter presenciado a violação de sua irmã. O que o liberará da lembrança de ter tirado seu corpo sem vida do lago depois de que se afogasse? Como pode deixar de odiar a um homem capaz de desumanizar a outro... A um membro de sua espécie? Santo Deus! Era a filha de um conde, uma presa fácil para qualquer... Inclusive para um lorde inglês.

-Sei moço, sei, mas não lhes pode fazer justiça aos mortos. Sorchia está além de todo aquilo, e mais em paz que qualquer de nós. Sei que se estivesse aqui agora mesmo, diria-te o mesmo que eu.

A amargura embargou o ânimo do Robert.

-Mas ela não está aqui e eu odiarei a minha maneira.

-Sim, e o rei mediará à sua. Cheque mate. Não há fuga. Nem defesa. A batalha terminou. Você perdeu.

-A batalha ainda não começou.



-Equivoca-te. Acabou assim que o rei entrou nela. Que melhor maneira de desfazer-se de um molesto dissidente e suprimir toda oposição? Os reis são tiranos quando os súditos são rebeldes.

-Sou uma pequena pestilência... Insignificante como uma dentada de formiga, e nada do que o poderoso rei da Inglaterra deva preocupar-se.

-É evidente que ele não o vê dessa maneira. Um deslize por pequeno que seja, é capaz de converter-se em rio. Desafiaste ao rei e sua autoridade sempre que pudeste. Já te adverti que só seria questão de tempo que encontrasse a maneira de te submeter.

-Se acreditar que me casar com uma inglesa me fará esquecer, ou lhe beijar suas malditas botas...

-Suspeito que o rei, ao te obrigar a te casar, está-te demonstrando que ele está ao mando. Se segue desafiando-o seu próximo castigo será pior.

-Não há nada pior que me obrigar a me casar com uma cachorrinha inglesa.

-Cuidado, moço. Deve evitar os enfrentamentos que nos inimizem mais com os ingleses. Considera-o uma maneira de conseguir a paz e a igualdade entre nós. Deve tentar ser justo.

-Sou justo. Não falo bem de nenhum inglês. Iain sorriu.

-Ai, Robbie, é uma pena que não lutasse no Culloden. Com um moço tão obstinado em nossas filas, o resultado poderia ter sido diferente. Tenta-o - disse-. O rei espera... não, exige obediência.

-Seria um estúpido se obedecer a um rei que não luta com uma espada a não ser com papéis. Diverte-se jogando um xadrez humano.

-Considera-o uma oportunidade. Uma circunstância fortuita que moldou seu destino.

Robert pensou no que Iain dizia enquanto se deixava cair em uma gasta cadeira de couro. Devia achar a maneira de obedecer ao rei e desfrutar de sua vingança.

-Não se preocupe tio. Farei o que seja melhor para todos nós - disse, distraído, porque começava a contemplar o germe de uma ideia.

Iain o escrutinou com olhar de águia.

-Tramas algo.

-Droga, tio, não sei a que te refere - repôs com olhar inocente.

-Claro que sabe! Sempre que vejo esse brilho em seus olhos, é um mau presságio. Não pode ignorar uma ordem do rei. É traição sequer pensá-lo.

-Não pensava desobedecer, nem muito menos. Ao contrário, acabo de idear uma razão mais que apropriada para agradar ao rei. Relativo ao matrimônio devo antepor à responsabilidade. Embora o rei não tivesse intervindo não poderia me casar com uma moça de meu desejo, a não ser que possuísse um grande dote. O



destino decreta que me case por dinheiro. O rei estipula que seja uma inglesa para me subjugar - ficou em pé e começou a dar voltas pela habitação.

Iain falou com sonora convicção.

-Seria um bom momento para que retornasse o fantasma do velho conde.

-A pesar do volume, duvido que te ouça. Em qualquer caso, não poria minhas esperanças nessa lenda. Se meu xará e antepassado, não tivesse deixado que caíssemos em mãos dos ingleses, já teria dado a cara.

Iain lhe iluminou o rosto,

-A não ser... A não ser que seja isso exatamente o que ele quer que ocorra. Nem sequer Deus nos dá sempre o que pedimos a não ser, às vezes, o que necessitamos.

Robert ficou olhando com perplexidade.

-E eu necessito uma esposa inglesa? Tornaste-te louco?

Iain sorriu.

-Talvez, se seu dote seja grande.

-Não necessito dinheiro inglês.

-Muito bem, te aferre a seu orgulho. Não faça nada e deixa que o rei resolva o problema em seu lugar. Para que perder o tempo indo a Inglaterra com esse objetivo? Para que incomodar-se em tentar encontrar esposa em um prazo de três semanas? Obriga ao rei a ensinar suas cartas e comprova se era um farol.

-O que ensine suas cartas? Não com minha vida em jogo!

Iain fez o possível por dissimular um sorriso.

-Ficaste sem otimismo e sem munição! Então, obedece ao rei e escolhe o caminho fácil.

-Esquece que sou um bom presbiteriano. Se seu destino for que um dote de uma inglesa salve a nossa família, ocorrerá. Quanto a mim, farei o possível para jogar sal às feridas do rei. Não tema, tio. Encontrarei uma esposa inglesa, e casarei em menos de três semanas.

-Como?

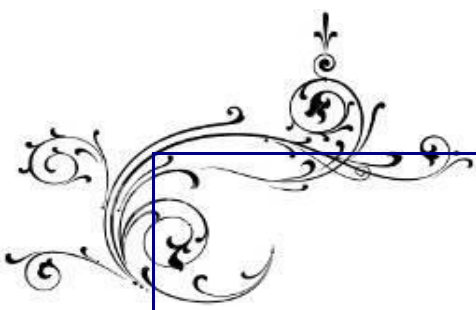
-Não sei, mas já me ocorrerá algo quando chegar ali.

Interrompeu-os uma batida na porta. Um jovem moreno entrou e lhe entregou uma nova mensagem a Robert.

-Acaba de chegar para você.

-Outra carta do Drummond. Mais más notícias - disse Robert enquanto tirava a carta e lia até a assinatura do Drummond-. O três deve ser um número mágico para os ingleses. O rei me dá três semanas para me casar; Drummond, três meses para saldar a dívida.

-Não necessitará três meses. Ter-te-á casado antes. Espero que Drummond se abraque quando se inteirar de que te casaste com a filha de um lorde inglês. Quando partirá?



-Amanhã. Levarei ao Hugh comigo.

-Sim, seu irmão te fará boa companhia. Robert franziu o cenho. - Falamos do mesmo Hugh?

Iain riu de boa vontade.

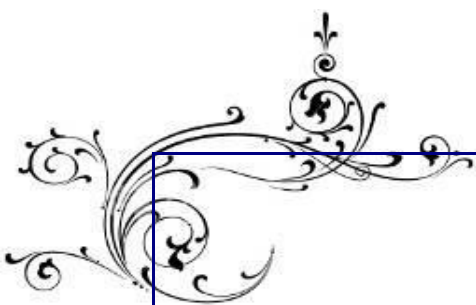
-Sim, Hugh, o instigador de travessuras, o brincalhão, o homem sem preocupações, que pensa que todas as moças foram postas nesta terra para seu único prazer - fez uma pausa para ver como se estava tomando Robert todo aquilo-. Anime-te, moço. As coisas melhorarão.

-Quando toca o fundo, só pode subir.

Capítulo 3

Como precisava pensar, Meleri saiu a dar um passeio a cavalo; o exercício sempre a ajudava a esclarecer as ideias. Estava tão absorta em seus pensamentos que não advertiu que levava bastante tempo cavalgando.

Reduziu o passo de seus arreios. Virtualmente, quão único tinha decidido era falar com lorde Waverly.



A casa do Waverly não ficava muito longe, pensou, e demoraria menos se tomava um atalho, assim por que não ia já e o tirava da cabeça?

Desviou seu cavalo da estrada principal e entrou em um luminoso prado de flores brancas e amarelas. De vez em quando, avistava o rio abrindo caminho entre as árvores apinhadas na parte baixa do vale e ouvia o ruído dos tordos em sua busca diária de comida. Em um dado momento, escutou o estridente canto de um pássaro posado no galho alto de uma árvore.

Embora fizesse calor suficiente para fundir as pedras, o mundo que a rodeava era tão esplêndido como o quadro de um artista. O sol iluminava com uma luminosidade quase líquida que fazia vibrar de luzes e sombras as árvores da lonjura. Não havia nada como as cores que alguém podia ver cavalgando no verão ao meio-dia.

Chegou ao final do prado e seguiu por um caminho, com a atenção ainda posta nas coloridas manchas de cor que estalavam a seu passo. Com um sozinho olhar podia ver o luminoso branco de uma casinha, o dourado de um telhado de palha, o verde pálido de um castanho e o azul cintilante do rio contra os tons marrons do caminho que se frisava, como um laço cansado, ante ela.

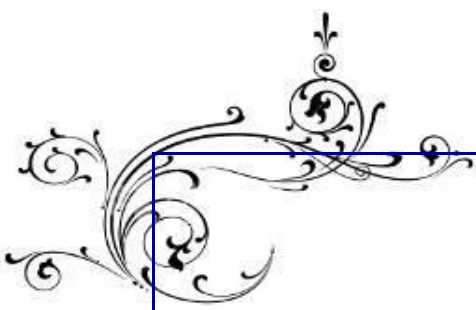
Ocorreu-lhe pensar que podia apreciar a beleza que a rodeava, não porque estivesse ante seus olhos, mas sim porque tinha tomado a iniciativa de cavalgar por ali. Seria o mesmo com a vida? Acaso só poderia encontrar a felicidade se ia a seu encontro, se dava o primeiro passo em busca de seu futuro?

Seguiu cavalgando e descobriu que seu ânimo tinha mudado um pouco. Afastar-se do Humberly Hall lhe produzia o mesmo efeito que um tônico da senhora Hadley. Limpava-lhe a cabeça e fazia que o mundo parecesse um lugar melhor.

No céu, o sol tinha ficado para traz e iniciava sua descida. Isso e a inquietude de seu estômago lhe indicavam que já tinha passado a hora do almoço. Não tinha cruzado com ninguém pelo caminho, mas não a surpreendia. Não era uma via muito frequentada e inclusive quando alcançasse a estrada principal, tampouco veria muitos viajantes.

Não muito longe do povoado de Holystone, entrou no bosque. As sombras das árvores se estiravam ante ela, largas e magras sobre a erva. Sentia-se completamente despreocupada. A calma se apropriou dela. Serena e relaxada, seguiu cavalgando, escutando a respiração constante de sua égua, o suave tamborilar dos cascos sobre a erva úmida e esponjosa. Ao longe, ouvia-se o repico de um sino. Alguém estava casando.

Pensou em sua mãe, no jovem que tinha morrido de uma febre implacável, deixando um marido enfermo e a uma filha de seis anos vagando sozinhos pelos compridos e cavernosos corredores do Humberly Hall. Pensou nas gigantescas habitações tão silenciosas e cheias de dor, e nas lembranças de dias mais felizes.



De repente, sua égua ficou de pé, e ouviu um golpe seco e a maldição de surpresa de um homem.

-Que o diabo me leve!

Ficou imóvel, como enfeitiçada. A seu redor, a brisa agitava as folhas carnudas das árvores, e ela seguia sem mover-se. Até que começou a lhe doer o peito então compreendeu que estava contendo a respiração. Exalou o ar e viu um homem caído no chão. Céu Santo, o teria derrubado? Estaria morto? O teria matado? O coração lhe pulsava com frenesi, porque estava imóvel como a morte. "Senhor, matei a um homem! O que devo fazer? Não posso atropelá-lo e partir sem mais". Baixou o olhar ao homem, que nunca tinha visto.

Embora não o conhecia, não demorou a descobrir uma particularidade dele: era rápido. Logo que tinha tido tempo de pestanejar quando o homem ficou em pé. Nada mais se ergueu diante da égua de Meleri, alargou uma mão musculosa para sujeitar a brida com mais força que o espartilho de uma mulher grossa.

-Que o diabo a leve! O que tenta fazer? Atropelar-me? Ou era essa sua intenção desde o começo?

Meleri ficou olhando ao homem vestido de negro enquanto este a paralisava com um olhar duro e implacável. Incapaz de falar, algo insólito nela, permaneceu imóvel enquanto contemplava atônita, ao desconhecido que não se parecia em nada a ninguém que tivesse visto em sua vida. Levava o cabelo mais comprido do habitual e era de um castanho tão escuro que parecia quase negro, como as calças e o espartilho que levava. Concluiu que eram os olhos... Sim, sem dúvida os olhos, o que a enfeitiçava tanto. Penetrantes e de um azul brilhante como o de uma gema, mantinham-na imóvel.

Não era o que ela chamaria um homem belo, apesar da poderosa atração que a fascinava e a mantinha emudecida. Por absurdo que parecesse, estava há um tempo assustada e intrigada. Ouvir os batimentos do coração de seu próprio coração trovejando em seus ouvidos era uma sensação nova: uma que não lhe resultava de todo desagradável. Enquanto permanecia ali sentada, olhando-o de sua cela, só um pensamento penetrava a confusão de surpresa e emoção de seu cérebro: quão pequeno parecia tudo em comparação com ele.

-Não olha por onde vai ou tem o costume de atropelar às pessoas? -Disse de repente, em um tom tão áspero que Meleri, instintivamente, inclinou-se para trás a ponto de cair do cavalo -. O que faz uma mulher como você cavalgando sozinha em um lugar como este? Onde estão seus acompanhantes?

Tremendo contra sua vontade, Meleri seguia apanhada por esses olhos que a olhavam, chamejantes. De repente, invadiu-a uma repentina quietude, e um silêncio absoluto pareceu instalar-se no claro em que se encontravam. Uma névoa vaporosa ascendia do chão, envolvendo-a. Daquela bruma surgiu um velho castelo ruinoso construído sobre um abrupto saliente rochoso e envolto na escuridão. Produziu-se



um ruído, como o vento soprando através de um campanário, e sentiu que a empurravam, como se alguém lhe tivesse posto as mãos nas costas e a estivesse impulsionando para o castelo e sua escuridão. Encolheu-lhe o estômago ao pensar em entrar só no negrume.

De repente, ouviu uma voz masculina de suave acento, persuasiva...

"Segue seu destino... Entra com valentia na escuridão... Não tenha medo... Foi a tragédia e a dor o que o fez assim... Segue seu destino... Nem tudo está perdido...".

Um cão latiu ao longe. Os redemoinhos de névoa começaram a esfumar-se até desaparecer. Então, os sentidos do Meleri voltaram para a normalidade, e já não sentia outra presença, salvo a do desconhecido ao que acabava de atropelar.

Por estranho que parecesse, sentia uma estranha curiosidade por ele, que tentava sossegar convencendo-se de que era vontade de Deus que o conhecesse. Até chegou a vê-lo como parte de um plano divino, o qual a fez estremecer-se.

Não parecia absolutamente divino.

O sentido de encantamento que tinha acreditado sentir terminou quando uma mão fria como a pedra lhe sujeitou a mão e ouviu a suave pronúncia gutural do rufião escocês ao dizer:

-Fala inglesa ou é parva de capirote?

-Sou parva de capirote - respondeu Meleri, pestanejando.

O homem desdobrou um formoso sorriso, e ela se derreteu de alívio quando o ouviu dizer em tom de regozijo:

-Uma moça inglesa com senso de humor. Não esperava encontrar isso.

-Não somos muitas.

-Sei.

-Conhece muitos ingleses?

-Mais do que desejaria, mas não respondeu a minha pergunta. O que faz cavalgando sozinha em um lugar como este?

A sensação de atordoamento e perplexidade começou a dissipar-se, e foi substituída por uma quebra de onda de ousadia. Não devia dar impressão de debilidade ou de temor. Algumas bestas só atacavam aos mais débeis, ou aos que tomavam desgrçada eleição de correr.

-Duvido que seja assunto seu - respondeu, e não lhe passou por cima o brilho de irritação de seus olhos. Perguntou-se, talvez, precipitou-se um pouco ao encarar-se com ele. Resignou-se a aplacar a aquele rufião dos bosques, porque estava impaciente por prosseguir seu caminho-. Sempre cavalgo sozinha.

-E a sua família não importa?

-Sabem que sou uma amazona experiente.

-Ninguém está a salvo contra os acidentes ou os ladrões que espreitam pelos caminhos.

Meleri não pôde evitar abrir os olhos com surpresa enquanto perguntava:



-É você um ladrão, senhor?

Ele fez caso omissso da pergunta.

-Como se chama? -inquiriu -. O que faz aqui, nestes bosques? Vive perto?

-Não tenho costume de dar meu nome a desconhecidos, e não acredito que o propósito de minha presença seja de sua incumbência.

-Era de esperar, imagino.

-O que?

-Sua insolência... Certamente, é pelo cabelo, estranhamente vermelho para tratar-se de uma moça inglesa. Tem sangue irlandês?

-O que tenho ou não, não é assunto seu. Nasci aqui, de modo que sou inglesa até a medula. Isso deveria bastar.

-Deve ser irlandesa. Tem o temperamento irlandês que acompanha ao cabelo.

Olhava-a com receio, mas, apesar disso, viu algo no rosto do Meleri que lhe interessava, porque parecia contentar-se a observando com prazer.

Meleri aproveitou a oportunidade para olhá-lo fixamente também.

-A julgar por como me olha, senhor, pergunto-me se pensa pintar meu retrato.

-Poucos artistas poderiam lhe fazer justiça. Tem um rosto difícil de esquecer, moça.

Moça... Não sabia por que a irritava, mas o fez.

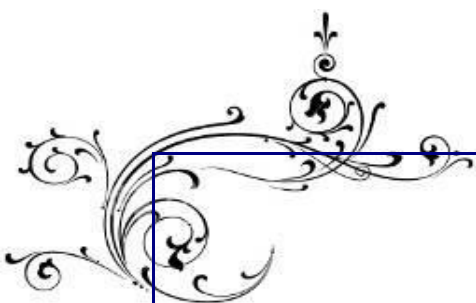
-Devia imaginar que era escocês, embora não tivesse falado. Suas maneiras só superam levemente os de um bárbaro.

-E você mostra as qualidades cobiçadas de um verdadeiro inglês... Prefere ser grosseira a educada.

Os rasgos do desconhecido se gravaram com fogo na memória de Meleri. Seu rosto era como uma cordilheira agreste, atalhoda pelo gelo e os ventos fortes, de cúpulas inóspitas, austeras e brutais. Mas se vislumbravam tranquilos vales verdes ocultos nas sombras da presença áspera e arrebatadora da montanha. Era a um tempo temível e misterioso e, de uma vez, o homem mais sedutor que tinha conhecido, a pesar do vazio daqueles gélidos olhos azuis. Sentia-se atraída para ele, e de uma vez desconcertada e incapaz de compreender por que. O que menos necessitava na vida naqueles momentos era aquele escocês indisciplinado cujos olhos não passavam nada por alto e prometiam muito.

Que sorte a sua! Ali estava ela, de caminho a liberar-se de um ogro e tropeçava com outro. Não necessitava um substituto. Mas, apesar de todas as razões pelas que devia afastar-se, surpreendeu-se se inclinando para ele, com o olhar posto em seus lábios. Era aquela confusão, além de sua irritação por sentir-se atraída para um possível proscrito, o que a impulsionou a dizer com aspereza:

-Tenho outras coisas que fazer além de ficar aqui trocando sarcasmos com você. Faz tempo que me esperam em meu destino. Estou segura de que enviaram a alguém para me buscar. Se não quiser sofrer a ira de minha família, solte a minha



égua agora mesmo. Devo prosseguir meu caminho - atirou das rédeas para fazer girar a seus arreios-. Deixá-lo-ei com suas ocorrências poéticas.

O homem não se arredou, e tampouco soltou o cavalo.

-Por mim como podem enviar todo um regimento. Se não puder ganhar em engenho a um punhado de ingleses, não tenho direito a me considerar um guia.

-E o que é o que guia senhor? Um rebanho de cabras escocesas? Ou são ovelhas?

-Tem uma língua afiada, moça, mas o que me surpreende é que parece orgulhar-se disso.

-Quer soltar meu cavalo para que possa seguir meu caminho e você possa retornar a sua guarida de escuridão e névoa? Está-me empurrando e, dentro de um momento, vou ser fiel à cor de meu cabelo.

-Eu gosto das moças com brio.

-Prometo-lhe que eu não gostará - disse e, levantando a vara, deixou-a cair sobre o ombro do desconhecido, ao tempo que lhe plantava um pé no peito e empurrava com todas suas forças.

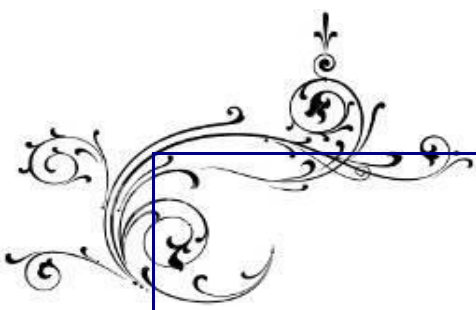
-Uuuf! -exclamou o escocês, e relaxou a mão com que sustentava a brida ao tempo que dava um passo para trás para não cair.

Meleri não necessitava mais vantagem. Instintivamente, perseguiu os seus arreios e baixou a vara aos flancos do animal. A égua se equilibrou para diante com um agudo relincho. Por temor a que a seguisse, Meleri se lançou à carreira mantendo a cabeça pega à crina da égua para evitar o roce dos ramos baixos.

Só quando deixou atrás as últimas árvores do bosque e saiu ao páramo aberto, reduziu o passo e voltou a cabeça.

Não havia nem rastro do escocês. Riu. Havia dito que tinha um rosto difícil de esquecer. Bom, tinha-lhe dado motivos para que o recordasse. Claro que não lhe serviria de nada.

Seus caminhos não voltariam a cruzar-se.



Capítulo 4

Robert Douglas viu afastar-se a galope à misteriosa mulher. Sabia que o fragor do sangue que corria por suas veias era a causa das furiosas palpitações que sentia nas têmporas. O que não sabia era por que se devia a aquela mulher. Acaso não era inglesa?

Durante vários minutos depois de sua marcha, permaneceu paralisado, olhando para o lugar pelo que tinha desaparecido. Dominado por um silêncio taciturno, tentou evocar a beleza de seu rosto... De seu rosto inglês. Horror! Ali estava ocorrendo algo misterioso e extraordinário. Estava sentindo coisas estranhas que não queria experimentar, e para as que careciam de explicação.

Assim que se foi, experimentou mais que uma pontada de decepção ao compreender que não voltaria a ver que não saberia mais dela do que sabia naqueles momentos... Que nunca voltaria a ver aquele rosto bendito.

Por que a tinha deixado ir? O que tinha que o atraía? Por que ela e não centenas de outras moças formosas que tinha visto? Não sabia. Só sabia que tinha algo que transcendia sua beleza. Ainda o atormentavam os breves minutos passados em sua companhia, e tinha a inexplicável sensação de que a voltaria a ver.

É obvio que a veria... Se fosse seu destino.

Destino... A palavra penetrou em sua mente com tanta delicadeza que, a princípio, não reparou nela. Como não ia penetrar? Era escocês. Era natural que acreditasse no misterioso. Também era presbiteriano e acreditava na predestinação. Fechou os olhos e viu um fulgurante cabelo vermelho.

Deu um chute na erva, furioso consigo mesmo por havê-la deixado partir. Tinha ido ali em busca de uma moça para casar-se. Uma eleição perfeita tinha estado a ponto de atropelá-lo e que fazia ele? Deixava-a partir, o muito estúpido. Deu outro chute.

-Não culpe a Mãe Natureza. Dar chutes à erva não devolverá à moça.

Robert se deteve e se voltou para ver aproximar-se seu irmão mais novo, Hugh.

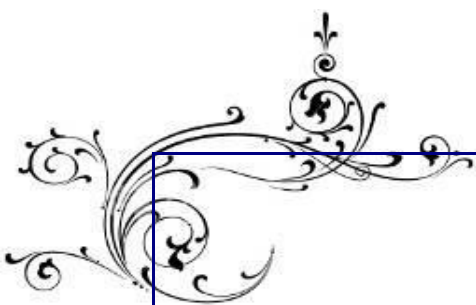
-Viu o ocorrido.

-Sim - riu Hugh-, vi como uma moça lhe fazia cair de costas ao chão. Era muito bonita, ruiva e, certamente, de olhos verdes. Toda uma moça se tiver derrubado a um homem como você.

Robert forçou uma gargalhada e se esfregou as nádegas.

-Sinto-me afortunado de que tenha sido quão único tem feito. Poderia me haver quebrado o pescoço.

Hugh o olhava com estranheza.



-Não é próprio de ti ficar petrificado e deixar que um cavalo te derrube. O que aconteceu? Não a viu chegar?

-Sim - disse Robert, ainda aturdido-, vi-a.

-Então, por que diabos não te afastou?

-Não pensei que me enrolaria até que não foi muito tarde.

-De onde eu estava, parecia decidida a te passar por cima.

Robert se sacudiu o pó.

-Bom o que é a vida sem conflitos?

Atônito, Hugh moveu a cabeça.

-Ainda não me entra na cabeça. Não é o tipo de homem que deixa que alguém o atropеле, em particular, uma moça.

-Não sei por que te surpreende, - repôs Robert-. Era uma moça inglesa. Faz tempo que seu passatempo favorito é enrolar aos escoceses, ou o esqueceste?

-Como ia saber que era inglesa?

-Estamos na Inglaterra, não?

-Sim, mas nós não somos ingleses.

-Não, e agora que o penso, ela não tinha maneira de saber que eu era escocês.

Hugh riu.

-Pode que seu cavalo sim.

-Ter-me-á reconhecido pelo acento - Robert olhou a seu irmão com severidade-. Deve ser muito agradável ser o mais jovem e sentir-se tão livre de responsabilidades para brincar em um momento como este.

-Em um momento como este? O que quer dizer? Parece que estivéssemos em guerra ou algo assim.

-Vim procurar uma esposa, recorda?

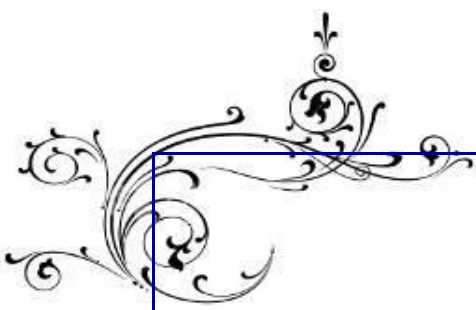
-Sim, e possivelmente o consiga se não fizer o possível para espantá-la, mas sim as conhecer. Segue meu conselho. Passar-lhe-ia isso melhor se recorresse um pouco mais ao humor. Poucas moças querem passar o resto de sua vida com um homem cujos rasgos parecem esculpidos em pedra.

-Obrigado, procurarei recordá-lo.

-Sério, por que a deixaste partir? Viemos aqui a te encontrar uma noiva, não?

-Viemos aqui a encontrar uma aristocrata com um grande dote.

-E possivelmente ela fosse. Fixou-te em seu traje? Seu cavalo era puro sangue. Não era uma moça qualquer, nem a filha de um moleiro procurando um devaneio. Tinha o porte de uma mulher de fila. Pensei que era uma oportunidade caída do céu como maná. Duvido que possa conseguir algo melhor. Reconhece que era mais que bela. Se a tivesse retido o bastante para lhe mostrar seu lado cativante, agora mesmo poderíamos estar retornando a Escócia com ela.



-Não tenho um lado cativante. Nunca tive tempo para isso. Você é o filho mais novo e conquistador. Você é o que teve todo o tempo do mundo para paquerar com as moças.

-Certo, mas você possui um lado escuro e misterioso que às mulheres resulta atraente e cativante. O que ocorre é que não sabe.

-Não me interessa ser atraente ou cativante. Preciso uma esposa... E que tenha um enorme dote. É assim simples.

-E você é um escocês com nada a oferecer salvo dívidas e um título. Será melhor que comece a te mostrar atrativo às moças. Tem pouco mais que oferecer. Poderia lhe haver feito que se derretesse em seus braços antes do ocaso. Vi como te olhava. Possivelmente lamenta tê-la deixado escapar tão facilmente. Era insolitamente formosa.

-Sim, era formosa... Quanto a deixá-la partir, já o lamento.

-Bom, que seja. Dará-nos melhor da próxima vez - Hugh riu entre dentes e moveu a cabeça-. Acredito que nunca tinha visto uma moça encarando-te como o fez aquela. Burlou-se de ti, né?

-Tomou-me por surpresa, nada mais.

-Certo. Não é a típica moça inglesa com gênio tão brando como um pudim.

-Não - retrucou Robert-. Acredito que leva sangue celta em suas veias.

-Talvez. Com esse cabelo, poderia ser irlandesa.

-Sim, poderia ser. Mas se foi e há mais moças.

-Sim, há mais moças. Quão único temos que fazer é encontrar uma. Quem sabe? A moça perfeita poderia cavalgar diretamente a seus braços quando menos lhe espere isso.

-A probabilidade de que isso ocorra pela segunda vez é remota.

-Bom, um homem pode sonhar, não?

Robert guardou silêncio.

Capítulo 5



Meleri se alegrou de deixar atrás a paisagem lúgubre e erma do campo salpicado de charcos, mas não conseguia desterrar de sua mente o escocês. Por estranho que parecesse, haver saído de sua mãos não lhe resultava tão satisfatório como tinha acreditado em princípio.

-Te concentre no que está fazendo - disse em voz alta, e advertiu que a égua inclinava as orelhas para diante. Deu-lhe uma palmada de afeto e, como tinha por costume, travou conversa com ela-. Se pudesse falar, poderia me dizer por que sigo vendo o rosto de um desconhecido quando deveria me concentrar no problema que tenho entre as mãos. Philip, a besta, deveria presidir minha consciência. Todo, meu futuro, minha felicidade, depende disso. Pensa Meleri. Pensa no que lhe dirá quando o tiver diante de ti.

Quando quis dar-se conta, já quase tinha chegado à estrada que conduzia ao castelo do Heathwood, a impressionante residência do Edward Ashton, duque do Heatherton e pai do Philip.

Philip, lorde Waverly, era loiro, alto e de uma magreza principesca, pensou. Aquele sim que era um homem criado à imagem de Deus. De fato, sempre pensava no Deus justiceiro quando o olhava. Era um homem duro e amargo, e duvidava que se preocupasse com ninguém. Nesse sentido se parecia muito a seu pai, Edward, que era aristocrático, altivo e, certamente, solitário, já que fazia mais de vinte anos que era viúvo e não se reunia com os seus amigos.

Na realidade, Philip era mais jovem, mas não mais suave que seu pai, o qual lhe fez perguntar-se se Philip seria ainda mais intratável que aquele quando alcançasse sua idade. Estremeceu-se ao pensar em encarar-se com o duque. A ideia de erguer-se ante eles, tremendo, com joelhos de manteiga... Afligia-a. Surpreendeu-se rezando para que o duque estivesse longe, em qualquer parte menos no castelo.

Tomou o longo caminho de acesso, flanqueado de árvores, que conduzia ao Heathwood e viu as torres do castelo que apareciam pelo topo da seguinte colina. Tinha chegado a um momento decisivo... e rezava para tomar a decisão correta. "Santo Deus, se estou equivocada, que me dê de bruços contra uma árvore... para que me entre um pouco de sentido comum na cabeça", pensou. "Mas se fizer bem, que choque com meu futuro assim que me parta daqui... e que a oportunidade perfeita caia em meu regaço".

Assim que terminou de percorrer o longo caminho de cascalho e viu os grandiosos ângulos e telhados do Heathwood soube que tinha feito bem indo ali.

Cavalcou para os estábulos, onde a aguardava um moço de quadra de tez pálida. Um novo pensou. "Pergunto-me quanto durará". O jovem a ajudou a desmontar e permaneceu em pé, pestanejando contra o sol brilhante.

-Ficará muito tempo, milady?



-Não, absolutamente - passou-lhe a vara e contemplou a pelagem lustrosa e úmida de sua égua-. Refrescá-la um pouco, faz o favor. Mas não a necessidade que lhe tire o arreio.

-Como quiser milady - disse a moço, e se afastou com a égua.

Meleri pôs-se a andar com passo decidido e cobriu rapidamente a distância que a separava da entrada. Estava a ponto de subir os degraus quando se deteve. Deu a volta depressa, justo quando o moço desaparecia pela esquina do estábulo. Gritou:

-Ouça... Sabe se lorde Waverly está em casa?

O moço se deteve e começou a acariciar o focinho da égua.

-Sim, milady. Recentemente deu um passeio a cavalo com dois amigos.

Deviam ser Harry Wellsby e Tony Downley.

-Maldita seja - disse Meleri, quebrantando outro tabu... Que proibia às mulheres empregar palavras reservadas aos homens. A presença do Harry e do Tony não era bem-vinda. Waverly não necessitava reforços. Embora fossem seus melhores amigos... e dois dos libertinos mais conhecidos de Londres, sempre tinham que estar juntos. A Meleri caíam bem, sinceramente, mas aquele era um momento especial e teria preferido estar a sós com Philip. Como conseguiria apartar-los de Philip?

Não o conseguiria, estava segura.

Suspirou. A presença dos amigos do Philip seria um obstáculo, mas não um impedimento. Decidida a levar adiante seu propósito, avançou com passo decidido até a porta principal. Bateu na porta de madeira com força.

Chipping, o mordomo, abriu a porta com sua acostumada irritação.

-Ah, é você, lady Weatherby.

-Sim, sou eu - disse Meleri, franqueando a porta. Tirou as luvas e se deu um golpe seco com elas na palma-. Eu gostaria de ver o Philip... Lorde Waverly, se for tão amável. Poderia lhe dizer que estou aqui?

Chipping inclinou a cabeça com formalidade.

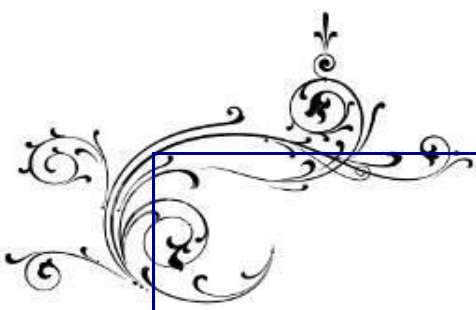
-Em seguida. Pode esperar aqui - disse, e abriu a porta da sala.

Meleri entrou e ouviu que Chipping fechava a porta.

Quando o carrilhão do vestibulo tocou a hora, surpreendeu-se ao ver que eram as três. A tardança, e os nervos tensos, lhe impediam de tomar assento. Começou a dar voltas. Enquanto caminhava, ensaiava o que ia dizer.

Queria aproveitar ao máximo o elemento surpresa. A natureza rígida e inflexível do Philip fazia impossível apelar ao diálogo e à razão.

Apesar de seu aprumo, sentiu um pequeno estremecimento de temor. Philip não era tão alto ou tão temível como o duque, mas era uma figura autoritária, e ela se dispunha a abordar um assunto desagradável. A dúvida era como devia fazê-lo. De cheio ou com sutileza, como um pequeno passeio de barco pelo lago, para depois empurrá-lo pela amurada?



Suas reflexões terminaram quando a porta se abriu e Philip entrou ociosamente na sala, com o Harry e Tony lhe seguindo os talões com seu acostumado estilo jovial, cercando um diálogo engenhoso.

-Vejam, olhem a quem temos aqui. É esta uma grata surpresa?

Tony e Harry riram em resposta ao sarcasmo. Philip, só levemente regozijado, deu um passo para ela, dispondo-se a saudá-la com seu acostumado beijo fugaz. Era uma ação rançosa e sem sentido, e Meleri preferiu evitá-la lhe tendendo a mão.

-Philip...

Foi então quando Tony e Harry a saudaram com uma inclinação mais formal.

Com um gesto, Philip lhe indicou o sofá para que se sentasse. Meleri se aproximou dele mas se deteve bruscamente.

-Prefiro ficar de pé.

Waverly se limitou a encolher os ombros.

-Peço-te desculpas por te haver feito esperar. Não me informaram que foste vir. Descuida, não voltará a passar.

-Não há nenhum culpado. Minha visita não estava anunciada e a planejei no último minuto.

Philip permanecia em pé, junto a um horrível louro dissecado apoiado em um cabide, frente a ela. Tony e Harry se encontravam perto da chaminé, entre duas cadeiras douradas estilo rococó.

-Então, me diga a que vieste? -Disse Philip-. Não é próprio de ti fazer uma visita de cortesia. Não sabia se Chipping estava brincando ou se lhe falhava a vista.

-Sua vista está perfeitamente, mas, como outros ocupantes desta casa, é incapaz de um pouco remotamente cômico.

Claramente satisfeito, Harry interveio com um completo.

-Atrevo-me a dizer que o ar do campo te favorece. Cada vez que te vejo está mais bonita.

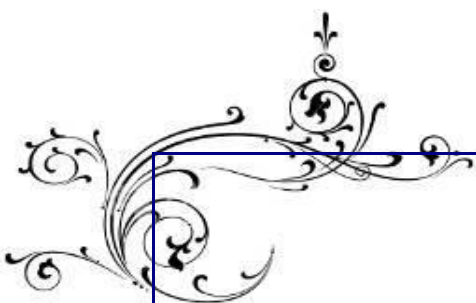
Philip arqueou uma sobrancelha inquisitiva.

-De verdade quer que eu acredite?

-É obvio! -respondeu, e desdobrou um amplo sorriso sem deixar de contemplar ao Meleri -. Sério, Philip foi muito afortunado por que assinassem seu compromisso contigo tão jovem. Com sua beleza, não teria durado nem meia temporada em Londres. Ter-te-ia prometido em seguida - olhou ao Tony-. Não está de acordo?

-Por Deus, Harry! Por que me toma? Teria que ser tão descerebrado como um espanador para não coincidir - Tony imitou a seu amigo e a olhou de cima abaixo-. Começo a desejar haver adiantado ao Philip.

-Mas não o fez, e agora a tenho bem atada com um limpo laço contratual. Que afortunado sou. Temo que já seja muito tarde para ti - acrescentou Philip com



desenvoltura, mas Meleri viu além da brincadeira. Não havia nem um ápice de humor em sua voz.

Harry lhe deu uma palmada nas costas.

-Pelo Júpiter! Goteja confiança. Não é boa ideia contar os ovos e chamá-los galinhas, sobre tudo, quando há uma raposa nos arredores. Poderia ocorrer algo, sabe? Não terá que dar por segura a uma mulher bela, nem antes nem depois das bodas.

Philip não fez conta. Meleri ouvia os furiosos batimentos do coração de seu coração, que cresciam ao mesmo tempo em que sua irritação. Tinha a pele ruborizada e cálida, e sabia que a ira estava manifestando-se com rodela de cor por todo seu corpo. Philip lhe levantou o queixo com a palma e deslizou os dedos pela bochecha candente.

-E o rosto de uma mulher se ruboriza desta maneira só em três ocasiões. Quando está intensamente furiosa, quando retém a verdade ou detrás passar uma tarde no leito de seu amante.

Meleri ficou tão horrorizada que não pôde mais que proferir uma exclamação de ultraje. Sem deixar de lhe sustentar o queixo, Philip voltou a deslizar os dedos pela bochecha do Meleri.

-Me diga amor, qual das três é aplicável a ti? Meleri lhe apartou a mão.

-Não volte a me tocar! - nem sequer as maneiras polidas de Philip ou sua fluida sofisticação podiam anular uma ofensa tão censurável e intencionada. Meleri tremia de fúria. Naquela ocasião, Philip tinha transpassado os limites do insulto.

Harry tentou tirar veneno às palavras humilhantes de seu amigo.

-Uma mulher pode luzir rosas nas bochechas por dúzias de motivos, mas só um contente passeio a cavalo pelos páramos pode tingir-se as de cor cereja.

-Meleri não necessita que a defenda. É perfeitamente capaz de atirar seus golpes letais, e não suspeito que tenha boa prova disso antes que acabe a jornada.

Tony afastou-se da palestra.

-Por minha honra, Waverly! Está perdendo o controle de sua linguagem. Não estamos em Londres. Reserva sua malícia para a corte. Não vê que ela não está acostumada a isto?

-Muito bem - disse Philip com fluidez, e se voltou para o Meleri-. Perdoa a perversão de minha língua. Gosta de um chá? Posso chamar à senhora Plemmons.

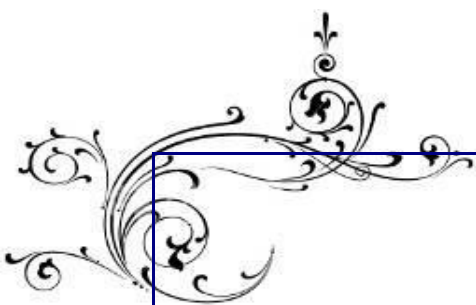
Jogando faíscas, Meleri só acertou a dizer:

-Não vim a tomar o chá. Isto não é uma visita de cortesia.

Philip arqueou as sobrancelhas e tentou mostrar-se surpreso.

-Que não é uma visita de cortesia? Então, a que devo o prazer de sua chegada?

-Vim falar contigo. -Por favor - disse, e assinalou um assento-. Acomode-te e falaremos quanto queira. Meleri permaneceu em pé. -Prefiro falar contigo... A sós, se não te importar.



-Ejem! -exclamou Harry. Pelo Júpiter! Acredito que preciso dar um curto passeio para estirar as pernas. Gosta de me acompanhar? -disse ao Tony.

-Estarei encantado, velho amigo. Tony e Harry se voltaram para a porta, mas Philip os deteve.

-Não é preciso que saiam correndo -disse -. Melli e eu não temos segredos que não possamos compartilhar com nossos amigos íntimos - voltou-se para ela-. Verdade, querida?

Enfurecia-a que empregasse seu apelativo da infância, mas não o refletiu. Sabia por que o fazia. Queria desfrutar da vantagem de havê-la alterado. Assim que ela perdesse o controle de seu gênio, seus raciocínios se iriam pela janela. "Dava o que vieste a dizer e, depois, poderá lhe romper um vaso na cabeça".

-Nós não temos nada, Philip, nem sequer um compromisso.

Philip olhou a seus amigos.

-Uma notícia tão terrível como essa só pode significar uma coisa. Acredito então que é possível que outro homem se esteja interposto entre nós, que Meleri lhe tenha permitido me substituir em seu afeto?

Tony e Harry tiveram a inteligência de não dizer nada. Quanto a Meleri, a irritação que tinha estado lhe fervendo o sangue se converteu em um vendaval em toda regra.

-No referente ao meu afeto, até uma térmita poderia te substituir.

-Fresca como a pintura, não lhes parece? Acredito que ficou muito ao sol. As donzelas da campina esquecem sua faceta delicada.

-Tolices! -Exclamou Meleri-. Por que não diz o que de verdade pensa e deixa de fingir? Não vim aqui a me andar com rodeios a não ser a dizer o que penso.

-Ao menos, isso durará pouco.

-Não o bastante pouco para meu gosto.

-Sabe sir William que vieste aqui e com que propósito?

-A maioria das vezes, meu pai não sabe nem que horas são.

-Estou-me perdendo algo? Desde quando é costume que uma mulher tome as rédeas e as decisões e, além disso, faça exigências?

-Pensa o que queira não me importa. Tenho algo que dizer e o direi... A ti ou a uma habitação vazia.

Ao Philip tremeram as comissuras dos lábios, e dirigiu para seus amigos um olhar de regozijo.

-Uma engenhosa pequena atriz, não lhes parece? - voltou a sorrir, mas naquela ocasião de maneira forçada-. Céus! Acredito que nunca te tinha visto com tanta determinação no olhar. Vejo-te muito alterada.

-Não, Philip, acredito também que não vê nada. Jamais pudeste ver nada mais além de ti. Só que não me tinha dado conta até recentemente.

-Desde quando sua amável estima se tornou tão amarga?



-Não é amargura. Estou farta de todos os anos que esbanjei com uma pessoa incapaz de sentir, capaz só de enganar. Tantos anos perdidos porque nossos pais foram o bastante estúpido para nos comprometer de meninos, sem tomar em consideração se nos complementaríamos quando crescêssemos.

Philip uniu as mãos e se aproximou os dedos indicadores aos lábios.

-Acredito que começo a compreender. Preocupa-se que não tenha fixado uma data. É isso? Está ansiosa por te casar. Tenho razão?

-Não me compreende absolutamente. O que sinto é o oposto a tudo o que há dito. Se algo me agradou neste compromisso é a demora em fixar a data de nossas bodas. Acredite-me quando te digo que me alegro muito de que não tenha ultimado o acordo. Poderia dizer-se que estou encantada.

-E por quê? Creio que adotar essa atitude me impulsionará a atuar, que responderei ao desafio e ultimarei o acordo a toda pressa?

Meleri sentiu um cansaço repentino e impaciência por acabar com tudo aquilo.

-Philip, não podemos ser sinceros um com o outro pela primeira vez na vida? Não quero fixar uma data nem ultimar o acordo. Não quero organizar umas bodas. E, em particular, não quero me casar... Ao menos, contigo.

O semblante do Philip trocou por completo, e Meleri viu além da fachada que apresentava ao mundo. De repente, compreendia com o que se enfrentava. Já não jogaria com ela, nem lançaria sarcasmos nem comentários engenhosos. Viu sangue em seus olhos e conheceu o sabor do medo.

-Pobre e lenta desgraçada. Tenta me dar um ultimato? Porque, nesse caso, pode te economizar a moléstia.

Meleri se alegrou de repente de que Philip lhes tivesse pedido ao Tony e ao Harry que ficassem. Conhecia o Philip o bastante para saber como reagiria ao que ela pensava dizer a seguir e também sabia que conteria sua fúria e sua força em presença de seus amigos. Não era estúpido, e lhe sobrava orgulho. Meleri contava utilizando-o em seu benefício.

-Vim porque queria pôr fim a nosso compromisso - limitou-se a dizer.

Fez-se o silêncio na habitação. Nem sequer se ouvia o tic tac do relógio. Quase enjoada de alívio, Meleri tomou ar, surpreendida de que umas poucas palavras pudessem fazê-la sentir-se tão ligeira.

Um rápido olhar às mãos de Philip bastou para ver que tinha os punhos fechados. Aquilo redobrou o alívio que sentia pela presença do Tony e do Harry. Era evidente que estava furioso por aquela humilhação e, de não ser pela presença de seus amigos, a teria golpeado.

Philip fez um grande esforço por dissimulá-lo, como evidenciava seu tom de indiferença.

-Não fale mais, rompemos aqui e agora. Possivelmente te surpreenda saber que tinha sido meu propósito faz tempo. Como cavalheiro que sou, estive esperando,



confiando em te dar tempo para que compreendesse minha profunda insatisfação e desagrado. Dei-te a oportunidade de tomar a iniciativa. Demoraste muito em fazê-lo. Começava a pensar que foi um pouco lerda. Suponho que isto denota a debilidade do intelecto feminino. Quantas moléstias! E a espera... Miúdo aborrecimento!

Harry tossiu e Tony trocou de postura. Aos dois os via extremamente incômodos, com o olhar cravado no chão.

A Meleri não a afetava nenhum dos comentários depreciativos que lhe lançava Philip. Estava tão entusiasmada pelo êxito de sua empresa que estava mais que disposta a lhe dar a oportunidade da revanche.

-Não sabe quanto me alegra ouvir isso. Há algo a favor do acordo mútuo, já que o facilita todo muito, não te parece?

-Sempre respira conseguir algo que alguém leva esperando muito tempo. Era impensável acreditar que me rebaixaria a me casar com uma garota como você - fez uma pausa e lhe lançou um olhar gélido de rechaço -. É isso tudo ou há algo mais?

-Não - disse Meleri, com o alívio misturado com um matagal de emoções distintas. Esforçou-se por olhar ao Harry e ao Tony com firme resolução.

-Quero lhes pedir sua palavra de cavalheiros e de membros da aristocracia nobiliária de que fostes testemunhas da anulação deste compromisso por acordo mútuo. Tenho sua palavra?

Harry e Tony se olharam entre si.

-Tenho sua palavra? -repetiu Meleri.

-Sim - disse Tony por fim -, tem-na.

-Como cavalheiro e membro da nobreza?

-Como cavalheiro e membro da nobreza - repetiu.

-Também tem a minha - disse Harry-. Como cavalheiro e demais.

-Muito bem. Dou-lhes as obrigado - voltou-se para o Philip-. Dir-se-ia que estamos todos de acordo, e agora que temos quebrado o compromisso, não tenho nada mais que acrescentar. Se me desculparem, por-me-ei em caminho...

Philip a interrompeu com aspereza.

-Então, não te importará que não te acompanhe à porta?

-É obvio que não. Estou acostumada à grosseria quando estamos juntos. Bom dia, cavalheiros.

-Adeus - disseram Harry e Tony ao unísono.

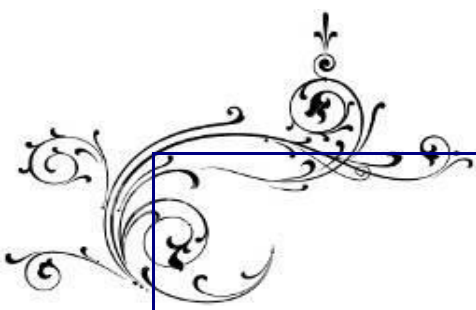
-Até nunca - foi a contribuição do Waverly.

Já quase tinha chegado à porta quando ouviu dizer ao Philip:

-Um brinde por minha liberdade, e uma aposta, de cavalheiros. Cem libras a que me casarei muito antes que minha ex-prometida.

-Feito - disse Harry.

-Eu também a aceito -repôs Tony -. Fará apostas no White's?



-Tudo ao seu devido tempo. Primeiro tenho outros assuntos urgentes que atender em Londres. Se partirmos hoje, poderíamos chegar amanhã. Estou impaciente por lhe dizer a certa dama que por fim sou um homem livre.

Aquilo a desarmou.

Meleri girou, jogou um vaso ao horrível louro dissecado e o lançou ao Philip. Este tentou apanhá-lo, mas passou voando sobre sua cabeça e se chocou contra um abajur de latão. Ao Philip caiu uma chuva de plumas verdes e amarelas.

Meleri sorriu com doçura e disse:

-Falhaste, mas não se preocupe. Se não puder apanhar a sua pipoca, sempre poderá te conformar com uma outra coisa. Embora espere que você goste dos louros. Tenho entendido que a filha do duque tem cinco, e que todos recebem o nome de seus antigos pretendentes. Philip o Louro! Não soa mal.

E, ato seguido, saiu da habitação, não sem antes ouvir a risada contagiosa de Harry e de Tony. Quando chegou à porta, Chipping a estava sustentando, e saiu à luz do sol, ainda tremendo, mas deliciosamente feliz por ter superado aquele temível sucesso. Enquanto baixava os degraus, percorreu-a um estremecimento de alívio.

Por fim se livrou do Philip.

O cascalho rangia sob seus pés enquanto se dirigia aos estábulos. Não viu o moço, mas sua égua estava ali, atada a um poste. Correu a soltar as rédeas e, quando terminou, divisou ao Philip no alto dos degraus, falando com o Tony e com o Harry. De repente, gritou-lhe:

-Agora que necessita marido, tenho entendido que o filho do carreteiro está procurando esposa. E também o dono da estalagem A Jarra de Vinho.

Devia desfrutar de do som de suas próprias gargalhadas, pensou, porque Harry e Tony apenas riam. A Meleri não importava. Estava muito ocupada lhes fazendo caso omissos enquanto se dirigia ao toco. Assim que subiu à cadeira, recolheu as rédeas e apressou à égua para que avançasse.

Estava passando diante da porta pensando que o pior tinha acabado quando ouviu a voz do Philip.

-Faria bem em considerar o filho do carreteiro, porque será sua melhor opção. Escute-me bem, jamais encontrará um marido entre a nobreza. Eu mesmo me ocuparei disso.

Meleri se deteve e o olhou com frieza.

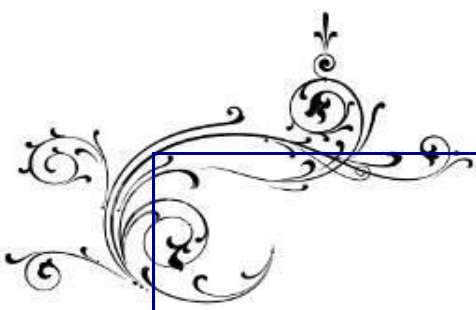
-Então, será melhor que se apresse.

-O que me apresse? - seu cinismo era óbvio

-Por quê? Quem quereria casar-se com uma mulher que não era mais que uma menina Mona e tola com muita segurança e nem um ápice de sentido comum?

Uma menina tola? Contraíram-lhe todos os músculos e se voltou para ele, furiosa.

-Realmente é o que dizem de ti... Um bastardo exímio.



-Pobre e patética mulher, de verdade crie que poderá encontrar marido antes que arruíne todas suas possibilidades, por penosas que sejam? Impossível.

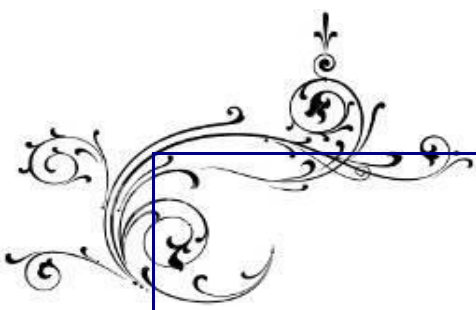
-Não se me caso com o primeiro homem que encontre.

-Nem sequer você te atreveria a ir tão longe.

-Para me liberar de ti, faria isso e mais.

A risada zombadora do Philip vibrou pelo ar. Meleri baixou a vara e sua égua se equilibrou para diante, ao galope. Não voltou a cabeça, mas ouviu as risadas de Harry e de Tony fundindo-se com as do Philip. Não permitiria que ganhasse outra vez. Casar-se-ia com o primeiro homem que encontrasse.

Embora tivesse que pedir-lhe ela mesma.



Capítulo 6

Antes que Meleri se perdesse de vista, Tony, que estava bastante pensativo, disse:

-Dar-te-á conta, imagino, pelo que tem feito.

Lorde Waverly suspirou, exasperado. Estava cansado de tudo aquilo. Necessitava tempo para pensar na daquele desastroso encontro com o Meleri. Não queria falar dela nem de nada relacionado com sua ex-prometida. Estava fora de sua vida e preferia deixá-la fora de seus pensamentos e de qualquer conversação.

-Sei muito bem o que tenho feito - disse em atitude brusca e imperiosa-. Tirei que minha vida uma pequena fonte de irritação.

Harry e Tony se olharam aos olhos antes que Harry dissesse:

-Temo que deixaste entrar uma fonte maior.

-Uma fonte maior? Devo adivinhar quem é essa pessoa?

-Não sei como será fácil, tendo em conta de que estou referindo-me a seu pai - disse Harry.

-Meu pai não será um problema. Sua principal preocupação é que me case e não com quem me case.

Seus amigos voltaram a cruzar um olhar. Passado um momento, Tony disse:

-Acredito que poderia estar subestimando o seu pai. Esquece o que pensa de seu matrimônio com lady Weatherby, e como se negou a que trouxesse o tema de um possível enlace com qualquer outra?

-Só porque se sentia obrigado a cumprir um antigo contrato de compromisso. Entretanto, Meleri me ofereceu o escapamento perfeito. Não pode me culpar por rompê-lo.

-Pode que o duque não o veja dessa maneira - disse Harry -, e é ele quem manda aqui, não você. Só faz duas semanas que presenciamos essa briga entre vós. Foi terrível.

-Deu-te um ultimato essa noite, se por acaso o esqueceste - disse Tony.

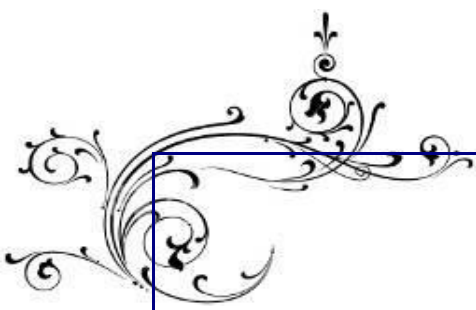
Os batimentos do coração do Philip começaram a acelerar-se com a lembrança daquela noite e do furioso giro que tinham tomado as coisas.

-Não é a primeira vez que me ameaça. -Dessa forma, sim - disse Tony.

-O que pretende?

-Não queremos que corra um risco tão grande com seu futuro e com sua herança.

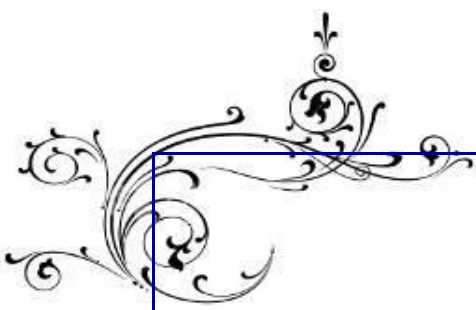
-O que querem que faça? Pôr-me de joelhos ante a garota e lhe suplicar que volte?



-O que faça é teu assunto - respondeu Tony. Somos seus amigos, não seus advogados.

Philip sentiu que estava por baixo, mas se negava a permitir que aquele assunto destruísse sua paz mental.

-Então, sigam sendo meus amigos e troquem de tema. Canso-me de falar de lady Weatherby e de meu pai. Proponho que entremos e brindemos por minha restaurada liberdade.



Capítulo 7

Horas mais tarde aquele mesmo dia, quando retornou ao Humberly Hall, Meleri encontrou a Elizabeth esperando e procedeu a lhe falar da reunião com o Philip.

-Graças a Deus que terminou! - disse sua irmã com evidente alívio. Estava nervosa. Fazia tanto tempo que te tinha ido...

-Foi por uma boa causa. Ainda não posso acreditar que Waverly tenha permitido que seu orgulho lhe roubasse o sentido comum. Quando quis me dar conta, estava-se comportando como se a decisão de romper o compromisso tivesse sido ideia dele.

-Poderia negá-lo, é obvio.

-Pensei-o. Por fortuna, Tony e Harry estavam ali, assim lhes pedi que jurassem o que tinham presenciado.

-E o fizeram?

-Sim - Meleri não pôde reprimir um sorriso...

-Ia reunir-me com nosso pai para jantar. Acompanha-nos? - Elizabeth resplandecia de deleite.

-Claro, mas antes quero trocar de roupa.

Na manhã seguinte, Meleri abriu os olhos ao amanhecer. A primeira coisa que pensou foi que era livre: desfez-to-se de lorde Waverly, e de seu compromisso, do matrimônio com um homem tão indesejável.

Já estava vestida quando Betty entrou com a bandeja do café da manhã.

-Caramba! Como madrugou hoje, milady... E já se vestiu! Pensa ir a alguma parte?

-Não. Elizabeth já esta levantada?

-Sim, milady, está tomando chá no jardim. -Perfeito. Acredito que me reunirei com ela.

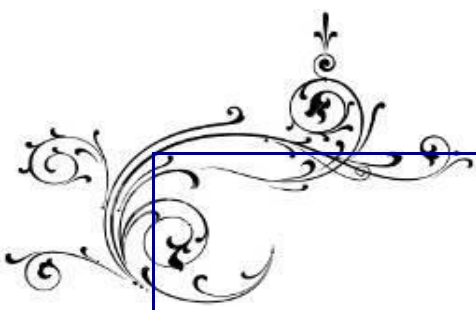
Meleri encontrou Elizabeth no jardim, como Betty havia dito. Entre xícaras e xícaras chá, contou-lhe com detalhe sua reunião com o Philip.

-Não sabe quanto me alivia ter acabado com este assunto.

-Tenho a angustiosa sensação de que não está tão acabado como pensamos - disse Elizabeth.

-Pouco pode fazer Philip a respeito. Rompeu o compromisso e tem ao Tony e ao Harry de testemunhas.

-Sei, mas mesmo assim, preocupa-me.



-Fique tranquila, tudo sairá bem. Acompanhe-me ao roseiral. Quero cortar algumas rosas para a senhora Mayhew. As enviarei com um pulôver que tenho feito para seu bebê.

Santo Céu! É que a senhora Mayhew segue aumentando sua prole? Quantos filhos têm?

-Treze, acredito.

-Minha mãe! Se eu tivesse a metade que ela, insistiria em dormir em quartos separados... Não, em camas separadas.

As irmãs riram e, agarradas por braço, dirigiram-se a roseira.

Depois do almoço, Meleri saiu para dar um curto passeio a cavalo. Quando retornou, tropeçou com a senhora Hadley.

-De maneira que está aqui - disse o ama de chaves. Estive-te procurando por toda parte.

-Acabo de retornar do passeio. Ocorre algo?

-Seu pai te estava procurando.

-Onde está?

-Tomando um pouco o sol no jardim, mas isso já faz um tempo. Duvido que esteja lá agora.

-Encontrá-lo-ei - disse Meleri, e se foi em busca de seu pai.

Encontrou-o com facilidade, em um de seus lugares favoritos, a biblioteca. Estava sentado ante a enorme mesa lavrada do salão, rodeado de janelas com uma parte de livros. Amontoados ao seu redor havia volumes de livros antigos, a maioria, difíceis de encontrar. Duas eram edições muito apreciadas. Seu pai estava inclinado sobre um dos livros segurando uma lupa quando ela entrou na habitação.

-Papai, podemos conversar? Sir William levantou a cabeça e se ajustou os óculos. - Melli, minha pequena. Venha, venha! - disse. Tenho algo que te ensinar.

Estava tão afligida por que seu pai a tinha reconhecido que, em um primeiro momento, ficou paralisada. Logo que tinha começado a rodear a mesa quando Jarvis entrou na habitação. Meleri se voltou para ele.

-Desculpe a intromissão, milady, mas acaba de chegar isto para sir William.

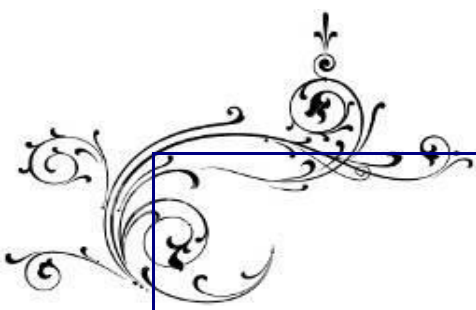
Meleri tomou a carta e viu o escudo de lorde Waverly.

-Lorde Waverly está aqui?

-Não, milady. Trouxe-a um dos moços de quadra do duque do Heatherton.

A Meleri lhe desbocou o coração. Por que ia Philip a lhe enviar uma carta a seu pai? Não era dado a dar explicações. Logo que tinha tido tempo para guardá-la carta no bolso quando seu pai perguntou: - Ocorre algo?

-Não, nada. Não era mais que um mensageiro com uma carta para a Elizabeth - disse, sentindo-se horrível e culpada por mentir a seu pai, embora soubesse que era necessário. Devo ir para que possa ler. Em seguida volto. Sir William já tinha tomado a lupa e retomado a leitura com a lupa que tinha diante.



Meleri subiu correndo as escadas e encontrou a Elizabeth no quarto. Explicou-lhe que acabava de chegar uma carta de lorde Waverly.

-E o que diz? - perguntou Elizabeth, angustiada.

Meleri tirou do bolso, começou a rasgá-lo mas o pensou melhor e o entregou a sua irmã.

-Toma, abre-o você. Eu estou muito nervosa.

Elizabeth tremia as mãos enquanto extraía a nota e começava a ler.

Querido sir William:

Meleri me tem feito hoje uma visita. Não estava em seu melhor estado de ânimo. Em qualquer outro momento, não teria tido importância, mas hoje me sentia um pouco abatido e me deixei levar pela irritação para sua rebeldia. Quando disse que queria romper o compromisso, não estava de humor para raciocinar. Pareceu-me melhor agradá-la, fazer de pai indulgente, até que ela compreendesse por si mesmo seu engano.

Temo que se fora do Heathwood com a equívoca impressão de que nosso compromisso tinha cessado. Nada poderia distanciar mais da verdade. Como hei dito só a agradei para que ela mesma repensasse. O envio esta nota só para informar o do ocorrido. Conhecendo Meleri como a conheço, estou seguro de que insistirá em que eu acessei de todo coração.

É meu mais sincero desejo que amanhã desperte e descubra que recuperou a sensatez. Acredito que fui paciente esperando a que Meleri ficasse madura. É hora de marcar a data de nossas bodas. Dentro de um dia ou dois, acontecerei com visitá-lo antes de falar com ela.

Estou convencido de que poderemos acalmar os temores de sua débil mente feminina. Assim que estejamos casados, não duvido de que se deixará de tolices e se converterá na filha e esposa obediente que os dois levamos tempo desejando.

Despede-se seu leal e futuro genro, Philip.

-Ah, canalha! - exclamou Elizabeth enquanto dobrava a carta e a guardava no envelope. Entregou a Meleri e esta o meteu no bolso com mãos trêmulas.

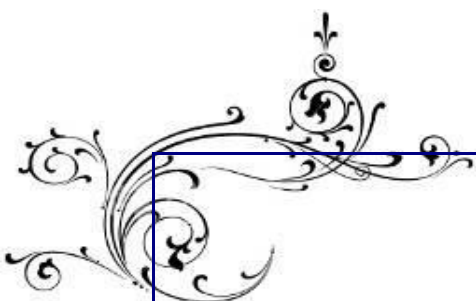
-Não compreendo o que ocorreu para que Philip mudasse de ideia - disse Meleri. Certamente, não se apaixonou loucamente por mim da noite para o dia. Não tem sentido.

-O que tem sentido é seu comentário de que te deixará de tolices e te converterá em uma filha e esposa obediente assim que te case - disse Elizabeth. Pretende te submeter a golpes, se for preciso.

-Não o duvido.

Elizabeth tomou as mãos de Meleri nas suas.

-Sei que será difícil para ti, mas tem que partir daqui o quanto antes possível. Deve manter-se a distância. A mais longa distancia possível entre você e lorde Waverly. Já alertei ao meu marido a minha intenção de levar nosso pai comigo a



Londres. Apressá-los-ei para que o tenham tudo preparado para amanhã. Seria melhor que partisse antes que nós, ao amanhecer. Assim, se lorde Waverly se apresentar antes de nossa marcha, farei o que puder para entretê-lo ou, ao menos, assinalar-lhe-ei a direção equivocada.

Meleri sabia que a situação era se desesperada, e escutar a Elizabeth fez compreender a realidade. Sua meio-irmã tinha razão. Não podia ficar ali. Não era bastante ingênua para pensar que poderia persuadir ao Philip pela segunda vez.

Seu único problema era que não tinha nenhum destino em mente. "Deve haver algum lugar", pensou. "Aonde posso ir onde ninguém me reconheça?".

-Aonde irá?

Meleri se olhou as mãos.

-Não sei. Acreditava que teria mais tempo para organizar.

Elizabeth ficou pensativa um momento.

-O que me diz de sua antiga babá? Não te escreve ela?

-Agnes! É obvio - disse Meler. Seria perfeita. Não gosta do lorde Waverly e vive na Escócia, perto da Gretna Green.

Elizabeth fechou os olhos e cruzou as mãos sobre o peito.

-Uma resposta as nossas orações. Agora, ande depressa e recolhe suas coisas, mas lembre-se, não leve mais do que possa carregar em seus arreios. Não será sensato que vá de carruagem nem que leve a alguém contigo. Seguir-lhe-iam mais facilmente. Pedirei à senhora Hadley que te prepare um pouco de comida para levar.

Sem perder um momento, Meleri correu a seu roupeiro e baixou a caixa de correspondência. Dentro dela encontrou a última carta que tinha recebido de Agnes, escrita vários meses depois da morte de seu marido. Convidava ao Meleri a visitá-la e lhe dava instruções de como chegar a sua casa.

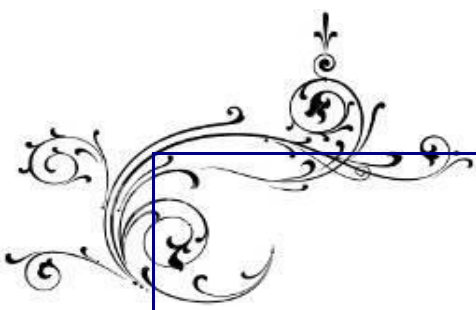
Meleri guardou a carta no bolso, junto com a do Waverly. Não se incomodou em preparar bagagem. Viajaria a passo rápido e não queria que o peso a detivesse. A roupa podia comprar; a liberdade, não.

Depois de uma noite de sonhos intranquilos, Meleri despertou com os primeiros sons da alvorada. Meia hora mais tarde, afastou-se a galope, até que perdeu de vista seu amado Humberly Hall. Mas não podia pensar nisso.

Deu-se conta de que se foi sem dinheiro, salvo pela pequena quantidade que Elizabeth lhe tinha dado. Tremia ao pensar no que ocorreria se sua égua desabasse e ficasse machucada. Jamais poderia escapar de Philip a pé.

Não pensaria nisso. Ocorresse-lhe o que lhe ocorresse, não poderia ser tão terrível como uma vida com lorde Waverly.

-Pensa no futuro e na Escócia - disse-se, e sai com sua égua, tentando não pensar na enorme sombra que o futuro jogava sobre o presente.



Capítulo 8

-Levamos todo o dia cavalgando e ainda não há moças à vista - disse Hugh-. Não demorará a anoitecer. Pensa continuar a busca na escuridão ou acampamos já?

-Acamparemos quando chegarmos a um lugar apropriado.

-Se conseguirmos vê-lo.

Meia hora depois chegaram a um riacho que fluía desde uma estreita garganta situada entre as colinas. A um lado do riacho se estendia um campo pantanoso, infranqueável e perigoso. Ao outro, a terra era relativamente sólida. Não muito longe, onde estavam disseminadas as ruínas de um velho castelo, a terra se elevava brandamente por cima do campo e lhes oferecia uma esplanada de terra seca.

Antigamente a magnífica torre estava em parte intacta, com duas paredes formando ângulo. Eram muito grossas e lhes dariam proteção para atar a seus cavalos.

-Parece um bom lugar para passar a noite - disse Robert. Acamparemos aqui.

Desmontou e atou a seu cavalo, mas Hugh ficou olhando ao longe com melancolia.

-E eu que estava pensando em uma cama branda em uma estalagem... Com uma inglesa ainda mais branda para esquentá-la...

-Sempre tão sonhador. Não faz falta que gastemos moedas nem que chamemos a atenção.

Hugh se encolheu de ombros e desmontou.

-Sim, é muito mais divertido acampar, para que moças extraviadas possam nos atropelar. Não lamenta havê-la deixado partir?

-Quer parar de falar pelos cotovelos? Lamentei-o ontem. Hoje já esqueci o incidente.

Robert conduziu a seu cavalo aonde Hugh se encontrava. Plantou-lhe as rédeas na mão.

-Deixa de tagarelar e te ocupe dos cavalos enquanto eu procuro algo de quatro patas para comer - avançou uns passos, deteve-se e girou em círculos. E, quando voltarmos espero que já te tenha se esquecido dessa moça.

Hugh riu.

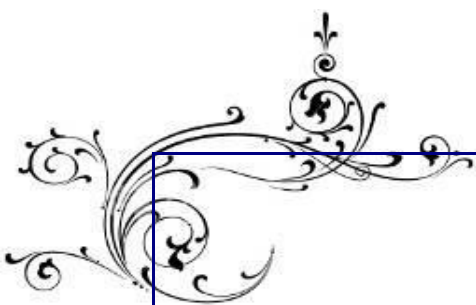
-Claro. Por que não tenta fazer você o mesmo?

O sol se afundava no céu quando Robert retornou com um coelho. O passou ao Hugh.

-Coelho.

Hugh jogou uns quantos paus mais à fogueira.

-Por que eu?



-Eu o matei.

Hugh balbuciou entre dentes e se dispôs a procurar um ramo verde o bastante robusto para o peso do coelho.

-Vou nadar um pouco enquanto você prepara o jantar - disse Robert. Tirou-se a roupa e a deixou cair junto à cadeira de montar.

Hugh ficou olhando com um amplo sorriso.

-É uma pena que sua moça não ficasse o tempo suficiente para ver o que podia lhe oferecer...

-Uma olhada a isso e possivelmente tivesse mudado de ideia - assobiou. Se soubesse o que se estava perdendo... Certo é que estes ingleses não têm nada que possa comparar-se com tipos como o próprio Black Douglas. É um bom espécime viril, Robbie. Tome cuidado, ou todas as moças dos arredores virão correndo e se jogarão sobre ti.

-Quanto maio é a caça, major é a captura - disse Robert; depois, em pelo, aproximou-se da beirada do riacho, afastando-se de Hugh e do som de sua risada.

Minutos depois, depois de vigorosas braçadas, retornou ao acampamento e aos objetos deixados no chão. O exercício tinha sido boa ideia. Água fria era justa a necessitava para tirar de sua cabeça a moça inglesa.

Guiado pelo aroma do coelho assado, saiu do riacho e sorriu. Hugh se achava cochilando perto da fogueira. O coelho estava deliciosamente torrado.

-Espero que esteja pronto.

-Me parece isso - disse Hugh, e tomou um sorvo de uísque da garrafa que estava sustentando. Que tal o banho?

-Frio como os pés do MacDougal o dia em que o enterraram.

Hugh riu entre dentes e lhe ofereceu a garrafa.

-Toma isto, prova. Um gole e estará tão quente como um toucinho em uma frigideira.

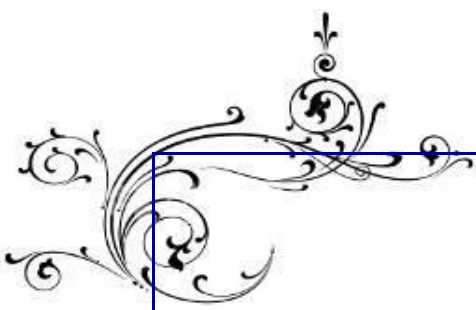
-Assim que me tenha vestido.

-E eu que estava me acostumando a verte assim! Robert estava a ponto de recolher seus objetos quando o barulho de um cavalo que se aproximava o impulsionou a pegar a espada. Foi rápido como o raio, mas, mesmo assim, não teve tempo para alcançar o lugar em que tinha deixado a arma antes que cavalo e cavaleiro surgissem de entre as árvores e se equilibrassem sobre eles a velocidade de vertiginosa.

-Que o diabo me leve! Vai atropelar-nos!

Gritou Hugh.

Logo que tinham saído às palavras de sua boca quando o cavalo os viu e tentou esquivá-los. Relinchou e realizou um repentino giro à esquerda, justo quando Hugh se atirava à direita. Hugh tomou a decisão correta. Robert não foi tão afortunado.



O repentino giro do cavalo desvencilhou ao cavaleiro, que caiu da sela como um projétil e golpeou a Robert no meio do peito. A força do impacto lhe roubou o ar dos pulmões e o fez retroceder. Caiu ao chão sobre um ombro e grunhiu de dor antes de dar uns quantos passos, ainda enrolado com o cavaleiro cansado.

Instintivamente, colocou-se sobre seu adversário para imobilizá-lo sobre o chão. Imediatamente, sua cabeça sofreu o ataque de vários, tapas débeis. Robert não se incomodou em contra-atacar e optou por sujeitá-lo para proteger-se dos golpes. Quem quer que fosse seu atacante não era mais que um moço, porque seus murros eram débeis e, embora bem dirigidos, careciam de efeito.

Sangue de Cristo! Era adoentado, inclusive por ser inglês. Lutava como uma mulher.

-Solte-me, idiota! O que tenta fazer? Matar-me? Não vê sou uma mulher? - Seu adversário estava em baixo do corpo de Robert. -Solte-me, mentecapto. Levante-te agora mesmo! -respaldava cada palavra com mais golpes e bofetadas, que Robert tentava desviar como podia, tendo em conta que lhe doía o ombro.

Como estava preocupado resguardando do ataque, demorou um pouco mais em processar as palavras de seu competidor. Quando o fez, exclamou com ênfase:

-É uma mulher!

-É obvio que sou uma mulher, idiota. Não há mulheres em seu povo? Vamos, levante.

Acabava de compreender que tinha uma mulher sob seu corpo, uma mulher que estava fazendo o possível por lhe modificar o rosto, quando ouviu as suaves gargalhadas do Hugh. Como era próprio de seu irmão rir em um momento assim!

Robert voltou à cabeça um momento e viu o Hugh de pé não muito longe. Imediatamente seguinte sentiu uma dor penetrante no outro ombro.

-Santo Deus! A moça me mordeu.

Hugh ria com tanta vontade que estava tremendo, e lhe custava trabalho sustentar o ramo do coelho. A tênue luz dourada da fogueira bastava para iluminar o que estava ocorrendo.

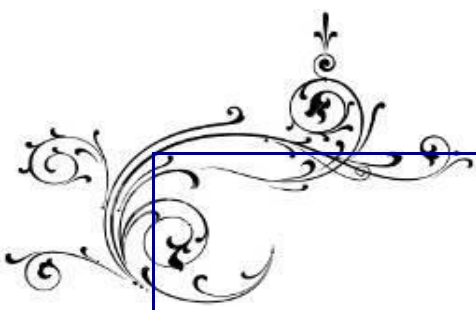
Com o corpo dolorido em dúzias de lugares, Robert conseguiu apartar-se dela. Um segundo depois, ficou em pé. Hugh, com diligência cortês, dirigiu-se à rapariga estendida e lhe ofereceu a mão. Ela demonstrou sua gratidão lhe dando um rápido golpe na tibia.

-Tomaste-te seu tempo me ajudando, caipira.

Robert advertiu que Hugh olhava à mulher com uma expressão estranha no rosto. Um segundo depois, compreendeu por que.

-Que me pendurem! Não vais acreditar o! -Hugh sujeitou à mulher pela beleza e a fez voltar-se para ele.

-Olhe o que apanhamos! É sua moça!



-Eu não sou a moça dele! - gritou, e deu um golpe ao Hugh justo debaixo da pálpebra. Dois centímetros mais acima e lhe teria dado totalmente em um olho. Que de toda, forma Hugh gritou de dor.

Robert se fixou na moça ao mesmo tempo em que ela. Sustentaram-se o olhar. Hugh tinha razão, era a mesma... Com todo seu cabelo vermelho. Ela também devia havê-lo reconhecido, porque deixou de lutar assim que seus olhares se cruzaram e permaneceu observando-o com expressão incrédula de gélida surpresa.

Recuperando-se do susto, deu a Hugh uma cotovelada nas costelas e gritou:

-Socorro! Que alguém me ajude!

-Fazemos o possível para ajudar-te - disse Hugh, mas está nos fazendo isso tornar quase impossível.

Mas a moça não escutava nada do que dizia, porque voltou a golpeá-lo.

-É que não têm vergonha? Estou cansada e nas mãos de uns lunáticos pervertidos e um deles não usa roupa! - e a voltou-se contra Hugh com renovado vigor, esperneando, mordendo e golpeando.

Robert permanecia em silêncio, observando a cena com uma mescla de incredulidade e desfrute. Custava acreditar que a tivesse encontrado pela segunda vez em dois dias. Também era admirável ver como derrotava o seu irmão. Nunca tinha visto nenhuma mulher que a pudesse comparar. De onde tirava esse abominável temperamento? Devia reconhecer que satisfazia um pouco ver como esmurrava ao Hugh; A muito o merecia.

-Robbie, pela cruz de São Andrés! Quer te dar pressa? -Gritou Hugh, e uivou de dor. Ponha roupa antes que me esfole.

Robert voltou ao tempo. A julgar pelos ruídos, Hugh não se estava defendendo muito bem. Robert jamais havia se sentido tão bem. Por fim, terminou de vestir-se e, à luz da fogueira, aproximou-se e a observou um momento antes de dizer com voz dura e autoritária:

-Já basta.

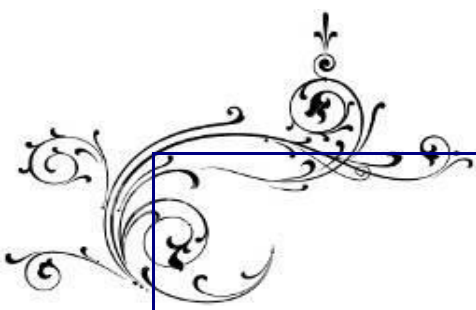
A moça baixou os braços e o olhou de uma maneira que indicava que não estava acostumada a receber ordens.

-Acredito que já lhe ouvimos o bastante, moça. É a segunda vez que me derruba. Começo a me perguntar se é realmente por acaso, claro que não importa. É a última vez que o faz. Eu se fosse você praticaria um pouco de contenção.

A mulher abriu os olhos devagar, e Robert viu um brilho de irritação em seu olhar. Tinha razão, não estava acostumada a que a contrariassem, porque a tinha deixado muda de surpresa. Sabia que não duraria.

Como havia previsto, atacou-o com uma enxurrada de insultos.

-Sua insolência é infinita. Como te atreve a insinuar que me jogaria nos braços de um obtuso como você? Não sei na Escócia, mas aqui, na Inglaterra, os bárbaros nus não são bem recebidos.



Hugh olhou alternativamente de Robert e à moça, depois, à fogueira. Deu um chute em pouco de carvão e disse:

-Isto começa a parecer uma briga conjugal, e não gosto de me envolver nelas. Se não se importarem, vou jantar enquanto ainda ficam medindo forças vou me sentar. Alguém quer me acompanhar, ou como sozinho?

-Eu te acompanho -disse Robert -. Tenho tanta fome que me soam as costelas.

-Serão as pedras de sua cabeça o que ouve - disse a mulher. O sorriso do Hugh assinalava sua aprovação.

-Você gostaria de nos acompanhar? Pode pegar um pedaço de coelho.

-Pois... - lançou um rápido olhar ao Robert, na aparência, para ver se o convite contava com seu respaldo. Robert permaneceu rígido, mas Hugh levantou o pau com o coelho fumegante.

-Comeste moça?

Claramente absorta na contemplação do coelho, a jovem lambeu os lábios e disse:

-Desde esta manhã, não.

Hugh voltou a tentá-lo.

-Então, deve estar faminta. Você gostaria de compartilhar nossa comida?

-Sim.

-Então, certo - disse Hugh alegremente. Aproxime-se, moça - fez-lhe um gesto. Veem aqui, junto ao fogo.

Ela olhou ao Robert com receio e permaneceu onde estava.

-Pode comer um pouco de coelho - disse Robert. Desde que se comporte, estará a salvo conosco, embora seja inglesa. Jamais violei a uma mulher com o estômago vazio.

-Olhe o que faz. Está-a assustando com sua brutalidade – alertou-o - o Hugh.

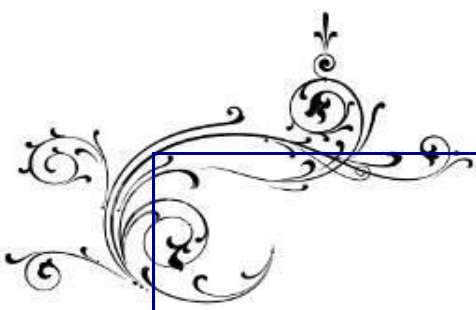
Robert adivinhou que parecia disposta a ficar onde estava. Nem sequer quando Hugh voltou a convidá-la, cedeu. "Alguém deveria lhe dar umas boas palmadas", pensou Robert, mas estava muito faminto e cansado para oferecer-se como voluntário. Seria melhor lhe dar de comer e despachá-la. Levantou a mão e lhe fez um gesto para que se aproximasse com uma só palavra:

-Veem.

Ela fechou os olhos e inspirou o aroma do coelho assado, mas não se moveu.

Robert sabia que estava faminta. Acrescentou "muito teimosa para comer" a sua lista de observações sobre ela. Estúpida mulher! Ali permanecia erguida, perfeitamente embelezada em seu luxuoso traje azul e chapéu de pluma, olhando-os com arrogância. Novamente, perguntou-se por que aquela mulher não tinha família, se não de que maneira, estava outra vez longe de sua casa, e sozinha.

Ainda debatendo-se entre a fome e o orgulho, ela permaneceu onde estava. Por fim, ganhou a fome, porque começou a aproximar-se com passos vacilantes.



Robert tirou uma espada do saco que estava no lombo do seu cavalo e o estendeu junto ao fogo; depois, voltou-se para ela e lhe indicou que se sentasse. A jovem ficou olhando o tartán.

-Se me recordo proibiram o uso do tartán e depois do Culloden, já sei disso - disse Robert -. Tenho por costume fazer o que me agrada, e isso inclui me rebelar contra os ingleses se assim me der vontade.

Ouviu-a inspirar com incredulidade.

-Isso é traição.

-Exato.

-Não pedi que justificasse por que te rebela contra a lei - disse a jovem, e levantou o queixo.

-O consigo é justificação suficiente - replicou Robert-. Agora, se for tão amável de te sentar, alteza; poderemos comer. O coelho esfria. Embora parecesse impossível, olhou-o ainda com mais desprezo e se aproximou da espada.

-Deveria ter mais cuidado, está na Inglaterra. Se alguém te vir com isto, possivelmente não seja tão afortunado com sua desculpa.

-Tê-lo-ei em conta - repôs Robert-. Agora, quer se sentar ou tenho que me levantar para me assegurar de que o fará?

Ela se sentou rapidamente.

-Eu gosto das moças obedientes - disse, e lhe deu uma parte de carne. Ela o aceitou com vacilação.

-Não sou obediente. Tenho fome, é diferente.

Robert começou a comer o coelho, lhe fazendo saber que a conversa tinha terminado. Comeram em silêncio, cada um concentrado em devorar sua pequena porção. Em um momento, Robert se interrompeu e tomou um gole de uísque. O ofereceu ao Hugh, que também bebeu.

Ela os observou em silêncio e, passados uns minutos, disse:

-Posso beber um pouco?

-Trarei água do riacho - disse Hugh.

-Tomarei o mesmo que vocês.

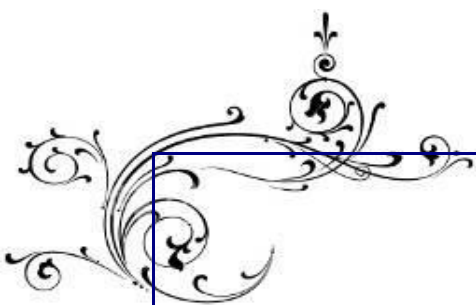
Hugh sorriu e lhe ofereceu de boa vontade a garrafa, a pesar do cenho franzido de Robert. Ela aceitou, levantou-a e tomou um bom gole, que foi seguido imediatamente por um ataque de tosse.

-Posso sugerir uma dose menor? - disse Robert, olhando ao Hugh, quem sorria como se não tivesse miolo.

Quando a jovem recuperou o fôlego, falou entre respirações.

-Não pensei que seria tão forte.

-É uísque escocês, uma bebida de homens - disse Hugh, e Robert sentiu desejos de esmurrá-lo. Em troca, lançou a seu irmão um olhar que dizia: "Não volte a abrir a bocarra". Deveria havê-lo feito antes porque, justo como suspeitava o



comentário a perseguiu e, com um olhar desafiante, tomou outro gole, felizmente, menor que o primeiro. Passou- a garrafa a ele e Robert a deixou no chão.

Quando terminaram de comer, o uísque lhe tinha aplacado a irritação e afrouxada a língua. Robert tentava decidir o que era pior, enquanto a escutava tagarelar sobre o bosque em que a tinham visto pela primeira vez. Já que estava tão faladora, decidiu que era um bom momento para descobrir quem era.

-Quem é? O que faz cavalgando estas horas, e outra vez sem acompanhante?

Ela ficou olhando o fogo sem dizer nada.

-Fiz uma pergunta, moça.

-Sim, a mesma pergunta que me fez anteontem.

-Não me respondeu isso então, assim volto a lhe perguntar.

-Estava amanhecendo quando fui assim não necessitava acompanhante. Normalmente, não cavalgo até tão tarde.

-E o que faz cavalgando para cá esta hora?

Ela olhou as mãos entrelaçadas no agasalho. Seu gesto fez suspeitar a Robert que sua história não seria fácil de contar... Se conseguisse fazê-la falar

-Tenho-te feito uma pergunta.

-Tomei... Tomei o desvio errado e me perdi.

-Não vive por aqui?

Ela voltou à cabeça.

-Por que pensa isso?

-Pelo desvio equivocado. Encolheu os ombros.

-Ah, isso. Bom, estava nervosa quando saí. Não viu aonde ia.

-Por que estava nervosa?

-É que... Dá-me medo a escuridão.

-Não tem por que te envergonhar por isso - disse Hugh.

-Não é essa a razão - interveio Robert. Não te dá conta de que está mentindo?

-Não estou mentindo!

-A meu ver se entendi. Não necessitava acompanhante porque era de dia quando saiu, mas estava nervosa porque temia a escuridão, o qual te fez tomar um desvio equivocado e se perder. Que interessante o que consideram verdade aqui na Inglaterra. Toma-me como idiota? Do que está fugindo?

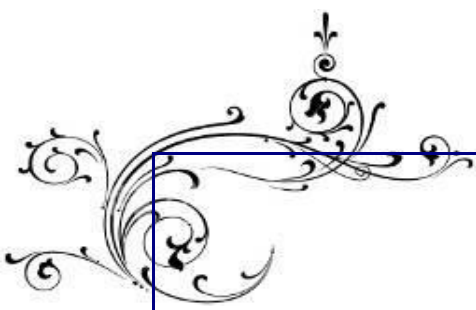
-Não tenho por costume revelar informação particular com desconhecidos. Hugh riu de boa vontade.

-Isso sim que tem graça! Só compartilha coelhos e uísque com homens nus. A mulher olhou ao Hugh com irritação.

-O uísque te afiou a língua.

-Sim, mas não parece ter tido o mesmo efeito em ti.

-Posso ser engenhosa quando estou com pessoas capazes de compreender minhas ocorrências.



-Não nos disse seu nome - interveio Robert. -Nem você o teu.
-Robert Douglas. Este é meu irmão, Hugh. Ela guardou silêncio.
- Agora você - insistiu Robert.
-É um prazer lhes conhecer.
-Me diga como se chama, moça!
-Tampouco revelo meu nome a desconhecidos.
-Só demoraria dois segundos em me reunir contigo nesse tartán e outros cinco em te levantar as saias e te conhecer melhor. Assim não seríamos desconhecidos. É isso o que prefere?
-Meleri - apressou-se a dizer. Meu nome é Meleri.
-E o resto?
-Weatherby. Lady Meleri Weatherby.
-Por fim começamos a chegar a alguma parte disse Hugh.
-Vive nos arredores? -perguntou Robert.
-Não.
-E aonde te dirige?
-Vou visitar mim antiga babá.
-Onde vive?
-Não muito longe da Gretna Green.
-Isso está na Escócia - disse Hugh.
-Sim, desde seus Orígenes, acredito - afirmou Robert, e não passou por cima o esforço que estava fazendo Meleri por não sorrir-. Agora, moça; quero ouvir o resto sem mais ocorrências.
-O... O resto?
-Sim. Ainda não nos contaste toda a história. Não sou idiota. Uma dama não viaja de noite sem acompanhante nem parte de visita sem bagagem. Do que foge?
Meleri dobrou os joelhos e os rodeou com os braços para apoiar o queixo neles. Ficou olhando o fogo pensativamente. Robert estava a ponto de repetir a pergunta quando disse em voz baixa:
-Do matrimônio.
-O que disse?
-Do matrimônio! - gritou, e baixou a voz
-Fujo do matrimônio.
-Aonde acredita que chegará? Seu pai enviará a alguém para te buscar.
Franziu o cenho de tal maneira que Robert pensou que não ia responder, mas o surpreendeu.
-Meu pai não sabe.
-Como pode não saber que sua filha desapareceu?
-Não se encontra bem. Minha irmã o levou a Londres para cuidar dele.



Não podia ser tão simples como queria dar a entender, pensou Robert, mas o deixou acontecer no momento.

-E o homem com quem deve te casar? Não enviará a alguém para te buscar?

-Sem dúvida, mas não saberá para onde fui.

-Acredito que deveria voltar para casa. Pode passar a noite aqui, conosco, e pela manhã lhe levaremos de volta.

Fazia muito tempo que Robert não via o terror refletido no rosto de uma mulher. Antes que pudesse perguntar o porquê, Meleri ficou em pé com expressão de pânico.

-Não! Não posso voltar. Não penso me casar com ele. Preferiria... - Interrompeu-se. Robert não pôde evitar admirar a maneira em que recuperava o controle de si mesmo. Era uma moça sofrida, apesar de seu mau gênio. Quando voltou a falar, estava serena. O que faço com minha vida é meu assunto. Este assunto não é de sua incumbência, nem são parentes. Portanto, não tem direito algum a me obrigar a retornar.

-Tem razão, Robbie – concordou Hugh. Não é nosso assunto.

Robert estava de acordo, mas ainda tinha uma pergunta.

-O que a fez partir hoje? Faltam poucos dias para as bodas?

Aquilo lhe fez proferir uma gargalhada zombadora.

-Nunca se fixou a data.

-Então, o que ocorreu para tomar essa decisão?

Meleri ficou olhando fixamente as chamas, depois, suspirou.

-Será melhor que lhes conte toda a história.

-Começa desde o começo mesmo.

-Nasci...

Hugh rompeu a rir.

-Damos isso por feito. Quando ficou prometida a esse homem?

-Pouco depois de nascer - disse, e seguiu contando a história, que lhe levou bastante tempo... De fato, Hugh teve que reavivar o fogo duas vezes.

Em uma ocasião, a metade do relato, Robert advertiu que Hugh dava amostras de estar sumido em uma funda reflexão... Algo incomum nele. Hugh, depois de manter sua silenciosa contemplação um pouco mais, perguntou de repente:

-Por que está tão decidido esse homem a casar-se contigo quando sabe que não o quer? Tem um grande dote?

-Imenso - disse Meleri, e seguiu adiante com a história. Quando chegou à parte da carta que seu prometido lhe tinha enviado a seu pai, Robert a deteve.

-E conservas essa carta?

-No bolso - disse Meleri, tirou-a e a entregou. Pode lê-la, se quiser - Robert lançou um olhar ao Hugh-. Saberá ler, não? - disse Meleri com irritação.



-Só palavra - respondeu Robert-. Não preciso ler sua carta privada - a devolveu. Eu diria que te encontra em uma situação muito precária. Onde quer que vá, está destinada a tropeçar com algo desagradável.

Hugh riu.

-Sim, tropeçou-se contigo.

Robert estava a ponto de dizer algo quando Hugh o interrompeu.

-Eu gostaria de falar contigo a sós.

Robert se perguntou o que estaria tramando seu irmão, mas guardou silêncio.

-Poderia nos desculpar um momento? -perguntou Hugh.

-É obvio.

Robert acompanhou a seu irmão a um lugar situado a uns metros de distância.

-A que vem todo este segredo?

-Não levante a voz. Tenho uma ideia e não quero que ela a ouça.

-Suas ideias sempre saem mal.

-Esta vez será uma exceção. Ocorreu-me que poderia te casar com ela. Os dois sairiam beneficiados.

-Está louco? Casar-me com ela? Já sabe é seu cabelo vermelho. É de ideias fixas, diz o que pensa e é teimosa como uma enxaqueca. Para cúmulo, tem a doçura de um urso com dor de dente.

-Para dispor de menos de três semanas para te salvar, está emprestando muita atenção a detalhes corriqueiros. Eu digo que é perfeita. Justo o que procuramos. É inglesa e nobre. Também tem um grande dote. Melhor ainda, não está em condições de recusar sua oferta. Por que fica tão suscetível? Viemos aqui em busca de esposa, não?

-Então, Case-se você com ela!

-Uma ideia genial. Casar-me-ei com ela e você o explicará ao rei - lançou um olhar à moça.

O que tem de mau?

-Nada... E tudo! Não é o que tinha em mente.

-É mulher e inglesa. Não tem tempo para acrescentar nada mais. Poderia ser muito pior, Robbie. É bastante formosa, e estaria agradecida por ajudá-la a sair dessa terrível situação.

-O que te faz pensar que preferiria estar casada comigo e não com o ogro que seu pai lhe escolheu?

-Conheço sua reputação, irmão. Ouvi de primeira mão o que as moças dizem de ti. Se houver algo que sabe fazer é agradar a uma moça... Quando te convém, claro.

Robert voltou a olhá-la, cruzou os braços, franziu o cenho e disse:

-Ela não me convém. Nunca gostei do cabelo vermelho.



-Possivelmente possa persuadi-la que raspe a cabeça - disse Hugh, deixando entrever sua exasperação. Lamento ter tentado te ajudar. Se não encontrar uma moça que esteja disposta a te desposar e acaba te casando com uma velha desdentada escolhida pelo rei, não diga que não te ofereci uma saída melhor.

-Não o farei. Agora, há algo mais do que queira me falar?

-Não. Prefiro ficar calado desde este momento e ver como te enforca você sozinho - Hugh pôs-se a andar outra vez para a fogueira, mas se deteve. Vem?

-Sim - Robert retornou devagar, refletindo nas palavras de seu irmão. Quando se deteve junto ao fogo, Hugh a animou a contar o resto da história. Sentou-se a escutar, até que voltou a mencionar que se dirigia a Escócia, à casa de sua antiga babá.

-Deveria tomar cuidado - advertiu-lhe. É perigoso que uma moça viaje sozinha e durma ao relento. Eu se fosse você tomaria o carro que vai a Gretna Green. Seria mais seguro.

-Parti com tanta pressa que não tenho muito dinheiro. Amanhã pensava vender a égua. Com isso teria bastante para a viagem a Gretna.

-Nosso oferecimento segue em pé. Pode passar a noite aqui - disse Hugh.

-Bom, eu...

-Não tem outro lugar para ir, verdade? -perguntou.

-Não... Bom, nenhum em que não possam me reconhecer.

-Então, decidido - olhou ao redor do acampamento. Pode escolher a lugar que seja mais de seu gosto.

Robert ficou olhando ao Hugh, que estava fazendo o ridículo com aquela moça inglesa. Fazia cinco minutos tinha tentado endossar-lhe a ele. De repente, parecia ir atrás dela ele mesmo.

-Quem é esse homem ao que detesta até o ponto de abandonar sua casa e sua família? -perguntou Robert distraidamente. Deve ser abominável para que arrisque a vida desta maneira. É velho?

-É mais ou menos de sua idade, arrumado e o filho de um dos duques mais capitalistas da Inglaterra, parente do próprio rei.

-Vá, vá, e está fugindo de todo isso? -disse Hugh.

-Sim. Irei a América ou a Austrália se fizer falta. Algo com tal de não me casar com o Waverly.

Robert franziu o cenho, acreditando ter ouvido mal.

-Waverly?

Meleri; afirmou.

-Philip Ashton, Marques do Waverly.

Ao ouvir aquele nome, o Robert lhe acelerou o coração e, de repente, pareceu deixar de pulsar. Fechou os olhos, sentindo-se como se a terra lhe estivesse abrindo sob os pés. Parecia-lhe estar caindo por um buraco e que o suave barro descendia



sobre ele até engoli-lo e lhe impedir de respirar. Asfixiava-se. Waverly... Não podia ser. Era muita casualidade. O destino não podia ter sido tão bom para lhe pôr diante à prometida do homem que mais odiava no mundo.

-Ocorre-te algo? -perguntou Hugh.

Robert conseguiu olhá-lo através da neblina. Compreendeu que tanto Hugh como a jovem o observavam com estranheza. Envolveu-se numa fria serenidade que impregnou nele e se alojou em seu coração. Depois de tanto tempo e tantos anos de dor, possivelmente tivesse achado a maneira de dar descanso ao fantasma de sua irmã. Que oportuno que requeresse o sacrifício de uma moça inglesa. Sem mais, soube que seria sua esposa, que ficaria submetida a seu poder, a sua influência, a sua vontade. Recuperando o controle, obrigou-se a falar com normalidade.

-Ocorre algo? Não, é obvio que não.

-Está pálido, como cera.

-Estou bem.

Hugh seguiu olhando-o um minuto mais; depois, encolhendo os ombros, centrou sua atenção em Meleri.

Robert ficou em pé.

-Irei dar uma olhada aos cavalos. Partiu antes que Hugh tivesse oportunidade de replicar. Precisava afastar-se, ficar sozinho. Necessitava de tempo para pensar, para esclarecer as ideias do resíduo deixado pela comoção. Durante dez anos tinha procurado a maneira de vingar-se do marquês do Waverly. Recordava o dia em que tinha averiguado a identidade do bastardo que tinha violado a Sorchia e a tinha entregado os seus três amigos. O primeiro instinto do Robert tinha sido cavalgar para a Inglaterra imediatamente e degolá-lo, mas sua avó e Iain o tinham dissuadido.

-Querem que não faça nada? Crêem que posso continuar com minha vida como estava como se nada disto tivesse ocorrido?

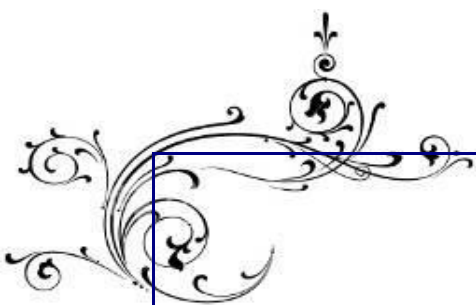
Era justo o que pretendia sua avó.

-Sim, de momento. Ao final, obterá a justiça que se merece. O mal sempre recebe seu castigo.

-É o filho de um duque inglês aparentado com o rei. Jamais será castigado. E querem que o deixe pensando que se safou, sem que conheça a identidade de sua vítima?

-Sim. Fazer o contrário seria precipitar o final de todos nós.

Ao final de um momento, conseguiram persuadi-lo. Compreendeu que um escocês jamais poderia obter justiça frente a alguém tão capitalista como o filho do duque do Heatherton. Convenceu-se de que nunca teria a possibilidade de desforrar-se, nem de ver Waverly pagar pela morte de sua irmã. De repente, tinha acontecido o impossível. O ocorrido o absorvia por completo, porque já estava idealizando um plano perfeito, consciente do primeiro momento de que aquela moça inglesa não só era vital para seu plano, mas também o elemento necessário para o êxito.



Era perfeito e muito singelo. Não desposaria à mulher por seu próprio benefício, mas sim para impedir que Waverly pudesse fazê-la sua. A livraria do Waverly e, depois, certificar-se-ia de que este se inteirasse.

Ficou contemplando o fogo, incapaz de acreditar tão assombroso que era tudo. Para que a vingança caísse no momento mais oportuno em seus joelhos, devia ser um presente de Deus.

Olhou a Meleri.

-Sabe? Estive pensando em sua situação. Acredito que poderia te oferecer a escapatória perfeita.

A ela lhe iluminou o rosto.

-Ai, isso seria maravilhoso! Não sabe quanto lhe agradeceria isso. Diga-me qual é a solução, rogo-lhe isso.

-Eu mesmo me casaria contigo.

Hugh, que acabava de tomar outro gole de uísque, engasgou-se, cuspiu a bebida, que salpicou a fogueira e as chamas se elevaram com força. Robert não fez conta. Meleri tampouco; toda sua atenção estava posta no Robert.

-Contigo?

-É obvio. Tão horrível te parece à ideia?

-Não, claro que não... É que... Enfim... - levou-se a mão à cabeça-. Ai; não sei como me expressar. Ocorreram tantas coisas em tão pouco tempo e estou tão confusa... - fez uma pausa, como se acabasse de compreender o que lhe tinha proposto. Não posso me casar contigo. Acabamos de nos conhecer. É um desconhecido.

-O que prefere um desconhecido ou Waverly? Porque acabará te casando com um dos dois. Está em um apuro, moça, e não há saída fácil. Não tem muitas opções, e nenhuma é boa. O que fará quando Waverly te encontrar? Porque te encontrará.

Assim que deixou de tossir, Hugh se mostrou disposto a intervir na conversação. Robert lhe lançou um olhar de advertência e seu irmão interpretou corretamente, porque guardou silêncio, embora com certa irritação.

-Bom o que me diz? - perguntou Robert.

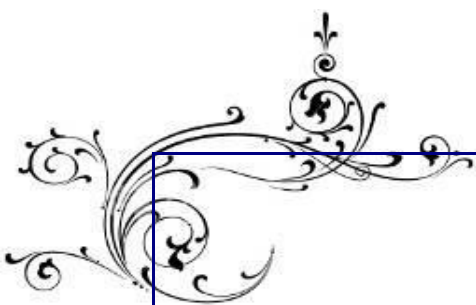
-Não... Não sei. Sinceramente. Não é fácil casar-se com um perfeito desconhecido, sabe?

-Não é um perfeito desconhecido. Já lhe encontraste duas vezes - disse Hugh. Além disso, como pode chamá-lo desconhecido quando o viu como Deus o trouxe para o mundo?

-Acredito que podemos deixar de lado esse tema, no momento - disse Robert.

O rubor ainda cobria as bochechas de Meleri quando tentou explicar-se.

-Embora esteja em um grande apuro, como você mesmo disse, custa-me trabalho compreender sua reação. Por que quereria te envolver em meu problema? E



a um preço tão alto. Casando-me contigo, eu sou a única que se beneficia. Você, pelo contrário, não ganha nada.

-Nisso estás equivocada. Viemos à Inglaterra para encontrar uma esposa ao Robbie - disse Hugh-. Uma esposa rica.

Robert baixou a cabeça com incredulidade. Tão único Hugh podia acrescentar para agravar a situação era dizer que o tinha ordenado o rei.

-Mas não pense que Robbie é um mercenário, porque não o é. Foi uma ordem, assinada pelo próprio rei.

Robert gemeu. Hugh era pior que a celestina Matty. Falava primeiro e pensava depois.

A surpresa e a estupefação se refletiram no rosto do Meleri.

-O rei lhe ordenou isso? Por que faria uma coisa assim?

-Robbie é um conde poderoso. O rei sabia que, se tomasse uma esposa inglesa, as relações entre os escoceses e os ingleses melhorariam.

Robert sentia desejos de afogá-lo. Como podia ser Hugh tão lerdo? Não sabia quando fechar a bocarra?

-Sim, entendo-o. Mesmo assim, não é motivo para casar-se a toda pressa com uma desconhecida.

-Sim é! - apressou-se a responder Hugh. O rei só lhe concedeu três semanas para casar-se. Se não, o monarca em pessoa lhe buscará esposa. Como vê, fará a Robbie o mesmo favor que ele está fazendo a ti. Os dois beneficiar-se-iam do enlace.

-Terminou que esvaziar seu cérebro de tudo o lixo que contém? - Perguntou Robert, com a voz rouca pela irritação-. Se não te importar, conceder-me-ia a honra de declarar eu mesmo? - se seu irmão voltasse a abrir a boca, decidiu Robert, a fecharia com um murro. Voltou-se para o Meleri. Deve desculpar ao Hugh. Seu cérebro só pode fazer uma coisa de uma vez, pensar ou falar.

Ela sorriu timidamente. Movendo com recato a cabeça, voltou a olhar a Robert, naquela ocasião, com um brilho de interesse.

-Suponho que poderia ser pior - disse

-Não vejo como - Hugh se interrompeu bruscamente, compreendendo o que acabava de dizer. Quero dizer que não entendo como poderia encontrar a alguém melhor.

-Ah. Sim, claro - disse Meleri com o cenho franzido. Bom, estou segura de que isso é certo.

-Que mais pode pedir?

-Silêncio - disse Robert, que queria estrangular o seu irmão. Era sua proposição de matrimônio, mas não tinha oportunidade de intervir. Hugh fez caso omisso do comentário e seguiu tagarelando como um periquito.

-Me diga se não acredita que o matrimônio é a melhor solução, e a única completamente segura.



-Concordo em que o matrimônio impediria qualquer intervenção por parte do Waverly.

Hugh, sorrindo, deu-se uma palmada nas coxas.

-Magnífico! Tudo saiu uma maravilha, Robbie. Amanhã podemos ir a Gretna Green e casar os dois.

-Não proclame ainda as admoestações. Terá que concretizar alguns detalhes - Robert queria ir devagar. Fazia meia hora que o preocupava, pois não encontrar esposa em três semanas e, de repente, não só tinha uma aspirante disposta, mas também uma que podia lhe ser de proveito. Não o incomodava em nada que fora o meio para sua vingança.

Ela trocou de postura, o qual a fez entrar diretamente em sua linha de visão. Rangeram-lhe as saias quando ficou em pé e ficou olhando.

-Decidi aceitar sua proposição de matrimônio, milord.

-Como diz o refrão, noivado breve, noivado alegre - exclamou Hugh; depois, inclinou-se para o Robert para lhe dar uma cotovelada nas costelas -. Diga-lhe algo, seu paspalho.

-Você diga-lhe. Até agora estiveste fazendo todo o trabalho.

Meleri disse:

-Podemos nos casar quando quiser, embora considere melhor dispor de um breve tempo de cortejo.

-O cortejo será depois das bodas - afirmou Hugh.

-E o que te aconselha o perito no tema? -inquiriu Robert.

-Um homem que fugiu o matrimônio tantas vezes como eu o conhece em profundidade. Robert se voltou para o Meleri.

-Não haverá tempo para uma grande cerimônia. Podemos nos casar na Gretna Green.

-Sim, assim poderei ver minha antiga babá.

Robert assentiu.

-Partiremos para Gretna Green pela manhã. Tendo em conta o segredo que deve envolver as bodas, sugiro que pospor qualquer correspondência com seu pai depois.

O rosto do Meleri refletiu tristeza.

-Será o melhor - concordou.

-A não ser que a busca de seu pai nos encontre antes - disse Hugh.

Meleri esteve a ponto de rir.

-Duvido-o - e seu tom se tornou mais sério ao lhe contar a verdade sobre seu pai. Quando terminou, Robert disse:

-Se lhe falhar a memória, quem toma as decisões legais em seu nome?

-O marido de minha irmã. É o conde do Sheridan, e é advogado dos tribunais superiores. Veio ao Humberly Hall faz coisa de um ano para pôr em ordem os



assuntos de meu pai. Preocupava-nos que caísse sob a influência de uma pessoa capaz de arrebatar-lhe tudo.

-Então, é seu cunhado quem controla seu dote?

-Sim.

-E sabe aonde vai?

-Sua esposa, minha irmã, Elizabeth, sabe. De fato, a ideia de ir ver minha antiga babá foi dela.

-Bom cada tema há seu tempo. Amanhã nos espera um dia muito comprido e precisamos descansar -Robert se voltou para o Meleri -. Certamente, sentir-se-á mais protegida com seu tartán entre os nós.

Robert e Hugh arrojaram suas mantas ao chão a ambos os lados de Meleri. Assim que o fizeram, Robert anunciou que dariam um curto passeio para lhe dar um pouco de intimidade.

-Não têm tendas? -perguntou Meleri.

-Tendas? -riu Hugh. Somos homens, não cordeiros ingleses.

Enquanto Hugh o precedia para o riacho, Robert ouviu a voz suave e vacilante do Meleri.

-Não... Não irão muito longe, verdade?

-Não lhe deixaremos sozinha na escuridão, se for isso o que se preocupa - respondeu Robert.

-Não demorarei. Só tenho que me tirar os sapatos.

-Deite-se moça - aconselhou-lhe Robert, e seguiu o som da água que fluía sobre as pedras, colina abaixo.

Encontrou a seu irmão e se deteve junto a ele, cada um contemplando em silêncio seus próprios pensamentos sobre o que lhes proporcionaria o futuro. Passado um tempo, Hugh pegou uma pedra e a jogou no riacho.

-Casar-te-á antes que esta água chegue ao mar.

-Não me recorde isso.

-Como é que mudaste de ideia? Fazia só um minuto queria que me tragassem minha sugestão e, de repente, estava-te declarando.

- Mudei de ideia.

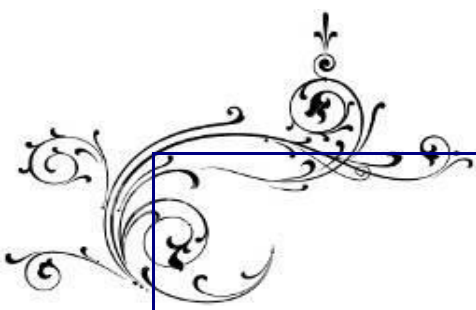
-Sei, mas por algo. Vi-te a cara, Robbie. Parecia que lhe tivessem disparado nas costas. É por algo que ela disse?

Robert sabia que Hugh teria que inteirar-se, com o tempo, mas não estava em condições de lhe falar do Waverly ainda.

-Pensei melhor no que me disse nada mais. Tinha sentido me casar com ela e retornar a Escócia com a maior celeridade.

-Me alegro de que te agrade a ideia.

-Não me agrada absolutamente. Para falar a verdade, sinto-me como se fosse ovelha e houvesse sido tosquiado.



O som da risada do Hugh vibrou na noite e, como a água que fervia no arroio, descendeu pela ladeira.

Capítulo 9

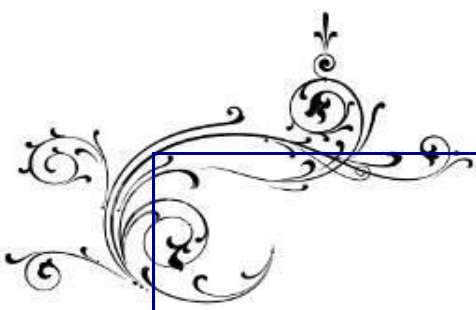
Meleri se balançava nas águas tranquilas de um lago. O ar estava carregado de fragrâncias florais, morno e doce. Tinha os olhos pesados e se afundava no silêncio do sonho.

Um estrepitoso fragor quebrou a calma. Abriu os olhos de um por um e tentou focar, apesar da confusão que sentia, esperando ver um touro arremetendo contra ela.

Viu seu futuro marido. Este lhe deu um chute.

-Acorda! É hora de partir. - Mmm...

Voltou a movê-la.



-Vamos, moça! Se ficar aqui muito mais tempo, o sol te queimará essa pálida pele inglesa. Meleri não via mais que escuridão.

-Que sol? -perguntou, irritada.

-Pode se zangar depois. Agora, vamos. Meleri deu a volta.

-Dar-te-ei um minuto, depois, jogar-te-ei no riacho.

Meleri bocejou e o olhou com olhos sonolentos.

-Ainda está escuro.

-Isso mudará.

Ergueu-se e gemeu pela rigidez que sentia.

-Por que temos que levantar tão cedo?

-É o dia de suas bodas, ou o esqueceste?

Meleri esfregou os olhos e voltou a bocejar.

-Seguirá sendo o dia de minhas bodas embora durma uma hora mais.

-Espera-nos um longo caminho. Devemos partir já.

-Gretna Green não está muito longe.

Ao ver que aquilo não sortia efeito, Meleri trocou de tática.

-Que tal se dormir um pouco mais... Como presente de bodas?

-Não faço entendimentos em questões como essa.

Não sabia por que a surpreendia sua aspereza. Os escoceses eram bárbaros; todo mundo o dizia. Certamente, só sabiam comunicar-se a gritos.

-Por quê?

-Vai contra as normas.

-Ficar dormido?

-Sim. Terá que ser madrugador.

-No dia de minhas bodas?

-Sim. É um velho costume escocês.

-Eu não sou escocesa.

-Logo o será.

-Como posso ser escocesa quando sou inglesa?

-Não demorará a repensar.

-Insinuas que me fará renunciar a todo o inglês?

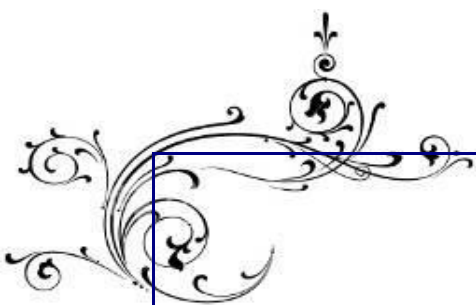
-Não fará falta. Decidirá fazê-lo você mesma.

-Parece muito seguro.

-Sei o que sei.

Falar com aquele homem era como resolver uma adivinhação. Sabia que a resposta estava em alguma parte; quão único devia fazer era encontrá-la. Passeou o olhar pelo acampamento, tratando de distinguir o terreno na penumbra. Nada lhe resultava familiar nem hospitalar. Nem sequer o homem com quem se casaria ao final de umas horas.

Fez gesto de levantá-la, e Meleri recordou a gélida ameaça do riacho.



-Está bem, está bem! Já me levanto. Não faz falta que ponha assim - ficou em pé. Bom, já está - e procurou em sua mente algum pensamento acalentador. Aquele era o dia de suas bodas, e o noivo era um homem alto, de corpo morno, de rosto abrupto e atrativo e uma disposição não tão atrativa. Mas o mais importante era que estava disposto a casar-se com ela, a levá-la a Escócia, a protegê-la e a mantê-la a salvo do dano que pudesse lhe fazer Waverly. Bastava-lhe para sentir uma gratidão genuína. Olhou de soslaio ao desconhecido alto e moreno e experimentou algo que não sentia fazia muito tempo: amparo e segurança. Podia suportar sua brutalidade.

Meio segundo mais tarde, o homem estava sentando sobre o cavalo. Passou-lhe as rédeas.

-E o café da manhã? -perguntou Meleri. - Estava dormindo. - Não posso comer nada?

-Sim... Quando se levanta o bastante logo para tomar o café da manhã.

Enquanto procurava a réplica adequada que lhe lançar, Robert montou, perseguiu o seu cavalo e a deixou olhando-o.

Rugiam-lhe as tripas, mas preferia morrer de fome antes que tragar o orgulho.

Alcançou-o e ouviu sua suave gargalhada quando num movimento rápido, pois a marcha para caminhar a seu lado. Cavalgaram sem falar, e o silêncio lhe resultou um repouso bem-vindo... Que não demorou a quebrar-se quando Hugh apareceu falando pelos cotovelos.

-Que tal está à noiva?

-Passável, tendo em conta que não tomei o café da manhã nem dormi.

-A quem madruga...

-Deus ajuda - concluiu Meleri-. Já me comunicaram essa sábia recomendação. Na Escócia têm muitas normas. Há uma para cada coisa?

-Sim, e se não a há, sempre podemos encontrar uma que sirva.

-Ou inventá-la.

-Você não gosta das normas?

-Acrescentarei "sagaz" a minha lista de suas qualidades.

-O que tem contra as normas?

-Que foram inventadas pelos homens.

Hugh arqueou as sobrancelhas, sorrindo.

-Como sabe?

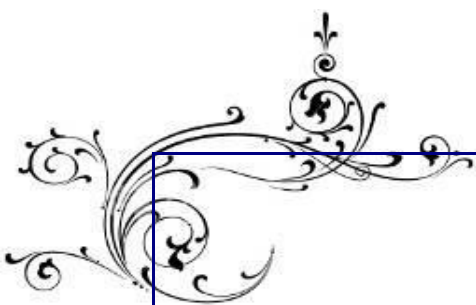
-Porque, normalmente, estão feitas para as mulheres, e há muitas.

-Nunca me tinha parado a pensá-lo.

-Porque é homem.

Voltou a rir, e Meleri compreendeu que aquele homem risonho lhe caía bem. Surpreendeu-se comparando sua natureza alegre com a pose sombria e taciturna de seu irmão. Não se parecia em nada ao Robert. Eram opostos em todos os sentidos.

-Não se preocupe muito com as normas, moça. Não temos tantas em Escócia.



-Sério?

Robert, que tinha permanecido misteriosamente calado até o momento, disse:

-Cuidado com as histórias que lhe mete na cabeça.

-Te deixa nervoso falar das normas? -perguntou Meleri.

-Não muito. Os escoceses recebem uma norma no dia em que nascem, e vivem com ela toda a vida.

-Qual?

-Odiar aos ingleses - disse com aspereza antes de apertar o passo e adiantá-los. Meleri ficou olhando.

-Parece ter levado a sério essa norma.

-Sim, é a amargura o que o tornou assim.

-Amargura? Por quê?

Hugh abriu a boca para dizer-lhe, mas algo fez mudar de ideia, porque disse:

-Será melhor que lhe conte isso Robbie.

-Pode que não o faça nunca. Não é muito falador.

-Não se preocupe moça. Contar-lhe-á isso... Quando chegar o momento. Meleri se estremeceu.

-Odeia aos ingleses. Não é um comentário muito alentador para começar um matrimônio.

-Resulta-me bastante injusto, como se me estivessem castigando por algo que não fiz.

-Em minha opinião, os ingleses têm a mesma norma em relação com os escoceses, assim estamos empatados. Em seu matrimônio também o estão.

Meleri franziu as sobrancelhas, pensativa. Os ingleses tinham muitos preconceitos contra os escoceses, certo, porque recordava o ódio exagerado que Philip sentia para com eles, embora ela nunca tivesse entendido por que.

-Suponho que os ingleses são um pouco intolerantes e depreciativos no referente à Escócia, mas não é algo que tenha percebido em minha casa. Meu pai não era amigo dos tópicos. Preferia formar suas próprias opiniões e emitir seus próprios julgamentos.

Hugh guardou silêncio um tempo e ela se perguntou no que estaria pensando. Certamente, que falava muito. Bom, a culpa era ele. Não deveria ser tão alegre, nem fazê-la sentir-se tão cômoda em sua companhia. Tinha a sensação de conhecê-lo fazia anos. Entristecia-a pensar que aqueles atributos não descreviam ao homem com quem ia casar se, a não ser o seu irmão.

-Não teve uma vida fácil, verdade?

A pergunta do Hugh a surpreendeu. Era um homem tão risonho e afável que resultava fácil passar por cima sua profundidade. Era evidente que estava muito instruído e que era sagaz.



-Meu pai é muito rico, assim recebi todo tipo de comodidades. Em outros aspectos, não fui tão afortunada.

-Como quais?

-Minha mãe morreu quando era jovem. Meu pai, embora carinhoso, é o bastante velho para ser meu avô. Não tenho irmãos nem irmãs, só duas meio-irmãs que estavam casadas antes que eu nascesse. A comodidade não é tudo.

-Quantos anos você tinha quando perdeu a sua mãe?

-Estava a ponto de cumprir os sete.

-Uma idade difícil para perder a um progenitor. Agradeço por que eu era muito maior quando perdi os meus.

-Seus pais estão mortos?

-Sim. Agora os únicos parentes que tenho é uma avó que nos criou, um tio que nos compreende, um irmão problemático e duas sobrinhas.

Meleri lhe acelerou o coração ante a perspectiva de formar parte dessa família.

-Ai, me teria encantado ter uma avó! Nunca conheci as minhas. O mais parecido é nossa ama, a senhora Hadley, e um serviço bem-intencionado que sempre me criou. Minha babá foi quem mais compreendeu quanto sentia falta da minha mãe e quanto me deu muito afeto quando minha mãe morreu.

-Parece-te com ela?

-Isso diz todo mundo, incluído o cabelo vermelho.

-Deve ter sido uma mulher muito geniosa.

-Nunca compreendi como podiam dizer que me parecia com ela. Quando me olhava no espelho, não via mais que cabelo de cor cenoura e sardas.

Meleri tragou saliva e inspirou fundo. A lembrança de sua mãe há entristecia um pouco, e Hugh deveu precaver-se, porque disse:

-Você gostaria de caminhar um momento? Poderíamos parar e tirar as rédeas dos cavalos.

-Eu adoraria esticar as pernas. Acredito que enchi minha dose como amazona.

Alcançaram uma colina e ficaram a admirar a imensa extensão de terreno aberto.

-Este lugar tem um ar intacto e selvagem que recorda a Escócia - disse Hugh.

Meleri contemplou o lúgubre terreno ermo da fronteira e viu beleza nas cores nascentes do dia. Olhou para uma colina agreste e viram Robert sentado sobre seu cavalo, tão imóvel como eles. Não era mais que uma silhueta recortada contra o sol que elevava a suas costas... Uma imagem que seduzia e ao mesmo tempo em que intrigava.

Como se soubesse que o observava, trocou de postura e olhou para eles. E Meleri lhe acelerou o coração pelo desejo de que retornasse ao cavalo para acompanhá-la, como tinha feito seu irmão. Espectador, esperançada, pensou: "Agora. Agora virá para mim".



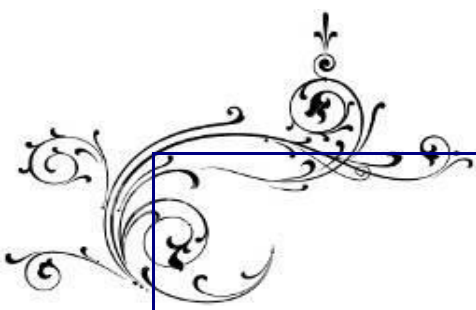
A espera foi dando passo à frustração quando ele não fez gesto de cavalgar para eles. Em troca, fez girar a seu cavalo e desapareceu ao outro lado da colina. Meleri compreendeu o significado daquela ação e do que representava.

Não tinha nenhuma dúvida de que tinha sido excluída. O que não sabia era por que.

Segunda Parte

Isto não parece núpcias.

Shakespeare, Muito ruído e poucas nozes.



Capítulo 10

Cruzaram a fronteira da Inglaterra com a Escócia. Pouco tempo depois, entraram a cavalo em Gretna Green, que descansava entre os pântanos próximos ao Solway Firth. Era a primeira cidade do outro lado da fronteira, e devia ser a razão pela qual muitos jovens casais ingleses que desejavam fugir de suas famílias e casar-se em segredo buscassem aquele lugar para se casarem, porque a cidade em si era um lugar triste e ameaçador rodeado de terra erma e cheia de pobreza. As casas eram pequenas, insípidas e miseráveis, tão cheias de fumaça que custava trabalho ver os rostos daqueles que os olhavam pelas janelas quando passavam.

Hugh ficou observando Robert uns momentos; depois, piscando os olhos, olhou a Meleri, disse:

-Não é um noivo muito falador.

-Para que falar? Não tenho nada que dizer.

-Ai! Não tem por que te mostrar tão desgraçado em seu silêncio.

-Estou a ponto de me casar. Não demorará de me invadir a desgraça de um homem que busca a felicidade. Deixe-me que o desfrute a minha maneira.

-Te anime irmão. O matrimônio tem suas vantagens. Logo terá seu próprio braseiro de cama escocês.

Incapaz de conter a curiosidade, Meleri perguntou:

-O que é um braseiro de cama escocês?

-Uma empregada - disse Robert com amargura.

-Vá! Devi imaginá-lo.

Nem sequer as repentinas gotas de chuva fina afogaram a alegre risada do Hugh.

Quanto a Robert, não parecia ver nada cômico na situação. Meleri estava completamente de acordo com ele. Quase ao unísono, lançaram a Hugh um olhar azedo, que só serviu para acrescentar a risada.

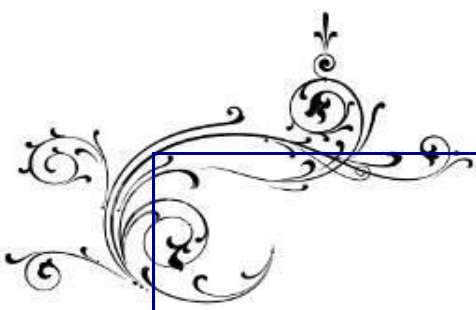
-Ai! Não há nada mais divertido que o dia das bodas de um irmão.

Chovia muito quando cruzaram com uma mulher anciã de rosto curtido que, envolta em um tosco chalé, caminhava com os pés nus e ásperos metidos em sapatos pesados e gastos. Robert lhe perguntou como ir à ferraria.

Conduziu-os pelas ruas até que estivessem perto para lhes indicar o caminho. Robert assentiu e, lhe dando duas moedas, agradeceu-lhe a ajuda. A mulher inclinou a cabeça e disse algo que Meleri não conseguiu entender.

Tinham deixado atrás umas quantas casas mais quando Robert disse:

-Bom, moça, já chegamos.



Meleri olhou ao redor e se perguntou se aquele seria o senso de humor do Robert ou se aquele era realmente seu destino, por deprimente que fora. Lá onde olhasse, não via nada mais que lençóis cinza de chuva e pequenos riachos de água correndo por ruas enlameadas. Justo em frente deles se erguia uma ferraria escura e úmida... Nem muito menos o melhor lugar para celebrar umas bodas. Olhou-o com perplexidade.

-Como que já chegamos? O que é este lugar?

-Bom Gretna Green. Recorda que íamos casar-nos aqui - disse Robert e, levantando uma perna, desmontou antes de aproximar-se dela.

-Aqui? - perguntou Meleri, contemplando o edifício de tosca construção, que fazia às vezes de ferraria-. Vamos casar nos aqui, em uma ferraria? -não podia apagar a tristeza, a auto compaixão de sua voz. Invadiam-na a desolação e a miséria. Tinha aceitado casar-se, mas não em uma ferraria.

Só ia casar se uma vez na vida. Queria umas bodas de verdade, como a que celebrava qualquer pessoa. Queria um bonito vestido, e a presença da família, e uma paróquia .Aquele lugar era desolado e triste. Caiu-lhe a alma aos pés. Entretanto, não pensava dizer-lhe a Robert.

Hugh, que estava falando com ela, desmontou, e ela o olhou com expressão suplicante.

-De verdade é isto Gretna Green?

-É obvio. Está decepcionada?

Decepcionada? Seguro que lhe ocorria uma palavra mais precisa e descritiva. Que tal afundada? Ou com o coração quebrado? Inclusive cheia de temor? Encolheu-se de ombros.

-Um pouco. Não imaginava que... que seria assim.

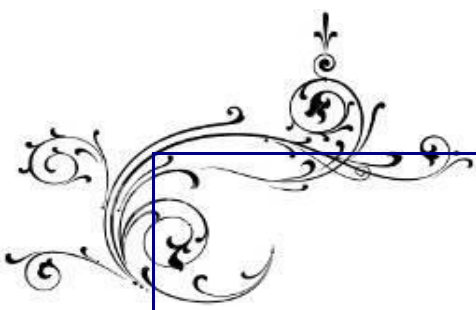
-Sei que não parece grande coisa, mas isto é Gretna Green. Aonde tantos casais veem casar-se. Surpreende-me que não tivesse ouvido que era um lugar lúgubre e sombrio onde a vida é dura e difícil.

Céus! Aquelas palavras não eram alentadoras.

-Não conheci a ninguém que se casasse aqui, assim que o ignorava. Só tinha ouvido que era um lugar no que os casais podiam casar-se sem permissão paterna. Como é natural, pensava que o faziam em uma igreja ou, ao menos, em uma bonita casa paroquial.

Sentia uma intensa decepção, porque ali nada procurava a sensação de romantismo que tinha imaginado. Por que as histórias de bodas secretas naquele lugar sempre pareciam mágicas e idílicas?

-Bom, agora já sabe - disse Hugh-. Assim que esteja casada, esquecerá a parte desagradável da cerimônia.



-Duvido que esqueça este lugar - repôs Meleri. Estava cansada, empapada e gelada. Contemplou os lúgubres arredores uma vez mais -. Suponho que alguém deve fazer de tripas coração. Robert se limitou a dizer:

-Se tiver pressa por celebrar umas bodas sem admoestações e poucas testemunhas, esta é a única eleição.

-Mas... Em que altar a celebraremos?

-Ante a bigorna.

Alagaram-na a comoção e a desolação. Sentia desejos de chorar. Contemplou a construção fria e impessoal.

-Uma bigorna por altar parece um sacrilégio.

-Estou seguro de que foste culpado de irreverências piores - disse Robert.

Esperava ouvir as ruidosas gargalhadas do Hugh, mas, pela primeira vez, seu semblante parecia quase compassivo. Robert aproximou-se dela e lhe pôs as mãos na cintura. Descendo do cavalo.

-Suponho que Deus compreenderá a improvisação. O matrimônio será legal e isso é, o que importa.

Parecia-lhe incrível que Robert e Hugh pudessem ser tão desrespeitosos com um sacramento que, além disso, era um grande passo para o desconhecido. Que sereno parecia o noivo, que indiferente! Meleri imaginava que seu único recurso seria fingir idêntica indiferença.

Mas seu horror se acrescentou enquanto avançavam, quando Robert comentou que não só foram casar-se ante uma bigorna em uma ferraria, mas também a cerimônia ia ser oficiada por...

-Perdoa, acredito que te entendi mau. Quem vai celebrar a cerimônia?

-O ferreiro - repetiu Robert.

-Ah.

-Algum problema com isso?

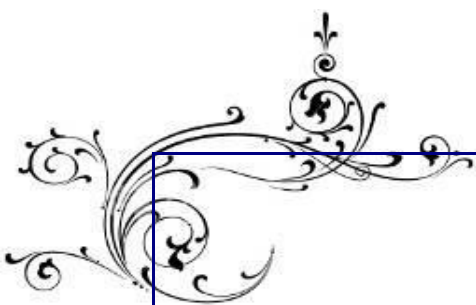
Ter-lhe-ia gostado de dizer um "sim" terminante. Ter-lhe-ia gostado de acrescentar que não tinha objetado a casar-se sem um banho, nem com um vestido molhado e enlameado, nem ante a bigorna de um ferreiro. Como adoraria lhe dizer que não podia aceitar aquilo, que jamais um ferreiro a casaria!

Entretanto, o que disse foi muito distinto. Com uma funda inspiração, olhou ao redor e se recolheu às saias empapadas.

-Bom, se for ser umas bodas celebrada ante uma bigorna, oficiada por um ferreiro e com pôneis como testemunhas, será melhor que acabemos quanto antes.

Robert e Hugh se olharam nos olhos mas não disseram nada.

Vários minutos depois, Meleri e Robert se encontravam ante o ferreiro, um tipo corpulento de sobrancelhas povoadas e braços tão grossos como tronco que levava um avental sujo de couro. Quanto a Meleri, seguia levando o traje de amazona manchado de barro. Quase chorou ao baixar a vista e não poder distinguir o



que antes tinha sido um bonito tom azul. Era apropriado, pensou, que o vestido de noiva, como ao noivo mesmo, não o tivesse escolhido por ternura a não ser por necessidade.

Estavam colocando-se ante o ferreiro quando Hugh chegou correndo com um punhado úmido de urze molhado, ainda com gradeio nas raízes.

-O buque da noiva - disse, tentando cortar as raízes, mas os caules eram robustos e estavam molhados. Meleri alargou a mão, aceitou o galho úmido, e o sustentou diante dela. Não era culpa do Hugh que não houvesse nada mais disponível, raciocinou. A intenção era o importante. Agradeceu com voz apagada e trêmula enquanto tentava conter as lágrimas. Depois, voltou-se para o Robert, esboçou um sorriso e disse:

-Estou preparada, milord.

Robert tomou por surpresa quando entregou ao ferreiro, duas moedas de ouro, tirou-a do braço e disse:

-Vamos, moça. Saíamos deste lugar. Perplexa, olhou a seu redor.

-O que ocorre? O que passou? É que não vamos casar-nos?

De repente, umas mãos poderosas lhe pressionaram os ombros e Meleri girou em redondo para contemplar o que esperava que fora o semblante temível do noivo mas, em troca, a expressão do Robert era mais suave, suas palavras, mais amáveis.

-Sim, moça, nos casaremos, mas não aqui. Reatemos a viagem.

-Não entendo. O que te tem feito mudar de ideia?

Ficou olhando-a; era um homem alto e formidável, inclusive temível, mas, mesmo assim, Meleri sabia que jamais lhe poria a mão em cima.

-Você.

-Eu? Eu te tenho feito trocar de ideia?

-Sim, moça.

-Como?

-Por sua boa disposição. Não pensava me casar aqui. Foi uma prova, nada mais.

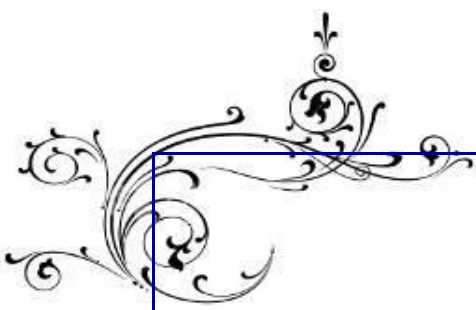
Olhou-o com receio.

-Uma prova? Que classe de prova?

-Se houver algo que os escoceses têm aprendido dos ingleses ao longo dos anos é que não são de confiar. Queria saber, antes que chegássemos ao castelo do Belohn, se de verdade tinha pensado seguir adiante com este matrimônio. Ou se não era mais que teatro, uma farsa.

-Uma farsa? Crê que me rebaixaria a isso? -Meleri estava tremendo de fúria-. É a acusação mais perversa -golpeou-o no braço com as flores-, desprezível -voltou a lhe dar, no ombro naquela ocasião-, calculista - golpeou-o de novo, mas não pôde dizer nada mais, porque ele a rodeou com os braços com força e a apertou contra ele.

-Embora não nos tenhamos casado ainda, receberei o beijo das bodas.



Uniu seus lábios aos dela, com força ao princípio, mas quando ela não resistiu, suavizou o beijo e a abraçou ainda mais. Instintivamente, Meleri levantou as mãos para empurrá-lo, mas estava muito atônita e surpreendida para fazer outra coisa que não fora render-se.

O beijo saqueou sua boca de uma maneira que dominava e cortava qualquer negativa que se alojasse em seu peito, e foi incapaz de reunir a fortaleza suficiente para opor-se. Robert era sedutor e maravilhoso, e sentiu como perdia a luta.

"Vivendo se aprende", pensou. Não sentia saudades que as donzelas saíssem às escondidas da casa pelas noites e os ministros de Deus esmurrassem o púlpito os domingos pela manhã.

"De maneira que isto é um beijo", disse-se. "Eu gostaria de praticá-lo mais frequentemente...".

Se ele tivesse querido consumir a união ali mesmo, sobre a enlameado chão, diante do ferreiro, da bigorna, de seu irmão, inclusive de Deus, Meleri teria sido incapaz de resistir.

Por fim, quando terminou o beijo e a soltou, Meleri se cambaleou contra ele, com os músculos debilitados e inverificados, com a mente confundida e desorientada. A boca lhe ardia ali onde seus lábios tinham entrado em contato. Seu corpo ainda pedia mais.

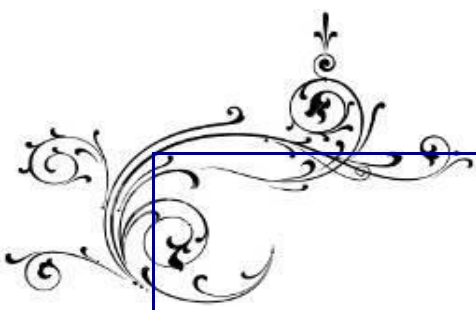
-Por que me olha assim?

-Tem garra - disse Robert-. E isso me alegra. Na Escócia se necessitam mulheres fortes que saibam confrontar as decepções e superar obstáculos. Também são difíceis de encontrar.

-São?

-Sim. Admiro as mulheres com fortaleza de espírito e força de caráter. Eu gosto de como persevera quando tudo parece difícil e irremediável.

-E eu gosto de como beija - disse perdida em um estado sonhador induzido por aquele delicioso beijo, um noivo pomenorizado e uns cumpridos tão dourados como aparentava sê-lo seu futuro. Só quando umas ruidosas gargalhadas penetraram seu transe compreendeu que tinha pronunciado em voz alta as palavras que tinha pensado. "Bom", disse-se, "é um pouco tarde para mortificar-se"-. Se já terminastes, nos ponhamos em caminho -disse-lhes, zangada-. Por bom que seja o som da risada, não nos fará salvar distâncias.



Capítulo 11

Quando saíram da ferraria, Meleri descobriu que lhe custava mais trabalho atravessar o lodaçal naqueles momentos que na sua chegada. Sentiu um grande alívio quando Hugh apareceu a seu lado e a sujeitou pelo braço.

-Vamos depressa, moça. Quanto antes partirmos, antes chegaremos.

Um pensamento profundo e perspicaz, concluiu Meleri, fazendo o possível por não rir. Seguiu caminhando junto a ele através de atoleiros e lama, aferrando-se a seu braço, rezando para não cair. Uns metros por diante, Robert atravessava o barro e os atoleiros como se caminhasse sobre terra seca. Meleri observou sua maneira de mover-se, e concluiu que gostava da fluidez com a que as partes de seu corpo cooperavam entre si. O via igual de bem por detrás que por diante. De fato, era igualmente agradável à vista desde em qualquer direção. Era um homem imponente, alto, forte, e de repente, recordou que estava um pouco mais que furiosa com ele por afastar-se e deixá-la novamente com o Hugh.

Incapaz de conter-se lançou outro olhar furtivo a Robert e o surpreendeu observando-a. Seus olhares se cruzaram e sentiu a intensidade abrasadora da atração correndo entre eles.

-Quanto falta para chegar a sua casa, ao castelo do Beloyne? -perguntou ao Hugh.

-Poderíamos chegar a menos de quatro horas, mas contigo, demoraremos, mas bem cinco.

Meleri se deteve em seco e disse ao Hugh:

-Não faz falta que alterem seu ritmo por mim. Posso cavalgar para galope, se for necessário. Viajem como normalmente fazem e não lhes surpreendam se vos adiantar. Meu pai sempre há dito que sei montar tão bem como um homem.

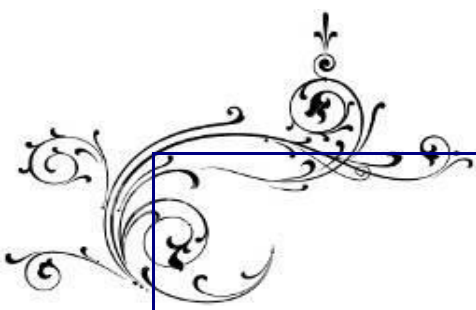
-E isso te enche de confiança, imagino.

Meleri olhou ao redor para ouvir a voz do Robert. Foi uma surpresa que aparecesse a seu lado e a tirasse do braço. Quando alcançaram os cavalos, fez voltar-se para ele e lhe pôs as mãos na cintura. Quando estava a ponto de içar a cadeira, Meleri lhe pôs uma mão no peito para detê-lo.

-Pedir-te-ia um favor antes de partir.

Robert lhe escrutinou o semblante um momento. Parecia-lhe muito arrogante e seguro de si. Sabia que a fazia sentir-se incômoda e, mesmo assim, não desviava o olhar. Por fim, quando acreditou que não poderia suportar um minuto mais seu escrutínio, disse:

-E que favor seria esse, moça?



-Eu gostaria de passar pela casa de minha antiga babá, Agnes Milbank. É viúva e confio em poder convencê-la para que acompanhe a Escócia.

Hugh assobiou.

-Uma jovem com reforços próprios. Isso eu gosto. Assim será mais interessante.

-Não-disse Robert.

-Vamos, Robbie, não te precipite. Não vê que sua moça necessita apoio moral? Acredito que te tem medo.

Vividos olhos azuis se obscureceram e se entreabriram para olhá-la,

-Como deve ser.

Meleri tragou saliva e, levantando a cabeça com desafio, devolveu-lhe o escrutínio, o qual arrancou uma gargalhada sincera do Hugh, quem disse:

-Uma moça que dá quão mesmo recebe. ; Benditos sejam meus cansados ossos! Começo a desfrutar da resistência desta sua pequena.

Sem mais comentários, Robert a içou e a colocou sobre o cavalo. Enquanto ela se acomodava, ele montou sobre sua enorme besta negra, que não dava amostras de cansaço depois de uma viagem tão larga.

Hugh seguiu insistindo.

-Que dano pode fazer? Não podemos demorar mais de uma hora daqui à casa de sua babá.

Meleri se perguntou se a tardança em responder seria outra prova. Claro que não importava. Sabia que era o momento de defender o seu, de desafiar a Robert, inclusive de lhe pegar o quando pudesse. Se não estabelecia aquela sensação de igualdade antes das bodas, jamais a conquistaria quando pronunciasse o "sim, quero".

Decidiu voltá-lo para tentar. Com aprumo, guiou a sua égua ao lugar em que Robert permanecia sentado sobre seu cavalo, como um enorme falcão negro disposto a equilibrar-se sobre o primeiro que se movesse. Deteve-se junto a ele e inclinou a cabeça para trás para olhá-lo aos olhos.

-Se não quiser me conceder um favor, que tal se fizermos um trato?

-Além do cavalo e do vestido, não tem nada com o que negociar.

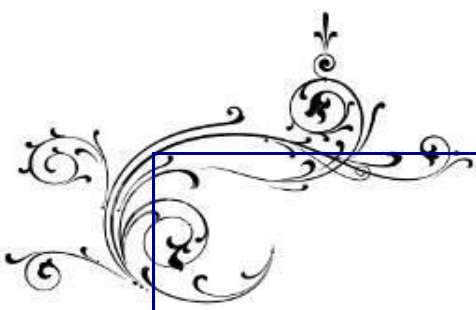
-Eu não estaria tão seguro - disse Hugh-. Tire-lhe o cavalo e o vestido, e me parece que tem muito.

-Já basta! -exclamou Robert. Depois, com um gesto depreciativo, Robert apartou a seu cavalo -. Leve-lhe isso e encontra a sua babá se te agradar. Mas, advirto-lhe isso, se o fizer, far-te-ei responsável pelo que ocorra. Assim, por seu bem, espero que as tragam sãs e salvas.

Hugh sorria a Meleri quando perguntou ao Robert:

-Onde nos reuniremos contigo?

-Acamparei perto do meandro do rio e te esperarei ali.



Enquanto se afastava, Meleri o viu partir sentindo-se como se acabassem de lhe entregar uma vitória.

-Veem, moça, será melhor que nos ponhamos em marcha.

A chuva caía com mais força. Não tinha reflexos de amainar.

Detiveram-se uma vez para perguntar como se chegava à casa do Agnes Milbank e descobriram que vivia mais longe do que esperavam. Tiveram que voltar a cruzar a fronteira com a Inglaterra, mas, felizmente, a partir de ali não se encontrava muito longe. Depois de tantas moléstias, o que aconteceria Agnes não estava em casa, ou se decidia não acompanhá-los?

Ao final resultou que sua sorte tinha melhorado da alvorada, porque Agnes não só estava em casa, mas também a entusiasmava a ideia de acompanhá-los.

-Uma resposta as minhas orações! -exclamou. Ai, milady! Não me ocorre nada que me pudesse agradar tanto. Desde que morreu meu marido, isto foi um aborrecimento.

Agnes empacotou uns pertences para a viagem e guardou o resto em seu enorme baú para que o enviassem ao castelo do Beloyne. Enquanto Agnes guardava seus efeitos, Hugh falou com um vizinho, quem aceitou entregar o baú a um chofer.

Assim que tudo esteve em ordem, Agnes e Meleri esperaram no pequeno alpendre enquanto Hugh ia procurar um cavalo para a babá. Não demorou em aparecer por um flanco da casa, com uma pequena égua. Depois de desmontar, ajudou a Agnes a subir à cadeira.

-Suponho que saberá montar a cavalo. Ela assentiu e tomou as rédeas.

-Meu pai era moço de quadra, e me criei com meu próprio pônei, embora faz muito tempo. Mesmo assim, acredito que estou em condições de cavalgar.

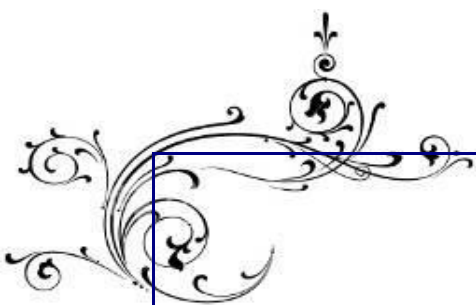
Ao que parece aquilo satisfez a Hugh, porque a içou à cadeira. Ao ver que Meleri já estava escarranchada sobre sua égua, subiu em seus próprios arreios e os três colocaram-se a caminho.

Meleri se voltou muito faladora e começou a lhe contar a Agnes todo o acontecido. Não lhe importava se Hugh escutava, por mais tedioso que pudesse lhe parecer, posto que já conhecesse os detalhes. Mas este parecia ter repleta sua quota de bate-papo feminino por um dia, porque instigou seu cavalo para que se adiantasse. Meleri seguiu com sua história. Quando chegou à parte do "quase matrimônio" na Gretna Green, não pôde evitar perguntar:

-Por que crê que considerou necessário me pôr a prova? Não te parece um pouco estranho?

-Absolutamente, milady. Só era precavido. A final de contas, vai levar a sua casa. Imagine como se sentiria se descobrisse que não pensava casar-se, que só queria sair da Inglaterra sã e salva.

-Tem razão - disse Meleri-. Não me tinha parado a pensá-lo. Claro, tinha que estar seguro. É um homem muito orgulhoso.



-Pensaria que, se você se casava com ele na Gretna Green se casaria com ele em qualquer parte.

-Céus, é certo, Agnes. De boa vontade me casaria com ele em qualquer parte, exceto na Gretna. Jamais tinha visto um lugar tão miserável em toda minha vida. O melhor dali foi partir. Estou-lhe muito agradecida por me haver economizado a humilhação de contrair matrimônio ali.

-Parece um homem sábio e justo. Embora venha saber que umas bodas na Gretna não é o sonho de nenhuma mulher, teria sido mais fácil para ele.

-Oxalá soubesse quando pensa casar-se comigo.

Agnes sorriu.

-Impaciente por contrair matrimônio com um desconhecido? Deve ser todo um homem.

Meleri iluminou o rosto.

-É-o, mas sabe que jamais me arriscaria tanto se não fora por uma boa razão.

-E essa boa razão nos tornou a unir e agora nos dispomos a viver em Escócia.

Ante aquele aviso, Meleri olhou ao redor.

-É evidente que já não estamos na Inglaterra. Até a terra parece mais abrupta e árida - sentiu um calafrio pelas costas-. Quanto mais nos aproximamos do ponto de encontro, mais tremo ao pensar em voltá-lo para ver. É um escocês selvagem. Não tem os séculos de cultura e refinamento de um lorde inglês.

-Magnífico! -Riu Agnes-. Não há imagino casada com um enrijecido lorde inglês que se veste como um dandi e seu único dilema é que caixa de rapé escolher. Entretanto, deve ser otimista, milady. Qualquer homem pode ser domesticado por uma mulher abnegada.

-Não se for ruiva - disse Meleri com aflição-. Você, melhor que ninguém, sabe com que facilidade minha abnegação se transforma em irritação - Meleri inspirou fundo-. Entretanto, estou decidida a me manter alegre e otimista.

Depois de uma cavalgada frenética que até ao exército romano lhe teria resultado exaustiva, reduziram o passo para atravessar em fila indiana um estreito arroio. Hugh esperou que Meleri e Agnes o alcançassem.

-Devemos andar um pouco depressa se queremos reunimos com o Robert a tempo.

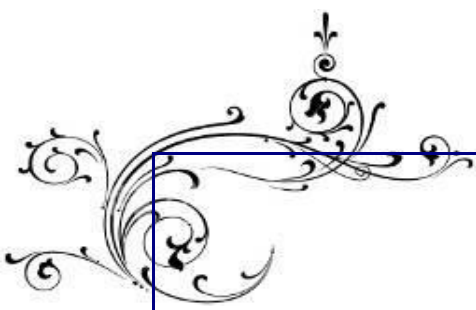
-O que acontecerá nos atrasarmos? -perguntou Meleri, e Hugh respondeu com uma gargalhada.

-O mais parecido a um assassinato.

-Se pretende me assustar, não está funcionando - disse Meleri.

-É uma moça independente, de fortes convicções e teimosa disposição.

-Dá a casualidade de que eu gosto de minha disposição. -Isso espero. Eu não gostaria que alguém se tomasse tantas moléstias para ser obstinado se não lhe agradasse ser assim.



Chegaram a um meandro do arroio e a Meleri deu um pequeno tombo o coração, porque via que Robert tinha acampado a curta distância, em uma garganta dividida por um pequeno fio de água que alimentava o arroio. As árvores descendiam até a borda, mas do lado do acampamento a terra estava limpa.

Os homens estenderam seus tartanes para as mulheres perto de um saliente rochoso. Robert já tinha recolhido lenha e aceso um fogo. Enquanto falava com Hugh, Agnes e Meleri baixaram ao arroio a lavar-se, mas depois de colocar um dedo na água gelada, decidiram sacrificar a limpeza em favor do calor.

Reuniram-se com os homens, sentou-se no tartán, a certa distância, e esperaram a ver o que ocorria a seguir.

-É muito bonito, milady - comentou Agnes, depois de observar ao Robert.

-Mais que bonito ao estilo lambido inglês, encontro-o muito atrativo, e muito varonil.

-Hugh também é de aparência agradável.

-Hugh é encantador e é evidente que gosta das mulheres, mas carece da força de propósito ou das qualidades de liderança de Robert. Pode-se ver por seu porte que Robert tem algo distinto, algo que o temperou como o mais fino aço. Os dois são arrumados, mas dou ao Hugh a vantagem com justiça. Entretanto, acredito que o aspecto de um homem é o menos importante. Preferiria ter um marido que compreendesse a outro que possuísse todos os atributos de um deus grego. Desespera-me pensar que nunca haverá um homem que me compreenda, Agnes.

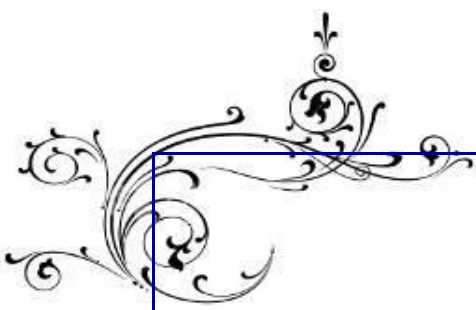
-Mmm -disse Agnes -. Recorda-me um pouco a meu avô. Era escocês, e muito supersticioso. Chamava-se Sejamós MacDougal. Passei muitas noites em seus joelhos, escutando contos de espectros, monstros e visões.

-Isso demonstra quão estúpidos são os escoceses - disse Meleri, e teve a estranha sensação de que alguém, em alguma parte, tinha-a ouvido, porque lhe pareceu escutar a voz espectral de um homem. Acabava de passar-se uma ideia pela cabeça quando uma neblina espessa e esverdeada a envolveu de forma repentina. Pestanejou e, quando voltou a fixar a vista, viu um homem robusto de média estatura, com cabelo escuro e semblante severo. Também lhe resultava muito familiar. Entretanto, eram seus olhos o que a enfeitiçavam, uns olhos azuis... De uma formosa cor escura e profunda.

Eram os olhos do Robert.

Entretanto, aquele não era Robert. “Quem é?”, queria perguntar, mas as palavras se amontoavam em sua garganta e era incapaz de articular palavra. O coração começou a lhe pulsar com força e sentia um crescente calor. Temia estar a ponto de desmaiar, e fechou os olhos fugazmente. Quando os abriu, o homem e a neblina tinham desaparecido.

-Milady, encontra-se bem?



-O que? Sim, estou bem. Enjoei-me um pouco, nada mais. Do que estávamos falando?

-De monstros, espectros e fantasmas, milady.

-Fantasmas - repetiu, e sentiu um repentino calafrio. Subtraiu-lhe importância. Estava cansada, nada mais. Esfregou-se a cabeça, um pouco aturdida. Sem saber por que, tinha a sensação de que alguém a observava.

-Sim, lembrava haver dito que os escoceses eram estúpidos por acreditar em...

-Nem tanto. Os escoceses não são os únicos que acreditam. Não esqueça que há muitos em Northumberland que falam dos duendes.

-Sim -disse Meleri devagar -, e diga de que me serve acreditar neles, ou em qualquer outra coisa!

Agnes sorriu.

-Sua vida dista de estar acabada. Ainda é muito jovem, milady.

-Agnes, jamais me havia sentido tão velha nem tão cansada... De verdade, sinto-me como se minha vida tivesse terminado - lamentou-se, sem preocupá-la se parecia à desolação em pessoa.

-É compreensível, sua vida está trocando em mil sentidos. Encontra-se receosa e insegura. Acredito que se sentirá muito melhor quando chegar a seu novo lar. Eu, por minha parte, espero com ilusão nossa nova vida. Não sabe quanto lhe agradeço que haja me trazido com você.

Meleri apenas a ouvia. Aterrava-a seguir adiante com tudo o que estava ocorrendo e, ao mesmo tempo, aterrava-a voltar a pôr o pé em terras inglesas. Viu o olhar de espera de Agnes e forçou um sorriso.

-Sim, Agnes. Tudo sairá bem, estou segura.



Capítulo 12

Sentado em uma rocha, Robert contemplava em silêncio tudo o que o rodeava e pensava na mulher com que ia desposar, a mulher que era inglesa até a medula.

Tinha perdido os escrúpulos. Não tinha salvação, porque tinha saboreado o vinho cheiroso da vingança e era o momento de apurar a taça sem preocupar-se com o gosto amargo que deixava. Aquela mulher era a vítima que prepararia para o sacrifício, embora soubesse que sacrificaria sua própria felicidade ao mesmo tempo.

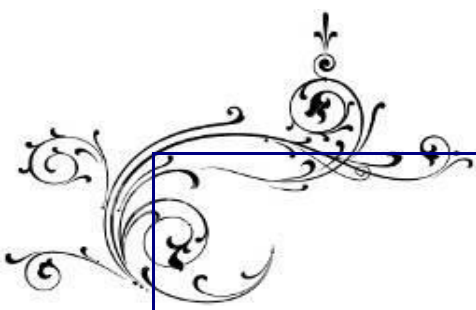
A partir daquele momento, planejá-lo-ia tudo com cuidado, minuciosamente, porque devia aliviar o fogo que ardia em seu ventre, a dor que crescia em seu coração. Permaneceria fiel o seu plano e seria indiferente ao engano, cruel na vingança, tenaz no propósito, sem escrúpulos no método, sempre impulsionado por um profundo e enraizado ódio pela injustiça inglesa. Não se alteraria e tampouco sentiria. Só haveria capacidade para cálculos a sangue frio no coração e uma espada de dobro fio na mão com a que executar a vingança e o castigo. Não tinha eleição. Já não controlava seu destino, e tampouco reconhecia a si mesmo. Uma força invisível o guiava naqueles momentos, e se perguntou se Deus o teria abandonado e o teria entregado ao diabo.

Franziu as sobrancelhas enquanto observava Meleri e analisava o que sentia. Naquele momento, ela voltou a cabeça, olhou-o nos olhos e sorriu. Durante um instante cegado, ficou estupefato ante o potente resplendor que ela parecia irradiar. Perguntou-se se teria tido lugar um feitiço. Era uma bruxa inglesa a que tinham enviado para seduzi-lo? Por isso padecia uns pensamentos tão turbadores e luxuriosos? Quando a olhava, imaginava voltando-se para ele, com seu corpo nu adornado com sua incrível cabeleira vermelha.

Seu corpo reagiu à imagem, mas se controlou. Não podia permitir o luxo de ceder à paixão ou às emoções. Era outra carga que tinha herdado junto com seu título. Era o amo do controle, e se alegrava, porque já sabia que, no referente a ela, necessitá-lo-ia. Era uma mulher inquietante. A seu lado, Robert era tão vulnerável como uma ferida aberta.

-Vá, vá, esse era um olhar ávido -disse Hugh, reunindo-se com ele -. Deduzo que ainda pensa te casar com ela.

-Eu goste ou não, terei que fazê-lo. Necessitamos dinheiro e ainda tenho o decreto do rei pendendo sobre minha cabeça. Não tenho nem tempo nem desejo algum de procurar a outra. Devo me casar com ela e resolver a questão de seu dote, se quiser manter um teto sobre nossas cabeças. Do contrário, perderemos tudo dentro de três meses.



-Dá-te conta de quão afortunado é por ter encontrado tão facilmente a uma moça de tanta beleza e possuidora de uma grande quantia no seu dote...? É incrível!

-Eu gostaria de ver a cara que põe o rei Jorge quando se inteirar de que o venci em seu próprio jogo. Não só encontrei a uma nobre inglesa, mas também o tenho feito o primeiro dia que estive na Inglaterra.

Hugh riu.

-Isso não fará que te veja com melhores olhos.

-Como se me importasse. A cabeça desse homem é como o céu, está cheia de ar. Escuta com muita frequência a esses afetados conselheiros que o rodeiam.

-Falando do rei, não deixe que o orgulho te faça esperar muito. Se ocorresse algo que a fizesse mudar de ideia perderíamos tudo. Corremos um grande risco se te demorar mais do necessário.

-Sei.

Hugh trocou de tema.

-Tenho a sensação de que levarão uma surpresa quando voltarmos a casa. Duvido que ninguém aguarde tão logo nossa volta.

-Então, mais vale que almocemos algo rápido e reatemos a marcha, ou teremos que passar outra noite à intempérie.



Capítulo 13

Chegaram a seu destino a última hora da tarde.

Faltava pouco para o ocaso e era o momento mais adulator do dia, mas nem sequer a aquela luz favorável o castelo de Beloyne parecia promissor. Ao ver os robustos muros pela primeira vez, Meleri disse ao Agnes:

-Os escoceses devem sentir uma funda reverência pela pedra. Está por toda parte.

E era certo. Situado no alto de uma colina coroada por uma enorme rocha, Beloyne emergia do chão. Parecia em parte igreja, em parte fortaleza e em parte, Deus sabia o que. Em algum momento da história devia ter devotado um aspecto impressionante: uma robusta fortaleza com seu telhado de duas águas, torre senhoriais e a estranha combinação de altivez e tibieza. Naqueles momentos, estava horivelmente descuidado, faltava-lhe uma parte do telhado e uma asa não era mais que um montão de pedras caídas.

O resto não estava em muito melhor estado, já que era um montão de estátuas de grifos em ruínas e talhas grotescas que se elevavam majestosamente da base de pedra afiada. Entretanto, havia algo quase nobre na desolação. Meleri quase podia sentir que o passado a chamava. Ali se erguia um castelo em ruínas construído sobre um saliente rochoso na metade de um formoso prado.

Fechou os olhos o tempo justo para imaginá-lo como tinha sido, com as paredes cobertas de finas tapeçarias de seda, e a louça de bom cristal. Resultava-lhe estranho que se sentisse tão atraída para o castelo, mais por um vínculo tangível com seu passado trágico e romântico e curiosa por saber por que estava meio em ruínas.

-Este lugar deve parecer horrível na escuridão - disse Agnes.

-Agora já o parece - repôs Meleri, e com razão. Até os jardins estavam descuidados.

-Já quase chegamos - disse Hugh.

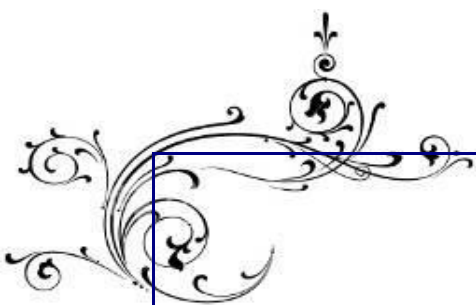
Para ouvir sua voz, Meleri não pôde evitar sentir uma tênue decepção por que Robert não estivesse com eles. Horas antes, durante o alto que tinham feito para almoçar um pouco de aveia cozida, Robert tinha desaparecido.

-Tinha assuntos que atender em Edimburgo - tinha sido a explicação do Hugh. Necessitava algo?

-Não - Meleri tinha tentado sorrir, mas era superior a ela -. Quando voltará?

-Quando tiver terminado ali.

Perguntou-se se alguma vez se acostumaria à brutalidade dos escoceses, como a marcha inesperada do Robert. Seu único consolo era saber que não demorariam a



casar-se e que possivelmente algum dia chegaria a compreender aquele homem tão complexo.

Com Hugh encabeçando a marcha, aproximaram-se do castelo. Meleri via rastros de passado rico e nobre ao passar junto a bancadas e aterros, onde hortaliças e flores tinham crescido anteriormente. Os jardins estavam divididos por enormes sebes, e cada um tinha reflexos de ter sido muito diferente em algum momento, embora na atualidade estavam muito descuidados e crescidos. Entretanto, vislumbrou formosas estátuas, algumas quedas, e uma fonte seca. Ao que parece, fazia muito tempo que não havia água. Entretanto, a vista mais arrebatadora era um tranquilo lago de cisnes rodeado de um campo de lavanda.

Enquanto se aproximavam, percebeu o melancólico som de uma gaita de fole, tão tênue e triste que se perguntou de onde viria.

-Pergunto-me quem estará tocando.

-Tocando o que?

-A gaita de fole. Não a ouve?

Agnes voltou a cabeça levemente, como se queria escutar.

-Não ouço nada, milady.

-Não ouve a gaita de fole?

-Não, milady. Não ouço nada, nem sequer o vento. Há um silêncio e uma imobilidade terrível, como em um cemitério - Agnes se estremeceu e se esfregou os braços; depois balbuciou algo sobre o frio que fazia em Escócia.

Meleri estava a ponto de lhe perguntar ao Hugh se podiam ouvir as gaitas de fole quando a melodia começou a se debilitar até apagar de tudo. Possivelmente tivessem sido imaginações delas, pensou Meleri. Tinha sido uma comprida viagem e os ouvidos podiam estar lhe enganando.

Quando chegaram, desmontou com a ajuda do Hugh.

-Cuidado com as pernas -disse -. Ficam rígidas depois de uma viagem tão longa. Poderá caminhar sozinha ou quer te apoiar em mim?

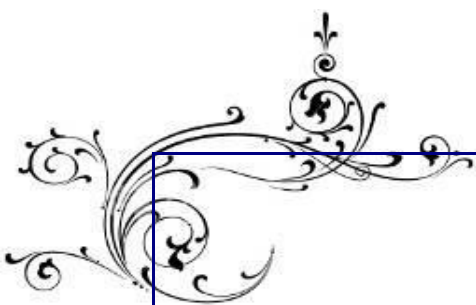
Meleri levantou o queixo e disse:

-Se você pode caminhar, eu também. Escutando as ruidosas gargalhadas de Hugh, Meleri rezou para que fora certo.

Felizmente, as arrumou embora os joelhos ameaçassem lhe falhando enquanto subia os altos degraus. Quando chegou ao alto, fez uma pausa e viu como Agnes aceitava o oferecimento de ajuda do Hugh.

Agnes a olhou uma vez, ruborizou-se e baixou a vista.

"Desavergonhada" pensou Meleri com regozijo. Agnes era forte como um boi, e até poderia levar ao Hugh em braços pelas escadas sem ajuda. Entretanto, Hugh era jovem, robusto e agradável à vista. Não culpava a sua antiga babá. Na vida os prazeres eram muito contados.



-Por aqui - disse Hugh, e as conduziu para uma enorme porta pesada cuja o portal tinha a forma da cabeça de um leão e parecia o bastante sonora para despertar aos mortos. Hugh abriu a porta e se apartou para fazê-las passar.

O vestíbulo estava às escuras. Não ardia nenhuma só vela. Meleri vacilou, mas quando ouviu a gargalhada do Hugh, franqueou a soleira para ir ao encontro de seu futuro.

E entrou em uma completa escuridão.

Olhasse onde olhasse, tudo estava negro. Não podia ver a mão que tinha diante. Possivelmente devesse esperar e ir ao encontro de seu futuro ao dia seguinte. Hugh prosseguiu, como se caminhar a provas por um vestíbulo às escuras fora o mais natural do mundo.

-Devem ter fome.

-Sim, mas ao que não me oporia é a um pouco de luz -repôs Meleri.

Hugh não disse nada enquanto retirava as pesadas cortinas de duas janelas para que a luz do sol iluminasse os chãos de pedra do cavernoso vestíbulo.

-Seus desejos são ordens para mim, me siga, moça -disse, e as conduziu a um impressionante salão de banquetes medieval.

A estadia era enorme... Fria, com grossos muros e janelas, e bastante lúgubre. Meleri se estremeceu, embora não sabia se era pelo frio da estadia ou por seu opressivo ambiente sombrio.

Parecia que levassem anos sem acender a chaminé. Os chãos de pedra estavam nus e bastante sujos. As paredes, imundas e escuras por uma acumulação de vários séculos de fumaça. Atrás tinham ficado as tapeçarias de seda que tinha imaginado. Não se parecia em nada a uma mansão inglesa, e não se imaginava vivendo ali durante o resto de sua vida.

A ponto de perguntar-se se o castelo estava vazio, sobressaltou-se quando Hugh gritou de repente:

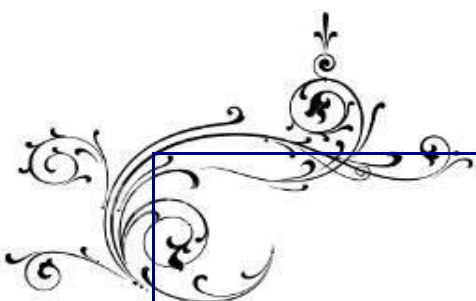
-Onde está todo mundo? -dirigiu ao Meleri um tímido sorriso-. Espero que tenham a comida lista.

-Eu não estaria tão segura -repôs Meleri -. A comida não parece ser tão necessária para a sobrevivência dos escoceses como o é para os ingleses. É que alguma vez tem fome?

-Às vezes - Hugh se aproximou de uma mesa de cavalete-. Olá? Há alguém? - e a esmurrou com o punho. Levantou-se uma nuvem de pó.

Meleri voltou a cabeça e se tampou o nariz, mas tossiu de todas formas. Hugh se uniu a ela com outro arranque de tosse.

Meleri não podia acreditá-lo. Um castelo tão grande e não havia ninguém para recebê-los? Devia tratar-se de uma brincadeira. Passeou o olhar por aquele entorno cavernoso. Tinha ouvido que Escócia era um país atrasado, mas aquilo era ainda pior. Na Inglaterra, os cavalos tinham estábulos mais limpos que aquele salão.



Aquele lugar desmantelado e cheio de fuligem não podia ser a morada do conde do Douglas.

Agnes enrugou o nariz.

-Céus! Cheira a curral e parece uma casa de loucos. Que lugar é este, milady?

-Não sei Agnes. Estou muito atônita para falar - Meleri percorreu a habitação com o olhar em busca do Hugh e ficou atônita, já que divisou a Robert de pé junto a Hugh, perto da chaminé. Estavam falando com um homem alto bastante distinto de cabelo cinza. Robert se comportava como se não ocorresse nada fora do ordinário. De fato, o via depravado e bastante jovial.

-Deveríamos reunimos com eles - disse a Agnes.

-Ah, milady, esperemos aqui mesmo, meu deus, seu conde é pobre de solenidade. Sei que viver aqui parece uma má eleição, mas é quão única temos agora mesmo.

Meleri ficou pensativa por um instante.

-Há outra eleição que me ocorre.

-Qual?

-Mudar.

-Mudar o que, milady?

Endireitou os ombros enquanto contemplava a desordem que a rodeava.

-O que encontre desordenado ou desagradável.

-Agnes a olhou como se lhe tivesse pedido veneno.

-E por que teríamos que fazer isso?

-Porque é impossível viver assim, e o que não podemos tolerar, devemos modificá-lo. Trocar ou morrer, Agnes. Não está de acordo?

-Não sei milady. Eu acredito que seria mais fácil trocar a percepção de um que trocar o exterior.

-Agnes Milbank! A complacência não é uma qualidade admirável. Eu jamais poderia seguir o curso do destino docilmente. Prefiro fazer um esforço por arrumar a situação. Você é como uma roda que sempre gira no mesmo sulco.

-Sim, mas ao menos sei aonde leva o caminho e que chegarei.

-Que aborrecimento!

-Quanto a este lugar - disse Agnes, olhando a seu redor-, já é muito tarde para arrumá-lo, milady.

-Sempre acreditei no impossível. Está descuidado, nada mais. Só necessita que alguém se interesse em ordená-lo. E meu dote é o bastante abundante para arrumar este castelo - Meleri olhou ao redor-. Mmm... O que faremos primeiro?

-Atirá-lo abaixo.

-Agnes, não é momento para brincar.

-Não era nenhuma brincadeira, milady -Agnes parecia tão perdida como um cordeiro -. Não fica outra sugestão. Você é a que transborda energia.



-Temo não estar muito inspirada ainda. Não demorará a cair à noite e precisamos um lugar em que dormir.

Acabava de terminar a frase quando Robert apareceu repentinamente a seu lado, com os polegares enganchados em um cinturão marrom e os pés separados, olhando-a como se quisesse ler o pensamento.

-Me desculpe por te haver feito esperar tanto depois de uma viagem tão longa. Sei que deve estar cansada. Deveria me haver ocupado de que lhe ensinassem suas habitações antes de me parar a falar com meu tio.

-Com seu tio?

-Iain. Cair-te-á bem, sei.

Aquilo tomou por surpresa. Jamais tinha visto um homem desculpar-se, e não sabia o que dizer. Sentiu que as bochechas avermelhavam tanto como seu cabelo.

-Está-te pondo tinta.

-Melhor uma cara vermelha que um coração negro - replicou, sentindo que tinha um dos corações mais negros dos arredores por ter pensado coisas tão horrendas de sua casa-. Não havia partido de viagem?

-Te anime moça. Troquei de ideia para não deixar sozinha a certa moça. Agora estou aqui. Amanhã verá tudo com melhores olhos.

Meleri avermelhou ainda mais. Era como se sinalizasse a profundidade de sua vulnerabilidade, e não lhe agradava.

-Não posso dizer que seja tão otimista como você, nem estou excessivamente impressionada com o que vi até agora. Sinceramente, este lugar está em ruínas.

Robert estava sorrindo, como se as ruínas não fossem um problema para ele.

-Assim é.

-Estamos como havia dito cansadas. Também temos fome e nós gostaríamos de tomar um banho. Até agora, ninguém se há sentido inclinado a nos oferecer nem um sorvo de água. Meu primeiro pensamento foi que me trouxeste aqui para resolver um velho rancor contra os ingleses.

O sorriso desapareceu e foi substituída por um olhar cauteloso.

-Por que diz isso?

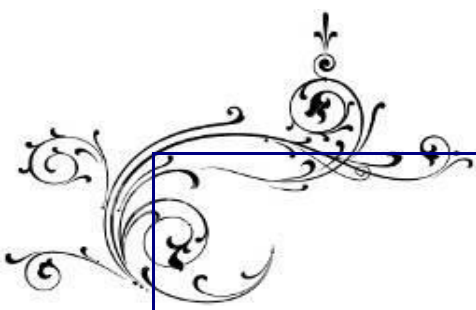
-Passei a vida em Northumberland. Sei tudo sobre as guerras da fronteira e o ódio enraizado dos escoceses contra os ingleses.

-Se tão versada estava, por que aceitou a te casar comigo?

-Porque me senti levada a fazê-lo -disse, surpreendida ela mesma de não referir-se a lorde Waverly. Robert arqueou as sobrancelhas e a olhou com estranheza.

-Creio que era seu destino?

Meleri se encolheu de ombros.



-Um pouco parecido, suponho. Em realidade não posso explicá-lo. Era como se tudo encaixasse. Rompi meu compromisso e sai de casa sem um destino fixo, de repente, como por arte de magia, aparecem você e seu irmão...

-Com a ordem do rei de encontrar uma esposa inglesa... E ali estava você.

-Sim, e não posso apagar a sensação de que tudo isto estava destinado.

Robert a estava olhando de maneira insólita, como se de repente lhe tivesse dado algo e não soubesse o que fazer com isso.

-É muito pouco corrente, sabe? Interessante, e nada parecida com como imaginava que seria uma moça inglesa -interrompeu-se -. Mas todo este bate-papo não te tira a fome. Veem. Farei que alimentem bem a minha prometida... E a sua babá.

Seguiram-no até um extremo da mesa, enquanto Robert lançava ordens, o qual fez aparecer a um serviçal no salão. Não demoraram a limpar a mesa.

-Este parece um bom sítio - disse Robert; deteve-se no extremo da mesa e tirou uma cadeira. Quando Meleri e Agnes se sentaram, vários criados retornaram com terrinas de comida que colocaram ante elas -. Uma comida humilde, mas quente e que lhes encherá o estômago - disse Robert-. Comam, eu voltarei em seguida.

Meleri e Agnes se equilibraram sobre a carne assada acompanhada de batatas ao romero e pãozinhos quentes, que banharam generosamente com mel, já que não havia manteiga. Enquanto comia, Meleri não perdeu de vista ao Robert, e ficou assombrada ao ouvir sua voz ensurdecadora estalando no outro extremo do salão.

-Que diabos está acontecendo aqui? -perguntou, e sujeitou a um moço pelas orelhas quando passava-.Pelos hábitos de São Columbano! Trago minha prometida para casa a tomar um festim e não têm nada preparado? Onde está Fiona? por que não está limpo o salão e o fogo aceso? Não tem feito ninguém nada em nossa ausência?

-Não sei - respondeu o moço. Robert lhe deu um empurrão.

-Procure alguém para que limpe tudo isto. Fiona!

Uma mulher esbelta de cabelo cinza entrou correndo na estadia, secando-as mãos no avental com o semblante tão culpado como Judas com as mãos cheias de prata.

-Chamou-me?

-E tanto que te chamei. O que significa tudo isto? Atreve-te a servir a nossas convidadas em uma habitação tão descuidada?

A mulher lançou um olhar ao lugar em que Agnes e Meleri comiam tranquilamente.

-Chegaram antes do esperado. Não tivemos tempo para preparar...

-Quero que limpem este salão! -Interrompeu-a Robert-. Entendido?

-Sim, milord - apressou-se a dizer Fiona, e saiu correndo da habitação.



Meleri aproveitou a oportunidade para observar a Robert. Não emprestava muita atenção ao que lhe dizia à mulher; preferia observá-lo com detalhe. Era um homem complicado, e interessante precisamente por isso... Igual uma figura de três dimensões era interessante comparada com outra plana. Encontrava-o irresistível e fascinante, atrativo e perturbador. Tão logo estava sério, grave e misterioso como trocava sem prévio aviso e se convertia em um homem quente, brincalhão e franco. Advertiu como as calças e o espartilho se mantinha em seu corpo enganosamente musculado para uma figura tão esbelta. Nele se concentravam o orgulho do passado e a esperança do futuro.

Quando Robert voltou a reunir-se com elas, Meleri e Agnes já tinham terminado de jantar.

-Onde está sua avó? -perguntou Meleri.

-Não está aqui.

-Isso já vou vejo. Sempre tem uma maneira tão estranha de dar a bem-vinda a seus convidados?

-A minha avó não agrada nada que seja inglês, exceto Shakespeare.

-Quer dizer que devo me mostrar digna... Matando dragões e todo isso?

-A avó tem sua particular maneira de determinar a valia de uma pessoa.

-E qual é?

-Os escoceses demoram a formar uma opinião, e a formam só depois de muita reflexão. Lady Douglas sustenta que podemos julgar o mérito de um homem pondo a prova sua resistência e integridade.

-E creio que tem razão?

-Em princípio, se não em método.

-Também é uma maneira de sentir-se pouco querido. A ninguém gosta que não o saúdem.

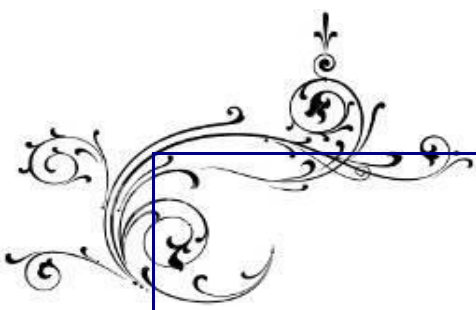
-Não - disse Robert devagar, sem apartar o olhar de seu rosto-, A ninguém.

Meleri teve a sensação de que algo corria entre eles, um magro fio que os unia. Não podia negar a atração que sentia por ele e nesse aspecto se considerava muito afortunada.

-Se estiver disposta a dar por terminada a jornada, a conduzirei a suas habitações.

Caminhava a seu lado, Agnes ficou discretamente atrasada. Aquilo provocava em Meleri a oportunidade de falar com ele a sós... O qual quase que não tinha podido fazer até aquele momento. Fez-lhe algumas pergunta sobre Beloyne e descobriu que havia treze aposentos no segundo andar, cinco deles situados na asa em ruínas.

Chegaram ao segundo piso e percorreram um comprido corredor em sombras. Detiveram-se na última habitação. Robert abriu a porta e entraram juntos. Meleri teve a sensação de que, ao franquear a soleira, estava entrando em seu futuro.



Era uma habitação espaçosa, com um guarda roupa contíguo, que, conforme decidiram, seria perfeito para que Agnes passasse ali a noite. Ao entrar, Agnes se aproximou do guarda roupa, onde estavam depositadas as pertences que tinha levado consigo.

-Ficarei aqui dentro para desfazer a mala: milady.

Meleri viu que a habitação tinha sido bela em seu dia, mas, como o resto do castelo, estava deteriorada. Naqueles momentos, quão único chamava a atenção eram as grandes dimensões e o escuro revestimento de madeira que cobria as paredes.

Era uma habitação fria, inóspita e insuficientemente mobilhada. Ante o trio de pequenas janelas se erguia uma mesa magnificamente lavrada que tinha a pata rota, e uma cadeira colcha com o assento de couro gasto. Outra cadeira, menor que a primeira, encontrava-se sob a janela mais ampla, e tinha a almofada de brocado gasto e desfiado. A chaminé estava tão nua como o resto da habitação. Meleri quase temia contemplar a cama. Tinha vultos nos lugares em que não se afundava, e estava coberta de seda verde gasta.

Pensou em sua formosa habitação do Humberly Hall, Durante um momento de auto compaixão, sentiu desejo de chorar, mas aborrecia as mulheres que não tinham mais recursos que a habilidade de derramar lágrimas. Além disso, por que ia chorar?

A habitação, era como Robert, tinha possibilidades.

Aquela era sua casa, e a converteria em algo formoso. Seria feliz ali, simplesmente porque estava decidida a sê-lo. "Pensa em algo alegre antes de ir à cama", recordou-se.

De repente, deu-se conta de que Robert seguia a seu lado, observando sua reação.

-Não te agradei por nos ensinar nossas habitações -disse-. Sei que poderia haver encarregado a outra pessoa.

-Por que crê que decidi não fazê-lo?

Ela escrutinou seu rosto.

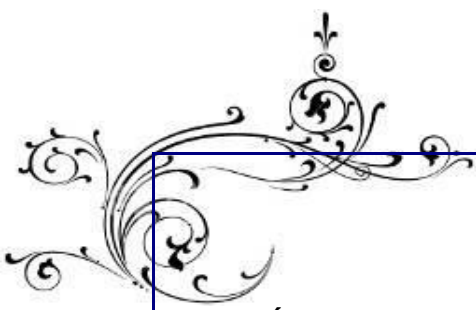
-Possivelmente pela mesma razão pela que não partiste para Edimburgo como tinha planejado.

-Sim, pode que seja pelo mesmo - tomou um dos cachos do Meleri na mão e o esfregou entre os dedos -. Possivelmente tenha descoberto que eu gosto do cabelo vermelho.

-Só isso?

Um ápice de sorriso elevou as curvas de sua boca.

-Não, não só isso, mas é quão único vou contar-te, de momento.



-É muito perverso me deixando na ignorância - contemplou aqueles intensos olhos azuis quase ocultos baixo as povoadas sobrancelhas e desejou que lhe acalmasse o coração-. Não me pode dizer isso -

-Não, moça, encher-te-ia a cabeça de ideias.

-Que tipo de idéias?

-Deste tipo - inclinou-se para ela e, aproximando a sua boca à boca de Meleri, deu-lhe um suave beijo nos lábios. Foi um beijo ligeiro e comprido, que lhe fez ansiar mais -. Há coisas mais singelas que as palavras.

-E... e isso é quão único vais dizer?

Emitiu umas gargalhadas guturais e lhe plantou outro beijo nos lábios. Mais suave e curto que o primeiro.

-Sim, moça, no momento.

Sentiu-se repentinamente incômoda e, para distrair-se, passeou o olhar pela habitação. Ele também o fez.

-Sei que não é grande coisa - disse Robert.

-Não, não o é.

-Com o tempo, confio em que esteja cômoda aqui.

-Está-lo-ei... Com o tempo.

-Compreendo que terá que fazer algumas mudanças.

-Sim, se vivo o bastante para empreendê-los. Robert riu entre dentes.

-É jovem e transborda otimismo - olhou-a como se fora a beijá-la outra vez, mas o olhar se desvaneceu-. Deixar-te-ei para que possa te deitar. Se me necessitar, envia a Agnes para me buscar.

Enquanto o via afastar-se, Meleri se prometeu fazer: um esforço por ser mais tolerante, menos crítica e rápida em sua censura. Melhoraria. Fá-lo-ia! Porque Robert tinha algo que a comovia como ninguém a tinha comovido nunca.

-Foi-se, milady? - Agnes entrou totalmente na habitação e se deteve -. Encontra-se mau?

-Não, só decepcionada. Ai, Agnes, por que minha vida está de cabeça para baixo? Nunca me havia sentido tão insegura. Não sei se me sinto desgraçada ou iludida. Este lugar é inquietante e pobre e, mesmo assim, albergo tantas esperanças... Não quero voltar para casa, mas tampouco me sinto cômoda. Não sei o que me passa... Sinto-me tão volúvel... Tão desconjurado... -e se sentou na cama.

Agnes sentou-se a seu lado e lhe deu um tapinha na mão.

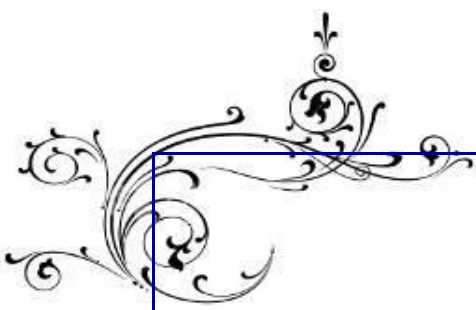
-Estou segura de que se sentirá mais otimista depois de uma noite de descanso.

Meleri assentiu.

-Me alegro de que esteja aqui, Agnes.

-E eu. Necessita que a ajude a despir-se?

-Não, você te deite. Eu me posso arrumar isso embora...



-Embora o que?

Olhou-se, o traje de amazona.

-Não tenho nada com o que dormir. De fato, não tenho nada que me pôr, salvo este patético trapo que tenho posto a tanto tempo que já parece minha pele.

-Vi uma camisola aos pés da cama. Possivelmente alguém o tenha deixado aí para você. Assim que chegue meu baú, poderei lhe fazer vestidos. Guardei vários metros de tecido.

-Não posso aceitar seu tecido.

-É obvio que sim. Precisa de vestidos.

Meleri aproximou-se dos pés da cama e tomou a camisola branca de algodão. O tecido era fino e gasto. Mas tinha uns bordados preciosos.

-Pergunto-me quem terá posto isto aqui.

-Possivelmente alguém que queria que se sentisse melhor antes que se metesse na cama.

Meleri sorriu.

-Boa noite, Agnes. -boa noite, milady.

Meleri despiu-se rapidamente e se meteu na cama. Encontrou uma posição cômoda e relaxou, agradecendo pela oportunidade de voltar a dormir sobre um colchão.

Antes de fechar as pálpebras, ouviu um estranho som.

Abriu os olhos de par em par. Conteve o fôlego e aguçou o ouvido.

Em algum lugar do centro do castelo, soava música. Enquanto jazia na cama, escutando, reconheceu a melodia melancólica de uma gaita de fole, quão mesma tinha ouvido antes. ficou geada, temerosa inclusive de respirar.

O som da gaita de fole cresceu, como se o gaiteiro estivesse se aproximando. Por estranho que parecesse quanto mais o ouvia, mais se relaxava. Cobriu-se com os lençóis até o nariz e sussurrou:

- Não te tenho medo. Ninguém capaz de tocar algo tão maravilhoso pode ser mau.

Uma doce fragrância encheu a habitação. Suspirou, sentindo-se repentinamente relaxada e terrivelmente sonolenta. Fechou os olhos, escutando o melodioso som que lhe parecia a um tempo sincero e triste. No dia seguinte tentaria averiguar de onde provinha e quem podia tocar com tanto sentimento.

- Amanhã - sussurrou e, ficando sonolenta, sonhou com um brejo silencioso em que se cercaram sangrentas batalhas e pelo que se dizia que caminhavam velhos druidas.



Capítulo 14

Philip estava profundamente adormecido nos braços de sua amante quando seu pai, Edward, duque do Heatherton, deu um chute à porta do dormitório e entrou feito uma fúria.

- Pai!

- Sai do leito desta fulana e se vista.

- Como se atreve...? - quando lady Jane Middleton levantou a cabeça e viu a cara do duque, ficaram atravessadas as palavras na garganta.

-Já não são precisos seus serviços - disse o duque, e jogou moedas sobre a mesa-. Isto deveria compensar qualquer abalo que creia ter sofrido.

Docilmente, Jane voltou a deitar-se.

Tendo saltado rapidamente da cama para obedecer a seu pai, Philip tinha o coração palpitando. Jamais tinha visto seu pai tão furioso, e não entendia por que. Já sabia que tinha uma amante. Jane era uma hóspede frequente em seu imóvel da campina. Não compreendia: o que provocava aquela repentina mudança.

-O que significa tudo isto?

-Sobe à carruagem - disse o duque-. Agora mesmo.

-Meus sapatos...

-Têm outros - o duque deu a volta e saiu da habitação como tinha entrado só que, naquela ocasião, Philip correu atrás dele, descalço e sem a amante.

Quando chegou à carruagem, seu pai estava esperando dentro. Sem dizer nada, subiu ao interior. Assim que o chofer fechou a porta, o duque se voltou para ele com temida intensidade.

-Estive esperando que te fizesse um homem de proveito até que perdi a paciência. Proporcionei-te todas as oportunidades, a melhor educação, o benefício de meus melhores conselheiros, assim como liberdade e fortuna. Que recibo em troca? Um esbanjador! Um esbanjador inútil e fornicador que acredita que seu pai é muito estúpido para compreender que lhe está tirando o sarro...

-Eu nunca...

-Não pensava em se casar com lady Weatherby, verdade? Era uma maneira de me aplacar. Em algum rincão dessa cabeça oca tua pensou que seu pai era velho e estúpido, uma relíquia do passado a que podia superar em engenho e paciência. Como devo te haver decepcionado quando segui desfrutando de excelente saúde, em lugar de morrer e lhe deixar isso tudo a ti para seu livre esbanjamento!

-Isso não é...

-Não me minta! Economize-me essa ofensa, pelo menos. Estive te vigiando durante bastante tempo, mas, por respeito a seu finada mãe e por não me humilhar a



mim mesmo deserdando a meu próprio filho, deixei que seguisse fazendo das tuas. Pois, moço, foste muito longe ao romper seu compromisso com a filha de sir William.

-Era ela quem queria rompê-lo. O duque esbofeteou a Philip com as luvas de couro.

-Toma-me por estúpido? Tenho todos os detalhes. Falei com seus amigos, cujos pais conseguiram lhes surrupiar a verdade de maneira similar a esta. Mais te valeria recordar o motivo pelo que estava prometido à lady Weatherby. No caso do esqueceste, me permita que te refresque a memória. Somos uma família muito próspera, mas só em terras. No relativo ao dinheiro, nossa fortuna foi diminuindo ao longo dos anos. Só fica suficiente para cobrir meus gastos e te procurar uma atribuição mensal... Uma atribuição que você esbanja. Perde as terras que conservamos e não terá nada. Não obstante, se te interessa herdar o que agora possuímos, é imperativo que te case com uma mulher rica. Explico-me com clareza?

-Com total clareza.

-Bem. Não quero nenhum mal-entendido nesta muito grave questão. Se decidir não acatar minhas ordens, ver-me-ei obrigado a ir vendendo progressivamente as terras que teria herdado. Em outras palavras, quanto mais viva eu, menos receberá você. Isso deveria ser motivação suficiente. Jogaste-o tudo a perder. Quando lady Weatherby foi verte, deveria lhe haver satisfeito, ter fixado a data das bodas.

-Mas... Mas ela não queria fixar uma data. Ela...

-Sei que não moveu um dedo para esclarecer o mal-entendido, assim não me insulte tentando insinuar o contrário. Já me reuni com meu advogado para modificar meu testamento. Será melhor que reze para que minha boa saúde perdure, porque se morrer agora ficará sem um centavo.

Philip compreendeu que não havia escapatória possível salvo a de suplicar mercê e pedir uma oportunidade mais para demonstrar sua valia. Sabia que a única possibilidade de salvar-se era cedendo à vontade de seu pai. O duque não podia impedir que herdasse o título, era seu direito de nascimento, mas podia vender as terras, como ele mesmo havia dito, e também deserdá-lo. Philip só teria o título e a roupa do corpo. Estaria arruinado. Nem sequer os nobres mais humildes querariam casar a sua filha com ele.

-O que posso fazer? Não sabia que tivesse esse parecer, nem que nossa situação fora tão lúgubre. Acredito que mereço outra oportunidade antes que me deserde.

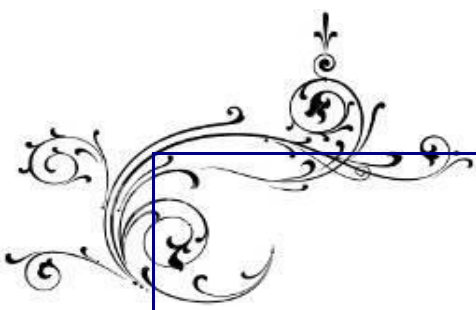
-Tem um mês para convencer a lady Weatherby que te perdoe e fixe a data das bodas. Depois, dispõe de um mês para te casar e consumir o matrimônio. Assim que esteja satisfeito, voltarei a trocar o testamento, mas inclusive então, receberá só uma



pequena atribuição de meus bens como herança, em quantidades anuais que irão incrementando-se progressivamente, sempre que estiver contente com seus progressos.

Tinham chegado à residência londrina do duque, e a carruagem se deteve. O duque de Heatherton apeou.

-Charles te levará a casa. Recorda, dois meses é o prazo de que dispõe para arrumar a situação e te casar com a garota. Depois, já não será meu filho e não receberá de mim nenhuma ajuda econômica.



Capítulo 15

Na manhã seguinte, Meleri despertou com o canto jubiloso de um pássaro que se encontrava perto de sua janela e, por um momento, pensou que estava outra vez em casa. Levantou-se, ainda sonolenta, sentindo curiosidade por ver que dia fazia. Aproximou-se dos cristais, abriu as venezianas e saudou a formosa paisagem que se estendia ante ela.

A seus pés, a grama parecia estender-se para o infinito. No céu, uma águia dourada planejava por cima de robustas violetas na confine de um bosque. Um rebanho de ovelhas pastava ao longe, enquanto a curta distância uns gansos grasnavam pelos jardins, bisbilhotando. Tudo parecia melodioso e se respirava a maravilhosa fragrância das flores.

Meleri se deu a volta e estirou os braços antes de mover os dedos dos pés e inspirar fundo, prometendo-se passar um dia magnífico. Como não tinha roupa limpa, não ficaria mais remedeio que seguir com a camisola até que Agnes lhe limpasse o traje de amazona.

De repente, a porta se abriu de par em par e um enorme cão entrou dando saltos na habitação. Saltou sobre a cama e desceu pelo outro lado em um abrir e fechar de olhos. Enquanto Meleri ficava olhando, atônita, o enorme animal ficou em duas patas e lhe lambel a cara. Como não tinha tido mascote, Meleri não sabia o que fazer, fez o que lhe parecia mais natural: rodeou o pescoço do animal com os braços e rompeu a rir.

Agnes entrou correndo na habitação, ofegando, sujeitando a bandeja do café da manhã com as duas mãos.

-Milady, não sabe quanto o sinto! Essa vil criatura peluda me esteve pisando nos talões. Tropecei com ela a cada passo do caminho. Estava petrificada, temendo que me caísse a bandeja enquanto subia as escadas. Não fazia mais que me topar com ela girasse para onde girasse.

Meleri, que desfrutava da atenção, embora fora úmida e de uma cadela, disse:

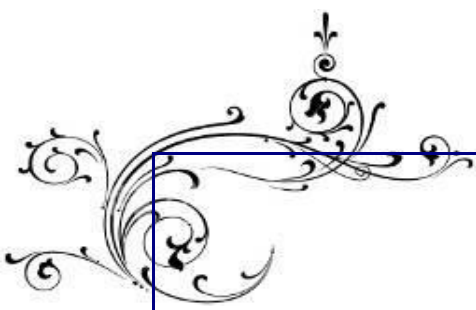
-Não passa nada, Agnes. É uma cadela amistosa, embora jamais tivesse visto uma como ela -conseguiu largar-se da brincalhona criatura -. É enorme.

-O outro é macho e é ainda maior.

-Há dois? Que maravilha! -pôr-lhe as mãos a ambos os lados da cabeça e lhe acariciou seu sedoso cabelo enquanto estudava sua cor cinza azulada -. É uma cadela muito singular. Jamais tinha visto nenhuma como você -acariciou-a debaixo do queixo-. Oxalá soubesse de que raça é.

-Me disseram que são galgos escoceses. Servem para caçar cervos.

-Para caçar cervos?



-Foi isso que ouvi.

O animal tinha uma cabeça alargada, pequena orelhas negras dobradas para trás, mas pelagem áspera e comprido. O nariz negro era aquilino, e tinha uma deliciosa barba chapeada muito fina. Quando lhe soltou a cabeça, a cadela se sentou e a observou com enormes olhos escuros, movendo a larga cauda curva com frenesi contra o chão.

-Ai, é um céu, verdade? Sabe como se chama?

-Corrie. E o macho, Dram.

-Corrie e Dram. Não é a cadela mais bonita que viu alguma vez? -inclinou-se para lhe dar um último abraço antes de voltar-se para Agnes, quem seguia sustentando a bandeja e olhava ao animal com receio -. Pode deixar o café da manhã sobre a cama.

Agnes deixou a bandeja, mas antes que Meleri pudesse chegar a ela, Corrie entrou em ação. Dois passos e um salto depois, aterrissou na metade da cama. Agnes chiou e a bandeja começou a escorregar como um trenó para o bordo do colchão.

Meleri se equilibrou para ela para resgatá-la. Justo quando chegava à cama, tropeçou com o tapete e aterrissou sobre a bandeja que, com a baixela e ela em cima, caiu ao chão.

-Ai!

-Céus! - exclamou Agnes-. Fez-lhe mal, milady?

Uma risada emergiu junto à cama.

-Só em minha dignidade.

-Irei por algo para limpar este desastre.

Meleri lançou um olhar ao Corrie, que estava majestosamente sentada no centro da cama, com uma réstia de três salsichas pendurada na boca, e rompeu a rir. Quando por fim se serenou, estava tão fraco que não pôde fazer a não ser permanecer no chão, com o cabelo manchado de aveia cozida e a camisola salpicada de chá e de nata azeda. Corrie se aproximou do bordo da cama a olhou e deixou cair às salsichas sobre o peito do Meleri. Depois, sentou-se a seu lado, como se estivesse montando guarda.

Enquanto tinha lugar todo aquilo, Agnes seguia em pé perto da porta, como uma criança perdida. Meleri estava a ponto de lhe perguntar o que a tinha convertido em uma estátua de pedra quando Robert entrou na habitação.

Ao longo dos anos, tinha imaginado muitas razões pelas que algum dia se sentiria fortemente atraída por um homem. Nunca lhe tinha ocorrido que este não se sentisse igualmente atraído por ela. Sempre que olhava ao Robert, percebia seu distanciamento. O que pensaria fazer, perguntou-se, para aproximar-se dele? Não sabia, mas a ideia de ser o objeto de sua atenção assim como de seu afeto a fazia ruborizar-se. "Algum dia entrará na habitação", pensou, "e ver-me lhe iluminarão os



olhos e te encherá o coração de orgulho. Algum dia, não poderá permanecer tão distante. Algum dia me amasse, embora ainda não saiba".

Um olhar do Robert bastou para que Agnes saísse disparada da habitação, mais veloz que uma flecha.

-Não me havia dito que tinha cães - disse Meleri.

-Não te hei dito muitas coisas - repôs Robert, com semblante grave e rígido.

Corrie tomou as salsichas, voltou a saltar à cama e se sentou. Olhava alternativamente a Robert e a Meleri com tanto interesse que esta riu de alívio e disse:

-Corrie gosta de salsichas.

-Gosta de algo que não tenha que caçar. Parece um desastre.

O tom frio e a indiferença de sua voz a arderam, mas Meleri estava decidida a conservar o bom ânimo. Considerava necessário lhe mostrar ao Robert que tinha outra faceta, uma que não sempre era crítica nem irada. Tombou-se de flanco, apoiou a cabeça na mão e se olhou à camisola.

-Tem razão. Não posso discutir contigo nesse aspecto. Pareço um desastre. Tomou o café da manhã.

-E parece te satisfazer muito.

A gargalhada de Meleri foi imediata.

-Por que não? Não posso fazer nada para remediá-lo, assim que me convém estar satisfeita.

-E o está?

Estava-a olhando como o tinha feito a noite anterior, com curiosidade e de uma forma que a fazia ser consciente dele como homem e de si mesmo como mulher. Evocou a lembrança de seu beijo, o contraste entre um homem duro e seu suave tato.

-Tão satisfeita como posso está-lo, milord.

Robert não disse nada, mas como, vindo dele, dizia-o tudo. Era evidente que estava contendo-se, mantendo-a tensa e receosa a propósito, enquanto ele permanecia calmo e resistente, esperando a que ela fizesse ou dissesse alguma tolice.

Corrie, bendita fora, procurou-lhe a distração que necessitava, porque saltou da cama passando por cima do Meleri e, com passo silencioso, aproximou-se de Robert, afundou-lhe o focinho na mão e saiu sem fazer ruído da habitação.

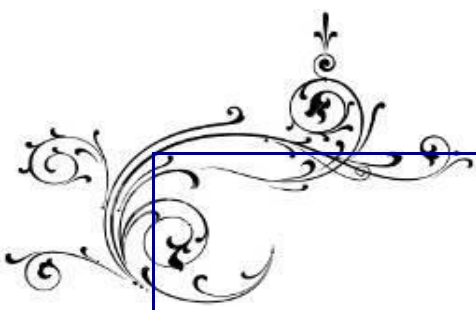
-Como entrou aqui?

Meleri não estava disposta a implicar Agnes, assim que se limitou a dizer:

-Não tenho nem ideia. Estava eu aqui sozinha, tão tranquila, quando uma enorme besta cinza irrompeu em meu quarto.

Robert voltou a cabeça para a porta.

-Alguém deve ter deixado aberta a grade. Os cães sabem que não devem subir aqui acima. Não permitimos que brinquem de correr pelo segundo andar.



-Pode que ninguém o haja dito - disse Meleri, e ao ver seu borrascoso cenho, seguiu falando-. Alegro-me de que não me haja dito dos cães. Foi muito mais bonito conhecê-los assim, embora ainda não visse Dram -fez uma pausa-. Onde está?

-Caçando com o Iain e Hugh.

Meleri seguia tombada no chão, com as vísceras lhe tremendo de deleite só de olhar Robert quando recordou, de repente, que ainda não estava vestida. Terrivelmente envergonhada por achar-se em camisola, ficou em pé com muita dificuldade e olhou rapidamente em torno dela, procurando algo com o que cobrir-se.

Robert devia pensar que também precisava tampar-se, porque proferiu uma maldição afogada e atravessou a estadia em quatro pernadas. Sem reduzir o passo, retirou a colcha da cadeira.

-Toma -disse, jogou -. Cubra-te - Meleri a viu vir, mas não teve tempo de reagir. Quando quis dar-se conta, a colcha aterrisou no alto de sua cabeça e caiu sobre ela, a modo de uma tenda, lhe tampando o rosto.

Tentou tirar-se da cabeça, mas lhe pesava. Quando por fim o conseguiu, quis envolver-se com ela, mas não era fácil. Conseguiu tampar um ombro, mas a colcha escorregou do outro, levando o ombro da camisola com ele e deixando ao descoberto um seio. O horror a fez ruborizar-se intensamente, proferiu uma exclamação e voltou a ajustar a camisola.

-Pelo amor de Deus! -exclamou Robert e lhe retirou a colcha-. É que não tem remédio?

Ficou olhando, incapaz de mover-se, enquanto ele a envolvia com a colcha.

-Quando estou contigo, não - disse, sem retirar o olhar de seu rosto.

-Feiticeira inglesa! -Robert deixou cair à colcha ao chão e apertou Meleri contra ele. As mãos dela ficaram apanhadas entre seus corpos de tal forma que não podia as mover. Meleri experimentou uma quebra de onda de cálida frouxidão pelo contato, embora a mão que lhe acariciava o pescoço era como uma jarra de água fria.

-Estragar-te-á... - Meleri deixou pela metade a frase, porque os lábios do Robert se moviam como palavras brandamente sussurradas por sua bochecha, orelha, e descenderam até seu pescoço e ombro. Ofegou ao sentir que o estômago se o fazia um nó e exalou as palavras que tinham ficado apanhadas em sua garganta - a camisa.

Soltou-a rapidamente. Meleri estava aturdida e confusa.

-Isto não deveria ter ocorrido - disse Robert-. Um dos dois necessita que o médico lhe examine a cabeça.

-Agora mesmo, não fica muito na cabeça que examinar.

-Isso é porque é mulher.

"Sim", pensou, "mas você não parece te dar conta ainda". Fechou os olhos e apertou os lábios para não replicar. "Pensa Meleri. Pensa antes de falar. Viu-o em



seu melhor momento". Sabia de que amabilidade era capaz, Não entendia por que não queria ser amável nem suave naqueles momentos.

A única razão que lhe ocorria daquela continuada frieza era a suspeita de que Robert tinha trocado de ideia... Possivelmente inclusive o dia em que se colocaram ante a bigorna do ferreiro na Gretna Green. Desde esse momento, parecia lhe custar muito trabalho decidir se a desejava ou não. Embora ela não tivesse nenhum lugar aonde ir, tinha orgulho. Não pensava suplicar. Também estava cansada de tentar agradar a alguém que não queria ser agradado.

-Por isso parece, pensa que isto foi um engano -disse -. Sinto não me haver dado conta até agora. Não são precisas mais olhadas frites nem mais palavras ásperas. Procurarei Agnes e nos colocaremos a caminho - sorriu, pensando que ou sorria ou chorava-. Não te guardo rancor. Não podemos mudar nossa maneira de sentir. Ou se deseja a alguém ou não o deseja. Não se pode forçar.

-Tem muito poucas opções. Partir não é uma delas.

Meleri cruzou os braços.

-Não sei o que é o que quer, só sei que eu não sou quem tem que lhe dar isso desviou o olhar, exasperada-, Ai. Não sei por que me incomodo! Falar contigo é como falar com o vento. Tudo o que diga me devolve isso. Pede-me que me case contigo e depois não celebra a cerimônia. Traz-me para sua casa e faz o possível para dar a entender que não quer saber nada de mim. Ofereço-te ir e me diz que não posso. E creia que sou difícil? Milord pode que eu seja difícil, mas você é impossível. Não pode ter as duas coisas de uma vez. Ou vou ou fico. Ou sou sua esposa ou não o sou. O impossível é tentar ser algo entre meias.

-Eu não te pedi nada.

-Não, não o tem feito. Para falar a verdade, tampouco falaste muito. Quão único recibo de ti são palavras duras, olhadas frias, desprezos frios. Rogo-lhe isso, diga-me isso por que te mostra tão gélido e indiferente comigo?

-Sou um homem indiferente.

-Sim, tão gélido como os trópicos. Parece que sou eu a instigadora... A que esfria suas palavras e gela suas reações.

-Coincido com a conclusão, mas não com a razão. Essa é a diferença entre os homens e as mulheres.

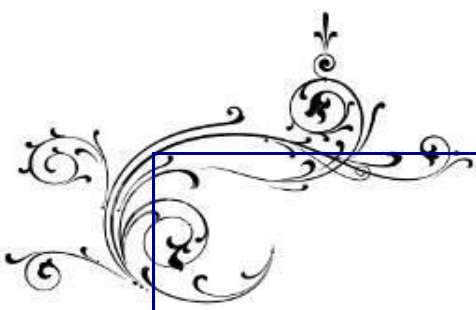
-Então, me diga milord. O que é o que quer?

-Queria uma esposa.

-E agora não?

Robert não respondeu. De novo deixava que seu silêncio falasse por ele.

-Muito bem, não responda. Seu silêncio o diz tudo. O silêncio persistiu, e ela percebeu seu contínuo escrutínio e pensativa observação. Riu com ironia.



-Bom, parece que sou quão única falo, e agora fiquei sem palavras - pestanejou para frear as lágrimas, olhou para as mãos e começou a atravessar a habitação.

-Vai?

-Devo procurar Agnes.

-Por quê?

-Acredito que já sabe.

-Está zangada?

-Não, simplesmente, conheço meus limites, e cheguei a eles. Irei em busca do Agnes para lhe dizer que não esvazie seu baú, que vamos.

-E o teu?

Meleri se deteve.

-Sou afortunada nesse sentido. Não tenho baú nem pertences. O que chega facilmente se perde facilmente.

-A amargura não te favorece.

-Nem a ti, milord.

-Julga o que desconhece.

-Igual a você.

-Falas muito.

-E você muito pouco.

-É uma mulher que não conhece o lugar que lhe corresponde.

-Sou uma mulher sem lugar que conhecer.

Ficou silencioso e pensativo outra vez, como se estivesse tentando lhe ler o pensamento. Jamais saberia o muito que o desejava, nem como sua proximidade a fazia entrar em calor e lhe acelerava o coração, nem como jazia na cama pelas noites, tentando imaginar o que sentiria se a amasse. Pobre, estúpido homem. Não tinha nem ideia do que estava rechaçando. Estava-a devolvendo, como uma jaqueta cuja cor não satisfaz ou uma bagatela dourada que não brilha. Tinha-a observado e não a tinha encontrado de seu gosto. Naqueles momentos, até seu olhar a incomodava.

-Por que me olha assim? -espetou-lhe Meleri.

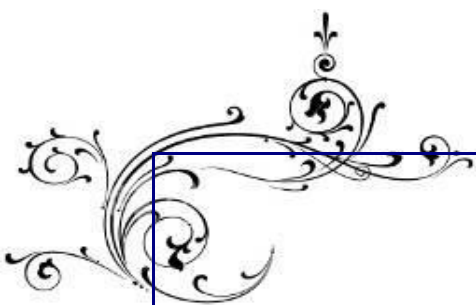
-Sinto curiosidade por saber o que está pensando.

-Prefere um comentário engenhoso ou a verdade?

-A verdade, se você ou qualquer outro inglês sabe dizê-la.

-Não pode esquecê-lo, verdade? Faça o que faça, diga o que diga ou vá aonde vá, sou, acima de tudo, inglesa. Não pode esquecer esse fato como não pode perdoá-lo nem passá-lo por alto. É uma má erva que cresce em sua mente. Impregna tudo e te nubla o julgamento. Por desgracia, é o único que não posso trocar. Sou o que sou.

De novo, Robert guardou silêncio. Meleri prosseguiu



-É quase irresistível... Dois desconhecidos que não ficariam de acordo nem na cor do céu, acreditando que podem casar-se e viver o resto de seus dias em harmonia. Jamais poderia me querer... Nem que aprendesse a fiar ouro com a palha. Não é quem sou a não ser o que sou. Sinto-o pelos dois, mas não posso me conformar com isso como você tampouco pode me perdoar que tenha nascido inglesa.

-Malditos sejam seus olhos ingleses! - de repente, Robert tomou em braços. Meleri sentia seu corpo tremendo contra o dela. Uniram suas bocas, e Meleri o rodeou com os braços enquanto os lábios do Robert se moviam devagar sobre os dela. Depois, com brutal ternura, abraçou-a com mais força e a beijou em profundidade. Estava-a seduzindo, atraindo-a com sua brutalidade, e ela estava inundando naquele poço de prazeres.

Os dedos do Robert iniciaram uma carícia lenta e rítmica em uma mecha de cabelo de cor framboesa que se frisava como uma interrogação na pele tenra do pescoço de Meleri. Robert baixou a mão, deslizando-a pelos ombros brandamente arredondados e o braço esbelto até lhe roçar um seio com os dedos. Meleri proferiu uma exclamação.

-Desejo-te, feiticeira - sussurrou.

De repente, abriu-se a porta e uma mulher entrou na habitação. Até com os olhos enfaixados, Meleri teria reconhecido lady Douglas, a avó do Robert.

A seda cinza escura, confeccionada ao estilo de outra época, não ousava ranger enquanto ela entrava na habitação, tão silenciosa e alerta como um gato. Era miúda, mas o poder que emanava com sua presença a fazia impor-se inclusive a seu neto. Lady Douglas era uma mulher que eclipsava tudo, incluído a ele, como a lua passa em prateado silêncio ante a feroz violência do sol.

"Com que assim é uma avó", pensou Meleri. Cabelo de cor plúmbea recolhida em um escuro coque, olhos que não perdiam detalhe, capazes de completa devoção, formidável como qualquer ave de presa.

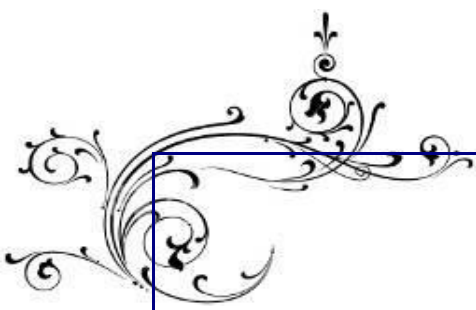
Quando lady Douglas entrou na habitação, Meleri se deu conta de que a anciã estava impaciente por ver a mulher que Robert tinha levado consigo da Inglaterra, e se perguntou até que ponto estaria à corrente do apuro de seu neto. Por alguma razão, a via perplexa e cheia de curiosidade, o qual possivelmente não sentiria se tivesse conhecimento do decreto do rei. Meleri adivinhou que levava sendo matriarca de sua família o tempo suficiente para saber que a melhor maneira de conseguir informação era dar a impressão de tê-la.

Meleri não passou por cima que ao Robert lhe iluminava o rosto ao vê-la.

-Avó - sussurrou, e a beijou na bochecha.

-Faz quase um dia que tornaste e ainda não te vi, vagabundo.

-Já sabe que sempre te deixo presente. Passei a verte ontem à noite, mas já te tinha retirado. Não queria te incomodar.



-Tantas respostas, e me acredito em todas -deu-lhe um golpe no braço com sua mão-. É evidente que sua viagem foi um êxito, e muito rápido, porque apenas te tinha ido quando já tornaste.

Sem trocar a expressão nem o tom de voz, Meleri soube em que momento exato lady Douglas centrava seu penetrante olhar nela.

-E esta, suponho, é a moça inglesa, sua futura esposa?

-Sim - disse Robert, vacilando um pouco antes de olhar fugazmente a Meleri -. Esta é lady Meleri Weatherby - voltou-se para o Meleri-. Apresento a minha avó, lady Douglas.

-É um prazer conhecê-la, lady Douglas. A avó de Robert inclinou a cabeça a modo de saudação.

-Lady Weatherby...

Robert voltou a centrar a atenção em sua avó.

-O que te tem feito sair de suas habitações a esta hora tão cedo?

-Devia ver se a tinha assassinado. Nunca tinha ouvido tanto alvoroço - olhou ao redor e reparou no estado da habitação-. Este lugar é um desastre. O que passou?

-Corrie subiu as escadas, saltou sobre a cama e atirou a bandeja do café da manhã.

Assinalou a Meleri com a bengala.

-Tem um aspecto horrível. É evidente que não a escolheste por sua beleza. Jamais tinha visto tanto cabelo laranja, nem sabia que você gostasse.

-Não sei se eu gosto ou não. Nunca me tinha parado a pensá-lo.

-Pois agora terá tempo... O resto de sua vida. Tem o temperamento típico das ruivas?

Lady Douglas não passou despercebido o intercâmbio de olhares incômodos entre o Robert e Meleri antes de que seu neto dissesse:

-Poderia dizer-se que mostrou certa tendência em alguns momentos.

Aparentemente satisfeita, lady Douglas centrou sua atenção no Meleri.

-Lembro ter ouvido que seu pai era um homem de nobre berço, mas agora mesmo não recordo seu título formal.

-É um barão, milady.

-Sim, já me lembro, um nobre do mais sob escalão.

Meleri se perguntou que informação tentaria lhe surrupiar a seguir. Sabia que tinha um ar campestre, pois não tinha podido refinar-se em Londres, mas nada que identificasse de que parte da campina inglesa provinha.

-Estou segura que te consolará pensar que segue na zona fronteira - disse lady Douglas.

Meleri sorriu e lhe seguiu o jogo.

-Sim, mas encontro pouca coisa similares entre o Northumberland e as Terras Baixas, milady.



-No que se diferenciam, exatamente? -perguntou lady Douglas.

-Escócia é... Mais lúgubre.

-Lúgubre? Bom, atrevo-me a dizer que descobrirá um novo significado dessa palavra. Veem, lady Weatherby - disse lady Douglas -. Deixe-me que te olhe mais de perto.

-Como pode ver, ainda não estou vestida para receber convidados.

-Bom, já vi como está, assim não importa.

-De todas as formas, prefiro ficar onde estou.

-Rebelde e franca. Céus! Temo que tenha escolhido uma mulher teimosa, Robbie. E resolvida, também, diria eu -lady Douglas golpeou o chão de madeira com o bengala, e Meleri se estremeceu -. Mostra respeito para seus maiores. Aproxime-te para que possa ler em seus olhos o que tramas.

Meleri não estava de humor para ser habilmente direcionada por aquela mulher, por muito que fosse a avó. Mediu a distância até a porta, disposta a fugir.

-Fecha a porta, Robbie. Sua prometida parece disposta a sair correndo.

Para ouvir sua gargalhada de cinismo, Meleri riscou o Robert de traidor da pior índole. Quando ouviu que fechava a porta, jurou vingar-se de sua traição. Como não tinha escapatória, inspirou fundo e se colocou diante de lady Douglas, onde suportou um escrutínio mais intenso que um cavalo de feira. "Se me pedir que lhe mostre os dentes, irei daqui, embora tenha que sair pela janela".

-Não está tão mal como pensei em um primeiro momento, embora pareça um ovo esquentado.

-Há um bom motivo para isso, graças a Corrie - disse Robert.

-Tampouco parece tão fera como me pareceu ao princípio, mas, claro, os ingleses são mais ladradores que mordedores.

Meleri começava a sentir-se pelos chãos, porque estava convencida de ter estragado qualquer possibilidade de causar uma impressão favorável a lady Douglas. Pretendia ser amável e educada, mas era mais difícil pensá-lo que fazê-lo. O que a surpreendia era que Robert não podia ver a mulher grosseira, brusca e perversa que era sua avó.

-Canso-me -disse lady Douglas - . Já é hora de meu chá da manhã. Diga-lhe a sua moça que venha para ver-me quando estiver asseada. Olhá-la-ei mais de perto então.

Senhorial como um pinheiro escocês, saiu da habitação. Enquanto se afastava, Meleri admirava e invejava sua maneira de caminhar com passo nobre e orgulhoso.

-Minha avó não te agrada, verdade? -perguntou Robert quando se foi.

Meleri estava muito mal-humorada e cansada para escolher as palavras.

-Mais que isso é que não encaixa com a imagem que me tinha feito em minha cabeça. Pensava que as avós eram anciã amáveis que faziam aventais e xales de



ponto. Pensava que lhe liam histórias, lhe davam de presente jóias antigas e lhe ensinavam coisas da vida.

-Isso é o que fazem - disse Robert.

-Então, o que aconteceu com a tua?

Robert não teve oportunidade de responder, porque Agnes entrou na habitação com uma parte de tecido amarelo pendurado do braço.

-Com isto poderei lhe fazer um bonito vestido, milady. Ai vá! Não sabia que...

-Não passa nada -disse Robert -. Já ia.



Capítulo 16

Depois do amargo enfrentamento com seu pai, Philip fez uma visita ao Humberly Hall. Quando tocou a campainha, Jarvis abriu a porta.

-Boa tarde, milord.

-Diga a sir William que vim vê-lo.

-Sinto muito, mas sir William não está em casa, milord.

-Quando esperas que retorne?

-Devido ao declive de sua saúde, não acredito que retorne a Humberly Hall. Sua filha Elizabeth o levou a Londres para poder cuidar dele. Agora mesmo, nós estamos preparando tudo para fechar a casa.

Tomado de surpresa, Philip ficou muito atônito para reagir. Não podia pensar, não podia respirar. Já estava afligido e enfurecido pelo giro que tinha tomado a situação, e de repente, aquilo? Sir William se foi a Londres? Estavam fechando a casa?

-Então, falarei com lady Weatherby. diga-lhe que vim.

-Lamento informá-lo, milord de que lady Weatherby tampouco está aqui. Não há ninguém, exceto outros criados e eu .

Philip não podia pensar em nada que odiasse mais que a seu pai por fazê-lo passar por aquilo.

-Se me der a direção de lady Elizabeth, irei visitar lady Weatherby amanhã, quando for a Londres.

-Lady Weatherby não se foi a Londres, milord.

-Muito bem, se não esta aqui e tampouco em Londres, onde está? Vamos, vamos, bom homem. Diga-me onde posso encontrá-la.

-Não sei milord. Ninguém sabe. Desapareceu sem mais. Esfumou-se.

-Não diga tolices! A gente não se desvanece sem deixar rastro. Conte-me o que passou!

-Só sei que lady Meleri subiu a seu quarto depois de jantar e que, à manhã seguinte, quando Betty lhe subiu a bandeja do café da manhã à habitação, já não estava.

-E suas coisas? Também tinham desaparecido?

-Segundo a senhora Hadley e Betty, não faltavam nada. Deveu partir com o posto.

-E sua égua?

-Também tinha desaparecido.

-Estava aqui sua irmã quando ocorreu tudo isto?

-Acredito que desapareceu a noite antes que lady Elizabeth e sir William partissem para Londres. Ou possivelmente fora a noite seguinte.



-Então, me dê a direção de lady Elizabeth, depressa.

Assim que teve a direção, Philip retornou ao Heathwood. Não lhe tinha passado pela imaginação que a situação pudesse chegar aquele ponto. O desespero o abrasava como uma barra de marcar no cérebro.

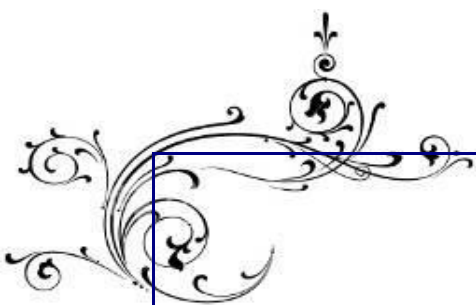
Meleri tinha ido... Levando as esperanças de seu futuro.

Pensar nas consequências o encheu de um novo ódio. Por culpa de Meleri, sua vida já não lhe pertencia. Tinha a mente nublada de raiva, e sabia que ela era a responsável por aquela desgraça. Fechou os punhos ao pensar no que lhe faria quando a encontrasse. Porque a encontraria. E quando o fizesse, ensiná-la-ia a não voltar a cometer a estupidez de fugir de seu lado.

Pediu que lhe selassem outro cavalo, após decidir que partiria para Londres assim que trocou de roupa. Enquanto se vestia, amaldiçoou sua má fortuna. Maldição!, Acabava de voltar de Londres. Não precisava perder mais tempo... um tempo que não tinha.

Enquanto se afastava de Humberly Hall, Philip já não pensava na irritação de ter que voltar para Londres, a não ser em todas as maneiras em que poderia vingar-se do Meleri pelo que lhe estava fazendo. Fora o que fora, devia ser o bastante severo para impedir que voltasse a rebelar-se.

Assim que estivessem casados, ela ficaria por completo sob seu controle. E assim era como queria tê-la.



Capítulo 17

De menino, Robert tinha aprendido a teoria de Copérnico que o mundo girava em torno do sol. De homem, tinha aprendido que girava em torno do dinheiro.

Todo mundo necessitava dinheiro, só uns poucos o possuíam, e ninguém tinha nunca bastante. Entre meias, havia distintos graus de desespero. O dinheiro era o mais importante do mundo, o centro do universo. Às pessoas a valorava por seu dinheiro, e se casavam por ele. A vida era julgada, construída e derrubada por dinheiro. Era a fonte das esperanças de um homem, de sua alegria, sua paz e suas aspirações. Vivia por ele e morria por ele.

O dinheiro o era tudo.

E era algo que os Douglas não possuíam.

Robert meditava nisso sentado ante seu escritório. Tinha estado pagando aos criados até que tinha tirado a última moeda de sua bolsa de couro. Recostou-se na cadeira e suspirou com cansaço. Poderia ser pior. Ao menos, tinha pagado a todos os criados... Não o que lhes devia, mas o bastante para manter a raia aos lobos.

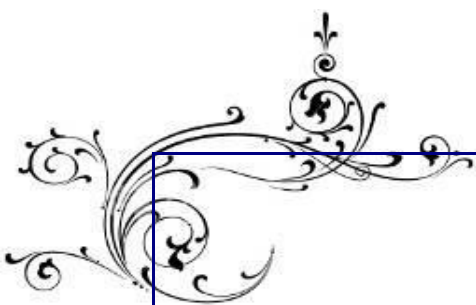
Com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, massageou-se os músculos duros de pescoço e ombros. Sempre o punha tenso ter que pagar ao serviço com um dinheiro que não tinha, e se perguntou se sempre seria assim... Se sempre seriam pobres e estariam desesperados, com muitas bocas que alimentar.

Pensou em Meleri e no dinheiro que logo seria dele. Sempre que seu dote fora tão grandioso como ela asseverava. "Santo Deus, tem que ser", pensou. Se não. Não haveria esperança, e era o único que ficava. Esperança e estoicismo, disse-se. Compreendeu naquele momento que tudo havia tornado a reduzir-se ao dinheiro. Não havia escapatória.

A robusta cadeira de carvalho estava inclinada sobre duas patas, e lhe permitia ver melhor o mundo exterior. Analisava sua situação enquanto olhava pela alta janela que tinha em frente.

Vários minutos depois, quando Meleri entrou em seu campo de visão, surpreendeu-se se distraíndo momentaneamente ao reparar em seu cabelo chamejante, comprido e solto, em sua atitude brincalhona e infantil enquanto Corrie e Dram a perseguiam. Cada vez que a via, custava-lhe mais recordar por que a tinha levado ali e o propósito para o que devia servir. O desejo não fazia mais que entremeter-se.

Viu-a tirar-se algo do bolso de seu vestido cinza escuro e dar-lhe aos cães,-que o devoraram. Voltou a fixar-se no vestido. De onde o teria tirado?, Perguntou-se. E recordou que sua avó lhe tinha falado de quão vestidos estavam sem usar em seu baú, e que os tinha dado ao Agnes.



-Poderá adaptar-lhe para que Meleri tenha algo passável que ficar até que lhe enviem suas coisas de Northumberland.

Robert abandonou seu escritório e foi em busca de sua avó. Fazia tempo que devia falar com ela e sabia que era o momento oportuno. Teria que andar com cuidado. Não podia lhe revelar a verdadeira razão pela que queria casar-se com o Meleri, porque sabia que nem sequer lady Douglas veria com bons olhos que a utilizasse para dar paz ao fantasma da Sorchia. Assim que se casassem, já não importaria. O diria ele mesmo se fazia faltar. O diria a todos, Meleri incluída, mas, de momento, seguiria seus próprios conselhos e manteria o segredo para si.

Encontrou lady Douglas na biblioteca, uma das poucas habitações do castelo que conservavam sua decoração clássica e finas molduras de estuque. Mas nem sequer aquela estadia tinha escapado à tragédia que tinha açoitado ao clã Douglas. Os bustos de mármore do Roubiliac tinham desaparecido ao igual aos quadros de Vão Dyck. Só se conservava um retrato de família, o quadro da esposa de um antigo antepassado. Deteve-se olhar o retrato, e contemplou o rosto sereno e solene da mulher. Não via o rastro de nenhum apuro em sua cara: nem guerras, nem fome, nem meninos mortos.

Não podia evitar perguntar-se se seu próprio retrato seria tão benigno com ele.

Lady Douglas estava folheando um livro, e a contemplou com um afeto que se remontava a seus primeiros anos. Sabia que o tinha ouvido entrar, mas não levantou a vista. Era uma amante da leitura, e lhe agradecia que também lhe tivesse inculcado esse amor. Jamais esqueceria a severa reprimenda que tinha recebido fazia não muito, quando tinha tido a "audácia" de propor a venda de alguns exemplares.

-Estes livros são os legados dos Douglas - havia dito sua avó-, e são insubstituíveis.

Na opinião de Robert, vender edições apreciadas que resultaria uma boa soma era um argumento lógico e sensato. Lady Douglas não o tinha parecido, porque disse:

-Um homem capaz de vender os tesouros familiares deveria perder um par de tesouros deles... se entender o que quero dizer.

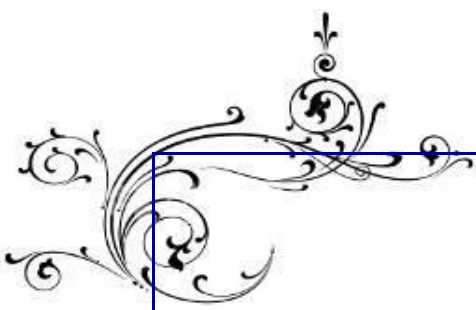
Robert o entendeu, e não havia tornado a sugerir a venda de nenhum livro.

-Sabia que te encontraria aqui - o afeto que sentia por sua avó brilhava como um abajur aceso em seu interior-. Diga-me, o que te pareceu lady Weatherby?

Lady Douglas fechou o exemplar que tinha estado consultando.

-Espero poder conhecê-la melhor. Será como ler um livro. A gente está impaciente por descobrir o que dirá a seguinte página... E reza para viver o bastante para chegar ao final.

-Sabia que não te daria pressa em fazer suas valorações, embora esteja impaciente para conhecer.



-Já posso te dizer muito. É acordada, decidida e toda uma super vivente. Cederá quando dever. Inclinar-se-á com o vento, mas nunca se romperá. Embora eu nunca tivesse escolhido uma moça inglesa, devo reconhecer que me alegra que minha sucessora seja forte, flexível, ardilosa e capaz.

Robert advertiu que não havia tristeza em sua voz, só resignação, como se tivesse esperando o dia em que chegaria uma nova lady Douglas.

-Ninguém pode ocupar seu lugar, avó.

-Não terá que fazê-lo. Contribuirá seus próprios conhecimentos, seus próprios métodos e o fogo da juventude, que move montanhas. E assim é como deve ser.

-Agora não se preocupe por isso, avó. Se seguir adiante com este matrimônio, terá tempo de sobra para preocupar-se.

-Se seguir adiante? Que maneira de falar é essa? Trouxeste-a aqui e não está seguro de querer te casar com ela? Seu pai é barão.

-Sei o que vais dizer. Como é filha de um barão. Não posso tomar liberdades com sua reputação.

-Sim, isso é precisamente o que ia dizer. Deve te casar com ela e deixar de tolices - disse, com a voz forte e capitalista de uma jovem-. A que está esperando?

-Estou esperando?

Lady Douglas entreabriu os olhos e ficou olhando com robusta suspeita.

-Não é momento de brincar. Deitaste-te com ela?

-Não.

-Então, te case com lady Weatherby e não perca mais tempo. Se esperar muito e ela mudar de ideia, estará em um grave apuro, não, moço? Sei da carta do rei.

-Sabia que só seria questão de tempo. Quem lhe há dito isso, Iain ou Hugh?

-Um bom espião nunca revela suas fontes.

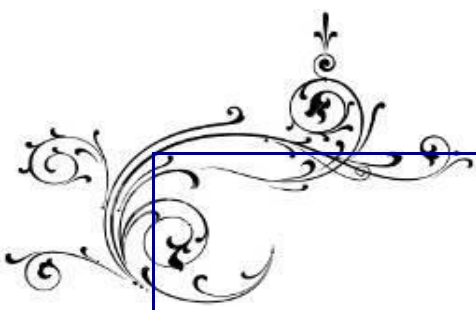
Robert tomou um magro volume de sonetos e passou as páginas.

-Duvido que mude de ideia. Nem ela pode voltar para sua casa nem eu posso jogá-la. O matrimônio beneficiará aos dois.

Viu que sua avó estava a ponto de lhe pedir mais detalhe e os deu, lhe explicando em mais profundidade a situação do Meleri. Não identificou o seu antigo prometido como o marquês do Waverly nem lhe disse que era o responsável pela morte da Sorcha. Nunca lhe tinha revelado a sua avó a identidade do assassino e queria que seguisse sendo assim.

-Pobrezinha - disse lady Douglas quando Robert terminou-. Como vou culpá-la? Todos querem ser felizes, mas poucos nos atrevemos a perder tudo o que temos. Foi muito valente. Valente e forte... Duas qualidades que admiro. Embora tenha o rosto de um anjo, possui o coração de um gladiador. Com um pouco de ajuda e de apoio, fará que se sinta orgulhoso dela.

-Sabia que lhe brindaria seu amparo, embora fora inglesa.



-Por surpreendente que pareça, não o jogo em cara. Não pode evitar ter nascido na Inglaterra, mas haverá quem não seja tão pormenorizados nem adutores como eu, que seja aceita em Beloyne dependerá em grande medida de sua atitude. Se alardear seus costumes ingleses e ri das nossas, prejudicar-se-á a si mesmo.

Lady Douglas deteve-se a olhá-lo com aqueles olhos azuis penetrantes que lhe faziam voltar a cabeça e desviar o olhar.

-Quanto a este matrimônio, não deve te demorar. Quanto mais espera, mais possibilidades têm que ocorra algum contratempo. E se trocasse de ideia? O rei só se sentirá aplacado se o matrimônio tem lugar no prazo concedido. Deveria sentir a necessidade de acelerar o processo.

-E o sinto.

-Alegre-me sabê-lo. Descansarei mais tranquila quando estiver casado e o rei já não esteja nos buscando as cócegas. Dispomos de menos de duas semanas, e terá que ocupar-se da roupa de Meleri... E de seu vestido de noiva -lady Douglas se levou uma mão à frente-. Céus! Sinto-me como se tivesse aberto um baú de morcegos e estivessem saindo mais depressa do que posso contá-los. Há tantas coisas que fazer... O sacerdote, a igreja, a lista de convidados... Condenado seja o rei e seu decreto. Três semanas! Duvido que possa empoeirá-la a peruca nesse tempo e, entretanto, espera que você já te haja desposado e deitado com uma mulher.

Robert arqueou as sobrancelhas com surpresa.

-Caramba, avó, é a segunda vez que pronuncia a palavra "deitado".

-Sim, e reza para que possa te conter nesse terreno até depois das bodas. Uma coisa é arrebatá-lhe a sua prometida e outra muito distinta lhe arrebatá-la a virgindade sem a santidade do matrimônio. Não dê ao rei da Inglaterra mais motivos para nos odiar.

-Posso me comportar quando é preciso: não tem que preocupar-se nesse terreno. Quanto às bodas, o importante é que seja pequena e frugal. Ainda não resolvi o assunto do dote.

-Tem-lhe escrito a seu pai... A sua família?

-Sim, enviei uma carta ao marido de sua irmã. Segundo Meleri, assumiu a gestão dos bens familiares faz tempo devido à deterioração da saúde de seu pai.

Ao que parece, falha-lhe a memória e tem um comportamento bastante excêntrico.

-Sim, vi tais aflições. Só pioram com a idade. Imagino que na carta mencionaria a dote.

-Sim, disse-lhe que teríamos que nos pôr de acordo e que pediria a meu advogado que ficasse em contato com ele. Também lhe expliquei como ficar em contato conosco, no caso de se produzisse alguma mudança no estado de saúde do barão, e lhe expressei meu pesar por que não pudessem assistir às bodas, pois é



imperativo que mantenhamos o paradeiro do Meleri em segredo até que estejamos casados.

-Então, puseste-te em contato com seu advogado?

-Sim, enviei - uma carta ao John Sinclair o dia de nossa chegada.

-Não esqueceste nada.

-Não, e confio em que você não esqueça o que te hei dito sobre as bodas. Sóbria e pequena.

-Sou a prudência e a contenção em pessoa. Acredito que o mais sábio é celebrar uma boda pequena, não só por nós, mas também para ela. Necessita tempo para adaptar-se, para fazer um oco aqui, para sentir-se parte de quem sou, o que somos e o que procuramos. Além disso, é muito logo para expô-la ao escrutínio de todos. E tampouco podemos esquecer a esse letárgico antepassado teu.

-O que tem ele que ver com tudo isto? Trata-se de minhas bodas.

-Os fantasmas aparecem quando menos os espera.

-Então, onde esteve? -Perguntou Robert-. Faz anos que não espero vê-lo.

-Mas teremos que lhe falar com Meleri dele em algum momento.

-Por quê? Nenhum de nós o viu nunca.

-Isso não significa que não exista.

-Pensará que estamos loucos.

-Certamente, já o pensa. Mesmo assim, não sentiria saudades que o velho conde se apresentasse o dia de suas bodas.

-Isso é fácil de evitar.

-Robbie Douglas, está louco? Como pode impedir que um fantasma se presente em umas bodas... Ou em qualquer outra celebração, se lhe deseja muito? Robert riu.

-Não o convidando.

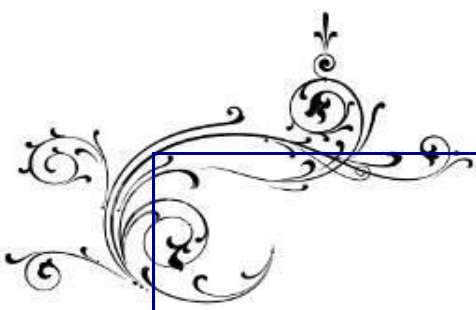
Lady Douglas lhe deu um leve murro no braço.

-Não sabe quanto me alegre de te ouvir rir outra vez.

Meleri corria por um caminho perseguindo Corrie e ao Dram quando estes irromperam em uma pequena pradaria salpicada de narcisistas. Para recuperar o fôlego, reduziu o passo e começou a vagar pela erva, onde os narcisistas se balançavam com o vento, como se tentassem esconder-se. Fez um ramo e o levou a uma perto de pedra meio queda.

Havia pedras dispersadas, alguma, meio coveiras. Passou por cima delas e escolheu uma zona plaina de erva que se estendia até uma parte da perto ainda intacta. Sentou-se e reclinou a cabeça nas pedras, com os narcisistas ainda no braço. Viu Corrie e ao Dram trotando em ziguezague pelo prado e riu quando começaram a caçar abelhas com a boca e a comer flores.

Viu como os narcisos voltavam o rosto ao sol e imitando-os, inclinou a cabeça para trás e sentiu a tibieza no rosto.



Inclusive com os olhos fechados, deu-se conta de que uma sombra lhe cobria o rosto e, a princípio, pensou que o sol se escondeu depois de uma nuvem. Abriu os olhos e viu o Robert ali de pé, alto como um pinheiro, eclipsando ao sol. Inclinou a cabeça para trás para ver melhor seu rosto e pestanejou pelo resplendor que o rodeava.

-Estiveste ocupada.

Meleri contemplou os narcisos que tinha nos braços.

-Recolhi-os para sua avó. Vi-a olhá-los esta manhã pela janela.

-Gostará. Lembro de havê-la ouvir dizer que uma casa nunca tinha muitas flores. O amarelo é sua cor favorita.

-Estava-me procurando ou nos encontraste por acaso?

Robert olhou ao redor como se tentasse compreender por que falava em plural. Meleri o imitou e não viu nem rastro dos cães.

-Corrie e Dram estavam aqui faz só um momento.

-São cães grandes e podem cobrir grandes distancias.

Meleri aproximou o rosto às flores amarelas.

-Não tem muita fragrância, só um leve rastro... breoso.

-Breoso?

-Que cheira a breu.

-Ah. Existe essa palavra?

Meleri enrugou o nariz e disse:

-Agora, sim.

Não muito longe. Come e Dram saíram correndo de entre os arbustos, deram uma volta ao prado, arrancaram umas quantas flores mais e voltaram a desaparecer. Robert se sentou junto a ela.

-Eu gostaria de falar contigo sobre as bodas.

Meleri abraçou as flores. Não sabia por que se sentia tão nervosa.

-Sim, imaginava que não demoraria a tocar no tema. - Tem alguma sugestão?

Ficou pensativo um momento, analisando seus sentimentos. Tempo atrás tinha imaginado umas enormes bodas, mas, naqueles momentos, o pragmatismo estava à ordem do dia.

-Algo pequeno, diria eu.

-Estou de acordo.

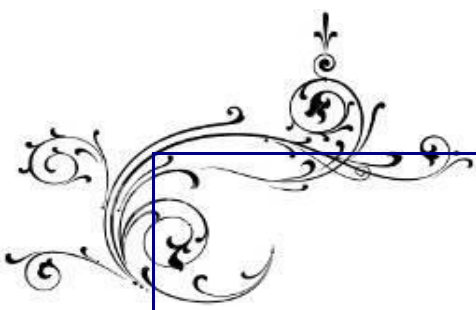
-Tenho uma petição, milord. Sei que te urge cumprir o prazo fixado pelo rei, mas eu gostaria de esperar o maior tempo possível, se pudermos.

-Com que fim?

De repente, sentia-se tímida e incômoda.

-Pois... Não te conheço bem. Confiava em que tivéssemos mais tempo para nos conhecer se não nos casávamos imediatamente.

-E não podemos conhecemos melhor depois das bodas?



Meleri sentia o rubor que lhe salpicava o rosto.

-Assim que nos tenhamos casado, há certas... Enfim, espera-se de ti que... -por dentro, estava morrendo. Como podia lhe mencionar um pouco tão íntimo como consumir o matrimônio?

Robert se inclinou para diante e a beijou com surpreendente suavidade. Ela ficou imóvel enquanto lhe tirava os narcisistas das mãos e os depositava no chão. Com as mãos nas bochechas do Meleri, voltou a beijá-la aproximando seu rosto ao dela.

Meleri sentiu um formigamento por todo o corpo. Queria beijá-lo como ele a estava beijando a ela, mas era nova naquele terreno, e tímida. Como se Robert compreendesse como se sentia, apertou-a contra ela, lhe dando tempo para adaptar-se a sua proximidade, ao aroma que começava a reconhecer como exclusivo dele. Jamais havia se sentido tão viva tão consciente da atração magnética do corpo de um homem. Relaxou-se e o deixou fazer, até que teve a sensação de que havia meio doido todos seus lugares secretos. Então, estremeceu-se e o apartou.

-Acredito que já é bastante lição por hoje - disse Meleri, tentando controlar a respiração.

-Acaso era isso? Uma lição? -perguntou Robert.

-Não para ti, sem dúvida, a não ser para uma pessoa inexperiente nestas questões - fez uma pausa, duvidando.

Sinceridade ou recato? Perguntou-se-.

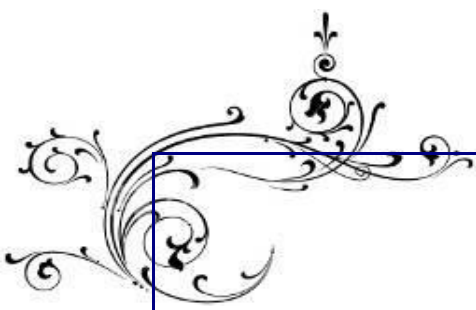
-Deve compreender com o que te enfrenta, milord. No relativo aos assuntos do coração, sou uma noviça. Não tenho nada que me guie salvo minhas ideias românticas que, conforme temo, estão terrivelmente antiquadas e são pouco precisas, comparadas com a realidade. Não passei nenhuma temporada em Londres e, devido a meu cedo compromisso, nunca tive pretendente - Meleri se interrompeu; aquilo não estava saindo como ela queria. Fechou os punhos, frustrada-. Ai, cortiça! O que intento dizer...

Inclinou-a para trás para que se recostasse nele e a rodeou com os braços. Meleri sentiu o peso do queixo do Robert no alto da cabeça.

-Não é nada do que envergonhar-se -disse, e Meleri pôde sentir a vibração de suas palavras -. O tempo é crítico para ambos, mas te concederei o maior prazo possível. Pus-me em contato com o sacerdote, mas ainda não fixei a data. Possivelmente possamos fazê-lo dentro de uns dias.

-Sim – concordou Meleri -. A final de contas, que problema pode surgir em tão pouco tempo?

Sua única reação foi voltá-la para que jazesse em seus braços e apertá-la contra ele. Meleri fechou os olhos e suspirou. Sentia-se protegida, e isso gostava. Também gostava da força dos braços do Robert, o calor e a firmeza de seu corpo, tão próximo ao dela.



Um gemido contido vibrou em sua garganta quando Robert uniu sua boca a dela. O beijo foi duro e profundo, quase brutalmente erótico, e seus lábios se moviam sobre os dela uma e outra vez. Beijou-a nas bochechas, no pescoço, no ouvido, atirando do lóbulo.

Meleri escondeu o rosto nas dobras da suave camisa de linho do Robert, sentindo o peso dele contra seu corpo. Robert deslizou os lábios ao pulso de sua garganta e sussurrou:

-Não tenha medo, moça.

Meleri não pôde evitar sorrir. Entre os múltiplos talentos do Robert descobriu um dom para o absurdo.

Acalorada, confundida e tremendo de espera, queria que ele... Não tinha nome para isso, nem conhecimento, mas o desejo estava ali. Abrasava-a a necessidade de sentir a Robert, e ansiava que a levasse aonde não tinha estado antes. Todos os pensamentos racionais se evaporaram com o calor do beijo do Robert e a fera queimação das palavras que lhe sussurrou junto a seu pescoço nu... Palavras que lhe diziam o que queria lhe fazer, porque sabia que ela o desejava. E assim era.

Sentiu-se embriagada, como se seu sangue se convertesse em conhaque, e fluía cálida, tocando todo seu corpo, abrasando-a até deixá-la débil e lânguida. O calor tinha evaporado qualquer intento de detê-lo. Até que sentiu a mão do Robert no seio, não compreendeu que lhe tinha aberto o vestido. Sentia-se indefesa, perdida no selo do desejo que via estampado no rosto do Robert, em seus olhos cheios de paixão, no desejo que se intensificava com cada fôlego.

Retirou a mão do seio de Meleri. A boca do Robert ocupou rapidamente seu lugar, enquanto este ia baixando o vestido mais chegando ao ventre plano, de seu sexo, até que encontrou um porto seguro e se deteve. Meleri gemeu e se moveu contra ele, perdida em um mundo cuja existência ignorava, onde todas as consciências caíam no esquecimento e estava rodeada de um silêncio absoluto.

Não existia nada mais que Robert. Sentia a magia de suas mãos e se perguntava como sabia acariciá-la tão bem. Não importava que outras lhe tivessem ensinado, ou que tivessem jazido baixo ele como ela o fazia naqueles momentos, ardendo de necessidade, abrindo-se sob a chamada de sua boca, de suas mãos. Um número incerto de mulheres lhe tinha ensinado aquilo, mas era ela quem recolhia o fruto.

Possivelmente ela não fora dele ainda, mas o seria.

Robert não demoraria, a saber, que era dele, que tinha sido seu desde seu nascimento porque assim estava destinado. Perguntou-se como podia haver-se sentido tão tímida com ele fazia um momento e tão ousada e aberta naqueles instantes. Era o que os dois queriam. Não podia negá-lo, como não podia acautelarse com o aviso de detê-lo naquele mesmo instante, quando ainda estava a tempo.



"Dentro de um momento", disse-se, e ao pouco compreendeu que o momento tinha chegado e passado.

Robert sabia onde tocá-la, como tocá-la para arrancar sua faceta selvagem, esse espírito indômito que tão bem combinava com o dele. Entregou-se a Robert, consciente de que o desejava tanto como ele a ela, ouviu-o gemer e sentiu o poder de seus dedos entrelaçados em sua larga juba.

Quando Robert tomou o que lhe dava, Meleri teve a certeza de que era bom e perfeito. Jamais pensaria que se aproveitou de sua inexperiência, nem que a tinha seduzido. Sabia o que procurava tanto como ele... Tinha-o estado desejando desde seu primeiro encontro. Por fim, o mistério se resolveu. Tinha-lhe mostrado no que consistia, e se alegrava. Jamais se saciaria dele... Inclusive uma vida inteira sena muito breve.

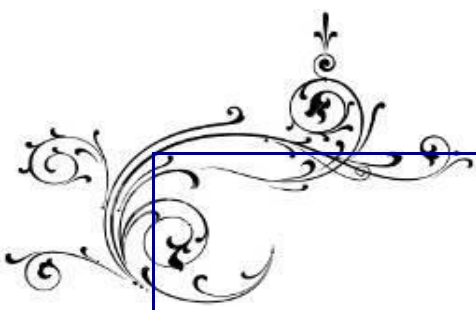
Ficou em baixo dele, tão exausta como Robert, movendo as mãos ociosamente por seu escuro cabelo úmido. Seu aroma flutuava em torno dela, um aroma fresco a ervas e flores, a ar livre e a primavera... A essência mesma da vida. Ansiava lhe revelar seus sentimentos, o amor recém-nascido que alimentava em seu interior. Temia que não fora o momento oportuno para lhe falar de afeto, e sabia que teria que conservar o segredo um pouco mais, escondido no centro de seu coração.

Olhou-o, viu sua cabeça orgulhosa inclinada sobre ela como uma ave de presa. Olhava-a em silêncio, escrutinando seu rosto. Meleri queria lhe dizer que não encontraria ali as respostas a suas perguntas. Viu como se alterava seu semblante e a decepção embargou seu ânimo. Robert estava desapegado, separado dela, impenetrável e rígido; encerrou-se em si mesmo e havia couraçado seu coração contra ela. Era muito tarde para lhe dizer nada, porque a máscara havia tornado a cair sobre seu rosto.

-Me perdoe - disse Robert por fim -. Não pretendia que ocorresse. Não deveria ter permitido que isto chegasse tão longe.

Ela pegou o vestido para cobrir-se e guardou silêncio. Tombada, viu-o vestir-se, sem fazer gesto de imitá-lo até que ele se ofereceu a acompanhá-la ao castelo. Insistiu-o a que se adiantasse a que retornasse sozinho. Tinham completado o círculo e, com a paixão gasta, voltavam para princípio: o cardo escocês e a rosa inglesa, e se encontravam a uma grande distancia em tudo, salvo na lembrança da proximidade de dois corpos entrelaçados.

Com o coração triste, compreendeu que Robert era seu cavaleiro de brilhante armadura, mas que ela jamais seria sua formosa donzela.



Capítulo 18

Philip partiu para Londres a passo frenético. Cavalgava como um lunático, sem logo que dar descanso nem a ele mesmo nem a seu cavalo, até que o pobre animal não pôde seguir adiante.

Apesar de seu esforço por chegar logo, perdeu três horas tentando conseguir um cavalo na metade da viagem. Quando se apresentou na casa da irmã do Meleri, Elizabeth recebeu a notícia de que estava ausente.

-Quando voltará?

-Toda a família se foi de férias a Itália - respondeu o mordomo -. Retornarão dentro de quinze dias.

-Foi sir William com eles?

-Certamente, milord.

Philip estava a ponto de preparar-se para viajar a Itália quando recordou que Meleri tinha outra irmã vivendo em Londres.

-Saber-me-ia dizer onde vive a irmã de lady Elizabeth?

-Sim, milord, mas lady Mary não se encontra em Londres neste momento. Foi a sua residência campestre do Kent. Quer que lhe anote a direção?

-Se fizer o favor...

Assim que se fez com os gestos, Philip partiu para o Kent. Depois de outra viagem frenética, chegou muito tarde para visitar lady Mary e teve que alojar-se em uma estalagem próxima. Às dez em ponto da manhã seguinte, apresentou-se em sua casa, mas lhe disseram que tinha saído a passear a cavalo. Não fazia mais que tropeçar com obstáculos, complicações e decepções desde que se viu enredado naquela louca busca do paradeiro de sua prometida desaparecida. E todo isso lhe estava custando um tempo prezado. Entretanto, por inquietante que parecesse, não podia fazer nada para remediá-lo. Inclusive naqueles momentos, não podia fazer mais que aceitar o convite do mordomo de esperar na sala a que retornasse a irmã de Meleri.

E que espera foi! Permaneceu sentado durante três condenadas horas escutando a uma bisavó caduca tagarelar sobre mil coisas, desde porcos formigueiros até abobrinhas. Philip se perguntou se alguém teria morrido alguma vez de puro aborrecimento.

Quando Mary se apresentou com sua filha Grace e sua manada de meninos ruidosos, Philip quase estava rezando para que não retornasse e lhe economizasse a tragédia de casar-se e entrar em formar parte daquela família de lunáticos.

Mary estava balançando nos braços a um grosso bebê que identificou como seu último neto.



-Céus! Não tenho a menor ideia de aonde pode haver-se ido Meleri. Alguma vez estivemos unidas, sabe? Elizabeth é a que sempre a tolerou mais. Mas agora mesmo está na Itália.

-Sim, isso me há dito. Por isso vim aqui - disse Philip-. Não lhe ocorre ninguém a quem Meleri pudesse ir a um momento de necessidade? É sua irmã.

-É minha meio-irmã e sua prometida, assim por que não pensa você em alguém?

-É que eu tampouco estive muito unido a Meleri. Entretanto, é de capital importância que averigue seu paradeiro.

-Lorde Waverly, estou fazendo o possível por pensar em alguém - disse Mary, e deu voltas diante dele, dando tapinhas ao bebê até que Philip estava louco de angústia.

-Tem que haver alguém. Uma velha amiga, um parente longínquo, um sacerdote...

-Sua babá! Acredito que se chamava Agnes. Sim, estou segura. Poderia ter sido sua eleição. O pai sempre falava do abnegada que era do afeto que sentia Meleri por ela. Seguro que a recorda - fez uma pausa e o olhou com ânimo reflexivo -. Bom, possivelmente não.

-Sabe seu sobrenome, onde vive?

-Santo Deus, não tenho nem a mais remota ideia. Tinha seu nome em uma carta que escreveu a meu pai, mas acredito que a atirei faz anos.

-Importar-te-ia te assegurar?

Suas palavras a sobressaltaram claramente.

-Tenha - disse, e lhe plantou ao bebê glutão nos braços.

Saiu da sala e Philip contemplou aquele peso morto. Jamais tinha sustentado a um bebê em sua vida... E nunca se aproximou de um, mas o balançou como tinha visto fazer, até que lhe doeram os braços do peso do pequenino.

-Aqui está - disse Mary, e entrou na habitação agitando a carta -. Faris. Seu sobrenome era Faris, mas temo que não te sirva muito. Se não recordar mal, Agnes se casou faz anos. Assim já pode ser que não tenha este nome.

-Te ocorre alguém a quem pudesse perguntar-lhe

-O melhor seria perguntar a um criado de Humberly Hall. Todos conheciam a Agnes. Possivelmente algum siga em contato com ela. Você gostaria...? Uf! - exclamou, quando Philip lhe devolveu o bebê sem olhares e saiu disparado pela porta -. Vá, quem poderá dizer!



Capítulo 19

Estava chovendo quando Meleri interrompeu sua costura para olhar para a janela e franzir o cenho.

-Não tem reflexos de amainar.

-Não, milady -disse Agnes -. Está chovendo muito. Isso não significa que seguirá assim todo o dia. A chuva pode ir-se com a mesma rapidez com a que chega.

Agnes voltou a concentrar-se na prega do novo vestido amarelo do Meleri enquanto esta, sentada frente a ela, costurava os botões do sutiã. Durante os últimos minutos, tinha deixado de costurar para olhar pela janela e observar os desenhos que deixavam os regos de água nos cristais. Não podia fixar a mente muito tempo em uma mesma coisa porque os pensamentos sobre o Robert não demorava a dominar todos outros. A lembrança de estar em seus braços, o poder e a força de sua paixão, a profundidade de emoção que tinha visto em seu rosto persistia em sua mente.

Fora o que fora o que sentia por ela, não era indiferença. Estava-se apaixonando por ele e isso a deixava vulnerável. Sabia que devia andar com pés de chumbo. Ser vulnerável significava que poderia lhe fazer danifico, e a probabilidade de que isso ocorresse com um homem como Robert era maior do que gostaria de reconhecer.

-Já está - disse Agnes, e partiu o fio em dois-. Acabado! - baixou o olhar ao sutiã, como se procurasse algum botão ainda sem costurar-. Terminou, milady?

-Não, mas este é o último - deu alguns pontos mais com a agulha e atou o nó-. Feito.

Aproximou o vestido a seu corpo e se olhou no espelho.

-É uma cor preciosa - comentou, e se perguntou o que Robert pensaria do vestido. Gostaria daquele tom amarelo? Agradar-lhe-ia como combinava com o cabelo vermelho?

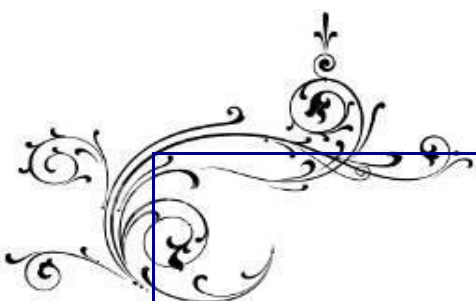
-Por que não o põe hoje?

Meleri pensou que era uma ideia maravilhosa e não demorou a ficar a Agnes se desfez em cumpridos.

-Milady, está preciosa com essa cor!

Robert escolheu aquele momento para aparecer na soleira. Seus olhares se cruzaram, e ele ficou observando com atenção, mas não fez nenhum comentário. A decepção foi como um dilúvio que afogou seu anterior entusiasmo. Tomou-se muitas moléstias com seu aspecto e ele não parecia dar-se conta.

-Só vinha te dizer -disse Robert sem rodeios - que passarei a maior parte do tempo trabalhando nos campos nos próximos dias. Saio muito cedo. Duvido que



esteja levantada quando for. Se me necessitar, envia algum dos criados para me buscar.

-Ah, não sabia que... -balbuciou Meleri.

-Não sabia que trabalhava?

Imediatamente se sentiu como uma lerda por ter formulado assim a frase. Sabia que os homens trabalhavam, é obvio, mas dava por feito que toda a nobreza latifundiário trabalhava como seu pai, passando umas quantas horas em seu escritório todos os dias, repassando cifras ou comentando as tarefas diárias com seu supervisor.

-Sim, mas não me expressei bem.

-Não posso me permitir o luxo de ser o típico conde inglês. Poderia dizer-se que sou um conde trabalhador. Nesta época do ano temos muitas tarefas e poucos homens a nosso serviço. Cultivamos tudo o que comemos nas terras que nos rodeiam. Faz falta a ajuda de todos para tirar adiante a colheita.

-Te felicito por ver que antepor a sensatez e o pragmatismo à arrogância e ao orgulho - disse Meleri.

-Ah, sim?

-Sim. Os que alguém faz dois o fazem mais depressa.

-Bom argumento.

-E válido. Agradeço-te que te tenha tomado a moléstia de me pôr informada de suas atividades.

Sem nada mais que uma brusca inclinação de cabeça. Robert se foi.

Meleri se perguntava como podia passar de fazer o amor a comportar-se com escasso civismo em tão pouco tempo. E diziam que as mulheres eram volúveis? Ao final, concluiu que era inútil tentar compreender ao Robert. O melhor que podia fazer era deixar que ele resolvesse o problema. Com o tempo, dar-se-ia conta de que a necessitava. Quanto a ela, a paciência e a serenidade seria a chave.

Pouco depois da marcha do Robert, tomou uma decisão. Se seu prometido tinha que trabalhar, ela não pensava ficar ociosa todo o dia.

-Se ele trabalhar, eu também trabalharei - informou a Agnes, e atou um avental à cintura.

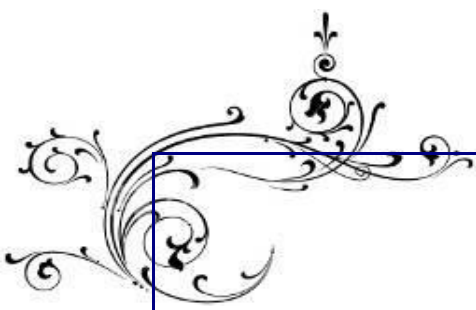
Agnes se dispunha a alterar outro vestido, mas Meleri a deteve.

-Deixa a costura, quero que venha comigo - Meleri lhe explicou que aquele dia foi trabalhar-. Embora todo mundo foi muito amável comigo, sei que alguns sentem certo ressentimento para mim por ser inglesa. Quero que me vejam disposta a realizar minha parte do trabalho.

-E eu ficarei aqui a costurar.

-Necessito de sua ajuda, Agnes, além de seu apoio. Ninguém quer entrar em batalha sozinha.

Com olhar de pesar, Agnes soltou o tecido.



-E onde liberaremos a primeira batalha, milady?

-Acredito que deveríamos começar pelo salão de banquetes. Vamos, Agnes. Não seja fraca em um momento como este.

Agnes fechou os olhos e rezou.

-Senhor, converte em força minha debilidade.

Lúgubre como um aterrador, Agnes seguiu a sua senhora. Baixaram a escada e se dirigiram à cozinha. Ali encontraram Fiona e a três jovens trabalhando. As quatro interromperam suas tarefas e as olharam fixamente quando entraram na habitação.

-Bom dia - disse Meleri-. O dia ficará precioso e ensolarado depois de tanta chuva, não lhes parece?

As mulheres se olharam mas guardaram silêncio. Meleri não deixou que aquilo a turvasse enquanto fazia uma inspeção mental da cozinha. Estava acostumando-se à maneira de ser escocesa e a sua tendência à observação silenciosa.

No primeiro que pensou foi: "Como pode alguém trabalhar em uma cozinha como esta?". Jamais tinha visto tanto desordem. Não a teria surpreso encontrar um par de meia três quartos sujos debaixo de uma panela cujo conteúdo tinha transbordado. As ervas secas que penduravam do teto deviam levar ali desde as cruzadas, porque estavam pálidas e poeirentas. As telhas de aranha uniam os cachos que também pendiam do teto, e o pó cobria tudo.

-Eu gostaria que me ensinasse a cozinha para que possa me familiarizar com ela.

-Por quê? Não gostou do café da manhã? -perguntou Fiona.

-Ao contrário, estava delicioso. Espero que em algum momento me ensine a fazer pãezinhos. São os mais saborosos que provei nunca.

-Então, para que quer familiarizar-se com a cozinha? -o rosto amplo da Fiona refletia perplexidade.

-Sei que o castelo conta com muito pouco pessoal - Disse Meleri-. Se nos ensinas onde esta tudo, nos poderemos arrumar isso sozinhas. Necessitarei sabão, escovas, esponjas e muita água quente.

-Terá que falar com o Effie disso.

-Por quê?

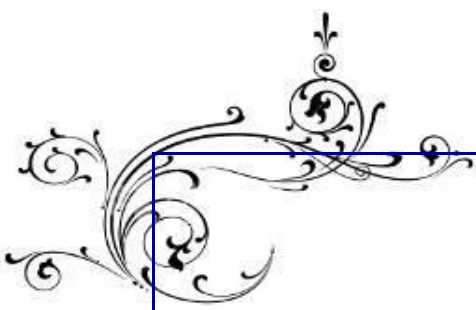
-Porque Effie é a ama de chaves.

-Mas você é a cozinheira e estes são seus domínios, não?

-Sim, mas deve falar com o Effie sobre o que necessita para o banho. Nunca tivemos a ninguém se banhando na cozinha.

-Eu não quero tomar um banho.

Fiona tinha um rosto que era mais que insípido. A pele era fina e tensa como o espartilho de uma mulher. Tinha os olhos de um precioso tom cinza que fazia jogo com seu cabelo, mas eram um pouco saltados para considerá-los bonitos, em particular, quando os entreabria, como naqueles momentos.



-Se não quiser dar um banho, para que ia querer tão material?

Céus! Acaso aquela mulher sempre era inquisitiva em tudo? Meleri ia ser a senhora do castelo, não? Se decidia plantar uma bananeira no meio do salão de banquetes, deveria obedecê-la sem mais pergunta. Mas bastava olhar a Fiona para compreender que não cederia facilmente.

-O material, porque Agnes e eu queremos ajudar a limpar.

Meleri agradecia por saber trabalhar, porque o tinha feito com frequência em Humberly Hall. Ao princípio, por aborrecimento, embora não tinha demorado a achar satisfação nisso. Voltou-se para Agnes, que se mostrava tão indecisa como uma vareta.

-Vamos nos familiarizar com a cozinha e depois passaremos ao salão de banquetes. Pede a gritos uma boa limpeza.

-É uma perda de tempo - disse Fiona. - Por quê? -perguntou Meleri.

-Quase não se usa.

-Usaram-no a noite de minha chegada.

-Era uma ocasião especial. A verdade é que não posso prescindir de nenhuma de meus ajudantes, milady. Preciso-as na cozinha para que me ajudem.

-Não te peço ajuda, Fiona. Sei que necessita todas as mãos que possa reunir. Quão único quero é material de limpeza. Se tiver a amabilidade de me mostrar onde se guarda, Agnes e eu faremos o resto.

-Nesse armário - disse e, assinalando onde se encontrava, voltou a concentrar-se na panela que estava removendo.

-Me siga, Agnes. Vamos ver o que podemos encontrar - Meleri avançou com passo decidido ao armário e o abriu de par em par. Determinou o que era o que podia usar: umas partes de tecido, uma escova de esfregar ao que lhe faltavam quase todas as cerdas, meia pastilha de sabão amarelo e uma vassoura que parecia ser feita das cerdas desaparecidas.

Começou a encher os braços de Agnes com os utensílios que necessitariam. Quando Agnes não pôde mais, Meleri deixou cair a pastilha de sabão no balde, enganchou no braço e fechou o armário. Deteve-se para jogar um pouco de água de um barril. Continuando, acrescentou umas conchas de sopa de uma panela de água que fervia sobre o fogo.

Empurrando Agnes para a porta, Meleri não demorou para encontrar-se no salão de banquetes. Assim que Agnes depositou o material sobre a mesa, Meleri lhe entregou um balde vazio e a vassoura.

-Toma, varre a chaminé.

Agnes aceitou o balde e se dirigiu à chaminé como se tratasse de sua própria execução. Entretanto, não demorou a tomar o gosto e até conseguiu cantarolar uma melodia ou duas enquanto trabalhava. De vez em quando, Meleri cantarolava com ela, mas quase todo o tempo estava concentrada no que devia fazer. Surpreendeu-se



ao ver dois moços conduzindo uma enorme panela de água quente até o salão. Averiguou que se chamavam Fingal e Govvan.

-Bom, Fingal e Gowan, parecem uns meninos jovens e fortes.

-Sim, milady, somos os mais fortes destes lugares.

-Me alegre, porque necessito a ajuda de uns bons braços.

Soltaram o caldeirão com um som cavernoso que ressonou no salão vazio e se afastaram para a porta. Não o fizeram o bastante depressa, porque Meleri os deteve antes que pudessem sair e os agarrou aos dois das orelhas.

-Não tão depressa, garotos - disse, e os levou de novo onde estava o caldeirão.

-Necessitam-nos para limpar os estábulos, milady.

-Acredito que limpar o salão de seu senhor é mais importante que seus estábulos. Agora, joguem um pouco de água quente neste balde e joguem dentro uma pastilha de sabão. Quero que esfreguem cada pedra deste chão. Podem começar ali, onde Agnes já varreu.

-Mas deveríamos limpar os estábulos! -gemeu Gowan.

-Limpar o salão será muito mais divertido e, quando acabarem, sentir-lhes-ão orgulhosos de ter ajudado. Além disso, não têm eleição. O conde se foi aos campos, assim que eu estou ao mando. Agora, façam o que lhes digo ou lhes pendurarei das orelhas na parede do fundo e lhes deixarei aí para que lhes vejam todos no castelo.

Trocaram um olhar, como se tentassem decidir se Meleri falava a sério. Grunhiram um pouco e sussurraram, mas, ao final, fizeram o que lhes tinha pedido.

Já estava no meio da tarde quando Agnes jurou que morria de fome e entrou na cozinha. Meleri ficou no salão para terminar de limpar os candelabros que penduravam por cima da larga mesa de banquetes. Uma vez desempoeirados, esfregou-os com azeite e substituiu as velas. Quando terminou, fez um gesto ao Gowan para que atirasse da corda que elevaria o enorme candelabro de ferro até seu lugar correspondente, sob as vigas lavradas do teto. Era uma tarefa difícil, já que o vestíbulo tinha dois metros de altura.

Meleri e Fingal limparam os candelabros de três patas e, depois, colocaram velas novas. Agnes retornou de melhor ânimo e começou a preencher os abajures de azeite das paredes. Meleri se voltou para o Fingal e Gowan.

-Desprendam os quadros e coloquem junto à parede. Quando terminarem, transladem as tapeçarias do extremo da mesa no jardim. Sacudam com cuidado, até que não fique pó.

Sua seguinte tarefa foi limpar os painéis lavrados de madeira e voltar a colocar as tapeçarias, que se achavam em um estado lamentável. Meleri pensou em quão bem ficariam naquele salão as tapeçarias que tinha guardados em um baú de sua casa. Teria que averiguar se poderia recuperá-los... Estes e outros objetos que tinha herdado de sua mãe e de sua avó.



Quando tudo ficou limpo, cobriram a larga mesa com toalhas brancas, que Meleri encontrou surpreendentemente limpas e em bom estado em uma gaveta escondo entre os painéis. Depois, trasladou os candelabros de ferro à mesa e os colocou no centro, a intervalos de vários palmos. Satisfeita, retrocedeu para observar o resultado e se sentiu agradada. Por fim se podia comer naquela mesa, e não seria vergonhoso sentar um convidado nela.

Já era quase noite quando terminaram de limpar. Enquanto Gowan e Fingal acendiam as velas, Meleri e Agnes contemplavam com orgulho seu trabalho. Era mais que aparente que, apesar de que os Douglas eram pobres naqueles momentos, tempo atrás tinham sido muito, muito ricos. Era um salão de banquetes magnífico. Suas proporções eram próprias das estadias reais, e os painéis das paredes rivalizavam com os do castelo do próprio rei.

-Tinha razão, milady - disse Gowan enquanto se aproximava com um amplo sorriso de prazer no rosto-. É mais divertido que limpar os estábulos.

-E me sinto orgulhoso do trabalho -disse Fingal enquanto se reunia com eles-. Dir-lhe-á ao conde que ajudamos verdade?

- Não fará falta.

Os quatro se voltaram para ouvir a voz e viram que Robert estava no salão acompanhado do Hugh, do Iain e de duas meninas quase idênticas. Robert observava a habitação com olho crítico.

-Tiveste no castelo trabalhando todo o dia e não em seus trabalhos habituais?

Hugh, sempre mediando entre eles, riu e disse:

-Se tiver conseguido fazer trabalhar ao serviço, deve felicitá-la. Pergunto-me como os terá persuadido. Parecem um enxame de abelhas sem rainha - brindou ao Meleri um sorriso brincalhão-. Como os organizaste? A avó desistiu faz dois anos e ameaçou não voltar a sair de sua habitação -passeou pelo salão, reparando em todas as mudanças -. É admirável.

Meleri sorriu a Hugh e fez uma reverência enquanto dizia:

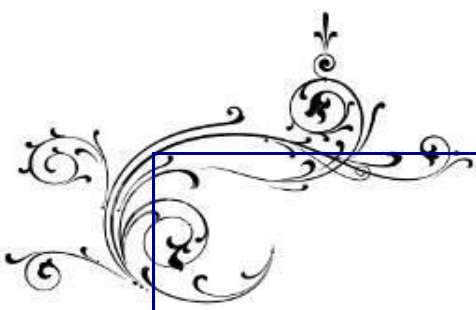
-Vá, obrigado, Hugh.

-Logo que nem reconheço o salão - comentou.

-Nem eu - admitiu Iain-. Fazia anos que não resplandecia tanto. É incrível, verdade? -disse ao Robert.

-Sim, absoluta e extremamente incrível.

Se a tivesse esbofeteado, não lhe teria doído tanto como resposta sarcástica, pensou Meleri. Esperou um minuto mais para ouvir alguma adulação, mas este não chegou. Para ocultar sua decepção, olhou as mãos e se horrorizou de seu aspecto. levou-se a mão ao cabelo, temendo parecer uma cara com o lenço poeirento e cheio de telhas de aranha e o avental branco manchado de grande parte da imundície que tinha tirado do salão. Bom, não tinha do que envergonhar-se. Era um trabalho digno, e estava tão orgulhosa como Gowan e Fingal do resultado. Levantou a cabeça.



Robert seguia sem dizer nenhum completo. Em troca apresentou ao Iain.

-Este é meu tio, Iain.

- Acredito que nos conhecemos o dia de sua chegada, lady Weatherby.

- Detesto reconhecer que estava mais preocupada com minha comodidade que por ser amável -disse Meleri -. Espero que me perdoe.

-Não faz falta que se explique - disse Iain com uma atitude que denotava sua boa disposição-. Estive casado vários anos. Também tenho duas filhas, assim compreendo um pouco como trabalha a mente feminina.

-Explique-me isso quando tiver tempo -disse Robert, e todos riram, exceto o próprio conde.

Meleri se uniu às risadas e, quando cessaram, dirigiu a Iain um sorriso cálido e sincero. Desde que tinha visto a aceitação em seus olhos, pôs-se de lado daquele homem alto e distinto de olhos mais azuis que o ovo de um petirrojo.

Iain se voltou por volta das duas meninas que estavam a seu lado.

-Estas preciosidades são minhas filhas, Catriona e Ciorstag.

-As gêmeas? -perguntou Meleri.

-Sim -disse Iain -. Por isso, todas suas travessuras o são por partida em dobro.

-Não posso acreditar que umas meninas tão bonitas causem problemas -disse Meleri -. Quantos anos têm?

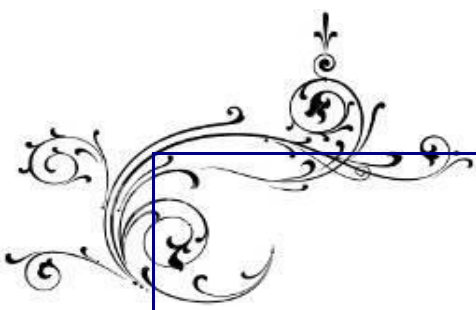
Fizeram uma reverência ao uníssonos e responderam de uma vez:

-Doze milady.

-Assim agora já conhece todos os membros da família - disse Iain.

-Sim, e é um prazer - Meleri suspirou e lançou um último olhar ao salão -. Enfim, se me desculparem, devo me apressar se quiser estar apresentável para o jantar. Vamos, Agnes. Gowan, Fingal, fostes que grande ajuda.

E com a cabeça bem alta, Meleri saiu do salão de banquetes.



Capítulo 20

Horas mais tarde, com Agnes seguindo-a como uma sombra, Meleri passou pela cozinha para falar brevemente com a Fiona e seguiu avançando para o salão de banquetes. Ficou perplexa ao ver que Robert seguia ali depois do jantar.

-Boa noite, milord.

-Parece te surpreender me ver aqui.

-Em efeito. Pensava que não ficaria no salão mais tempo do necessário. - Estava te esperando.

-A mim? Para que?

-Para poder te acompanhar a suas habitações.

-Se não precisa mais de meus serviços, milady, retirarei a minha habitação - Agnes logo que tinha terminado de falar e já estava saindo pela porta. Robert a viu partir.

-Essa mulher é como uma embarcação sem âncora.

-Só em sua presença.

-Por quê?

-Porque a assusta, milord.

-Assustá-la? Como? Não lhe dirigi a palavra,

-Só grunhiu.

-Eu não grunhi.

-Possivelmente a ela o tenha parecido.

-Só hei dito que ia acompanhar-te a sua habitação.

-Parece-te isso um grunhido?

-Era a inflexão, o tom de voz. Se me perdoar por dizê-lo, é bastante resmungão, milord.

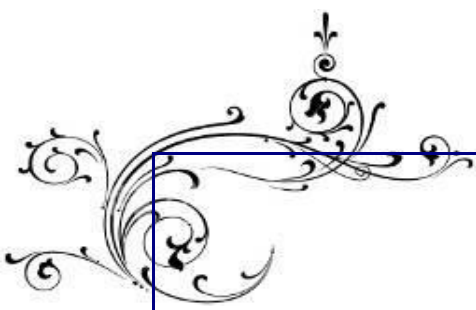
-Resmungão, diz?

-Certamente - assentiu Meleri.

Robert balbuciou algo enquanto saíam a uma larga galeria que conduzia à escada monumental, pois era enorme, ampla e curva, tão majestosa como qualquer que Meleri tivesse visto nos grandes castelos ingleses.

Um pouco mais à frente, Meleri enxergou Corrie e Dram deitados em seu lugar acostumado ao pé da escada. Quando os ouviram aproximar-se, voltaram suas grandes cabeças para observá-los. Fez-se aparente o reconhecimento do Robert, porque começaram a golpear o chão de pedra com as caudas com frenesi.

-Seus cães lhe aguardam felizmente - disse Meleri-. Ao contrário de Agnes, não lhe temem.



-E você? -perguntou Robert, tomando-a do braço e fazendo-a que se voltasse para ele. A intensidade de seu olhar a fez ruborizar-se -. Teme-me?

-Sinto um saudável respeito para ti -disse, e viu imediatamente que sua resposta o tinha agradado.

-Pois te sugiro que o conserve - lançou um rápido olhar aos cães-. Não discriminam tanto como crê. Esperam a qualquer um que abra a grade para poder subir e encontrar um lugar em que esconder-se para dormir.

-Sim, recordo meu primeiro encontro com Corrie - Meleri lançou um olhar à grade que cruzava a escada-. Diga-me, quem toca a gaita de fole? -perguntou.

-A gaita de fole? Ninguém, ao menos, já não. Iain era um virtuoso, mas faz anos que não toca. Agora sou eu o único que a usa, mas não muito. Não recordo quando a toquei pela última vez por que a pergunta?

-Em mais de uma ocasião ouvi alguém tocando a gaita de fole. A primeira vez foi o dia de minha chegada.

-Seria o vento.

-Não, era uma gaita de fole, estou segura. A melodia sempre é a mesma.

-Mmm - foi o único que disse Robert, e Meleri não voltou a mencioná-lo. Trocou de tema.

-Esta escada é preciosa - disse, admirando as formas lavradas nos balaústres de carvalho.

-Era majestosa em seu tempo, mas necessita reparações, e as molduras do teto se estão desfazendo. O estuque caiu e trincou a madeira dos degraus.

Meleri inclinou a cabeça para trás e observou o teto.

-A água se infiltrou pelo telhado. Acrescentá-lo-ei a minha lista.

-Tem uma lista?

Meleri extraiu uma pequena folha do bolso e lhe sorriu.

-Levo-a sempre comigo - de repente, fixou-se no enorme quadro da galeria junto ao que estava passando. Sentia não ter reparado antes nele.

Era bastante grande, do menos um metro oitenta de largura e dois metros e meio de altura, segundo seus cálculos. Deteve-se a observá-lo fixamente e, ao fazê-lo, tentou decidir o que tinha aquela obra de arte em particular que a inquietava.

Reconhecia o castelo do Beloyne ao fundo, mas os dois galgos escoceses não eram Corrie nem Dram. Então se deu conta de que o que lhe chamava a atenção não era o que via, a não ser o que não podia ver. Era evidente, inclusive para seu olho inexperiente, que ali tinha havido uma figura retratada... uma figura que já não aparecia. Ao lhe resultar de tudo peculiar, voltou-se para o Robert.

-A este quadro falta algo. Pintaram em cima?

-Não, não pintaram em cima... Mas tampouco está como em um princípio.

-Quer dizer que falta algo - voltou a estudar o quadro-. Uma pessoa?

-Sim. William, o primeiro conde do Douglas. -Assim pintaram em cima.



Meleri passou a mão por cima, com Robert lhe iluminavam os olhos com humor ao dizer:

-Não exatamente. Ainda não sabe que o castelo do Beloyne está encantado?

-Encantado? Não, não sabia. Por um fantasma ou vários?

-Só por um, que saibamos.

-Um... Refere-te ao fantasma do conde que falta do quadro?

-Sim.

Meleri aguardou um momento, à espera de que Robert terminasse a história. Ao ver que não o fazia, perdeu a paciência.

-Vais contar-me o que aconteceu?

-Sim, contar-lhe-ei isso porque vejo que não descansará até que o faça.

-Assim é.

E assim foi como Robert passou a lhe contar a história dos desventurados Douglas, de como obtiveram o título, perderam-no e voltaram a recuperá-lo. Começou com sir James Douglas, chamado o Bom, um dos capitães do Robert Bruce, rei de Escócia.

-Quando Bruce morreu em 1329 no Cardross. Foi enterrado no Dunfermline sem seu coração.

-Sem seu coração? - Meleri se estremeceu -. Por que fizeram uma coisa assim?

-Tiraram-lhe o coração e o confiaram a sir James, a quem Bruce lhe tinha encarregado que o levasse em uma Cruzada para cumprir a promessa de enterrá-lo em Jerusalém. No momento de sua morte, quando sir James fez a promessa, Bruce lhe entregou sua espada, onde estava escrito: "E ali enterra meu coração".

-Quer dizer que o coração do Bruce está enterrado em Jerusalém?

-Não. Não chegou ali. Sir James morreu em 1330, lutando contra os mouros na Espanha. Trouxeram o coração do Bruce de volta a Escócia e o enterraram na abadia do Melrose.

-Que triste que seu coração viajasse tão longe para que tivesse que voltar aqui. Foi então quando os Douglas receberam o título?

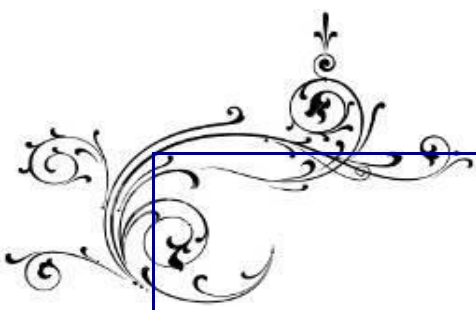
-Sim, devido à lealdade de sir James, o filho do Bruce, o rei David II, concedeu-nos o condado, e o coração se converteu no principal emblema dos Black Douglas. Assim, em 1357, meu antepassado, William, foi renomado conde do Douglas e se converteu em conde de Mar por seu matrimônio com a Margaret, irmã do décimo terceiro conde de Mar. Para então, o poder dos Douglas rivalizava com o da coroa.

-Assim William foi o primeiro conde do Douglas e o homem que falta no retrato. O que foi dele?

-Foi.

Meleri ficou olhando um momento, sem compreender o que havia dito.

-Como é possível? As figuras pintadas não abandonam os quadros.



-Esta sim.

-Insinuas que voltou para a vida e saiu do quadro?

-Não é que voltasse para a vida, simplesmente, desapareceu. De fato, fê-lo cem anos depois de converter-se no primeiro conde do Douglas.

-Então, como pôde partir? A não ser que fora...

-Um fantasma -terminou Robert -. É o fantasma deste castelo.

-Viu-o?

-Ninguém o viu.

-Então, como sabe que existe? -Sabemos.

-Pois eu não sei e não me acredito.

-Possivelmente não o crê, mas há coisas que terá que aceitar, e uma delas é que o conde do Douglas estava no retrato... E já não está. Explica-o como quer.

-Muito bem, se devo aceitá-lo, me conte por que esperou cem anos para partir.

-Foi em 1452, quando os Douglas perderam o título. O rei Jaime, temeroso de nosso poder, assassinou-o a meu antepassado do momento, outro William, junto a seu irmão e a um amigo. De fato, convidou-o para jantar no castelo de Stirling e durante o jantar, apunhalou-o ele mesmo. Depois, seus cortesãos se somaram ao ataque e William não demorou a morrer. Imediatamente depois, o nono conde entrou em ação e proclamou-se assassino do rei. Os Douglas foram derrotados no Arkinholm e o conde foi exilado. O rei Jaime, embora só tivesse vinte e um anos, ordenou a destruição sistemática de todo os lugares fortes dos Douglas. O castelo do Threave, que se encontra a uns poucos quilômetros daqui, sofreu um assédio de dois meses. Foi acrescentado à coroa e foi entregue a lorde Maxwell em 1640.

-E Beloyne? O que foi deste castelo, milord?

-Sua guarnição se negou a render-se a princípio, e isso enfureceu tanto ao rei Jaime que, quando por fim caiu em seu poder, ordenou que destruíssem o castelo.

-Foi então quando se perdeu a asa em ruínas?

-Sim, e após, nossa família não tornou a recuperar sua posição de poder e de riqueza. O único que ficou foi sua honra e seu orgulho, junto com alguns restos da glória passada: retratos familiares, armaduras, móveis e livros.

Meleri se voltou para o retrato e se surpreendeu pensando na asa em ruínas.

-Foi então quando partiu - disse em apenas um sussurro.

-Sim, antes que meus antepassados rendessem o castelo, só tiveram tempo para tirar os móveis e quadros que vê aqui. Esconderam-nos nas masmorras. O que se salvou foi só um pequeno fragmento da riqueza dos Douglas. Outros quadros e móveis passaram a poder do rei. Entretanto, havia um quadro, um retrato de Vão Dyck, da condessa do Sussex, que nunca apareceu.

Meleri não pôde conter o estalo de risada que emergiu com suas seguintes palavras.



-Possivelmente o primeiro conde preferiu permanecer à eternidade com a condessa em lugar de com dois cães.

Robert lhe sorriu. A Meleri a comovia aquela faceta mais suave e se surpreendeu desejando que confiasse nela o bastante para mostrar-lhe cada vez com mais frequência. Tinha um sorriso muito formoso. Era uma lástima que não a exibisse mais frequentemente.

-Então, sua teoria é que quando encontrarmos o quadro da condessa do Sussex... -começou a dizer.

-Descobriremos que o conde está com ela -terminou Meleri -. É uma explicação tão boa como qualquer outra, não crie?

-Sim, tenho entendido que gostava das moças. -Especialmente a condessa do Sussex.

De repente, um dos quadros da galeria caiu ao chão. Corrie e Dram ficaram em pé e começaram a uivar e a mover-se de um lado a outro. Robert riu.

-Pensando-o bem, possivelmente esteja equivocado.

Foi a vez de Meleri de rir.

-Vá! Vejo que acredita em todos esses contos de fantasmas.

-Acredito sim, mas perdi fé na lenda - disse com gravidade-. Convenci-te?

-Não. Não acredito em fantasmas e nada poderia me fazer trocar de ideia.

Outro quadro caiu ao chão. Corrie e Dram estavam realmente agitados naqueles momentos, e seu passo se voltou frenético. Percorriam de cima abaixo a galeria, detendo-se com frequência a olhar o quadro do conde desaparecido.

-Se fosse você, pensaria em trocar de ideia - disse Robert.

-Por quê?

-Porque se não - riu -, todos os quadros da galeria acabarão no chão.

Ao Meleri lhe acelerou o coração.

-Se ninguém viu ao fantasma, como sabem que vive aqui?

-Às vezes, os criados ouvem ruídos estranhos e sentem que entra um ar frio na habitação. Outras, os cães se comportam de maneira estranha, e temos a inquietante sensação de que há alguém na habitação conosco, embora não podemos ver ninguém. De vez em quando, desaparecem coisas no castelo e reaparecem em outro lugar.

-Vá! Não é muito para convencer a uma pessoa de que acredite em fantasmas - Meleri viu sua expressão -. Já sei, não faz falta ver algo para acreditar nisso -ficou pensativo um momento -. Bom, possivelmente a ti não - voltou-se para a escada-. Se essa for toda a história, desejo-lhe boa noite.

Tinha dado dois passos quando as seguintes palavras do Robert a fizeram deter-se em seco.

-Isso não é tudo.



Girou e advertiu que se encontrava dois degraus por cima dele o que a fazia estar a sua mesma altura. Só uns centímetros separavam seus rostos. As lembranças da paixão revoaram na consciência de Meleri, e experimentou um impulso entristecedor de aproximar-se dele. Inclinou-se para diante, até que seus lábios ficaram perto, o bastante para beijar-se.

-Há mais? -sussurrou, e lhe roçou os lábios.

-Sim -disse Robert-. Um pouco mais - Atraiu-a para ele e Meleri lhe rodeou o pescoço com os braços.

-Me conte o resto - sussurrou junto a seus lábios -. Conta-me tudo.

Robert a abraçou com mais força para unir seus lábios aos dela com um beijo intimamente inquisitivo, duro e exigente. Também foi comprido, mas quando Robert rompeu o beijo, Meleri se surpreendeu pensando que não tinha sido suficientemente longo.

-Me conte o resto da lenda - sussurrou Meleri.

Robert fechou os olhos, como se quisesse ordenar seus pensamentos e recuperar a compostura. Soltou-a e, de repente, Meleri lamentou lhe haver pedido que lhe contasse a história. por que tinha insistido em falar de um homem que levava morto quase trezentos anos quando tinha um vivinho e abanando o rabo e mais que disposto, em seus braços?

Beijou-a no nariz e continuou.

-Não era só o poder dos Douglas o que o rei invejava, a não ser sua imensa riqueza. Dizia-se que suas jóias superavam em valor às do próprio monarca. De fato, dizia-se que rivalizavam com as jóias da coroa da Inglaterra.

-E o rei acabou fazendo-se com elas?

-Não. Como o Vão Dyck da condessa, não tornaram a aparecer.

-Esconderam-nas nas masmorras, junto com todo o resto?

-Ninguém sabe. O castelo estava sendo atacado. Sabemos que os quadros e os móveis os esconderam nas masmorras porque ali os encontraram depois, mas as jóias desapareceram sem mais.

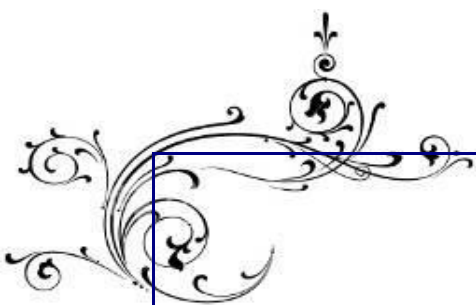
-Deve tê-las roubado um dos homens do rei durante o assédio.

-Não acredito. Teriam aparecido em alguma parte. Algumas eram muito conhecidas e podiam ser facilmente identificadas.

-Então, devem seguir ocultas aqui.

-É o que eu acredito, mas a pergunta é onde? Se ainda não as encontraram, certamente, nunca o façam. Realizaram-se numerosos registros, a pequena e grande escala. Eu diria que se removeram todas as pedras do castelo, embora a tradição diz que serão devolvidas quando aqui, no Beloyne, viva aquele que possua um coração de autêntico escocês. Nesse momento, segundo a lenda, o conde revelará a localização das jóias familiares e retornará ao lugar que lhe corresponde no quadro.

Meleri pôs os olhos em branco.



-Esta história se volta cada vez mais incrível. É possível que o conde escondesse as jóias fora do Belohn... Na Inglaterra, inclusive.

-Não, estão aqui. Supostamente, o conde deixou uma nota que dizia que as jóias nunca sairiam de Belohn. Também dizia que a nota continha uma adivinhação que, uma vez resolvido, revelaria a localização das jóias. Por desgracia, nunca a encontraram.

-Como não! - exclamou Meleri, e sentiu a carícia surpreendentemente suave dos dedos do Robert na bochecha.

-Ou possivelmente sim -disse Robert com suavidade -. Sabe? Agrada-me descobrir que há mais em ti do que pensei em um princípio.

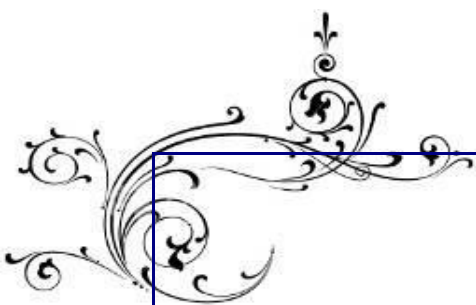
Meleri avermelhou.

-Descobriu bastante o outro dia, milord -disse, e baixou a cabeça com acanhamento. Robert a levantou e, quando o olhou aos olhos. Meleri viu muitas coisas, incluído o humor... que ficava reforçado pela suave elevação das comissuras de seus lábios.

Meleri voltou a cabeça e seguiu subindo as escadas com o Robert a seu lado. Nenhum dos dois disse nada durante uns momentos. Meleri pensou naquele velho castelo e em como seus muros irradiavam felicidade. Tinha a sensação de que ali, naquele lugar, podia ser algo, fazer algo, dizer algo. Podia amar ou ser indiferente. Inclusive podia odiar.

-É afortunado por ter a família que tem - disse Meleri.

-Eu me sinto afortunado de te ter a ti -deu um passo para ela e tomou em seus braços, não de forma apaixonada mas sim como um irmão consolaria a sua irmã. Meleri exalou um comprido suspiro trêmulo e se disse três vezes: "Não vou chorar". Com uma intensa sensação de paz, apoiou a cabeça no peito do Robert e escutou o ritmo constante de um coração forte.



Capítulo 21

Robert a abraçou em silêncio durante bastante tempo, sentindo os fortes batimentos de seu próprio coração. Estava perturbado e distraído, incapaz de pensar mais à frente do desejo que Meleri despertava. Seus pensamentos se concentravam em um: era dela. Logo que tinha pensado em outra coisa desde que lhe tinha arrebatado a virgindade. Inclusive naqueles instantes, desejava voltar a lhe fazer amor.

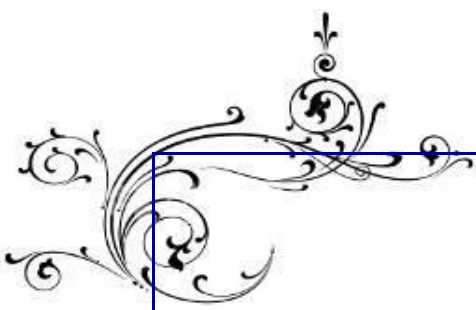
Ficou surpreso quando, nesse momento, ela levantou a cabeça e ficou olhando, lhe cravando seus incríveis olhos verdes. "É tão bonita, tão inocente, quando me olha com as pálpebras carregadas de desejo...", pensou. "Desejo-te tanto que agonizo. Mas é inglesa e não posso confiar em ti. Por culpa do homem com quem foste casar, minha irmã está morta. Vingança...".

"Doce feiticeira inglesa, se soubesse a verdade, desejar-me-ia ainda?". Podia sentir o suave peso de Meleri nos braços, a firmeza de seus seios. O coração lhe pulsava de desejo e o estava enjoando. Via que ela o olhava com atenção e receio. Saberla o que estava pensando, que desejava lhe arrancar o vestido amarelo de seu corpo para poder ver outra vez o que havia debaixo? Afundou as mãos naquele cabelo vermelho que lhe resultava tão intrigante e a lembrança de seus doces seios o abrasou.

Já tinha o corpo férreo e trêmulo; não podia controlar-se. Era incapaz de deter os braços que se fechavam em torno dela, assim como não tinha forças para resistir a beijar a boca que se entreabria com surpresa de espectador. Beijou-a com força, desejando lhe fazer danifico como o fazia a ele, mas teve o efeito contrário, porque a ouviu gemer ao tempo que o rodeava com os braços.

Robert rompeu o beijo o tempo suficiente para abrir a porta do dormitório e fechá-la atrás dele. Levantou-a em braços e a transladou à cama. Sem apartar o olhar de seu rosto, começou a lhe desabotoar o vestido amarelo, o retirou dos ombros e deixou que caísse ao chão em forma de nuvem. Continuando, retirou-lhe os objetos interiores até deixá-la nua e formosa. As curvas de seu corpo refulgiam pálidas e ternas, à luz da lua. Deu um passo para trás para contemplar melhor os seios cheios, incapaz de deter a mão que elevou para tomar seu peso na palma.

Beijou-a com estremecedora intensidade, com ternura e lentidão, intuindo a incapacidade de Meleri para opor-se ao desejo entristecedor de unir-se outra vez a ele. Tombou-a sobre a cama e a cobriu com seu corpo, sabendo como beijá-la e onde tocá-la para fazê-la gemer de desejo. Em qualquer lugar que aproximasse os lábios, Meleri era pele fragrante e músculo firme, e encaixava com ele à perfeição. Sua férrea virilidade estava preso no ventre dela.



Fundindo seus fôlegos, os sentidos do Robert pareciam sofrer os efeitos calmantes do ópio. A seda fresca do cabelo do Meleri lhe roçou os braços, envolvendo-o com a fragrância das rosas.

-Desejo-te -sussurrou Robert -. Desejo-te e sei que você a mim também.

-É certo -disse Meleri -. Desejo-te.

-Logo que pensei em outra coisa - acrescentou enquanto lhe acariciava o pescoço com os lábios, e se surpreendeu ao descobrir que era certo.

Tinham-no chamado de tudo no referente às mulheres, desde sedutor até mago, porque conseguia as persuadir com facilidade, mas não lhe procurava prazer seduzir ou persuadir a Meleri. Queria possuí-la, mas não a custo de sua destruição. Compreendeu então que não podia castigá-la pelo que tinha feito outro, embora tivesse sido seu prometido. Por isso não tinha podido casar-se com ela antes. Sua motivação não era boa, e no fundo de seu coração, Robert sabia.

De repente, lhe estava abrindo a roupa, e Robert colaborou no processo. Gemeu quando Meleri o tocou com a mão e lhe passou os dedos pelas costelas com tato de fogo e gelo. Quando ela alargou a mão para tomar seu membro, tinha o olhar intenso e brilhante. Robert era incapaz de parar, igual era incapaz de deter a água de uma cascata.

Beijou-a uma última vez e entrou em uma cálida e bendita paz.

Recordaria para sempre seu tato, a forte ascensão e a descida de seus seios, a respiração funda e trêmula de Meleri enquanto fechava os olhos e alcançava o êxtase com ele.

Bem sabia Deus que tinha executado aquele ato dúzias de vezes, com idêntico número de mulheres. Então, por que aquela lhe parecia diferente? Nenhuma era como Meleri, e nenhuma o tinha deixado sentindo o que sentia naqueles momentos.

Apropriou-se dele uma paz pura e perfeita, uma quietude que acalmou o tumulto e o ódio que carregava no mais fundo de seu ser. Na profundidade de sua alma se alojou um sentimento que não tinha experiente antes, e se sentiu muito próximo a Meleri, como se não pudesse saber onde acabava ela e começava ele.

Não tinha querido possuí-la e, entretanto, tinha-o feito. Naqueles momentos, Meleri era dele. Casar-se-ia com ela, e logo. Ao dia seguinte, enviar-lhe-ia uma nota ao sacerdote para que fixasse a data. Não permitiria que seus filhos nascessem bastardos.

"Logo", pensou, e fechou os olhos. "Logo será minha por completo".

Dormiu durante algum tempo antes de mover-se e abrir os olhos. Olhou pelas janelas, através das quais se filtravam os últimos retalhos de luz, apenas suficiente para observar à mulher que dormia em silêncio junto a ele.

O pálido tom do entardecer fazia maravilha com a pele do Meleri. Estava tão encantadora, ali deitada em ousada nudez, com os suaves contornos de suas largas pernas entrelaçadas em uma espiral de lençóis úmidos... Inclusive naqueles



momentos, invadiu-o o desejo de fazê-la sua outra vez. Diferentemente encantada incluso em repouso, jazia em um matagal de cabelo rosado, com o queixo apoiado em uma mão. A curva ainda úmida de seus lábios cheios lhe fez recordar o prazer de beijá-la. Aproximou seu rosto ao dela. Sentia a chamada de cada centímetro do corpo adormecido de Meleri, e ardia em desejos de responder.

Suave, lentamente, para não despertá-la, inclinou-se para diante e beijou a textura úmida da bochecha, amaldiçoando-se por aquela nova benevolência que moderava o fogo de seu interior.

Levantou-se e vestiu-se sem fazer ruído; depois, cobriu-a com os lençóis. Incapaz ainda de partir, olhou-a, confiando em acalmar sua intranquilidade interior. Não podia utilizá-la para seu vergonhoso propósito e, naqueles momentos, inclusive pensar que tinha sido capaz de tramá-lo era um peso que se afundava como uma bala de canhão em um oceano de culpa.

Deu a volta e saiu da habitação. Os cães o aguardavam no pé da escada, contemplando o retrato do conde desaparecido com uma compreensão e conhecimento que ele não discernia. O que intuía a respeito daquele quadro? O que os atraía a aquele lugar uma e outra vez e retinha sua atenção? Sempre aquele quadro, pensou, nenhum outro. Deteve-se contemplar o retrato, observando-o com detalhe. criou-se com ele e recordava havê-lo cuidadoso fixamente quando era um moço. Recordava também como seu pai e Iain repetiam a lenda do Douglas o Bom e do primeiro conde, o Black Douglas.

Jamais tinha temido ao fantasma e de jovem tinha esperado com impaciência sua volta embora, com o passar dos anos, desiludiu-se. Entretanto, apesar de sua irritação por que o velho conde não tivesse retornado para lhes dar as jóias, no fundo, sabia que ainda acreditava nele.

-Contemplar o quadro não te dirá onde estão as jóias. Sei por que eu o tentei. Também tentei falar com ele, e isso tampouco funciona.

Robert se voltou e viu o Iain aproximando-se com as gêmeas.

Iain se deteve seu lado e os dois permaneceram contemplando o quadro. Quando o tio do Robert olhou a suas filhas e viu seus olhos enormes e redondos, riu e disse:

-Hoje não vou contar-lhe nenhuma história de fantasmas, assim não lhes façam ilusões.

-Mas...

Catriona não pôde seguir falando; Iain lhes ordenou que subissem a deitar-se.

As gêmeas riram de algo que só elas conheciam; depois, subiram as saias e puseram-se a correr escada acima.

-Pergunto-me se alguma vez poderei as converter em umas damas.

-Quando chegar o momento - como Iain. Robert as tinha visto subir correndo as escadas, sem cansar-se de sua risada infantil -. Hão posto muitas sorrisos em



nossos rostos. Jamais pensei que o reconheceria, mas desfrutei sinceramente as vendo crescer.

-Não sei como teria sobrevivido à morte da Anne se não me tivesse deixado a nossas filhas. Como você, desfrutei que cada momento que passei com elas. Já começo a me preocupar do que farei quando lhes chegar o momento de casar-se.

-Esse momento chegará antes do que suspeitamos. Estão em uma idade interessante, já não são meninas e tampouco mulheres.

-Tem-lhe feito amor? -perguntou Iain de repente.

A franqueza de seu tio sobressaltou ao Robert, mas não respondeu. Ao parecer, não fazia falta.

-Tornaste-te louco? É abominável que a utilize dessa maneira! Quanto tempo pensa seguir fazendo-o sem a sagrada união do matrimônio?

-Penso me casar com ela - limitou-se a dizer Robert.

-Pois mais vale que o faça logo. Não te ocorreu pensar que poderia deixá-la grávida? É isso o que quer que seu filho nasça bastardo?

-Por que não grita, para que possam te ouvir todos no castelo?

-Logo saberão, tanto se grito como se não. Surpreende-me, Robbie. Acreditava-te capaz de mais domínio. Também te considerava um homem de maior moralidade. A seu pai nunca lhe teria passado pela cabeça.

-Do que serve a moralidade, se te faz perder a vida antes de tempo? E o que me diz da Sorchá? Salvou-a sua moralidade?

A fúria fazia contrair a mandíbula ao Iain.

-Então, pensa nisto. Até os segredos melhor guardados acabam saindo à luz. Se Meleri suspeitasse o mais mínimo a profundidade de seu ódio para todo o inglês, poderia significar o final. Nenhuma moça, por muito boa que fora, casar-se-ia pelo só propósito de servir de vingança. Se isso ocorresse, seria impossível que a obrigasse a casar-se contigo. Inglesa ou não, não há um só sacerdote em Escócia capaz de celebrar umas bodas contra os desejos da noiva. Está correndo um grande risco esperando.

-Subestima-me, tio. Tenho-o tudo controlado. Não há nada do que preocupar-se.

-Por seu bem, espero que tenha razão.



Capítulo 22

Philip não estava de muito bom humor quando chegou ao castelo do Heathwood sobre um cavalo extenuado. Confiava em encontrar a Meleri na Gretna Green e que sua viagem não fora infrutífera. Estava ao bordo do esgotamento e precisava dormir desesperadamente. Saltou de seu cavalo e soltou as rédeas.

-Me sele a Netuno! -gritou a um moço antes de voltar-se e subir correndo os degraus. Atravessou rapidamente a porta principal e subiu a escada de três em três, amaldiçoando a Meleri Weatherby com cada passo que dava.

Ordenou a sua ajuda de câmara que saísse da habitação.

-Fora, maldita seja! Se houver algo que aprendi. É a me vestir sozinho.

Trocou de roupa e, quando baixou, descobriu que seus amigos, Harry Wellsby e Tony Downley, estavam-no esperando. Por surpreendente que fora, alegrava-se de vê-los. Precisava falar com alguém antes de estalar de raiva.

-Não sabia que tivessem retornado à campina.

-Não nos tínhamos ido -disse Tony -. Estivemos aqui todo o tempo.

-Não por própria vontade, como compreenderá - disse Harry. Philip lhe lançou um olhar fugaz.

-O que quer dizer?

-Quero dizer que seu pai falou com os nossos e, como resultado, estamos proibidos de ir a Londres durante um ano - disse Harry.

-Um castigo de todo injusto, em minha opinião - acrescentou Tony.

-Bom, não criam que vou perdoar lhes pela informação que revelaram a seus pais e que chegou para ouvidos do meu -disse Philip -. Agora mesmo, poderia perder minha herança.

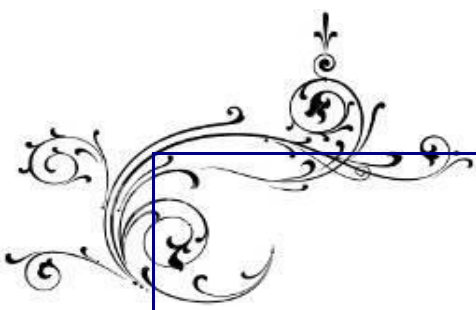
-Nós estivemos a ponto de perder a nossa - queixou-se Tony -. Mas que assunto mais desagradável!

Philip não estava comovido.

-O que lhes ocorreu a vós não é comparável com minha desgraça - e a história da visita de seu pai fluiu com furiosa energia de seus lábios. Quando terminou, Tony disse:

-Não posso acreditar que entrasse na habitação quando estava na cama com o Jane.

Philip se preparou uma taça e os pôs inteirados das últimas novidades. Explicou-lhes como tinha tido a fortuna de encontrar a um ajudante de quadra no Humberly Hall, pois o resto do serviço já se foi. Por sorte, o homem sabia quem era Agnes Milbank e onde vivia.



-Foi meu primeiro golpe de sorte em muito tempo - olhou a seus amigos -. Agora, deixarei que me aplaquem por sua deslealdade. Acompanhem-me a Gretna Green.

-Não acredito que deva me envolver neste assunto - disse Harry.

-Eu tampouco - disse Tony-. Deve resolvê-lo você sozinho, e se meu pai averiguasse...

-Resolverei sozinho, mas eu gostaria de ter companhia durante a viagem, e estão em dívida comigo. Podem esperar perto enquanto faço uma visita à babá. Asseguro-lhes que quão único requeiro é sua presença.

A contra gosto, Harry e Tony acessaram, e os três ficaram em caminho, cavalcando a velocidade de vertigem. Quando chegaram à fronteira já era de noite, assim que se alojaram em um botequim. À manhã seguinte seguiram cavalcando até que se aproximaram da zona em que vivia Agnes Milbank.

-Tony e eu seguiremos até a Gretna - disse Harry-. Esperar-lhe-emos ali.

-Mais vos vale.

Quando alcançou a estrada que conduzia à casa que tinha estado procurando com tanta diligência, Philip já aborrecia o nome do Agnes Milbank. Desmontou e bateu na porta. Respondeu um homem.

-Agnes não está aqui - disse.

-É seu marido?

-Não, seu irmão.

Philip fez pergunta detrás pergunta, mas o homem era hermético e sóbrio nas respostas. Perdendo a paciência, sujeitou-o da camisa e o empurrou contra a parede.

-Quero saber aonde foi Agnes... E em detalhe. E quero saber se lady Meleri Weatherby a acompanhava. Entendido?

-Eu estava em Edimburgo quando minha irmã se foi. Quão único sei é o que deixou em sua nota, que não é muito.

-Então, insígnia me essa endiabrada nota!

-Queime-a.

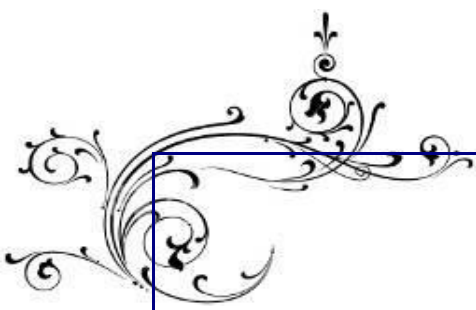
Philip tirou a faca e o aproximou do pescoço do homem.

-Tem cinco segundos.

- Se... Foram-se ao castelo do Beloyne.

Com o relógio do destino contando os segundos em seu contrário e as palavras de seu pai lhe zumbindo nos ouvidos, Philip não tinha tempo para descansar. Devia averiguar onde se encontrava o castelo do Beloyne. Pois o irmão do Agnes tinha conseguido entrar pela porta e fechá-la antes que Philip lhe tirasse a informação.

Cavalcou até a Gretna e se reuniu com o Harry e Tony, que se dispunha a tomar algo em uma estalagem. Philip se sentou com eles e pediram bolo de salmão, o único prato do cardápio. Durante a comida, Philip lhes contou o que lhe tinha surrupiado ao irmão do Agnes Milbank.



-Agora devo averiguar onde está esse castelo.

O hospedeiro lhes levou uma jarra de cerveja e Philip lhe deu uma generosa gorjeta.

-Ouça, estamos procurando um lugar chamado castelo do Belohn. ouviu falar dele?

-Sim, é o lar do conde do Douglas.

-Não saberá onde está, nem como chegar a ele?

-Está a só um par de horas a cavalo daqui. Quando o hospedeiro se foi, Philip se voltou para o Tony e Harry.

-Alguma ideia de como arrancar a minha prometida da casa de um endiabrado escocês?

-Não se terá casado com ele, verdade? -perguntou Harry -. Esse dia disse que se casaria com o primeiro homem com quem se encontrasse.

Philip não tinha considerado essa possibilidade.

-Não sentiria saudades, mas devo acreditar que um conde, embora seja escocês, não correria a casar-se com uma garota a que logo que conhece. Mas não respondestes a minha pergunta. Como se a Quito das mãos?

-Bom, vejamos - disse Tony com desenvolto-. Poderia assassinar ao escocês e lhe levar isso mas então lhe meteriam na prisão. Ou poderia sequestrá-la, o qual resolveria a primeira parte de seu dilema, mas seria muito difícil viajar com ela lutando a cada passo do caminho. Portanto, deveria apelar a seu lado mais suave e convencer a de que cometeste um terrível engano deixando-a partir.

-E se não a traga? E se não crie uma só palavra do que digo? -perguntou Philip.

Harry se encolheu de ombros.

-Então, será melhor que comece economizando tudo o que possa.

Philip apurou sua cerveja e pediu outra. Permaneceu com o cenho franzido em funda reflexão, até que de repente, disse:

-Acredito que eu gosto mais sua outra ideia.

Harry e Tony se olharam sem compreender. Harry sorriu um momento depois e perguntou com bastante jovialidade:

-Qual? Assassinar ao escocês?

-Exato - disse Philip.

O humor desapareceu dos rostos dos dois amigos ao tempo que se olhavam entre si.

-Me valha Deus! Fala a sério - disse Harry, empalidecendo.

-É obvio que falo a sério - repôs Philip-. Por que não ia fazê-lo?

-Sinto muito - disse Tony ficando em pé -, mas não conte comigo. Mentir e sequestrar é uma coisa, mas assassinar... Pode que seja um uva sem semente de

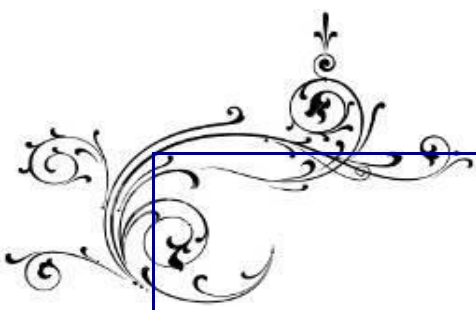


primeira ordem, mas nem sequer eu posso chegar tão longe. Sinto muito, Philip, não posso tomar parte em algo como isso.

-Eu tampouco - disse Harry enquanto ele, também, ficava em pé-. Animo-te a que medite no que faz. Não estamos no século XVI. Um inglês, embora seja nobre, não pode cruzar a fronteira para assassinar a um membro da nobreza sem esperar que se faça justiça.

Philip não disse nada mais, mas estava pensando que seus amigos se tiraram a máscara. Não tinha sentido tentar convencê-los. Eram estúpidos, os dois. Não compreendiam o quanto estava desesperado estava. Seu plano devia funcionar, simplesmente, porque era quão único podia fazer para salvar-se.

-Vamos partir daqui. Não necessito nem da sua ajuda nem seu conselho.



Terceira Parte

Quer saber se acredito em fantasmas.

É obvio que não.

Se tivessem conhecido tantos como eu, você tampouco acreditaria neles.

Dom Marquis (1817-1937) Humorista e jornalista norte-americano.



Capítulo 23

Meleri seguia angustiada pela inquietação que irrompia em sua acostumada sensação de bem-estar. Algo não estava bem, e a atormentava até o ponto de querer confrontá-lo com tal e lhe pôr fim. Nunca tinha estado tão nervosa. Não havia explicação, nem causa, nem padre. Simplesmente, era uma intuição... O bastante forte para alegar que lhe doía a cabeça e desculpar-se do jantar.

Tinha por costume, quando percorria a galeria, avançar junto às janelas que davam ao brejo. Frequentemente, detinha-se a contemplar a asa em ruínas do castelo, que a comovia de forma trágica e triste. Devia ter sido magnífica durante o assédio do rei, mas, naqueles momentos, não era mais que um montão de escombros, vigas queimadas e pedras emboloradas.

Ficou decepcionada ao ver que perdeu o pôr-do-sol, porque o astro já tinha desaparecido depois das ruínas. Era quase de noite, e recordou que os dias começavam a cortar-se. O outono chegava um pouco antes naquela parte de Escócia que no Northumberland. Não demoraria a chegar o inverno, uma época de fogos chamejantes, castanhas assadas e largos passeios por caminhos coloridos pelas folhas.

Sentia-se um pouco incômoda ao pensar em seu primeiro inverno em Escócia, porque não estava familiarizada com seus costumes e tradições. Pensar no desconhecido lhe fez perceber a quietude silenciosa que a rodeava, e o longe que estava da cálida companhia dos comensais do salão. Arreganhou-se e tratou de desprezar o mau presságio que a invadia. Por que tinha a sensação de que ia ocorrer algo mau?

A seus ouvidos chegou o som do vento que soprava pelos beirais e chaminés. Apertou o passo, até que compreendeu que não era o vento o que ouvia, e se deteve escutar. De repente, de algum lugar das vísceras da fortaleza chegou um triste lamento. Foi crescendo, e a melodia começou a lhe resultar familiar. Alguém estava tocando outra vez a gaita de fole... Alguém que sabia muito de sofrimento.

Com a mente concentrada no som melancólico, olhou distraidamente pelas janelas altas e estreitas. Um homem se erguia sobre as pedras caídas da asa em ruínas, rodeado de um redemoinho de névoa. Não podia lhe ver a cara, mas se encontrava o bastante perto para advertir que estava envolto em um capote escocês e tocando a gaita de fole. Detrás dele, emergia o espectro de um grande navio de velas negras com uma bandeira da morte ondeando no mastro.

Com o coração lhe pulsando de temor, umedeceu-se os lábios ressecados e lançou um olhar para o salão, como se assim pudesse conectar com os vivos e com aqueles com os que tinham estado momentos antes. Quando voltou a olhar para a asa



em ruínas, o som da gaita de fole começou a extinguir-se, e comprovou que o gaiteiro e o navio tinham desaparecido sem deixar mais rastro que a lembrança e a névoa. Com um movimento de cabeça, descartou o ocorrido como fruto de sua imaginação. Possivelmente se estivesse deixando levar pelo ânimo lúgubre da própria Escócia.

No alto da galeria, o teto ornamentado formava um gracioso arco sobre a madeira escura e lavrada da escada em curva. Ao pé desta, viu os cães, e se sentiu aliviada. Só que aquele dia não moveu a cauda com frenesi contra o chão de pedra, nem se levantaram para saudá-la. Imóveis e tensos mantinham-se em seu sítio, contemplando a fileira de quadros da galeria como se divisassem uma presença que ela não podia perceber.

Contemplou os rostos sombrios dos antepassados do Robert, que observavam o passo das gerações. Aquele dia, nem sequer os adornos de fruta e flores dos painéis podiam rebater o ânimo tenso que se percebia na galeria. Meleri teve uma estranha sensação, enquanto avançava a sensação de que a estavam observando. Observando e esperando, mas para que?

-Olá, meus amores - disse, e se deteve para acariciar Corrie e Dram.

Ouviu de improviso o som profundo da risada rouca de um homem. A Meleri deu um tombo o coração. Levantou-se rapidamente e escrutinou a fundo a galeria. Não via nada. Deu-se a volta e apertou o passo para seguir subindo a escada. Estava tão absorta em suas preocupações que, ao princípio, não emprestou muita atenção ao homem com o que cruzou.

Ao passar junto a ele o saudou com uma inclinação de cabeça, como fazia com os criados. O homem lhe devolveu a saudação.

Até que não chegou ao alto do patamar não caiu na conta de que cruzou com alguém... Alguém a quem não tinha visto nunca. Ia vestido de uma maneira muito peculiar, e lhe resultava inquietantemente familiar.

Já era estranho que um desconhecido baixasse a escada que conduzia às habitações, mas o era ainda mais que estivesse vestido de uma maneira tão antiquada. Seria um membro excêntrico da família que mantinha oculto? Um primo louco, talvez? A gente confinada aos apartamentos vazios dos criados, situados junto ao desvio?

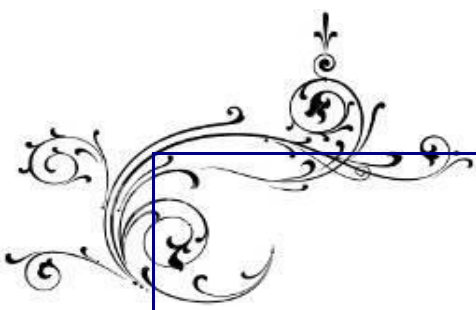
Voltou-se e olhou detrás dela, mas não havia ninguém. O homem se esfumou.

São mesmo os cães.

Com receio, Meleri esquadrinhou a escada e a galeria. Nada.

-Por todos os Santos, o que está acontecendo aqui? - sussurrou. Como tinha desaparecido tão depressa? E os cães? Tinham decidido segui-lo ou se assustaram? Não se entreteve nem um segundo mais, mas sim subiu a sua habitação.

Quando chegou a sua habitação, Agnes lhe estava arrumando a cama.



-Boa noite, milady.

Meleri fechou a porta e se recostou nela.

-Não terá visto um homem passar pelo corredor faz um momento?

Agnes deixou de alisar a colcha.

-Um homem? Não, milady. Não vi a ninguém desde que subi.

Meleri não disse nada mais. Ao dia seguinte, interrogaria ao Robert sobre aquele estranho sucesso.

À manhã seguinte, Agnes perguntou:

-Que tal dormiu milady?

Meleri demorou um momento em compreender onde estava. Levou-se a mão à frente.

-Não... Não sei - tinha a cabeça espessa e fragmentada com lembranças da noite. Piscou como, confundida. Viu o vestido que pendurado no armário e recordou a curiosa noite que tinha passado.

-Encontra-se bem, milady?

Meleri moveu a cabeça, com esperança de limpá-la.

-Sinto-me bem, Agnes, mas passei uma noite muito agitada. Tive tantos sonhos... Sonhos estranhos e sem sentido.

-Às vezes ajuda contá-los.

-Só recordo alguns retalhos... Uma cidade de muralha cinza aparecendo entre a névoa, velhas bandeiras ondeando, navios negros e feras batalhas cercadas por homens de rostos lúgubres. Tudo era uma mescla de imagens tênues e cambiantes: de soldados, rainhas e traição... Todo isso ao ritmo triste das gaitas de fole.

Meleri se levantou da cama.

-Vê? Não tem sentido.

-Esteve ouvindo muitas histórias sobre a Escócia. Sinceramente, milady, este país tem um passado doloroso e trágico, e o mero feito de ouvir a tragédia acontecida a outros provoca uma sensação de mau presságio em outros.

-Pode ser que tenha razão. Pegue o vestido azul... Ou o amarelo. Rápido, devo ir encontrar Robert!

Agnes começou a tirar um vestido como se houvesse uma emergência nacional.

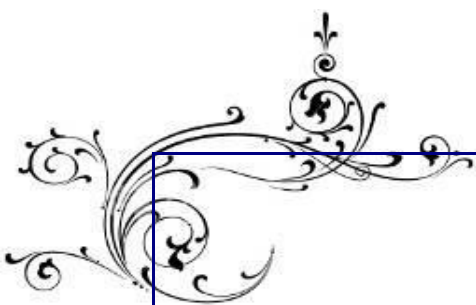
-Acredita que corre algum tipo de perigo?

-Não, nada disso. Simplesmente, quero lhe perguntar a respeito desse homem... Que vi ontem à noite. Recorda que te perguntei por ele?

-Sim, mas não vi a ninguém.

-Sei, e me poupe a curiosidade. Não sei quem pode ter sido.

Meleri se vestiu depressa, com Agnes diante dela como se estivesse preparando para uma audiência com o rei.



-Tenho bem o cabelo, Agnes. Não tem que lhe fazer nada mais. Não, não necessito de jóias. Não vou sair fora.

Saiu da habitação abotoando o punho do vestido e baixou correndo a escada, mas descobriu que era muito tarde. Robert tinha ido aos estábulos fazia uns minutos.

-Tem por costume dar passeio a cavalo a cada manhã - disse Gowan.

Meleri se levou uma mão à testa.

-Sim, claro que sim. Sabia, tinha me esquecido - disse, embora já estivesse saindo pela porta. Rezou enquanto corria por volta dos estábulos para que não fora muito tarde, para que Robert não tivesse partido ainda.

Ao dobrar a esquina do celeiro, chocou-se com o cavalo que Robert estava conduzindo. O animal retrocedeu e ficou de mãos, soprou e se revolveu, movendo a cabeça com nervosismo. Robert fez o possível por sujeitar as rédeas.

Ela proferiu uma exclamação de gratidão.

-Ai, quanto me alegro de te haver encontrado! - disse, quase abraçando ao cavalo com alívio -. Temia que já te tivesse ido.

Robert sorriu e lhe plantou um suave beijo nos lábios. Ela sentiu um formigamento de prazer.

-Atrevo-me a pensar que se preocupa por mim? - perguntou em tom jocoso -. Acredito que é a primeira vez que vem me dizer que sentiu falta de mim o bastante para vir em minha busca, tão cedo.

-Não te senti falta de... Quero dizer, não é essa a razão pela que te estava procurando. Preciso falar contigo.

Permaneceu erguido ante ela, como se esperasse pacientemente que falasse. Por desgraça, Meleri tinha a mente confusa. Não teria passado nada se não a tivesse beijado. Era um homem perturbador. Sempre experimentava reações estranhas em sua presença: opressão na garganta, formigamento no ventre, coração acelerado e pernas de gelatina. Seria amor? Franziu o cenho. Se o era, não se parecia em nada ao que tinha imaginado, nem ao que os poetas descreviam. Nunca, nenhuma só vez, tinha lido nada que relacionasse o amor com o mau funcionamento dos órgãos do corpo.

-Aconteceu algo? -perguntou Robert.

-Não.

-Bom, eu vou dar um passeio. Se quiser, pode me acompanhar.

Meleri olhou o vestido azul.

-Não estou vestida para montar.

-Não vai ser um passeio pelo Hyde Park, se for isso o que se preocupa. Duvido que nos cruzemos com alguém, e embora o façamos, aqui ninguém saberia distinguir se esta convenientemente vestida para montar.

-Muito bem - disse Meleri -. Nesse caso, eu adoraria te acompanhar.



Vários minutos depois, tinha um cavalo selado e puderam ficar a caminho. Para deleite do Meleri, Corrie e Dram os acompanharam. Os cães correram entre a maleza, fazendo saltar um coelho de vez em quando, mas não demoraram a contentar-se correndo por diante. Quando chegaram ao alto da colina, os dois animais se detiveram.

Quando Meleri os alcançou, compreendeu que estavam esperando a ver que direção tomava, porque o caminho se dividia em dois, e um lance percorria a colina e o outro descia para o vale. Robert se deteve junto a ela.

-Isto é precioso -disse Meleri -. Não sabia que houvesse uma paisagem arrebatadora tão perto de sua casa.

-Esta zona tem um encanto especial, embora muitos não demos conta. As Terras Altas se feito famosas por sua beleza e por isso, as Terras Baixas passam despercebidas.

Cavalgaram durante bastante tempo, até que chegaram a uma fortaleza sem teto. Por diante passava um arvoredor, mas atrás de suas paredes, elevava-se um comprido lance de campo, lúgubre e tormentoso. Detiveram-se ali um momento para que descansassem cães e cavalos. Desmontaram e, conduzindo aos cavalos, caminharam uns minutos juntos. Em um momento, Robert se deteve arrancar uma pequena flor púrpura e a ofereceu.

-Do que queria me falar? -perguntou a Meleri. A esta lhe pôs arrepios ao lembrar-se.

-Ontem à noite vi um homem. Sentia curiosidade por saber quem era.
Robert se deteve.

-Um homem? Onde? -Em Beloyne, é óbvio.

-Onde estava quando o viu?

-Descia pela escada quando eu subia. Não o reconheci por isso me entrou a curiosidade.

-Quando foi?

-Ontem à noite, quando saí do salão para retornar ao meu quarto.

A preocupação em seu rosto foi embora.

-Seria um dos criados.

-Não, não era um criado - disse com absoluta convicção-. Disso estou segura. Tinha um porte aristocrático... Por não falar de seu singular traje. Embora resultasse peculiar, era muito fino para pertencer a um criado.

-Peculiar?

-Sim, muito. Nada que alguém veja todos os dias. Eu diria que antiquado, ou possivelmente excêntrico.

Ou possivelmente de outra época... Meleri se estremeceu ao pensá-lo e se perguntou de onde teria surto esse pensamento, mas Robert riu naquele momento e Meleri se relaxou.



-Há muitos excêntricos na Escócia.

-Sei - disse Meleri -, mas o que não entendo é quem poderia estar descendo pela escada de nossas habitações se não era um membro da família nem um criado.

-Não sei. Já nos conhece todos, e não houve visitas nem hóspedes em Beloyne ultimamente. Está segura de que não era um criado?

-Mais que segura. Além disso, já lhe hei dito, seus objetos eram muito finos. Estranhos mas fino.

Robert ficou pensativo um momento.

-O que quer dizer com estranhos? Como eram? Meleri olhou ao longe, tratando de evocar a lembrança.

-Negras. Ia vestido de negro, salvo por um toque branco que recordava a uma gorguera... Já sabe, dessas antigas que adornavam o pescoço. Usava meias e uma capa curta sujeita ao espartilho. Levava uma espécie de medalhão ao redor do pescoço, pendurado de uma larga cadeia de ouro, e um sabre comprido a um flanco. Era um homem muito peculiar. Ah, e levava um chapéu negro na cabeça, com plumas.

-Estava barbeado?

-Não. Tinha uma barba por fazer. Era curta, escura e bem cuidada. Sabe quem era?

-Não. A roupa não corresponde com a de nossa época. Parece dos dias da rainha Maria, ou antes - guardou silêncio um momento, quase pensativo, como se o turvasse algo-. Parecia-se com alguns dos objetos dos retratos da galeria?

Aquilo voltou a lhe pôr a pele arrepiada. "Se me disser que é o conde que desapareceu do retrato, volto-me para a Inglaterra".

-Sim, agora que o menciona, recordo dessa indumentária.

-Mmm.

-Mmm? É isso a única coisa que vais dizer? Mmm?

-Possivelmente estivesse tendo visões... De um fantasma, talvez?

Meleri estava esperando essa pergunta.

-É impossível que tenha visto um fantasma - disse, com grande cuidado de mostrar-se terminante.

-Por que não?

-Pela simples razão de que, como já te hei dito, não acredito neles. Como pode ver algo no que não crie?

Robert riu.

-Pode que ver um fantasma melhore sua incredulidade.

-Alguma vez viu um?

-Não, nunca. Possivelmente cria no mito, mas não na realidade.

-Então, por que insiste em que vi um fantasma?



-Porque você parece convencida de que o era e, me apoiando nisso, é a dedução mais lógica.

-Creio que pode ter algo que ver com a lenda dos Douglas e o conde desaparecido?

Robert se encolheu de ombros.

-Algo é possível. Ela o negou com a cabeça.

-Não, não pode ser isso.

-Por que não? Ouviste a lenda. Sabe que o conde aparecerá em algum momento do tempo.

-Sim, e certamente esperou muito. Agora, te faça esta pergunta. Por que o fantasma, um fantasma escocês, escolheria a uma mulher inglesa como primeira pessoa a que aparecer-se?

-Se o viu... Se tiver sido a escolhida, terá que lhe fazer essa pergunta ao fantasma. Sejam quais sejam, estou seguro de que tem suas razões.

"Se tiver sido a escolhida...". De repente, Meleri se sentia orgulhosa e privilegiada, como se tivesse sido escolhida, como Moisés, para tirar os Douglas das ataduras do passado.

-Então, o que crê que significa, se tiver sido a escolhida, se for primeira em ver o fantasma do conde?

Robert riu e disse em tom jocoso:

-Significa que, ou o sonhaste, ou que tomou muito uísque antes de te deitar.

Meleri não estava preparada para diluir a conversação com humor. Estavam ocorrendo coisas estranhas e os cães sabiam tão bem como ela. Queria obter respostas, não brincar.

-Não ria. Não o sonhei. Vi-o. Saudei-o com uma inclinação de cabeça e ele fez o mesmo. Até os cães se comportavam de forma estranha. Oxalá pudesse perguntar-lhe eu acredito que o viram, e em mais de uma ocasião. Por isso passam tanto tempo na galeria. Certamente, é o lugar preferido do conde para pular.

Robert rompeu a rir.

-O que te faz tanta graça, se pode saber-se? - De verdade crê que um fantasma... Pula?

-Bom, por que não? O que outra coisa pode fazer? Além disso, há outros sucessos. Disse-te que às vezes ouço o som longínquo de uma gaita de fole, recorda? Pois ontem à noite voltei a ouvi-la. Quando saí do salão, detive-me contemplar a asa em ruínas de uma das janelas da galeria. Ouvia a gaita de fole, e a melodia era muito formosa, quase triste. Vi um pouco parecido a uma aparição. Uma névoa se instalou sobre as ruínas, e o gaiteiro estava ali, de pé sobre as ruínas, tocando. A suas costas, vi um navio com velas negras e a bandeira da morte. Tem algum sentido para ti?

-Não estou seguro. Embora pareça estranho, o que descreve me recorda a história dos MacCrimmons do Skye.



-Quais eram os MacCrimmons?

-Os gaiteiros do clã MacLeod. Os MacCrimmons criaram muitas obras professoras conhecidas como piobaireachd, a grande música das gaitas de fole. Uma de quão melhores fizeram se chama Cunha na Cloinne, "lamento pelos meninos".

-Lamento pelos meninos -repetiu Meleri -. Parece muito triste.

-É-o. Dilacerador, dizem alguns. Padraig Mor MacCrimmon escreveu o lamento faz mais de um século, inspirando-se na tragédia sofrida por um de nossos antepassados. Malcolm Douglas era pai de oito bons moços antes que um navio estrangeiro jogasse a âncora no Dunvegan num bom dia, com uma febre mortal a bordo. A febre se estendeu pela zona e Malcolm Douglas perdeu a todos seus filhos menos a um.

Meleri ficou olhando ao Robert, e reconheceu a dor marcada em seu rosto por um sofrimento interminável.

-Há tanta tristeza nesta terra -disse -. Está em qualquer lugar que olhe. Sinto sua intensidade aqui - e se levou uma mão ao coração.

-Possivelmente esteja se tornando escocesa contra sua vontade - disse Robert, e lhe deu a mão. A levou aos lábios e beijou um a um os cinco dedos.

Meleri estava derretida, como se tivesse tragado um raio de sol e tivesse estalado em seu interior. Como uma ação tão singela podia produzir tantas reações? Invadia-a um calor lento e penetrante, ao tempo que tremia de frio. Tão logo lhe parava o coração como lhe pulsava com fúria. Enjoava-a proximidade de Robert, e ansiava que fizesse algo mais que lhe beijar os dedos.

-Escocesa - repetiu Meleri.

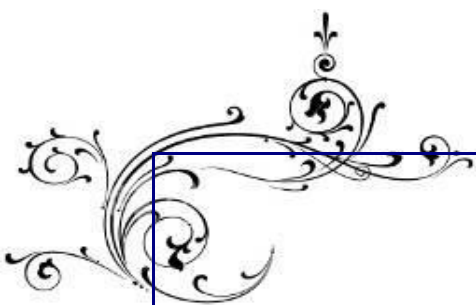
-Sim, seria possível? -com os olhos luminosos, esboçando um sorriso, Robert lhe perguntou se tinha tido mais encontros com sua avó.

-Encontros? Quem tem tempo para isso? Estou muito ocupada esquivando os espectros. Não tive oportunidade de formar uma opinião sobre sua avó e muito menos de conversar com ela. Estiveram ocorrendo muitas...

Sua voz a abandonou de improviso, porque Robert tomou o rosto entre as mãos e lhe beijou o nariz, os olhos, a fronte. Apertou-a contra ele e ela sentiu o consolo quente e sólido de seu corpo. Relaxou-se e se recostou nele. Robert a abraçou com mais força e deslizou os lábios brandamente pela bochecha do Meleri. Beijou-a na boca com firmeza, lhe entreabrindo os lábios. A pele do Meleri vibrava ali onde ele a tocava.

Sob a mão, que tinha apoiado no peito do Robert, Meleri podia sentir o ritmo firme de seu coração. O seu, em troca, estava dando saltos tão erráticos como os de um corvo. De repente, deslizou os dedos entre os botões da camisa do Robert e tocou a pele nua.

Meleri proferiu uma exclamação e fez um movimento repentino para retirar os dedos. Ele contra-atacou em seguida, lhe cobrindo a mão com a sua e retendo-lhe –.



-Minha tímida moça de coração bondoso, que tem a cabeça dura e se nega a acreditar em espectros.

-Agora acredito neles. Robert a olhava com estranheza.

-O que aconteceu? Parece que tivesse visto um fantasma.

-Cala! - Disse Meleri, e lhe deu uma palmada nas mãos-. Não diga isso! - sussurrou-. Poderia te ouvir.

-Quem?

-O fantasma. Estou-o vendo! Estou-o vendo agora mesmo! Ai, senhor, estou vendo um verdadeiro fantasma vivente! -disse com desespero.

-Um fantasma vivente? Que interessante - brincou Robert.

-Está bem, ponha cientista. Se não for um fantasma vivente, é um morto e andante – engoliu a saliva e Robert voltou a cabeça.

-Eu não vejo ninguém.

-Ali! -disse Meleri, e assinalou o caminho-. Vem para cá... É o mesmo homem que vi ontem à noite, e leva os mesmos objetos peculiares.

Robert voltou a olhar.

-Sigo sem ver nada.

-Como que não o vê? Como te pode escapar algo que está diante de seus narizes? Está avançando, maior que um elefante, pelo centro do caminho.

-Sinto muito, moça...

Meleri não compreendia o que ocorria. Para ser um escocês que fazia o possível para fazer acreditar em lendas e fantasmas, era evidente que Robert não acreditava no que pregava. Tampouco acreditava nela. Sem dúvida, pensava que lhe estava jogando uma má passada, e lhe fez saber que tinha tido bastante de suas tolices lhe soltando as mãos.

-Acredito que é hora de voltar - anunciou Robert, e chamou os cães.

Corrie e Dram chegaram correndo, mas quando abandonaram o confine do bosque e começaram a subir pelo caminho, detiveram-se de improviso. Meleri cruzou os braços em atitude triunfante e, assinalando-os, disse:

-Explique - isso.

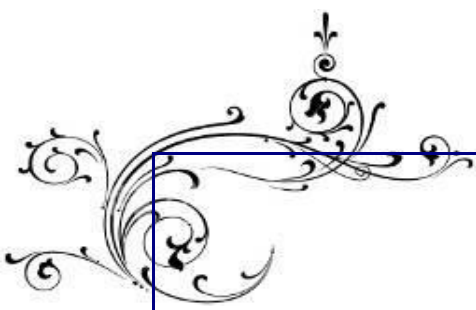
Robert fez caso omissso do comentário e voltou a chamar os cães. Seu estranho comportamento era exatamente o mesmo que tinham tido a noite anterior, porque estavam agitados e gemiam, como se queriam seguir, mas temessem fazê-lo. Negaram-se a aproximar-se, nem sequer quando Robert voltou a chamá-los.

-Vê-o? -Disse Meleri-.

-Bom, possivelmente não o veja, mas é evidente que os cães sim. Pode que não me cria, mas não deveria ter reparos em acreditá-los neles. O que outra coisa poderia explicar seu estranho comportamento?

Robert se mostrou pensativo.

-Sinceramente, não sei.



-Segue sem me acreditar, verdade? Crê que estou inventando isso para rir de ti e de seus costumes escoceses.

-Pensei-o antes, mas agora não. Sei que estava equivocado. Compreendo que aqui está acontecendo algo, mas não estou seguro do que vê ou, mais exatamente, da quem é o que vê.

-Tem que ser ele - disse Meleri, em tom tão prático que até ela mesma se surpreendeu.

-O velho conde... Que falta no retrato.

Robert não respondeu. Meleri interpretou seu silêncio como uma negativa. A fim de contas, era mulher e inglesa, duas circunstâncias que considerava inferiores.

-Bom, não me responda. Ou me crê ou não me crê. Céus; Começo a me cansar disto! Primeiro tenta me convencer de que existem os fantasmas e quando começo a aceitá-lo, comporta-te como se tudo tivesse sido minha ideia. Não esqueça que não sou eu quem inventou essa absurda ideia sobre o conde que abandonou seu retrato cem anos depois de morrer. É sua lenda, não a minha. Sinceramente, não me importa se me crê ou não. A partir de agora, não direi nada... Embora veja uma legião inteira de fantasmas.

Perguntou-se naquele momento se o fantasma a teria ouvido, porque se deteve uns três metros de distância, como se estivesse olhando-a.

"Que olhe", pensou. Ficou parada e fixou o olhar.

-A ti tampouco vou dizer te nada, vaporoso visitante... Espectro vagabundo. Não quero verte. Não quero formar parte disto. Busca lhe a outro a quem acossar e a quem te aparecer, fantasma pestilento.

Robert começou a falar, mas ela o interrompeu.

-Fale com ele! -disse-lhe -. É teu parente, não meu. Sinceramente, não me importa nenhum dos dois - para demonstrar o que dizia, fazendo caso omissos de ambos, dirigiu-se a seu cavalo -. Acredito que é o casal perfeito: um escocês teimoso e um espectro obstinado. Merecem-lhes o um ao outro.

Montou rapidamente e cavalgou até o Beloyne rapidamente.

Robert a alcançou quando Meleri já tinha desmontado. Estava entrando no jardim quando ouviu que chegava. Não lhe fez caso e seguiu caminhando.

-Espera um momento! -chamou-a Robert--. Quero falar contigo.

-Veja, decidi que eu não gosto tanto como pensava.

-Meleri...

-Perde o seu tempo. Hoje não penso falar com nenhum Douglas, nem vivo nem morto.

Corrie e Dram chegaram ao jardim. Meleri estalou os dedos e os cães adiantaram-se a Robert, aumentaram o passo e se detiveram junto a Meleri.

-Venham - disse, e seguiu avançando.



Corrie e Dram entraram com ela. Nada mais pôr o pé na casa, Meleri vislumbrou a avó de Robert luzindo um vestido de seda negra um pouco antiquado que evocava os retratos da galeria. Ao vê-la, lady Margaret Douglas se dirigiu para ela como se tivesse visto uma presa.

-Caramba! Está sem fôlego. Aonde vai com tanta pressa? Parece que tivesse visto um fantasma.

-Está-se convertendo em uma expressão muito usada por aqui, e começo a me cansar de ouvi-la. Se tiver vindo aqui a reunir-se comigo, não está de sorte. Acabo de ver um fantasma e não estou de humor para falar dele.

-Viu um fantasma? Onde?

Meleri elevou as mãos.

-Nos sonhos, nas escadas, no centro do caminho... Dá igual. Não tem maneiras nem preferências sobre quando ou onde vai apresentar-se. Surge sem prévio aviso. Quem sabe, possivelmente pensa me fazer uma visita enquanto me banho.

-Era o velho conde - disse lady Margaret.

-Eu não digo nada, e me nego a afirmar nada. Já me puseram em dúvida uma vez, e um incrédulo por dia é suficiente. Decidi não falar de fantasmas com ninguém que não cria neles... Como há dito?

-Bem disse, era o velho conde.

-Obrigado. Acaba de subir em minha lista de pessoas que possivelmente me cheguem a agradar.

-Por que diz isso?

-Porque, se houver algo que aprendi, é que os escoceses acreditam nos fantasmas quando não aparecem, mas assim que o fazem, receiam deles. Ao parecer, você é uma exceção.

-Me conte o que viu.

-Por que ia contar se é evidente que desejaria que me fora.

-Que fosse? Por que ia desejar isso? Não tem sentido.

-Para mim sim... Tanto como tudo o que vi desde que vim aqui.

Lady Margaret se aproximou o bastante para lhe estender umas mãos finas e elegantes e tomar o rosto do Meleri entre elas.

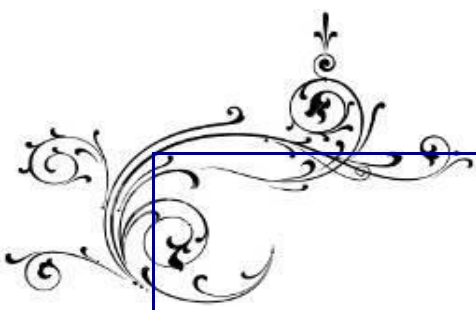
-Ai, menina, menina, por que teria que desejar que te partisse quando levo te esperando tanto tempo?

Se lady Margaret a tivesse esbofeteado, Meleri não se teria ficado mais atônita ou surpreendida do que estava naqueles momentos.

-Como disse?

Lady Margaret não retirou as mãos, mas lhe sorriu,

-Hei dito que estou te esperando muito tempo. - Insinua que sabia que eu chegaria? Bobagens! Diria algo com tal de sair-se com a sua.



-Sabia que viria alguém, mas não sabia que seria você até a manhã que te conheci. Se me mostrei antipática foi porque devia comprovar que foi ela, que foi o bastante forte para confrontar a tarefa.

Meleri entreabriu os olhos com receio.

-Que tarefa?

-A de ser lady Douglas.

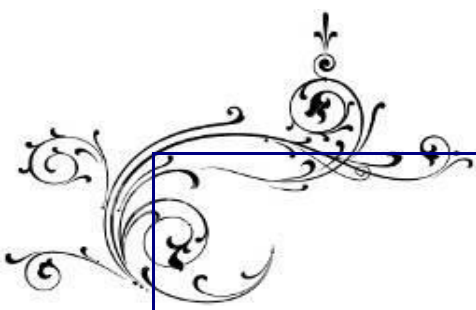
-Isso poderia fazê-lo com os olhos fechados.

Lady Margaret sorriu.

-Sim, acredito que sim. Recorda-me quando tinha sua idade.

Meleri se levou a mão à cabeça.

-Nada disto tem sentido. Se me desculpar, preciso me deitar um momento.



Capítulo 24

Subiu correndo as escadas e já quase tinha chegado a seu quarto quando viu o Hugh recostado na ombreira de uma porta observando-a com um enorme sorriso.

-O que faz? -perguntou-. Escutar conversações alheias?

Hugh riu.

-Quando o volume é tão alto, não faz falta. Meleri seguiu caminhando.

-Espera um minuto. O que passou entre o Robbie e você?

-Nada, salvo que não entendo como funciona sua mente. Duvido que o consiga jamais. Não acredito que nem ele mesmo se entenda.

Ao passar furiosa junto a ele, Hugh alargou o braço com atitude ociosa e a apanhou.

-Espera um momento, moça! Conviria que déssemos um passeio.

-Acabo de dar um a cavalo, e o último que preciso é mais exercício. Está oferecendo um copo de água a alguém que se está afogando.

-Então, me agrade. Veem comigo. Atirou dela para a porta principal, passando por cima das ameaças de Meleri de sair correndo assim que a soltasse. Mas ao pouco, a oposição começou a cansá-la. Às vezes, render-se era o mais fácil. Advertiu que tinham deixado atrás o celeiro e o estábulo de pedra e que se dirigiam à horta.

-Falou-te alguém de nossa irmã? - perguntou Hugh de improviso.

-Só para me esfregar que a mataram os ingleses.

-Sim, ocorreu faz dez anos. Sorchinha tinha dezesseis quando morreu.

Alcançaram uma perto feita de pedras recolhidas do campo de nabos e empilhadas com o passar do perímetro a modo de limite. Hugh a pegou do cotovelo e assinalou um lugar.

-Podemos nos sentar aqui.

Meleri se sentou sem incomodar-se em dissimular sua irritação. Entrelaçou as mãos no regaço e esperou.

-Quando Sorchinha tinha dezesseis anos, viajou a Inglaterra com uma amiga. Quando chegou o dia em que devia retornar, Robert decidiu ir a Inglaterra sozinho para acompanhar seu retorno a Beloin. Perto da fronteira, fizeram uma parada para que descansassem os cavalos. Sorchinha baixou ao rio para ver nadar aos gansos. No caminho, tropeçou com quatro estudantes de Oxford que foram cruzar a fronteira para caçar grou. Quando a viram, decidiram caçar a ela. Perseguiram-na e, quando a derrubaram, não se contentaram com isso. Era uma autêntica beleza, e virgem, assim não puderam resistir. A fim de contas, não era mais que uma escocesa.

Meleri sentiu que um pesaroso silêncio se apropriava dela, um silêncio enorme que se alargava como os magros raios de sol que atravessavam as árvores. Sombras



em contraste com a luz. Homem e mulher. Bem e mau. Vida e morte. E em todo isso, havia dor. Tanto dor que de repente compreendeu o ocorrido e disse:

-Um deles a violou.

Não era uma pergunta, porque já sabia a verdade.

-Sim, um deles a violou. Era o major e a possuiu primeiro e, quando terminou, a entregou a outros.

Quando Robbie ouviu os chiados, aproximou-se correndo a ajudar, mas o reduziram, e se alternaram para sujeitá-lo ao tempo que o obrigavam a olhar enquanto a possuíam uma e outra vez. Não a deixaram até que não a violaram os quatro.

Meleri não disse nada, não podia.

-Quando terminou, golpearam a cabeça de Robbie várias vezes com a pistola. Estou seguro de que pretendiam matá-lo. Não podiam deixar uma testemunha, e o disparo podia ter atraído a alguém. Quando Robert voltou em si, encontrou o corpo da Sorchá flutuando no arroio.

-Afogaram-na - disse Meleri, incapaz de acrescentar nada mais, porque o ar estava muito carregado de sensações.

-Possivelmente, embora nunca saberemos com certeza. Robert acredita que a deixou morta e sangrando-se, e que ela mesma se afogou.

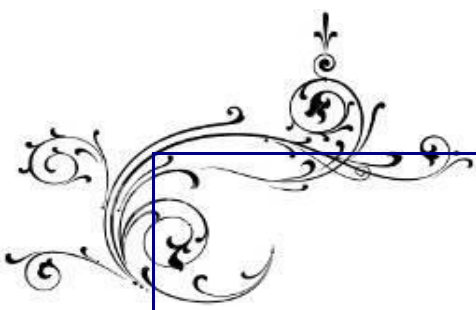
-De qualquer maneira, são responsáveis por sua morte - as palavras soavam petrificadas e longínquas, o que uma pessoa diria de cor, não com o coração. Meleri tinha as vísceras muito enredadas para que emergisse nelas algum sentimento.

-Assim é como o viu Robbie -continuou Hugh -. Jurou encontrar a maneira de vingar-se, embora tivesse que fazer pagar a toda a Inglaterra.

Meleri se estremeceu consciente do intenso ódio do Robert, mas queria ser pormenorizada e justa, e disse-se que não era insólito que os que sofriam dissessem e fizessem coisas que, em circunstâncias normais, não pensariam.

-Robbie conseguiu tirar o corpo da Sorchá do arroio; depois, desmaiou. Foi Iain quem os encontrou. A princípio, pensou que os dois estavam mortos. Robbie permaneceu inconsciente durante um mês. A primeira coisa que disse quando voltou a si foi que devia levantar-se para vestir-se para o funeral. Quando lhe dissemos que Sorchá já estava a quatro semanas enterradas, voltou-se louco. Acredito que nunca se recuperou de não ter podido vê-la uma última vez, nem ter podido despedir-se de sua gêmea. Em sua mente, tinha o dobro de motivos para vingar-se. A você o conto só porque me parece importante para que compreenda por que Robert é como é. Espero que, sabendo-o, as coisas serão mais fáceis entre vós.

Voltou a fazer o silêncio, e Meleri o inspirou, sentindo seu peso no peito. Sabia que Hugh a estava observando, esperando sua reação. Queria que dissesse que lamentava a atrocidade de quatro bestas que caminhavam de pé? As ações abomináveis que um homem é capaz de fazer a seus semelhantes?



Sim, lamentava-o.

-Chegaram a descobrir quem o fez?

-Não, mas estou convencido de que Robert sim, embora nunca me haja dito.

-Certamente, sabe. Não é próprio de Robert despreocupar-se de algo assim.

-Não.

-Não entendo por que não lhe quer dizer isso se de verdade souber.

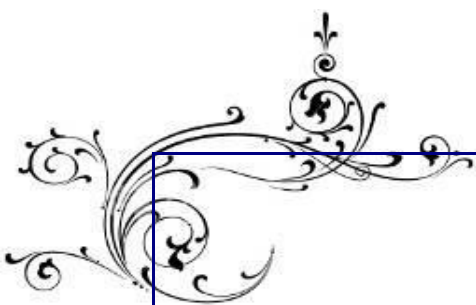
-Não sei. Robert é um homem reservado e resolve as coisas a sua maneira.

Além disso, eram gêmeos, e havia um vínculo entre eles que outros não compreendem.

-Quem sabe a Iain, ou sua avó?

-Estou convencido de que não.

-Tanto sofrimento... -suspirou Meleri.



Capítulo 25

Depois de separar-se do Hugh, Meleri se dirigiu ao jardim e se dispôs a recolher algumas ervas, arrancando as de raiz, para deixá-las secar e assim poder as usar durante o próximo inverno. Com outras formaria Ramos e os penduraria das vigas da cozinha. Estava tão ocupada trabalhando, com a lembrança da conversação com o Hugh ainda afresco em sua memória, que não ouviu que alguém se aproximava até que Corrie e Dram, que descansavam não muito longe, ficaram em pé.

Meleri girou em redondo. A cesta que sustentava na mão lhe caiu ao chão.

-Philip! -sussurrou, como se fora outra aparição. Este se aproximou.

-Não ponha essa cara de surpresa, formosa Meleri. Não pensaria que ia tomar-me a ligeiro seu desaparecimento. A final das contas, temo-nos prometidos muitos anos. Acreditava que poderia sair de minha vida sem que me doesse?

Estava atônita de vê-lo, mas isso não diminuía sua curiosidade.

-Como me encontrei?

-Não foi fácil, asseguro-lhe isso, mas não percamos o tempo falando de feitos consumados.

O que faz aqui?

-É minha prometida. Para te levar para casa.

-Por favor, ao menos, me diga a verdade. De verdade crê que poderia me levar por todo esse campo? Você não sente nada por mim, Philip. Nunca sentiu nada.-Só me tolerava porque eu era a eleita de seu pai.

-Engana-se. Perder-lhe me deixou fundo, cego e vagabundo.

-Não acredito. Agora suas palavras gotejam sentimentalismo. O que provará a seguir?

-Ofende-me. Sinceramente, sofri muito. Pensar que tinha saído de minha vida me feria profundamente. Que pudesse fazê-lo sem voltar a cabeça foi um golpe mortal.

-Era o que te merecia - espetou-lhe Meleri.

-Dói-me muito te dar a razão. Tratei-te que forma abominável, simplesmente, porque era um estúpido. Não me dava conta do muito que vale...

-Eu não, meu dote, quer dizer.

-Não é isso, nem muito menos. Simplesmente, até que não te foste não me dei conta do muito que significa para mim. Peço a Deus que não me faça passar outra vez por esta agonia.

Meleri inclinou a cabeça e estudou o rosto do Philip... Tão inescrutável como sempre. Mas tinha um aspecto deplorável. Possivelmente estivesse dizendo a



verdade. Possivelmente lamentasse sinceramente havê-la perdido. Tinha o rosto tenso, os olhos avermelhados, e não estava barbeado, como acostumava. Era evidente que tinha perdido peso. Sim, sem dúvida parecia ter sofrido. Seria por causa dela?

"Não, estúpida! Não é por ti. Não caia na armadilha", arreganhou-se. "Trata-se de lorde Waverly, recorda? O cruel violento e ardiloso lorde Waverly. Faça o que fizer jamais te arrisque a confiar nele. Sei sensata e perspicaz".

-A que vieste Philip? -perguntou -. Diga-me a verdade.

-Vim a te levar a Inglaterra, onde deve estar.

Meleri esteve a ponto de rir. -

-Philip, será uma brincadeira... Ou te burla de mim? Lembro que era seu passatempo favorito.

-Carinho, não me recorde minha crueldade. Obrei mal. Reconheço-o. O único que te peço é a oportunidade de te compensar. Vim a ti porque não suporto que estejamos separados. Não imagina que calvário que passei. Leva formando parte de minha vida desde que fomos meninos. É meu futuro. Como vou seguir adiante sem ti?

Meleri começou a falar, mas a interrompeu.

-Não! Não diga que não pode ser. Não me diga que aconteceu muito tempo. Para nós nunca será muito tarde. Diga-me o que posso fazer para obter seu perdão.

Parecia tão arrependido, que Meleri quase se compadeceu dele. Alguma vez tinha tido a sensação de que se preocupasse muito por ela, assim por que de repente? Teria que obrar com sutileza, o qual suportava ser igual de ardilosa que ele.

Com voz suave, amável e pesarosa, disse-lhe:

-Lamento te ouvir falar assim, Philip. Se o tivesse feito antes, teria servido de algo, mas a sorte já está lançada. Cruzei a fronteira da Inglaterra e comecei uma nova vida. Meu lar está aqui agora, na Escócia. Não podemos voltar. O fato não se pode desfazer,

-Nunca é muito tarde para uns amantes.

-Não somos amantes, Philip. Nem muito menos.

-Mas podemos sê-lo - aproximou-se e elevou a mão para lhe acariciar a bochecha-. Já vê doce Meleri, é muito singelo. Virá à Inglaterra comigo e será minha rainha.

Estava sendo muito persistente. Teria trocado de verdade? Não. Importaria, embora tivesse trocado? Tampouco. Meleri era do Robert em corpo e alma, mas como explicar-lhe a Philip? Se desesperava os seus miolos procurando uma solução. Devia desfazer-se dele sem implicar ao Robert. Vivida em sua mente estavam a facilidade com que Philip podia voltar-se contra ela e os seus, o veneno que era capaz de usar e a crueldade com a que tão cômodo se sentia.



Devia recorrer ao tato e à diplomacia e, de passagem, lhe fazer acreditar que era tão sincera como ele. Devia afastá-lo do castelo, ao menos, temporalmente, para poder pensar com clareza e decidir como atuar.

Meleri suavizou sua expressão e adotou uma pose de derrota.

-Uma rainha? -exalou um suspiro de cansaço -. Philip faz que tudo soe tão emocionante... Vim aqui para me casar com um conde, mas é um conde muito pobre. Atrevo-me a dizer que ele jamais poderia me tratar como uma rainha – olhou as mãos avermelhadas -. Já tenho as mãos ásperas de tanto trabalhar.

Philip tomou nas suas.

-Estavam acostumados a ser preciosas - beijou cada palma-. E voltarão a sê-lo. Não está feita para esta classe de vida... Nem sequer está casada e já trabalha como um camponês. Foste muito impulsiva e sua loucura me produziu muita angústia, assim como grandes moléstias. Espero que o compreenda.

-Ai, Philip! Tem razão. Fui muito tola. Mas agora não sei o que fazer - disse, olhando ao redor com desespero.

-Pode vir comigo, como te disse.

No interior da casa, ouviu-se uma porta batendo. Aquilo lhe deu a desculpa perfeita. Deu um passo para ele e baixou a voz.

-Se queremos saímos com a nossa, devemos planejá-lo bem. Partir agora nos prejudicaria. A família e os criados nos veriam e alertariam ao conde. É pobre, mas é escocês e muito orgulhoso. Não me deixaria partir. Preciso tempo para pensar, para encontrar a maneira de ir daqui sem que se dêem conta em seguida.

-Tempo é algo que não tenho. Devo voltar para casa. Tenho assuntos urgentes que atender. Meleri olhou ao redor.

-Entendo-o, mas temos que ser precavidos. Nem sequer deveria estar falando contigo. Alguém. Poderia sair do castelo de um momento a outro. Se partir agora mesmo, nem sequer chegaríamos aos estábulos. Reunir-me-ei contigo mais tarde. Espere-me no desvio da estrada principal. Quando for de noite e todo mundo está deitado, sairei do castelo às escondidas. Quando descobrirem que me fui já estaremos muito longe.

-E seu conde? Onde estará enquanto você escapa?

-Os homens estiveram compilando nabos. Robert vai aos campos muito cedo. De noite está esgotado, e se deita pouco depois de jantar.

Philip não respondeu imediatamente; permaneceu em pé, meditando no que lhe havia dito enquanto lhe escrutinava o rosto. Meleri sabia que estava procurando algum indício de engano. O coração lhe pulsava com tanta força que temia que Philip o ouvisse e confirmasse suas suspeitas.

Estava a ponto de dá-la volta e sair correndo para o castelo quando em algum lugar do interior se ouviu a voz do Ciorstag.

-Alguém viu a Meleri?



E esteve a ponto de desmaiar quando Philip disse:

-Está bem, mas se não aparecer...

-Irei assim que se faça noite.

O sol se estava pondo e Meleri se encontrava sozinha no jardim. Havia sentido a necessidade de sair do castelo por temor a que seus ocupantes percebessem que lhe ocorria algo. Colocou-se em uma boa confusão e não sabia como sair dela. A única coisa que tinha conseguido era ganhar um pouco de tempo, mas para que? Por que lhe tinha prometido ao Waveiyy que se reuniria com ele aquela noite? Não podia voltar com o Philip e, ao mesmo tempo, tampouco podia ficar em Beloyne. Se o fazia, poria em perigo ao Robert, porque este o averiguaria tudo e tentaria resolver o problema a sua maneira. O risco de que Philip o matasse era muito grande. Devia achar outra saída, e logo.

Estava-lhe esgotando o tempo.

Uma sombra alargada emergiu de improviso e a cobriu por completo, bloqueando o sol poente. Meleri proferiu uma exclamação, pensando que Philip tinha trocado de ideia, mas quando levantou a vista, era Robert quem se encontrava a seu lado. Alagou-a o alívio.

-Sobressaltaste-me. Não te tinha ouvido chegar. Por um momento, pensei que podia ser o fantasma.

-Os fantasmas não formam sombras.

-Certo.

Robert não havia dito por que estava ali e Meleri escrutinou seu rosto em busca de alguma pista, mas não viu nada mais lá dos olhos azuis que a observavam com expressão inquisitiva. Aqueles olhos hipnóticos a deixavam trêmula. Respirava com dificuldade, e a proximidade de seu poderoso corpo a turvava.

Robert lhe retirou um par de cachos do cabelo e lhe acariciou a bochecha com o dorso da mão. Ela voltou à cabeça.

-Acredito que está fugindo - disse Robert.

Meleri se inclinou para diante e deixou cair às ervas na cesta antes de sacudir as mãos.

-Estive ocupada.

-Sim, já o vi. Está trabalhando muito. Não recordava ter visto Beloyne com tão bom aspecto. É incrível o que se pode conseguir com um pouco de ingenuidade, muito esforço e nada de dinheiro.

-Sim, é incrível. E até sua avó se ofereceu a me ajudar - disse Meleri, consciente de que Robert não demoraria a lhe perguntar o que a preocupava, e consciente também de que não podia lhe explicar seu temor de que Philip o atacasse. Só podia rezar para poder resolver o problema por si mesmo. Entretanto, ver o Robert em carne e osso o fazia compreender quão impossível parecia. Sua única



eleição era ir-se com o Philip. Não podia viver assim. Devia apartar ao Robert do perigo; sua debilidade podia lhe custar a vida a quem mais queria.

-Se preocupa com algo - disse Robert de improviso-. Pode me contar o que é?

-Na realidade, não.

-Por quê?

-Porque são meus problemas e minhas preocupações. Prefiro não as compartilhar. Quero resolver a minha maneira.

Robert lhe deu a mão.

-Tem os dedos frios.

"Mas não tão frios como estará seu coração quando retornar a Inglaterra e me case com o Philip".

-Deveria entrar para não te resfriar.

-Não tenho frio - disse Meleri-. O rocio das folhas me umedeceu os dedos, nada mais.

Robert levou as mãos de Meleri aos lábios e as acariciou com o calor de seu fôlego, enquanto lhe desenhava círculos lentos com as gemas dos dedos nas bonecas. "Empurra-o", disse-se Meleri, mas seus músculos não obedeceram.

-Cortaste-te.

As palavras do Robert a fizeram voltar para a realidade. Baixou a vista e viu um pequeno corte no polegar manchado de sangue seco.

-Não me dói.

O levou aos lábios e Meleri fechou os olhos ao sentir o contato, o calor penetrante que sua pele absorvia com avidez. Inspirava com aturdida curiosidade, rodeada do calor do corpo do Robert, a fragrância o ar fresco de seu cabelo. Ainda lhe sustentando as duas mãos, Robert utilizou uma das suas para lhe levantar o queixo. A Meleri lhe acelerou a respiração em resposta a lenta descida de seus lábios.

Beijou-a em uma bochecha, depois roçou a curva da outra. Meleri não estava preparada para a quebra de onda de sensações que a percorreu quando os lábios do Robert se uniram aos dela com uma suave pressão. A urgência fazia que lhe vibrassem os músculos, mas suas articulações se converteram em gelatina. Se Robert não tivesse estado sustentando-a, teria caído.

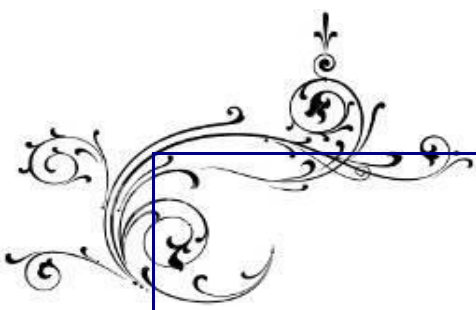
O repentino ruído das folhas e a correria de um animal noturno romperam a aura de erotismo e sensações que a envolvia. Meleri lançou um olhar aos arbustos, confundida, e viu Dram e Corrie aparecendo às cabeças por entre as lustrosas folhas antes de aproximar-se com um suave trote.

Separou-se do Robert, e este disse:

-Muito oportunos, quase como se o tivessem ensaiado.

-São meus anjos da guarda.

-Necessita que lhe guardem?



-Só de ti.

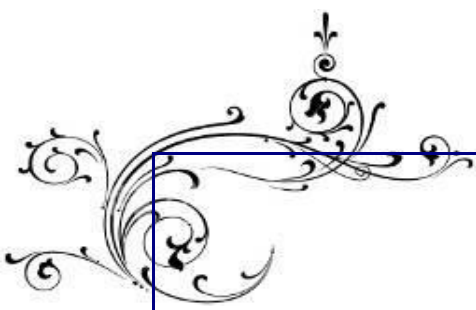
Olharam-se aos olhos. Meleri viu tantas perguntas nos dele, que estavam turvos de confusão.

-Pergunto-me se alguma vez te entenderei.

Meleri não respondeu. Rapidamente, recolheu a cesta do chão e se afastou, deixando um rastro na erva salpicada de rocío.

Pelas janelas do castelo só se filtrava uma pálida luz cinzenta. Meleri vagava pelo interior escuro como uma alma perdida procurando um abajur. Inclusive quando encontrou um candil, teve medo de acendê-lo. Preocupava-a que Philip trocasse de ideia e retornasse para encarar-se com ela. Estaria fora naqueles precisos momentos, observando-a?

Tinha estado sozinha muitas vezes na vida, mas nunca se havia sentido sozinha.



Capítulo 26

Robert sabia que Meleri estava preocupada com algo, e só lhe ocorria que estivesse duvidando de sua intenção de casar-se com ela. Para tranquilizá-la, fez chamar o Gowan.

-Leva esta mensagem ao Donald McDonald.

-O sacerdote?

-Sim, lhe diga que o necessitam em Beloyne para officiar umas bodas o antes possível.

Quando Gowan partiu, Robert foi em busca de sua avó. Queria falar com ela do fantasma residente do castelo, já que era quem melhor conhecia a lenda.

Demorou um momento em encontrá-la e, quando o fez, achou-a na cozinha, com a cabeça metida em um barril de farinha que, segundo ela, estava limpando.

-Não sabia que soubesse limpar - brincou Robert.

-Eu tampouco - repôs com uma gargalhada e a cara manchada. Sacudiu as mãos -. Vieste a aprender ou a observar o trabalho?

-Os campos de nabos já me ensinaram o bastante - respondeu-. Vim porque quero falar contigo.

-Não pode esperar que tenha acabado?

-Quanto tempo demorará?

-Duas horas, possivelmente três.

-É um tanto urgente.

Lady Margaret voltou a colocar a cabeça no barril de farinha e quando falou, dava a impressão de que estava em uma cova.

-O que é tão urgente para que queira falar agora?

-Meleri crê ter visto um fantasma. Sua avó seguia sem tirar a cabeça do barril.

-Não me é estranho. Está na Escócia. Já sabe que é um sucesso comum nestas terras.

-Sim, mas não era um fantasma qualquer.

Lady Margaret tirou a cabeça do bañil e se deu um golpe com a prateleira que tinha em cima. Esfregando-a cabeça, disse:

-Contou-me isso.

-E crie que era o velho conde?

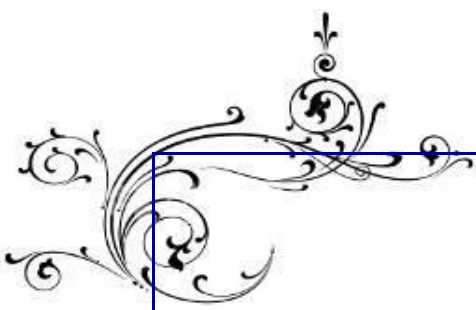
Sua avó começou a secá-las mãos no avental.

-Quem poderia ser se não?

-Contou-te como ia vestido?

-Sim. Por isso suspeitei que fosse o velho conde.

-Não parece te surpreender.



-Sensação de que podia ser ela quem o visse. E o traje que Meleri descreve coincide com o da miniatura de seu primo, James o Bom, que se encontra na biblioteca.

-Creio que poderia ser ela a do coração do autêntico escocês que menciona a lenda?

-Sim.

Mas Meleri é inglesa até a medula. Como pode ter o coração de um autêntico escocês?

Lady Margaret olhou perplexa.

-Isso terá que perguntar-lhe ao velho conde. Temo não ter a resposta. Entretanto, se tivesse que adivinhá-lo, diria que seu coração se corresponde mais ao de um escocês que ao de um inglês. Tentou tudo o que está em seu poder para demonstrar que forma parte da família. Ninguém a pode acusar de receber um trato preferencial. Arrima o ombro como outros. Ou possivelmente a lenda se refira a um sucesso futuro que ainda não se produziu. Ambas as explicações são possíveis, mas também poderia dever-se a outra coisa.

-Ou possivelmente estejamos equivocados e não se trate dela.

-Se viu o conde, este não aparecerá ante ninguém mais.

-Crie que falará com ela em algum momento?

-Talvez, se Meleri falar com ele primeiro. Os fantasmas são como as damas. Sempre espera a que lhes dirija a palavra.

-Que encantador, um fantasma com maneiras. Pois nisso não devemos nos preocupar. Guardar silêncio não é um dos maiores atributos do Meleri.

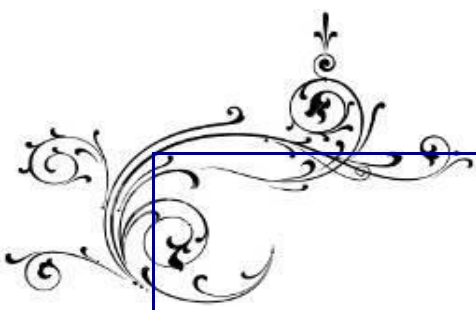
-Me diga se voltar a vê-lo... Ou se o velho conde falar com ela.

O sol começava a perfilar-se no horizonte quando Philip amaldiçoou e retornou ao lugar em que o aguardava seu cavalo. Estava mais furioso do que recordava havê-lo estado jamais. Tinha esperado Meleri toda a noite. Que idiota tinha sido ao consultar seu relógio à luz da lua, primeiro a meia-noite, depois às duas e novamente às três!

Não ia aparecer. Não tinha sido essa sua intenção. Recordou as palavras do Demóstenes: "O homem é seu maior enganador: o que deseja acreditar dá-o por certo". E ele tinha desejado, e tinha sido enganado, mas o que mais o amargurava era que Meleri se acreditou mais esperta que ele. Era preparada, sim, e a acuidade de seu engenho consistia na habilidade de ocultá-lo.

Tinha-a subestimado, mas não voltaria a fazê-lo.

Enquanto se afastava, perguntou-se se de verdade se acreditaria engenhosa... Mais que ele? Pois se equivocava a respeito, e o demonstraria. Por fim compreendia seu jogo. Não voltaria a confiar-se nela. Embora Meleri lhe desse uma desculpa, não acreditaria.



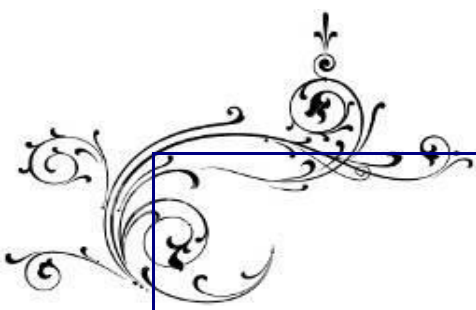
Philip não suportava a humilhação nem que tomassem por tolo. Era algo no que seu pai sobressaía e que fazia a intervalos regulares. Contra o duque estava indefeso, e não podia fazer nada mais que aceitar o desprezo de seu pai. Mas, com o Meleri, não tinha por que.

Pobre estúpida! Não se dava conta de que ele ganharia simplesmente por que não ficava outro remédio. Embora ela estivesse se desesperada, o desespero do Philip era ainda maior. Toda sua existência, seu futuro, dependia de seu matrimônio com o Meleri. E assim que estivesse consumado, disporia do resto de sua vida para fazer o lamentar.

Se Meleri tivesse seguido o jogo em lugar de alegar que estava casada, claro que não lhe teria servido de nada. Philip já tinha feito suas pesquisas e sabia que não se celebrou nenhuma boda.

Montou sobre seu cavalo e se afastou. Meleri não tinha ido à seu encontro, mas não era o fim do mundo. Iria pessoalmente a procurá-la.

Sim, iria... Quando ela menos o esperasse.



Capítulo 27

Eram onze e meia da manhã quando Fingal apareceu correndo pelo flanco do celeiro e encontrou ao Robert no lombo de seu cavalo, a ponto de ir aos campos de cultivo.

-Chegou o clérigo! -gritou Fingal enquanto salvava a distância que o separava de seu patrão.

-Donald McDonald? Já está aqui?

-Sim, e trouxe seu livro de orações. Há dito que estava preparado para celebrar umas bodas.

Robert desmontou.

-Leve o cavalo - disse, e segurou as rédeas do Fingal.

Cinco minutos depois de atravessar a porta principal, Robert já tinha dado ordens a direita e esquerda. Os criados corriam à cozinha a preparar comida, enquanto os membros da família se apressavam a vestir-se adequadamente. Robert foi falar com o Donald e, depois, foi em busca de Meleri.

Fingal estava esperando a Robert com um buquê de flores.

-Recolhi-as para que as dê à senhora.

Robert agradeceu a Fingal e levou as flores a Meleri em sua habitação.

-Donald McDonald veio celebrar nossas bodas - anunciou Robert assim que Meleri o fez passar a sua habitação-. Está esperando no salão de banquetes - ofereceu-lhe as flores -. Fingal as recolheu para ti.

Meleri não tomou o ramo.

-Tomaste-te seu tempo. -Sim, e o sinto, mas te compensarei, moça. Meleri se deu a volta e começou a inspecionar um tecido que tinha sobre a cama.

-Não importa.

-Sim, moça, importa. Não quero que nossa boda comece contigo zangada.

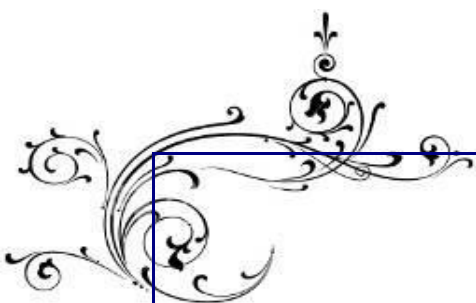
Sustentando o tecido contra seu peito, Meleri se voltou para ele.

-Não importa porque não vamos casar-nos hoje.

-Há algum motivo?

-Sempre o faço tudo com um motivo - Meleri contemplou o ramo de narcisistas brancos e amarelos que Robert tinha deixado sobre o escritório. Não parecia justo. Fazia dois dias, teria se arrojado aos braços do Robert se lhe houvesse dito que o sacerdote acabava de chegar. Mas isso era antes que Philip fizesse ato de presença. Meleri tinha medo, não só pelo Robert, mas também pelo resto da família. Pensava no que podia ocorrer se casava com o Robert e Philip se inteirava,

Não tinha demorado a compreender que Philip não vacilaria em matar ao Robert para fazê-la sua, embora fora como viúva. "Se te casar com ele porá sua vida



em perigo", recordou-se. Enquanto permanecesse solteira, a única ameaça a sofreria ela, posto que fosse o que Philip queria.

-Lhe diga que parta. Não quero me casar hoje.

-Lástima, porque é justo o dia que eu quero para minhas bodas.

Tomou o ramo da mesa, levantou-a nos braços e saiu com ela ao corredor.

-Dentro de dois segundos vou envergonhar te - disse-. Me leve a meu quarto agora mesmo.

- Hoje não posso fazer esforços físicos.

-Por que não?

-Porque é o dia de minhas bodas.

-Que interessante, porque não é o dia de minhas bodas.

-Sim, moça, é-o.

-Não pode me obrigar. Não vou casar-me contigo.

-Ah, equivoca-te.

-Eu gostaria de ver como me obriga.

-Vê-lo-á dentro de três minutos - disse enquanto a descia nos braços pela escada.

-Por que faz isto? Não funcionará. Quando me perguntar se quero me casar contigo lhe direi que não.

-Quando chegar a essa parte poderá dizer o que quiser.

-A partir deste momento, não direi nenhuma palavra. Não pode te casar com alguém que não fala nem responde, e não penso responder. Não pronunciarei nenhuma só palavra.

-Rezei para que chegasse este dia.

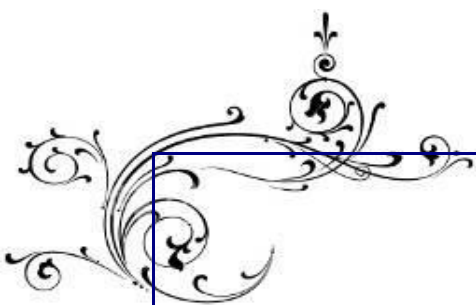
Levou-a pela galeria até o salão de banquetes. Estavam todos reunidos ali: Iain, lady Margaret, Agnes, Hugh, as gêmeas, os criados, e um homem, que devia ser Donald McDonald, com a vestimenta apropriada e um livro de orações na mão. Todos a olhavam como se não a tivessem visto nunca.

Robert a deixou de pé diante do Donald McDonald, plantou-lhe o ramo nas mãos e o pároco iniciou os acostumados preliminares matrimoniais, aos que ela não emprestou atenção. Em troca, apertou o ramo contra seu peito e manteve seu voto de silêncio.

Erguia-se com rigidez, escutando ao Donald McDonald sem compreender uma só palavra do que dizia. Jamais tinha ouvido semelhantes palavras. Seria uma brincadeira de Robert? Olhou-o de soslaio. O via bastante sério, assim concluiu que era real. E se era real, por que aquele sacerdote não falava em inglês?

Devia estar falando em gaélico.

Meleri franziu o cenho, tentando adivinhar por que estava celebrando a cerimônia nessa língua. Devia ser pelos escoceses presente, ou possivelmente fora



uma tradição dos Douglas. Possivelmente o primeiro conde se casou assim. Não demoraria para chegar à parte inglesa, e ela não diria nenhuma só palavra.

Ainda estava esperando seu momento de glória quando Robert a rodeou com os braços, apertou-a contra ele e a beijou demoradamente.

Os presentes começaram a aplaudir e a lhes dar os parabéns, e Meleri sentia quebras de onda de vergonha. Jamais tinha conhecido a um homem que beijasse tanto tempo à noiva de recém casado.

Casado?

Meleri plantou o pé em cima de Robert e o pisou com força. Ele a beijou com mais firmeza e paixão. Meleri estava a ponto de lhe dar um chute quando a soltou. Antes que pudesse abrir a boca, pressente-os começaram a rodeá-los e a felicitá-los, dando tapinhas ao Robert nas costas.

Meleri ainda estava recuperando-se quando Agnes se aproximou e lhe deu um beijo na bochecha.

-Milady, que dia mais feliz! Assim é como deveria ser umas bodas. Não se alegra de ter um marido tão maravilhoso? Como se sente sendo lady Douglas?

Lady Douglas? Meleri ficou olhando ao Agnes, atônita.

-Fecha a boca, carinho, ou lhe entrarão moscas - sussurrou Robert.

Meleri estava a ponto de gritar a pleno pulmão que tinha havido um engano quando Donald McDonald se aproximou, beijou-a na bochecha e estreitou a mão do Robert. Meleri se tampou o rosto com o ramo e sussurrou ao Robert:

-Quero falar contigo.

-Não o duvido, esposa.

Já tinha transcorrido meia hora quando Meleri pôde apartar-se da celebração que tinha lugar no salão de banquetes e conduzi-lo à biblioteca. Quando o conseguiu, fechou a porta.

-Quero saber o que está passando.

-Acabamos de nos casar. Pensava que sabia. Meleri lhe deu um beliscão.

-Não nos casaram, idiota. Não me perguntou se eu estava de acordo.

-Sim que o fez.

-Não o fez! Como ia fazer o? Jamais pronunciou uma só palavra em inglês.

-Bom, lhe posso explicar isso -

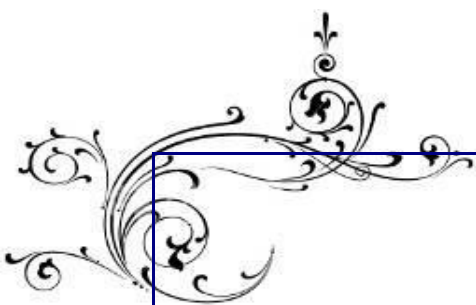
-Faça por favor. Quero compreender como pudeste estar tão confundido para pensar que esse pároco que se pronunciou aí dentro foi uma celebração de matrimônio.

-Disse-lhe ao pároco que podia falar em gaélico.

-Como pôde fazê-lo se sabia que não o entendo?

-O expliquei.

-O que? Que eu não falo gaélico?



-Não, expliquei-lhe que te tinha dado um golpe na garganta com um ramo enquanto cavalgava e que levava vários dias sem poder falar.

-Será possível! Enganaste-me, condenado canalha! Surpreende-me que não lhe dissesse que era surda-muda!

-Pensei-o.

Jogou-lhe o ramo e este cruzou o ar dando voltas a mais velocidade que umas pedras disparadas com fundas espanholas. Robert se agachou e atravessou a estadia em três pernadas curtas. Rodeou-a com os braços.

-Sim, enganei-te e dei aos dois o que queremos.

-Fofocas! Não tem nem ideia do que quero e, se soubesse, não me daria isso porque sou inglesa.

-Sim, moça. Sei o que quer, mas embora não soubesse, não importaria. Tenho maneiras de averiguá-lo.



Capítulo 28

A manhã seguinte de noite de bodas, o sol levava algum tempo no alto do céu quando Meleri conseguiu mover-se. Quando por fim abriu os olhos, viu que Robert já não estava na cama. Então, reparou no ramo de urze que tinha deixado sobre o travesseiro. A nota anexa dizia:

Ontem à noite minha alma achou a paz, e hoje me despertei como uma flor recém aberta.

Meleri sorriu e se esticou prazerosamente; depois, introduziu o ramo no botão da camisola e seguiu dormindo.

Mais tarde, quando voltou a despertar, sentia-se descansada. Tentou levantar-se, mas já nada parecia quão mesmo no dia anterior. Estirou-se e sorriu ao recordar sua noite de paixão. Seu corpo parecia ter envelhecido milhares de anos. Dolorido e chiava, e se movia como uma anciã. Demorou um tempo em endireitar-se.

Agnes abriu a porta e entrou na habitação com a bandeja do café da manhã.

-Por fim se levantou! Começava a me perguntar se a tinham drogado.

Meleri sorriu para si. Tinham-na drogado com o elixir do amor.

O elixir do amor? Pensou enquanto se sentava para tomar seu café da manhã de chá com bolinhos. Seu intento patético de fazer poesia a fez sorrir.

Quando se banhou, vestiu-se e baixou as escadas, seu corpo já se recuperou quase por completo. Ao chegar à galeria e passar por diante do quadro do conde desaparecido sentiu um calafrio que lhe pôs os cabelos de ponta.

Os cães também devem ter sentido, porque começaram a gemer. Meleri lhes falou e lhes acariciou a cabeça ao passar, lhes dizendo que não se preocupassem que não era mais que o velho conde divertindo-se, porque estava aborrecido e não tinha nada melhor que fazer.

Não se entretive mais, porque tinha muitas tarefas pendentes, como limpar outros cômodos da ala oeste. Lady Margaret e as gêmeas anunciaram que queriam ajudar. Pouco depois de que as quatro ficassem mãos à obra, Meleri ouviu as gêmeas dando risinhos. Quando se voltou para ver o que os fazia graça, seu olhar caiu sobre a figura adormecida de lady Margaret, que jazia com uma mão apoiada no braço da poltrona e o espanador pendurando precariamente na outra. Meleri sorriu e se levou o dedo aos lábios para indicar as gêmeas e que não fizessem ruído.

-Faltou a sua sesta da tarde - disse Catriona, com os olhos cintilando com sincero afeto enquanto olhava a sua bisavó.

-Não -replicou Ciorstag -. Esta dormindo agora.

As três seguiram trabalhando em silêncio, até que Hugh entrou na habitação, com as botas ressonando sobre o chão de pedra. Tentaram avisar o de que não



fizesse ruído assinalando lady Margaret, mas já era muito tarde. Sem abrir os olhos, lady Margaret disse:

-Hugh, tem que entrar como se tivesse os pés cinzelados em pedra?

Hugh se deteve e a olhou com curiosidade.

-Como sabia que era eu, avó?

-Tem as pisadas mais fortes da família. Não o duvidei nem um momento.

Agora que me despertaste, veem me dar um beijo.

Meleri viu como Hugh dava um beijo a sua avó na bochecha.

-Viu Robbie? -Perguntou Meleri-. Encontrou contigo?

-Não. Vim-me assim que terminamos que compilar. Robbie ficou para soltar às ovelhas e que assim possam comer os poucos nabos que ficam.

Meleri se voltou para as gêmeas.

-Acredito que já trabalhamos bastante por hoje. Vocês têm que praticar sua lição de música.

-OH, não! - Disse Catriona-. Prefiro limpar que praticar.

-Eu também- concordou Ciorstag.

-Então, deveriam estar contentes porque hoje terão a oportunidade de fazer ambas as coisas -replicou Meleri.

A contra gosto, as gêmeas se afastaram, seguidas pouco depois por lady Margaret e pelo Hugh.

Assim que todo mundo se foi, Meleri guardou o material de limpeza. Dispunha-se a subir à planta de acima quando passou diante da porta principal e se sentiu inexplicavelmente atraída para ela. Deteve-se um momento na soleira aberta para contemplar o formoso dia. Pensou em quão maravilhoso seria passar as últimas horas com o Robert quando recordou que, conforme lhe havia dito Hugh, ainda estava nos campos.

Nem rápida nem lenta, decidiu sair a seu encontro.



Capítulo 29

Estavam-se formando bancos de nuvens no horizonte. Começou a soprar um vento fresco, e as nuvens cinzentas não demorariam em alcançar Meleri. Esta ouviu que aproximava-se um cavalo por detrás colocou-se ao lado do caminho para deixá-lo passar, confiando enquanto o fazia em que fora Robert.

Quando avistou o cavalo e ao cavaleiro, lhe gelou o coração de terror.

Philip...

Inclusive de onde estava reconhecia as linhas duras de seu rosto e a capa negra que ondeava atrás de seus rígidos ombros. Embora não tivesse podido lhe ver a cara, teria sabido que era Philip pela maneira em que cavalgava sem consideração para o extenuado animal.

Petrificada, ficou olhando-o até que compreendeu que não estava reduzindo a velocidade. Por temor a que tentasse atropela-la, deu a volta rapidamente e levantou as saias para correr mais depressa. Era tanto o medo como o desespero o que a impulsionavam a avançar pelo terreno irregular, sem preocupar-se das pedras afiadas que lhe transpassavam as suaves reveste dos sapatos e os ramos que saíam de nenhuma parte para lhe arranhar braços e rosto.

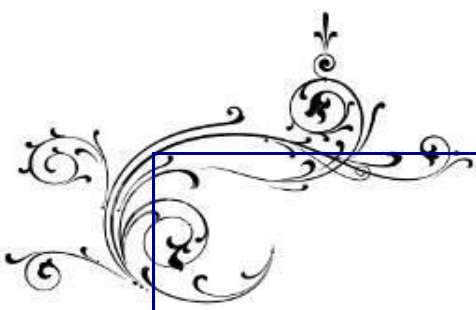
Já quase estava no alto da colina quando Meleri sentiu uma dor, abrasadora: Philip a estava suspendendo pelo cabelo. Uma fração de segundo mais tarde, levantou-a do chão e atirou dela para trás. Meleri sentiu que caía, e caía... Em um abismo escuro e insondável.

Antes de abrir os olhos, Meleri já sabia que estava atada e amordaçada, ao igual a conhecia a identidade de seu captor. Dando obrigado por que Philip não lhe tivesse enfaixado os olhos, olhou ao redor.

No céu, a lua enche brilhava com um halo de arco íris ao redor. A luz chapeada roubava cor à terra, pintando-o tudo com uma paleta de distintos tons brancos fantasmas.

A temperatura tinha descendido muito. A morna alegria do sol se esfumou, deixando unicamente sombras e o frio úmido de uns dedos espectrais. Junto aos muros em ruína, via o Philip agachado junto a uma fogueira, acrescentando lenha. Encontravam-se perto de uma antiga abadia, pois a suas costas a luz do fogo dançava sobre antigos murais religiosos ainda visíveis nas paredes.

Meleri fechou os olhos, confiando em que Philip não se precavesse de que estava acordada, quando de repente lhe retiraram a mordaca da boca e a encheram de um forte sabor metálico. Abriu os olhos e o viu abatendo-se sobre ela. Olhou a suas costas, aos murais, onde a luz dourada arrojava enormes formas demoníacas que pulavam sobre os murais esquecidos.



Philip lançou um olhar ao mural.

-O mal triunfa sobre o bem.

-Talvez de momento - disse Meleri -. Mas, ao final, sempre triunfa o bem.

Philip não disse nada mais, mas ficou olhando. Era uma presença ameaçadora em meio das sombras.

-Bom, aqui estamos, dois jovens amantes por fim sozinhos.

-Amantes! -espetou-lhe Meleri -. Burla-te da palavra quando a pronuncia.

-Vi-te sair de Beloyne. Vinha a meu encontro?

-Difícilmente - esteve a ponto de lhe dizer que ia ao encontro de seu marido, mas sabia que Philip mataria ao Robert.

-Lamento te ouvir dizer isso. Tudo teria sido muito mais agradável.

-Para ti, talvez.

-Esse escocês te pôs contra mim, claro que não me surpreende. Sempre foste mais suscetível à mentira que à verdade. Mas não importa. O que importa é que é meu futuro, todo meu futuro, e por isso vou levar-te comigo.

-O que vais fazer-me?

-Querida, Meleri, é angustia o que ouço em sua voz? Vamos ver o que vou fazer contigo? Agora que te tenho, devo analisar as alternativas. Eu diria que tenho três. Primeiro, poderia te deixar aqui, te apodrecendo neste lugar sagrado, a não ser que ocorresse um milagre e lhe resgassem. Claro que essa possibilidade é remota, porque esta abadia está muito escondida e a conhecem muito poucas pessoas. Seria uma lástima, um desperdício. É uma mulher preciosa... Não de meu gosto, mas reconheço a qualidade quando a vejo. Segundo, poderia me casar contigo em seguida. Isso agradaria a meu pai e asseguraria minha herança. Mas temo que não esteja muito receptiva à ideia, ao menos, de momento... Assim não teria mais eleição que te levar a algum lugar privado, onde há certo número de objetos aperfeiçoados para dobrar uma mente obstinada. Terceiro, poderia te matar e acabar com tudo isto, mas seria como me colocar uma bala nas costas, porque me resulta muito, muito mais valiosa com vida... Ao menos, de momento. Portanto, acredito que tomarei a segunda alternativa. O que te parece?

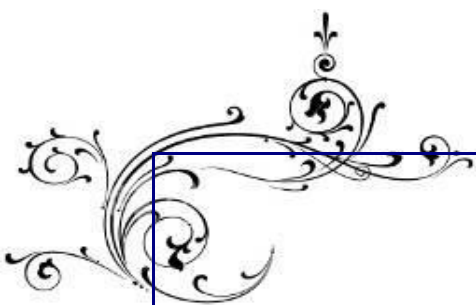
-Parece-me que não te sairá com a tua.

-Deixar-te-ei que o medite, que aplique sua sabedoria e seu desejo inato de sobreviver a qualquer preço. Sabe que, se não te casar comigo jamais sairá viva daqui? -Voltou a lhe embutir o trapo sujo na boca e o atou detrás da cabeça-. Sinto muito, amor, mas não posso deixar que grite aos quatro ventos, não?

-Mmm... Mmm...! Philip riu.

-Cuidado, carinho, ou te matara você mesma.

Meleri inclinou a cabeça para trás e a apoiou na árvore ao que estava atada. Fechando os olhos, desejou que lhe acalmasse o coração. Não lhe serviria de nada gastar tanta energia naqueles pulsados frenéticos. Face ao negro que eram as



perspectivas de ser resgatada, possivelmente Robert estivesse procurando-a. Cochilou um momento com pensamentos sobre Robert dando voltas em sua mente.

Quando despertou, viu a cabeça raivosa de Philip inclinada diante dela.

-Não merece isso, mas te trouxe água.

Tirou-lhe a mordaça e ela assentiu em sinal de gratidão, com a boca muito seca para falar. Philip lhe aproximou uma taça de lata aos lábios e ela bebeu com avidez.

-Não beba muito depressa ou não te darei mais.

Quando apurou a taça, Meleri o olhou e disse:

-Mais.

Philip riu.

-Oxalá estivesse igual ávida de mim - disse com melancolia, e ficou em pé-. É hora de que nos ponhamos em marcha. Não demorará a sair o sol -viu o olhar de surpresa de Meleri, porque prosseguiu-. Melli, querida, não pensará que íamos ficar aqui indefinidamente? Devemos ir a Inglaterra, passando pela Gretna Green, é obvio, onde nos casaremos.

Meleri já tinha decidido não opor-se, porque sabia que não lhe serviria mais que para manter ao Philip em guarda. Confiava em que, sendo uma cativa modelo, Philip se relaxaria e cometeria algum engano. Estaria preparada para quando o fizesse.

Philip lhe soltou a corda que a atava à árvore, mas a deixou pressa as costas.

-Não posso cavalgar assim.

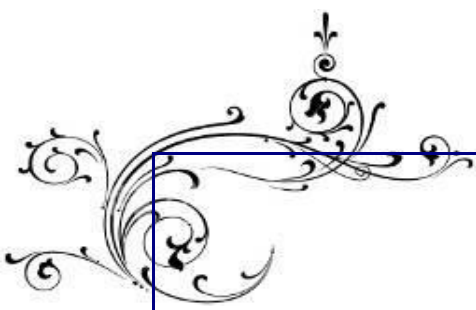
-Não acreditará que vou instalar-te sobre seu próprio cavalo, verdade?

Voltou a lhe atar as mãos por diante e a ajudou a subir à cadeira. Um momento depois, Philip montou detrás dela e se afastaram a cavalo da abadia.

Enquanto cavalgavam, Meleri se surpreendeu cochilando em alguma ocasião. Quando por fim despertou, o céu começava a tingir-se de um cinza resistente. A alegria alagou sua alma ao pensar que se aproximava a manhã. "Embora não te servirá de muito", arreganhou-se. "Philip não é um vampiro que, ao ver a luz do sol, vá escapulir se".

Tinha os olhos completamente abertos e observava a estrada. Ao pouco, acreditou ver a sombra de algo que se movia junto às árvores que bordavam o caminho, mas concluiu que era um animal de grande tamanho, possivelmente um cervo, ou sua imaginação.

Enquanto cavalgavam por uma ladeira para o topo, uma neblina esverdeada e brilhante pareceu surgir de nenhuma parte. Mantinha-se suspensa no ar justo diante deles. Aquela estranha visão fez que o cavalo do Philip relinchasse e se agitasse com nervosismo antes de ficar de mãos. Quando os cascos caíram de novo sobre o chão duro, Meleri sentiu o impacto nos dentes.



Philip amaldiçoou, e Meleri se deu conta de que lhe custava controlar o animal com ela sentada diante. Neblina verde ou não, sabia que tinha chegado sua oportunidade, pois não haveria outra.

Sem pensar no dano que poderia fazer-se, inspirou fundo e arrojou todo o peso de seu corpo à esquerda, por isso saiu disparada da cadeira como um projétil. Retorceu-se bruscamente no ar e aterrissou de flanco; seu ombro se chocou contra o chão duro com tanta força que o ouviu ranger, e temeu haver-se quebrado o braço.

O cavalo voltou a ficar sem controle, e o impacto de seus poderosos cascos fez estremecer o chão. Ouviu o Philip resmungar outra maldição e soube que só contava com uns segundos. Ficou de joelhos, mas se deu um golpe em uma delas com uma pedra afiada. Fazendo caso omissa da dor, ficou em pé e, sustentando o braço dolorido, contemplou a luz da alvorada e decidiu correr em qualquer direção.

Equilibrou-se para diante, guiada pelo instinto, com o sangue lhe jorrando por uma perna e uma dor asfixiante no peito. "Robert, Robert, Robert", repetia em sua cabeça uma e outra vez.

Ouviu os cascos do cavalo a suas costas e correu mais depressa, mas não o bastante, porque imediatamente seguinte, sentiu o corpo do Philip se chocando contra o dela antes que ele rodasse por umas pequenas dunas à beira mar. O impacto a fez cair de joelhos, e tentou levantar-se outra vez. Não queria perder o tempo voltando a cabeça, assim seguiu correndo, fazendo caso omissa da dor. Não soube onde estava Philip até que, a poucos passos do topo da colina, sentiu sua mão no pescoço do vestido. Só teve tempo para pensar: "Por favor, Senhor, não deixe que isto acabe assim", antes que ele atirasse dela para trás.

-Maldita seja! Não te mova! -gritou Philip.

-Me solte! Não entende que tudo terminou e que perdeste?

-Aí é onde te equivoca feto do diabo.

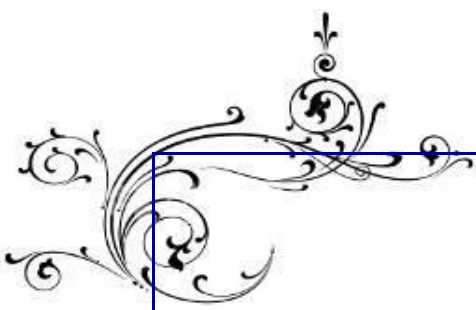
As mãos do Philip se fecharam como tenazes em torno dos braços do Meleri para fazê-la voltar-se para ele, e ela pôde contemplar um rosto apenas humano. Antes de poder tomar ar, Philip começou a estrangulá-la.

Philip pronunciou seu nome e a amaldiçoou antes de levantar a mão, e Meleri compreendeu que ia lhe dar um murro na cara para silenciá-la. Tentou gritar, mas não chegou, ou seja, se o fez. Philip voltou a amaldiçoá-la.

Antes que Meleri pudesse compreender o que estava passando, Philip a soltou de forma tão repentina que ela caiu como uma pedra. Aterrissou dando um terrível golpe na cabeça, e viu uma luz segadora. Quando a dor remeteu, abriu os olhos e o mundo estava dando voltas. Ouviu os cascos de Netuno movendo-se no ar e pisando no chão, perigosamente próximos a sua cabeça, e se estremeceu para ouvir a voz impregnada de ódio do Philip,

-Ainda não te salvaste prostituta. Nem muito menos. Voltarei e te encontrarei.

Perseguiu a Netuno. O animal se lançou ao galope.



Incapaz de compreender por que tinha fugido e a tinha deixado atrás, olhou ao redor para ver se algo o tinha assustado. Jamais tinha rezado tanto para ver o Robert indo a seu resgate.

Através da fina neblina matutina que se movia rapidamente pela ladeira, distinguiu a figura encapotada de um homem vestido de negro. Piscou para ver melhor, mas compreendeu que era o sangue o que a cegava. A figura avançou para ela, sustentando nas mãos uma espada de enormes proporções.

Reconheceu-o como o mesmo homem estranhamente vestido que tinha visto antes. Levantou a mão para ele.

-Me ajude...

Doíam-lhe o braço e a cabeça, mas conseguiu ficar em pé. Estava a ponto de chamá-lo quando o homem desdobrou um sorriso radiante. Imediatamente, sua figura começou a tremer e a atenuar-se.

Meleri advertiu de improviso que podia ver a ladeira detrás dele, como se seu corpo fora transparente. Secou-se o sangue dos olhos e observou como sua imagem permanecia um momento mais antes de desaparecer por completo.

Ouvia pisadas a suas costas. Gelou-lhe o coração. Philip havia tornado, por isso acabava de ir o fantasma. Não havia ninguém que pudesse salvá-la. Começou a coxear, e foi apertando o passo cada vez mais até correr colina abaixo.

-Meleri, pelo amor de Deus, quer parar?

Esteve a ponto de chorar para ouvir a querida voz do Robert. Mas tropeçou e caiu ao chão, e rodou sobre pedras afiadas que a arranharam. Quando deixou de rodar, umas mãos a sujeitaram e, sem ápice de compaixão, puseram-na em pé.

-Que Deus me libere de uma mulher estúpida! Que diabos crie que fazia te lançando colina abaixo como se pudesse voar? Não me ouvia te chamando? Me dê a mão... É que esse canalha te atou? Vamos, sei que te alegra de ver-me, mas não deve te mover, e deixa de afundar o nariz em minha camisa para que possa te soltar este nó. Maldita seja! Não te mova. Deste-me o pior susto de minha vida, sabe? Te olhe, sangrando de uma dúzia de feridas.

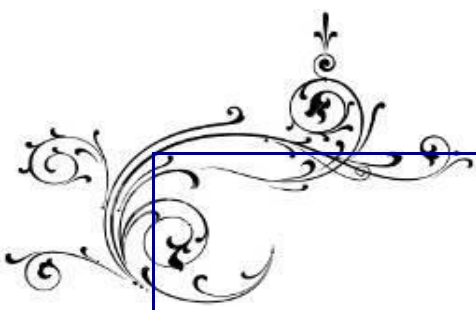
-Dói-me.

-Pois deve estar agradecida por isso, porque é o único que me impede de te dar umas boas palmadas - tirou-se a capa dos ombros e a envolveu com ela-. Está gelada. Resfriar-te-á e teremos que te curar também disso. Hugh! me traga um pouco de uísque.

-Iain? -sussurrou Meleri.

-Está bem. Foi atrás de Philip com dois dos homens. Veem, te apóie em mim e bebe um pouco disto. Poderá montar a cavalo?

Meleri abriu a boca para responder e ele a encheu de fogo líquido. Tossindo e cuspidando, olhou-o justo quando Robert vertia outro rio de fogo por sua garganta.



-Não me olhe como se te estivesse dando veneno. É uísque. Far-te-á entrar em calor, se não te escorre por todos os buracos que te tem feito.

-O que faz aqui?

-Intento me fazer de nobre herói e salvar à mulher que amo, mas, como sempre, é muito cabeça dura para deixar que alguém te ajude, assim que te adiantaste e salvaste a ti mesma.

-Não fui eu a não ser o fantasma - murmurou Meleri enquanto a escuridão começava a descender sobre ela.

Robert a estreitou entre seus braços e disse:

-Fique tranquila meu amor. Vou levar-te a casa.

Inclinado sobre o Meleri, Robert lhe acariciava a frente e lhe falava em voz baixa e tranquilizadora, lhe dizendo que estava a salvo e que tudo iria bem. Céu, nunca em sua vida tinha rezado para que o que pedia se cumprisse. Não podia perdê-la. Não sem lhe haver dito o muito que significava para ele, sem ter compartilhado uma vida em comum e sem ter criado aos meninos que esperava ter com ela. Se ao menos abrisse os olhos, se pudesse falar, se pudesse mover um minúsculo dedo, algo, com tal de lhe mostrar que seguia com ele, que não o tinha abandonado, como Sorchá... A agonia de esperar e não saber o consumia. Estava tão pálida, tão imóvel, tão pequena... Jamais se havia sentido tão impotente.

Lady Margaret lhe aproximou uma cadeira e lhe ordenou que se sentasse.

-Não lhe servirá de nada se quando despertar está muito esgotado para falar. O que pode fazer de pé pode fazê-lo sentado.

Robert se sentou, tomou a mão pálida e pequena de Meleri e a levou aos lábios.

-Não me deixe.

Meleri não deu indicação alguma de havê-lo ouvido, e Robert apoiou a cabeça no travesseiro junto à dela e fechou os olhos. Não os abriu até muito depois, quando o resto da família entrou na habitação e o ruído despertou.

Uma hora mais tarde, notou que Meleri movia os olhos sob suas magras pálpebras. Robert aproximou a cabeça e lhe disse o muito que significava para ele, quanto a queria.

Meleri começou a mover-se. Tentou falar, mas de sua boca não brotou nenhum som. Robert lhe pôs uma mão na bochecha e disse:

-Não passa nada, moça. Já está a salvo. Agora, descansa.

Surpreendeu-o a emoção que sentiu ao tocá-la, porque ninguém tinha conseguido lhe arrancar uma ternura tão intensa com um solo roce. Compreendeu que Meleri estava chorando e lhe secou as lágrimas da bochecha.

Meleri voltou o rosto e lhe beijou a palma. Não era uma expressão de amor, mas sim de gratidão. Pobrezinha, acaso não sabia que era ele quem estava



agradecido, e que o estaria até o dia de sua morte? Atraiu-a seus braços e se contentou lhe acariciando as costas.

-Não chore pequena. Agora está em casa e já ninguém pode te fazer danifico.

-Veio - disse. Levantou a mão do Robert e a levou aos lábios para poder beijar-lhe outra vez.

Robert jamais esqueceria a sensação que o tinha alagado ao descobrir que Meleri tinha desaparecido. Desejava com toda sua alma ter encontrado a esse canalha do Waverly, mas Iain e os homens haviam retornado sem ele. Tinham perdido o rastro quando se pôs a chover.

Meleri abriu os olhos.

-Salvaste-me a vida. Teria morrido se não tivesse assustado ao Philip.

-Não, moça, salvou-te você mesma. Waverly já se foi quando chegamos.

-Mas te vi. Vi-te subindo a colina com a capa e a espada na mão.

-Black Douglas -disse lady Margaret-. Deve ter visto o fantasma do William.

Robert lhe fez reclinar de novo a cabeça nos travesseiros e a cobriu com as mantas. Estava a ponto de dá-la volta quando Meleri lhe sujeitou a mão.

-Onde estão Corrie e Dram?

-Lá embaixo. A grade da escada está fechada. Não lhe incomodarão.

-Quero-os aqui.

-Aqui, contigo?

-Sinto-me mais... Segura - sussurrou. -Então, tê-los-á - disse Robert, e mandou às gêmeas para buscá-los.

Robert deixou Meleri dormindo com os cães e saiu com lady Margaret e outros. Ao cabo de um momento, Meleri recebeu outra visita... Uma que entrou na habitação trazendo a névoa com ele. Movia-se sem fazer ruído, com uma capa escura ondeando em torno de seu corpo e uma enorme espada rodeada no flanco.

Inclusive em sonhos, Meleri sentiu sua presença e soube que não estava sozinha. Abriu os olhos e o ouviu uns passos de distância. Corrie e Dram começaram a gemer.

-Vê -disse -. Assusta aos cães. Não quero que seja real. Não acredito nos fantasmas.

Imediatamente, sua imagem começou a tremer e desapareceu. Era suficiente confirmação de que tinha sido fruto de sua imaginação, pensou Meleri, porque não parecia um homem disposto a obedecer a uma mulher, tanto se era real como se não.

Pôs uma mão na cabeça de Corrie e fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, o calor do sol matutino lhe banhava o rosto. Agnes estava junto à janela, retirando as cortinas.

-Que tal se encontra, milady?

-Como se me tivessem quebrado a cabeça - sussurrou-. A garganta me dói horrores.



-Tem um machucado terrível. Waverly tentou asfixiá-la?

-Não me lembro.

Abriu-se a porta e Robert entrou seguido de Iain e de lady Margaret.

-Viemos te ver se estiver em condições de receber visitas - disse lady Margaret-. Leva tanto tempo dormindo que cada vez nos custa mais trabalho não te incomodar.

Meleri se levantou com muita dificuldade, sentindo a dor de cortes e arranhões. Franziu o cenho e passeou o olhar pela habitação ao recordar sua outra visita.

-Esteve aqui.

Robert tentou acalmá-la.

-Aqui não esteve ninguém.

-Sim, voltou. Esteve aqui, em minha habitação, vestido como antes. Levava uma enorme espada. Ao princípio pensei que estava sonhando, e lhe disse que se fora, que não acreditava nos fantasmas.

E o que disse ele? -perguntou Robert.

-Nada. Esfumou-se.

Lady Margaret lhe deu um tapinha na mão.

-Certamente estava sonhando, como você mesma há dito.

-Robbie, olhe! -exclamou de repente Iain. Meleri seguiu o olhar de outros e a viu no rincão, apoiada contra uma cadeira, com a larga espada chapeada cintilando ao sol. Hugh levantou a espada e a sustentou com as duas mãos.

-Por São Columbano! É endiabradamente pesada.

-Certamente, pertenceu ao diabo - disse Robert. -Está recém polida - disse Iain.

Hugh passou a espada a Robert, que demorou um momento em acostumar-se ao tamanho e ao peso. Logo, esgrimiu-a com surpreendente destreza.

-Uma claidheamb-mor belamente temperada - disse, usando o término gaélico -. Uma autêntica espada escocesa -olhou ao Iain -. O que opina?

-É autêntica... Anterior ao século XVI, diria eu. Vê como as cazelas estão em ângulo com a lamina e têm forma de rombo? E aqui... Vê como cada cazelas termina em um adorno feito de quatro círculos abertos de ferro?

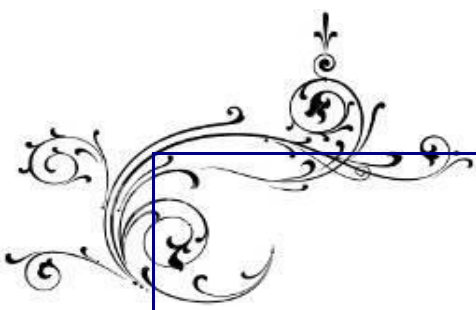
-Sim - disse Robert e apoiou a ponta no chão-. Claro que a pergunta não é que classe de espada é, mas sim de quem, e de onde saiu - voltou-se para o Iain-. Crie que a deixou ele?

-É obvio -disse lady Margaret -. Esta espada demonstra que estamos tratando com o fantasma do Black Douglas e não com um pouco sonhado pelo Meleri.

-E eu que pensava que Black Douglas era eu - disse Robert.

-Você é o Black Douglas atual. Eu me referia ao original. Hugh riu.

-Robbie, não é mais que uma cópia. Lady Margaret o silenciou com o olhar.



-Segundo a lenda, sir William possuía uma enorme espada. Esta encaixa com a descrição.

-Muitas espadas encaixam com a descrição -disse Iain.

-Só há uma maneira de averiguá-lo -repôs lady Margaret-. Supostamente, a espada do conde tinha uma inscrição.

Iain e Robert começaram a estudar a espada com atenção.

-Aqui está - disse Iain por fim - , mas as palavras são tênues e difíceis de ler.

-Pode distinguir um nome? -perguntou Robert.

Iain demorou um momento em responder.

-Sim, restrição o nome do William, primeiro conde do Douglas. Há outra inscrição, mas está muito gasta para lê-la. Logo que decifro a palavra "melhor" e possivelmente esta seja "poderosa", mas não estou seguro.

-Ao menos sabemos que é a espada do William - disse Robert-, embora não saibamos como chegou aqui.

-Trouxe-a ele - disse Meleri.

-Pois se a trouxe, não entendo por que quis deixá-la -comentou Iain.

-Ninguém acreditava em sua existência -interveio lady Margaret, e Meleri percebeu a verdade de suas palavras -. Deixou sua espada como prova. Até um menino poderia compreendê-lo. A lenda diz que os Douglas serão restituídos pelo escocês mais autêntico, o de coração mais valente.

-Isso! -disse Iain.

-O que? -perguntou Robert.

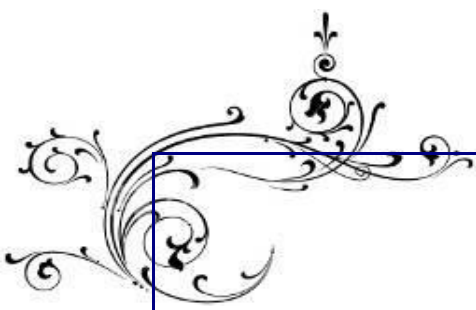
-A inscrição da espada - respondeu, e estudou a folha para reconhecer a tênue inscrição que não tinha distinto antes -. Aqui está: "Melhor um coração valente que uma espada poderosa".

Os três se voltaram para o Meleri.

-Não sou eu! - gritou-. Se me tivessem visto aí fora, tremendo como gelatina, gemendo e choramingando como um bebê... Assim que pude, saí correndo como uma ovelha desencaminhada. Sou a maior covarde. Provenho de uma antiga linhagem de covardes. Sempre temos um em cada geração.

Fez uma pausa para observá-los e viu que não estavam convencidos.

-Sou tão covarde que não posso seguir sendo-o. Estou disposta a passar a testemunha a outro. Fui afogada, perseguida, empurrada, derrubada, atada, amordaçada, amaldiçoada, enganada, humilhada e envergonhada até o ponto de que tiro a toalha. Retiro minha nomeação, fora quem fora quem me nomeou. Não quero ser a do coração mais sincero ou valente... Ou escocês. Prefiro conservar meu coração inglês, se não lhes importar. Quero viver o resto de minha vida sendo normal... E a gente normal não brinca com fantasmas - cruzou os braços -. E, agora, há algo do que hei dito que não tenha ficado claro?



-Deveria te sentir honrada. O conde nunca se apareceu ante ninguém - disse lady Margaret.

-Então, lhe diga que vá honrar a outro. Claro que não importa, estive-me inventando tudo isto. Queria chamar a atenção e pensei que esta seria uma boa maneira de consegui-lo.

-E também te inventaste isto? -perguntou Robert, sustentando a espada em alto.

Meleri soprou.

-Qualquer um poderia havê-la deixado aí. Certamente, tiraram-na do armário.

-Esta é a espada do primeiro conde do Douglas. Não a viu desde que morreu - afirmou lady Margaret.

-Começo a me cansar de tudo isto - disse Meleri-. Passei uma terrível experiência. Hão-me podre os miolos. Tenho uma imaginação fértil, pelo amor de Deus! Não podia ser um fantasma. Não o aceito. Nego-me a acreditar neles.

-Não te altere pequena. Não deveria preocupar-se disso agora – disse Robert-. O mas importante é que te recupere.

-Já me sinto melhor. Somente estava um pouco emocionada.

-Acredito que irei ver o que tramam as gêmeas - anunciou lady Margaret de improviso.

-Irei contigo - disse Iain.

Meleri os viu sair em fila a indiana da habitação, e quando ficou a sós com o Robert, olhou com irritação a espada apoiada na parede. Cruzou os braços e lhe lançou outro olhar furioso.

-Oxalá Iain levasse essa condenada espada. Não a quero aqui - disse, em tom tão irritável como ela se sentia. Robert se aproximou da cama para sentar-se junto a Meleri. Deu-lhe a mão e sorriu fracamente.

-Que umas mãos tão pequenas tenham acontecido uma experiência tão terrível...

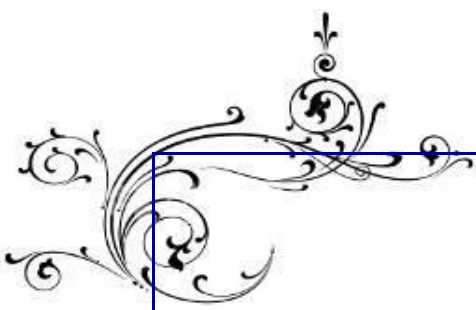
Meleri levantou o queixo e deixou escapar um patético soluço, feliz de que, por uma vez, tivesse conseguido despertar a insólita compaixão de Robert. De repente, sobressaltou-se quando este inclinou a cabeça para trás e a habitação reverberou com o som de sua risada.

Não havia som mais formoso no mundo que a risada do Robbie Douglas. Meleri esperou pacientemente a que tomasse nos braços. Ao ver que não o fazia, disse, mal-humorada:

-Esperava que, ao menos, consolasse-me um pouco.

-Ah, sim?

-Sim. Trataram-me muito mal e me dói todo o corpo. Um pouco de chá e de compaixão me ajudaria muito a recuperar o bom humor.



-Possivelmente me persuadissem o ser compassivo, moça, mas jamais poderei compartilhar sua paixão inglesa pelo chá.

Robert seguia lhe sustentando a mão, lhe acariciando os dedos, e durante bastante tempo pareceu contentar-se fazendo só isso. Depois, finalmente, levantou o olhar e lhe sorriu, com uma estranha mescla de regozijo e compaixão no rosto.

-Suponho que, como mulher de temperamento forte, custa-te ser paciente.

-Não, o que me custa é tomar uma decisão. Não sei que desejo mais, se tomar essa bacia e lhe romper isso na cabeça ou atirar meu orgulho pela janela e te pedir que me abrace.

-Então, me deixe que dita por ti - Robert a rodeou com os braços e a atraiu para ele, lhe apoiando a cabeça em seu peito-. Que tal assim?

Meleri suspirou.

-Melhor, imensamente melhor.

E era certo. Meleri se sentia melhor. Robert tinha preocupado-se por ela o bastante para sair em sua busca, e inclusive se esforçava por atendê-la. Seria possível? Teria chegado a sentir algo por ela, apesar de sua intenção original de usá-la só para ganhar o rei?

Permaneceram como estavam durante bastante tempo, sem que nenhum dos dois dissesse nada, até que por fim, Meleri perguntou:

-O que vais fazer?

-Sobre o que? -Philip.

-Esse problema é meu. Já me ocuparei dele.

-Sei. Mas o que pensa fazer?

-Possivelmente lhe faça uma visita.

-A Inglaterra?

-Sim.

-Não tem por que ir em pessoa. Não pode enviar a alguém?

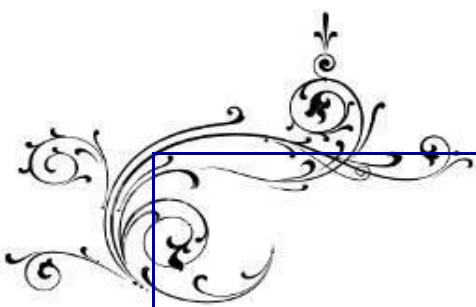
-Se quiser que nasçam os pintinhos, incuba você mesmo os ovos.

Meleri moveu a cabeça.

-Eu falo de perigo e você me fala de ovos.

-Cala - disse Robert, e a beijou no nariz-. Descansa e deixa que seja outra pessoa quem cacareje um momento.

Capítulo 30



Aquela noite, Meleri ficou dormindo nos braços do Robert. À manhã seguinte, antes da alvorada, despertou um clamoroso som. Alguém estava esmurrando a porta principal com as argulas de latão. Após um profundo sonho, Meleri não imaginava quem podia estar chamando há àquelas horas.

Viu como Robert se levantava. Sabia que pretendia baixar antes que o estrépito despertasse a todos os ocupantes da casa.

-Quem pode ser? -perguntou-. Esperava a alguém?

-Não.

Meleri deu a volta e se inclinou para o extremo da cama, tratando de alcançar a bata.

-Não te levante - disse Robert, e se inclinou para lhe beijar o ombro-. Irei ver quem é – vestiu a camisa e a calça rapidamente e lhe lançou um beijo-. Você dorme outra vez.

-Demorará muito? -perguntou, bocejando.

-Não com uma moça como você me esperando, suave e sonolenta, na cama. Não te levante, em seguida volte.

-E se começar a me esfriar?

-Não se preocupe. Já encontrarei a maneira de te fazer entrar em calor quando retornar.

Desapareceu pela porta, e Meleri ficou olhando-o. Pretendia permanecer acordada até que seu marido retornasse.

Recordou que Robert lhe havia dito aquela noite o muito que a amava e desfrutou daquela ideia durante um momento antes de voltar a cama morna e fechar os olhos.

Robert a despertou com um beijo quando retornou. Meleri abriu os olhos de par em par.

-Não pretendia te assustar.

Ela levantou um ombro e se esfregou com ele a bochecha beijada, como se o beijo seguisse ali e pudesse senti-lo. Estremeceu-se.

-Brrrr. Tem o nariz frio. Robert riu entre dentes.

-E o resto do corpo - dirigiu-se ao armário e tirou as botas e as meias -. Oxalá tivesse tempo para me esquentar um pouco. Um par de voltas na cama contigo bastariam.

-Vai a alguma parte? -Sim.

-Aonde?

-À estrada.

A resposta era muito eloquente, pensou Meleri com ironia. Viu como Robert colocava a meia três quartos.

-Quem era?



-Um vizinho.

Robert não dava mais informações que a imprescindível. Os escoceses não eram pródigos em palavras nem em nenhuma outra coisa. Jamais tinha visto pessoas mais sóbrias. Fazia só dois dias, Agnes lhe tinha revelado que lady Margaret jamais punha os pontos sobre “is” para economizar tinta.

-Não é um pouco cedo para fazer uma visita de cortesia? O que queria? - insistiu Meleri.

-Quer que o acompanhe.

-Por quê?

-Encontraram um cadáver.

-Onde?

-Na estrada, não muito longe daqui. Exasperada, concluiu que lhe surrupiar informação era como recolher pérolas de um colar quebrado... Não era impossível, mas levava seu tempo.

-Por que necessitam que vá?

-Não o reconheceram. Confiam em que eu possa identificá-lo.

Duas frases completas seguidas. Incrível. De repente, Meleri se levantou da cama.

-Se tiverem encontrado a um homem morto, crê que poderia ser o fantasma?

Robert lhe lançou um olhar que indicava que a encontrava encantadora apesar de seu comentário insensato.

-É tão absurda a pergunta minha adorável. Meleri, por que não fica aqui e prepara uma lista com mais perguntas para quando eu voltar?

Antes que Meleri pudesse replicar, Robert saiu da habitação.

Edwin Muir estava esperando a Robert com alguns de seus homens. Quando Robert tirou seu cavalo dos estábulos, estavam apagando os faróis. Não demoraria para fazer-se dia e, no horizonte, por cima das colinas, já começava a clarear.

-Perdoa que lhe incomodemos - disse Edwin.

-Não é incomodo - repôs Robert. Pôs o pé no estribo e montou sobre o cavalo-. Chamastes ao xerife?

-Sim, James Fergusson passou por minha casa de caminho ao Dumfries. ia trazer ele.

Robert assentiu e os homens ficaram em caminho. Cavalgaram em silêncio pelo caminho que conduzia a uma estrada de cascalho. Uma vez ali, tomaram a direção que James indicava. Depois, cavalgaram para as colinas ondulantes onde tempo atrás tinham ardido as fogueiras dos sacrifícios druidas.

O sol estava no horizonte, perfurando as árvores com magros raios fez-se avermelhado, arrojando bordados de folhas sobre a estrada.

-Foi James quem o encontrou? -perguntou Robert



-Não, foi um de seus homens, que voltava para casa depois de uma entrevista - disse Edwin.

-E o cadáver ainda está onde o encontraram?

-Sim, pensamos que era melhor deixá-lo assim até que chegasse o xerife.

-Pôde ver o que tinha passado?

-Não muito bem. Foi Daniel Murvay quem o encontrou. Segundo ele, o cavalo tinha levado o homem a sua morte. Quando o encontrou, ainda tinha o pé enganchado no estribo.

Algo na voz do Edwin fez perguntar-se Robert se Edwin estaria ocultando algo.

-Há algo mais? Algo que não queira me dizer?

-Não, não exatamente, mas James encontrou algo estranho quando chegou.

-Estranho? Em que sentido? Algo que pudesse indicar que tinha sido um assassinato?

-Eu não diria tanto, mas ao que parece havia umas moedas junto ao corpo.

-Moedas escocesas?

-Sim.

-Lhe teriam saído dos bolsos.

-Sim, isso é o que pensei eu, mas James disse que as moedas eram antigas. Muito antigas.

-Mmm. Que estranho - disse Robert-. Possivelmente fora um colecionador.

Chegaram ao lugar em que tinha aparecido o cadáver. Tal como Edwin havia dito, Daniel Murray estava esperando-os em um pequeno claro. Não havia ninguém mais. Nem sequer o morto.

Robert saudou Daniel com uma inclinação de cabeça enquanto desmontava.

-Parece que o xerife nos adiantou.

-Não, James ainda não chegou com o xerife - disse Daniel.

-Então, onde está o corpo?

-Não muito longe daqui. Angus Beattie e Donald Mackie estão esperando junto ao cavalo.

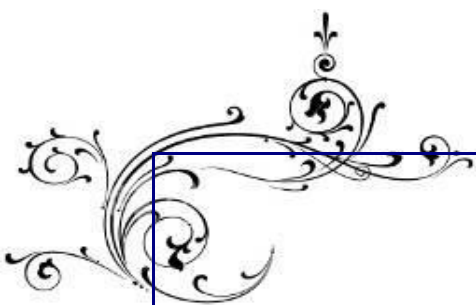
Robert assentiu. Conhecia tanto a Angus como ao Donald, que trabalhavam para o James Fergusson.

-Será melhor que acabemos quanto antes - sugeriu Edwin.

-Sim -disse Murray -. Por aqui.

Edwin e Murray se adiantaram enquanto Robert os seguia a passo mais lento. Quando chegaram ao claro, aqueles se detiveram para falar com Angus e Donald.

Quando um feixe brilhante de luz iluminou o claro, Robert viu um pouco parecido em uma árvore próxima. Ao aproximar-se, advertiu que era uma adaga bastante antiga e sólida, fundo na casca. Custou-lhe um pouco, mas conseguiu extraí-lo.



-Dê uma olhada a isto! -chamou Edwin a Robert. Robert guardou a adaga no cinto e se reuniu com os três homens, que se encontravam de pé junto a um puro sangue baio que tinha as rédeas enroladas em torno de um ramo de árvore. Donald MacKie sustentava a brida e lhe acariciava a cabeça. Era evidente que o animal pertencia a um homem rico... ou que tinha sido roubado.

Robert e Edwin rodearam o animal. Robert viu o corpo cansado de barriga para baixo e o pé esquerdo ainda apanhado no estribo e horivelmente torcido.

Daniel Murray estava agachado perto do corpo. Ficou em pé quando viu que Robert e Edwin se aproximavam.

Robert contemplou o cadáver e viu que tinha a roupa rasgada e enlameada. Jogou uma olhada à cadeira.

-Parece uma cadeira inglesa.

-Sim - disse Edwin.

-Há algo na alforja? -perguntou Robert.

-Nenhuma identificação, mas sim uma bolsa cheia de libras inglesas - respondeu Edwin -. Era um homem rico, quem quer que fora.

Robert assentiu.

-Sim, pensei ao ver o cavalo. A riqueza só bastaria para delatar sua procedência.

-Sim -disse Edwin -. Ou era inglês ou era um ladrão. Tanto o cavalo como o dinheiro poderia ter sido roubado.

Robert olhou ao David.

-E as moedas que se encontraram? Onde estão?

-Tenho-as eu - disse Angus, e passou para Robert o lenço com o que as tinha guardado. Robert desfez o nó e contemplou as cinco moedas. Eram antigas, muito antigas.

- Onde as encontraste?

-Aqui caídas - disse David, -e assinalou um lugar próximo ao corpo-. Três estavam na terra, às outras duas, perto da cabeça.

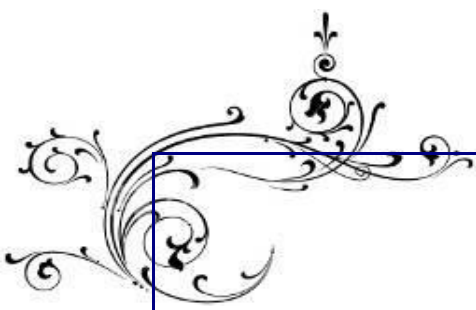
Robert tomou uma das moedas e lhe deu a volta na mão. Tinha uma inscrição, mas não podia distinguir as palavras. Apartou-se uns metros da densa folhagem para poder as ver a luz do sol. Reconheceu três delas imediatamente e soube que eram de ouro. Leu a inscrição. *Ihc autem transiens per médium illorum ibat.*

- Latim -disse Edwin -, mas de moço eu não gostava. Agora só posso reconhecê-lo. Sabe o que significa?

-"Mas Jesus, passando entre eles, seguiu seu caminho". São nobres, valem seis xelins e oito peniques, ou médio marco escocês. Pertencem ao reinado do David II.

Edwin assobiou.

-São estranhas como leite de virgem. Duvido que tenha visto igual até agora. Como sabia o que eram?



-Minha avó tem dois, embora as suas estão mais gastas e não se podem ler as inscrições.

-Moedas do século XIV -disse Daniel-. São muito antigas.

-E muito apreciadas e valiosas para andar caídas pelo chão - acrescentou Edwin.

-Crê que as roubou? -perguntou Daniel.

Robert não chegou a responder, porque naquele momento o xerife, Walter Robertson, aproximou-se cavalcando junto ao James Fergusson.

Walter não parecia lhe interessar muito que tipo de moedas era, só que eram muito antigas e que tinham aparecido junto ao homem morto.

-Quando chegaste Daniel lhe estava perguntando a Robert se pensava que eram roubadas - disse Edwin.

-Poderia ser - respondeu Walter. Depois, colocou o corpo de barriga para cima e lhe olhou a cara-. Reconhecem-no?

Ninguém o reconhecia, e o xerife seguiu adiante com o procedimento antes de pedir ajuda ao Robert e ao James Fergusson.

-Já podem lhe tirar o pé do estribo - assim que o fizeram, indicou Angus e ao Donald que se levassem a cavalo.

Robert contemplou ao desconhecido. O animal o tinha miserável durante algum tempo pelo chão, porque tinha o rosto arranhado e talhado. Não seria fácil identificá-lo, a não ser que o fizesse alguém que o conhecesse bem.

-Levava algo nos bolsos? -perguntou o xerife.

-Não os rebuscamos - disse James-. As moedas estavam na alforja.

Walter lhe registrou os bolsos e tirou uns quantos xelins e uma pequena faca de prata com as iniciais P. W. A. Não disse nada, mas prosseguiu com a investigação. Quando terminou, ordenou aos homens que jogassem o corpo sobre o lombo do cavalo e o sujeitassem. Walter se arranhou a cabeça e disse:

-Bom, coincido em que é inglês mas, além disso, não averigui grande coisa. Ajudar-nos-ia muito descobrir quem era ou de onde vinha. Se alguém pudesse identificá-lo...

Robert levava um momento pensando em silêncio que por fim se feito justiça e que o canalha tinha morrido.

-É bastante possível que seja um inglês chamado Philip Ashton.

-Philip Ashton - repetiu Walter-. Quais eram as iniciais da faca?

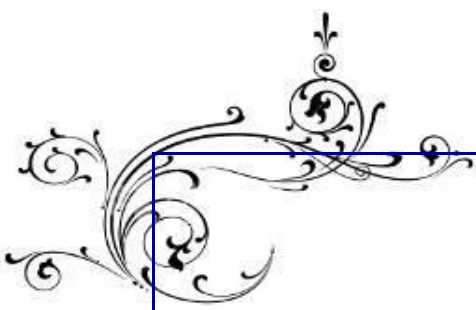
-P. W. A. - disse James.

-Philip W. Ashton - disse o xerife-. Poderia ser - olhou ao Robert-. Como é que sabe seu nome, mas não pode identificá-lo?

-Eu nunca vi ao Philip Ashton.

-Conhece alguém que sim o tenha visto?

-Sim, minha esposa.



Walter parecia disposto a formular mais perguntas, mas se conteve e disse:

-Levaremos o corpo a Beloyne. Estou impaciente por acabar com isto.

Enquanto cavalgavam para o Beloyne, Robert explicou sua relação com o Philip Ashton dizendo que Philip e sua esposa tinham estado prometidos e que, nos últimos dias, Philip se tinha apresentado no castelo para falar com ela. Aparentemente satisfeito, ao menos, de momento, Walter não fez mais perguntas.

Robert dava-se a agradecer por isso. Resultava endiabradamente difícil manter uma conversação natural quando tinha as vísceras retorcidas pela incredulidade. Levava dez anos desejando vingar-se daquele homem e, de repente, quando ocorria, tudo tinha acontecido muito depressa.

Robert pensava em Meleri; preocupava-o a angústia que seria para ela ver o cadáver. Se dele dependesse, teria deixado o corpo daquele canalha apodrecendo-se à intempérie. Entretanto, Meleri teria que identificá-lo para que pudessem devolver o corpo a sua família. Robert estava cheio de férrea resolução. Sabia que devia manter uma fachada passiva porque não podia revelar nem o mais mínimo pinga de ódio para aquele homem, salvo o natural por que tivesse sequestrado a Meleri. No referente ao assassinato da Sorchia, jamais poderia revelar a Meleri a verdade sobre o Philip. Não para proteger ao porco inglês, mas sim por outra razão muito distinta.

Se Meleri o descobrisse alguma vez, perdê-la-ia.

Quando chegaram a Beloyne, Robert lhes indicou que entrassem, mas todos se abstiveram.

-Será melhor que esperemos aqui para poder partir o antes possível - disse Walter-. Assim que a identificação seja clara, devemos enviar o corpo a sua família. Não saberá onde vive não?

-Sim, no Northumberland. Seu pai é o duque do Heatherton.

Walter fez uma careta.

-Razão de mais para apressar-se - disse. Robert entrou em busca do Meleri. Encontrou-a em seu quarto, sentada ante seu escritório, com o sol acariciando sua vermelha juba, que refulgia com todas as cores do fogo. Levantou a vista quando ele entrou e o recebeu com um sorriso. Apesar das circunstâncias, vê-la sorrir o fez entrar em calor.

-Me alegro de que haja voltado. Já está tudo arrumado?

-Quase.

-Pudeste ajudar?

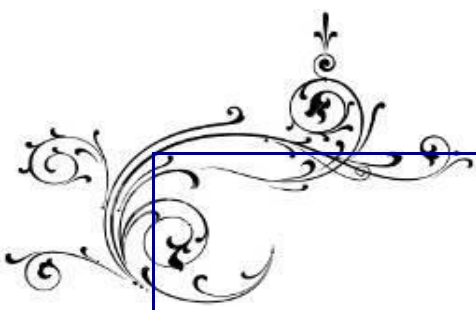
-Um pouco.

-Reconheceste ao homem que encontraram?

-Não exatamente. Acredito saber quem é, embora não posso identificá-lo a ciência certa.

-Por que não?

-Se for quem acredito que é, nunca o vi.



-Ai, falar contigo... Zango-me só do esforço. Se alguma vez o viu, como pode saber quem é?

Robert tentou achar a maneira de lhe dar a notícia, mas compreendeu que só podia ser direto.

-Meleri, estou quase seguro de que é Waverly.

-Philip? - A cor pareceu desvanecer-se de sua cara imediatamente-. Philip morreu? Meu Deus, estará furioso!

Robert lhe dirigiu a mesma expressão que antes, quando tinha feito uma afirmação igual de absurda.

-Meleri, tornaste-te louca? Esse homem está morto. Como pode estar furioso?

-E eu o que sei! Você é o do castelo encantado. Diga-me isso você - levou-se a mão à cabeça-. Bom, detesto dizer isto, mas me alegro de que ele seja e não um de nós. Está seguro de que está morto?

-Sim, me acredite, está-o.

-E o que lhe passou? Foi um acidente? Um roubo?

-Não foi um roubo. Além disso, quão único sabemos é que algo o fez cair do cavalo. Ficou enganchado o pé no estribo e morreu quando o cavalo o arrastava.

Meleri fez uma careta.

-Céus, que horror. É uma maneira espantosa de morrer.

-Conhece uma boa?

-Não, mas ninguém merece falecer dessa maneira.

Robert lhe explicou que o xerife estava esperando lá fora com outros, que necessitavam a alguém que pudesse fazer uma identificação segura.

-Como é quão única pode identificá-lo...

-Não!

-Meleri, não há...

-Por favor, Robert, eu não.

-Sabe que não lhe pediria isso se houvesse uma alternativa.

-Não pode encontrar algo que o identifique? Não levava nada em cima que demonstrasse sua identidade?

-Nada além de uma faca de prata com umas iniciais gravadas. Meleri empalideceu.

-P. W. A. - disse, como se estivesse familiarizada com a faca.

-Sim, essas eram as iniciais. O viu alguma vez?

-É obvio que o vi. Estávamos prometidos. Na Inglaterra é costume fazer um presente a seu prometido em certas datas. Dei-lhe de presente a faca, no Natal passado. As iniciais são Philip William Ashton - ficou em pé, aproximou-se da janela e lançou um olhar ao pátio-. Não lhes haverá... -lhe quebrou a voz. Robert se aproximou dela e lhe pôs as mãos nos ombros. Meleri se voltou.

-Falaste-lhes que o Philip e eu? Do sequestro?



-Não. Só lhes contei o justo, que era um amigo de infância e que tinham estado prometidos, mas que romperam o compromisso de mútuo acordo. Também que tinha vindo a verte.

Meleri suspirou. Voltou-se e apoiou a cabeça no peito do Robert. Este lhe levantou a cabeça e a beijou com força, como se pudesse lhe transmitir assim sua fortaleza.

-Está preparada? -perguntou-lhe.

Meleri inspirou fundo.

-Duvido que ninguém possa estar preparado para algo assim, mas estou resignada. Enquanto não te separe de mim, posso confrontar algo, fazer algo, dizer algo.

-Assim se fala - disse Robert, e voltou a beijá-la.

Desceram as escadas, mas, quando chegaram ao último degrau. Robert a deteve.

-Não será fácil identificá-lo.

-Entendo-o. Sua cara não importa, poderia reconhecê-lo até sem lhe olhar o rosto. Conheço o Philip desde que era menina. Tem uma cicatriz no braço direito de ter quebrado um cristal. Também tem uma fenda no ombro esquerdo de quando Tony o feriu enquanto praticavam o salto de cerca.

-Então, será rápido.

-Espero.

No final, a prece de Meleri foi escutada, porque soube que era Philip antes inclusive de que procurassem as duas cicatrizes que lhes descreveu. Quando retiraram o lençol, levou-se a mão aos lábios e fechou os olhos. Momento mais tarde, recuperou o controle e voltou a olhar o corpo.

-Sim - sussurrou-, é ele. Sempre tinha um cabelo loiro precioso - ficou olhando com solenidade-. Lamento que tenha acabado assim.

Novamente voltou-se e enterrou o rosto no peito do Robert. A suas costas, Walter deu instruções para que voltassem a colocar o corpo sobre o cavalo.

-Está bem, moça? -perguntou Robert.

-Não... Não sei. Sinto muito. Tenho que entrar. Antes que Robert pudesse dizer nada, subiu correndo os degraus e franqueou a soleira.

Agnes estava esperando dentro com um copo de água.

-Toma bebe um pouco. Precisa sentar um momento.

-Não poderia. Agora, não. Não quero estar sozinha - olhou ao redor-. Onde se colocou todo mundo?

-Acredito que foram à igreja. Lady Margaret perguntou se queria ir. Disse-lhe que não sabia, porque não tinha dormido em seu quarto. Ofereci-me a perguntar se queria ir com eles, mas disse que não devia incomodá-la.



-Menos mal que não fui - Meleri olhou pela janela e viu afastar-se ao xerife e a seus homens-. O xerife já vai partir - disse e, para ouvir um ruído a suas costas, voltou-se e viu lady Margaret descendo pela escada.

-O que está acontecendo aqui?

-Robert entrará de um momento ou outro. Ele o explicará tudo.

Agnes abriu a porta justo quando Robert subia o último degrau.

-Como te encontra? -perguntou Robert ao ver Meleri.

-Muito melhor.

Olhou a sua avó.

-Onde estão Iain e Hugh? Quero falar com eles.

-Na igreja, onde deveriam estar todos os bons presbiterianos. Hoje é domingo, ou o esqueceste? Robert se esfregou os olhos.

-Se te for sincero, não tive muito tempo para pensar que dia é - respondeu.

-Quem era esse homem? -perguntou lady Margaret-. Por que Meleri teve que sair fora contigo?

Robert lançou um olhar a Meleri, e esta se encolheu de ombros.

-Hei-lhe dito que você o explicaria tudo quando entrasse.

Robert pegou do braço a sua esposa e a sua avó e as conduziu pelo corredor até a biblioteca.

-É uma longa história e é melhor que esteja sentada para ouvi-la.

Assim que as duas se acomodaram, Robert falou com sua avó do Philip, sem omitir nenhum detalhe.

Quando terminou, lady Margaret guardou silêncio uns momentos, como se estivesse sopesando suas palavras.

-À luz do que há dito, não posso evitar me alegrar de que sua morte tenha sido um acidente.

-Disso queria te falar - disse Robert.

A expressão de sua avó se tornou mais séria.

-Há algo que não me tenha dito?

-Sim, havia algumas moedas junto ao corpo.

-Lhe teriam caído do bolso. Não sei o que tem isso de estranho - disse lady Margaret.

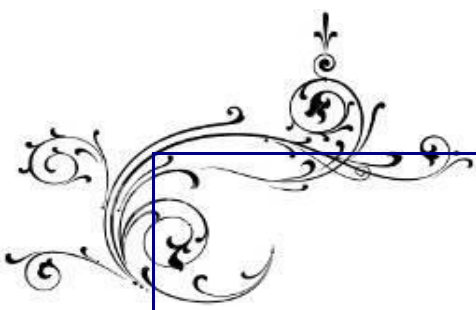
-Eram moedas antigas, muito antigas, do reinado do David II.

-Quer dizer, do século XIV, iguais as minhas.

-Sim, eram iguais, mas estas estavam muito melhor conservadas. Até se podia ler a inscrição. Ihc au-tem transiens per médium illorum ibat.

-Mas Jesus, passando através deles, seguiu seu caminho - disse Meleri.

-Mas Jesus, passando em meio deles, seguiu seu caminho - corrigiu-a Robert-. Seu latim é muito bom.



-O teu melhor - o sorriso de Meleri desapareceu e seu olhar se tornou séria-. O que têm as moedas que se preocupam?

-Não são só as moedas, Também havia uma adaga com punho de marfim - apartou-se o espartilho e tirou a arma da cintura. Ficou olhando o intrincado adorno de volutas e o nome inscrito na lâmina.

-Douglas o Bom - leu, e passou a adaga a sua avó-. O que te parece?

-Não o tinha visto nunca -deu-lhe a volta e o estudou de todos os ângulos -. Parece autêntico, porque é evidente que é muito antigo -o devolveu a Robert.

-Onde o encontraram?

-Não o encontraram. Desencravei-o de uma árvore enquanto me aproximava do corpo. Surpreende-me que ninguém mais a tivesse visto.

Meleri proferiu uma exclamação.

-Não lhes há dito que a tinha encontrado?

-Não.

-Por quê? -perguntou.

-Ao ver o nome do Douglas, pareceu-me melhor não dizer nada. Sabia que não era minha adaga, e também que não pertencia nem ao Iain nem ao Hugh. Mas sim sabia que nos traria problemas.

-Sim - concordou lady Margaret-. Poderia ser fonte de numerosos problemas.

-Para cúmulo, não estava seguro de que tivesse algo que ver com o ocorrido. Poderia ter parecido nessa árvore centenas de anos sem que ninguém se desse conta.

-Ou poderiam havê-lo deixado ali como sinal -sugeriu a avó.

-Me passou pela cabeça - reconheceu Robert.

-Como sinal? - Meleri se aproximou ao bordo da cadeira.

-Um sinal deixado pelo conde desaparecido.

-Isso não é possível - disse Meleri-. Disse-me que Douglas o Bom tinha sido assassinado na Espanha e que seu sobrinho, William, foi o primeiro conde.

-Correto - disse Robert-. James Douglas foi Douglas o Bom.

-Então, como pode William ter a adaga do James?

-Certamente, herdou-o - disse lady Margaret.

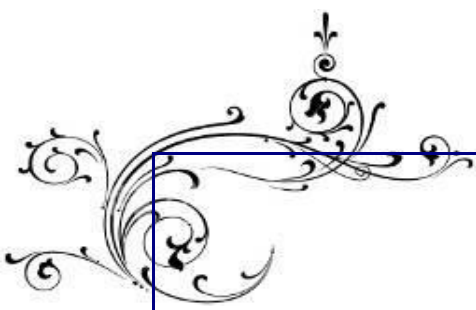
-Então, insinuas que Philip poderia ter sido assassinado pelo conde desaparecido?

-Não é mais que uma explicação que me ocorreu - disse Robert-. Sei que parece absurdo.

Meleri ficou em pé.

-Por fim chegamos a alguma parte! É o primeiro que diz com o que coincido plenamente.

-Está bem - disse Robert-. Vamos supor um pouco. Imaginemos que o fantasma que viu era, em realidade, o fantasma do William, o conde desaparecido.



Supondo que ao aparecer-se a ti, você é quem, segundo ele, teria o coração do autêntico escocês. Supondo que era o homem que viu o primeiro dia, quando Philip te atacou, que o assustou. Supondo que sabia que Philip constituía uma ameaça. Espantou o cavalo de Philip, lhe causando a morte, e deixou as moedas e a adaga como prova. Meleri voltou a sentar-se e levou uma mão à frente.

-Isso é absurdo. Essas coisas não ocorrem. Os fantasmas não vão por aí deixando sinais nem espantando cavalos ou Deus sabe o que.

-Como sabe que não o fazem? -perguntou Robert.

-Eu...

Robert seguiu falando.

-Entendo que seja cética. Eu também o era, a princípio, mas agora não acredito que tudo isto possa atribuir-se a simples casualidade. Há muitas.

-Sim - disse lady Margaret-. Acredito que chegou a hora. Acredito que o velho conde está cansado... Cansado de vagar pelo castelo, de esperar a que se cumpra a lenda. Duvido que fora a permitir que Philip se interpor no caminho da lenda.

-Mas não teriam que aparecer as jóias antes de que isso ocorra? -perguntou Meleri.

-Aparecerão - disse Robert.

-E bem a tempo, menina, bem a tempo - acrescentou lady Margaret-. Devemos esperar e ser pacientes.

Meleri ficou olhando pela janela.

-Ódio esperar! Sério! Não ocorre nada. Ninguém vem ninguém se vai nada se averigua nada se decide. Não imaginam quanto detesto ficar de braços cruzados sem fazer nada. Não sei como alguém pode tolerá-lo. Preferiria algo a isto. Algo!

-Tome cuidado com o que desejas -disse lady Margaret-. Poderia fazer-se realidade.



Capítulo 31

Robert, sua avó e Meleri levavam uma hora na biblioteca quando Iain e Hugh retornaram da igreja com as gêmeas. Assim que entraram, deveriam perceber que algo ia mal, porque Iain se deteve em seco e disse a suas filhas:

-Ides trocar-lhes de vestido.

Cardona e Ciorstag estavam terrivelmente decepcionadas, mas fizeram o que seu pai lhes pedia e saíram da habitação.

Meleri ficou em pé.

-Eu também vou - disse-. Já tivemos muitas mortes e histórias de fantasmas por hoje.

Lady Margaret a imitou.

-Acredito que é hora de minha sesta. Foi um dia exaustivo.

-Sim, também eu gostaria de me deitar um momento - disse Meleri; viu que Iain e Hugh estavam perplexos por aquele comportamento, porque nenhum dos dois sabia o que estava passando-. Robert, você fique aqui e explique tudo.

-E não te importa ficar sozinha? -perguntou Robert.

-Não, não me acontecerá nada, de verdade - dispôs-se a sair da habitação e, quando franqueava a soleira, disse com bastante descaramento-: A fim de contas, o que poderia me passar agora?

Mas enquanto subia pela escada, sentiu uma presença acompanhada de uma rajada de ar frio que parecia segui-la. Quando se voltou, não viu ninguém. "A próxima vez não olharei", disse-se. "Embora faça um frio que corte e o fantasma se aproxime de mim por detrás e me dê um tapinha no ombro. Não olharei".

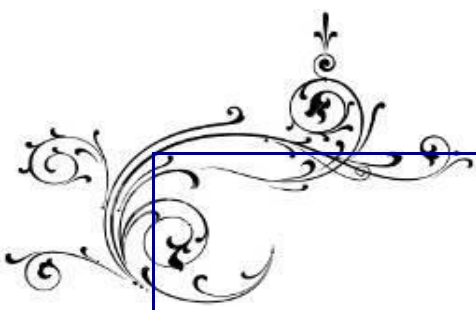
Subiu correndo para seu quarto e fechou a porta. Trancou na fechadura e riu.

-Estou trocando ante meus próprios olhos... De mentecapta a absurda. Aqui estou eu, jogando o fecho à porta para manter a raia a um fantasma. Devo estar perdendo o julgamento. Sim, isso. Ou estou sonhando ou estou perdendo o julgamento - deu-se uma palmada na frente-. Isto começa a ser ridículo. Deixei que todas essas histórias sobre imagens que desaparecem de quadros, lendas, fantasmas e jóias desaparecidas ocupem minha mente. Pois não penso voltá-lo para fazer.

Aproximou-se da cama e se sentou.

-Não voltarei a pensar em nada disto. Não voltarei a olhar esse quadro. Não pensarei no velho conde. Não reviverei essas histórias ou lendas. Não lhes dedicarei nem um minuto de meu tempo. Sei que os fantasmas não existem, nem sequer os bons.

De repente, ondearam as cortinas da janela e uma enorme rajada entrou na habitação, arrastando consigo folhas das árvores do exterior. O vento derrubou um abajur, e esta atirou um vaso de flores ao chão.



De acordo, estava equivocada. Acreditava.

-Deveria te dar vergonha - disse Meleri-. Que tipo de fantasma é? Olhe que tentar assustar a uma mulher que não avulta nem a metade que você quando se supõe que é um fantasma bom! Claro que não sei por que lhe chamam bom. Embora o outro dia me salvasse a vida, estragou-o matando ao Philip. E não tente negá-lo. Sei que foi você e sei que deixou suas lembranças como prova.

Entrou outra rajada, mais forte que a primeira, que cessou de improviso. Tudo fica imóvel e em silêncio. As cortinas voltaram para seu sítio. A suas costas, Meleri ouviu uma grave voz de barítono.

-Eu não o matei.

-Iiiii! Gritou Meleri, e deu um salto de medo. Deu a volta no ar, porque quando voltou a pôr os pés no chão acostumado a estava olhando em direção contrária.

O fantasma borbulhou ante seus olhos.

Estava de pé ao outro lado da cama, ao princípio, mero vapor luminoso, uma neblina verde trêmula que, por fim, cobrou forma sólida. Meleri estava tão aturdida por sua repentina aparição e a maneira em que estava vestido que não disse nada.

-Está notavelmente calada quando faz um momento tinha tanto que dizer. Deduzo por seu silêncio que crie nos fantasmas.

-Não se converte a um homem silenciando-o - declarou Meleri, tratando de parecer insolente-. Nada mais surpreendeste-me. Não tenho por costume receber a fantasmas em minha habitação.

-É tua culpa. Louva fantasmas só vão a quem os busca.

-Eu não te estava procurando. Meleri viu que lhe brilhavam os olhos.

-Sim, moça, buscava-me.

Não era tão velho como tinha imaginado... um homem robusto de média estatura, cabelo preto e rosto severo. Mas eram seus olhos o que a enfeitiçavam, uns olhos azuis, escuros, profundos, formosos. Eram os olhos do Robert.

-Sei quem é. É o velho conde do Douglas.

-Não sou tão velho.

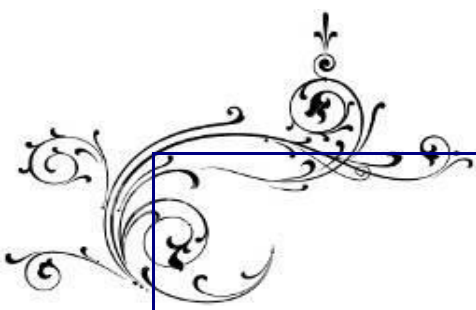
-Não sei por que o diz. Leva morto mais de trezentos anos.

-Um homem não envelhece depois de morrer. Os fantasmas não têm idade.

-Tampouco as mulheres - disse Meleri. E não temos que morrer para ser assim - ficou pensativa um momento-. Devo me referir a ti como o conde desaparecido?

-Isso tampouco eu gosto -disse -. Não desapareci. Sei perfeitamente onde estou.

Meleri o observou com curiosidade, compreendendo de improviso a oportunidade que lhe apresentava. Quantas vezes encontraria um fantasma autêntico ao seu dispor? Poderia lhe fazer todo tipo de perguntas?



-Onde vive agora que não está em seu retrato? Está com a condessa do Sussex no Vão Dyck desaparecido?

O conde riu.

-Essa galega!

Meleri ficou rígida para ouvir essas palavras.

-Há coisas piores que ser uma galega - disse com soma beatitude.

-Diga uma.

-Ser escocês.

O fantasma voltou a rir.

-Tem uma mente ágil, moça. Foi uma hipótese interessante, embora incorreta. A condessa e eu não nos aguentávamos. Não podia passar cinco minutos na mesma habitação que ela quando estava vivo assim por que queria passar trezentos anos embutido em um pequeno tecido a seu lado?

-O que quer dizer com que não mataste ao Philip?

-Foi um acidente.

-Foi um acidente provocado por ti, assim foi tua culpa.

-Estudou para ser advogado no Edimburgo, né?

-Não faz falta ser advogado para somar dois mais dois.

-Um acidente significa que ninguém tem a culpa. Se tivesse querido matá-lo teria feito com uma estocada.

-Deixou-te a espada em minha habitação esse dia, ou o esqueceste? E foi você quem espantou ao cavalo.

-Sim, mas não era minha intenção assassinar a Waverly. Queria afastá-lo de ti e deste lugar, assustá-lo bastante para que fugisse a Inglaterra, onde devia estar. Quando seu cavalo tentou fugir, esporeou ao pobre animal sem compaixão. Este ficou de mãos e o derrubou. Ficou enganchado o pé no estribo. O resto já sabe.

-Tentou salvá-lo?

-Quer que Waverly volte?

-Não, mas isso não significa que o queira morto.

-Moça, oscila mais que uma vareta. Ou está no Glasgow ou no Edimburgo.

-Não respondeste a minha pergunta. Tentou salvá-lo?

-É obvio que não.

-Por que não?

-Sou um fantasma, não Deus. Não posso interferir no destino.

-Mas acaba de dizer que poderia havê-lo matado com sua espada.

-Sim, poderia... Se esse tivesse sido seu destino.

-Como sabe quando algo é o destino de alguém e quando não?

-Sei.

-Poderia ser mais impreciso?

-A imprecisão é a natureza da grandeza.



Meleri tamborilou com os dedos sobre uma mesa próxima.

-Que sorte a minha. Me aparece um fantasma que é tão presumido como orgulhoso.

-É descarada, moça... Não está marcada pelo acanhamento nem a modéstia. Nem você gosta de mostrar respeito.

-Nunca sentei inclinação pela humildade. Sempre que reflito em minhas imperfeições, parecem-me doces e inocentes... Pequenos atributos encantadores, em realidade. Absolutamente parecidas com as escandalosas imperfeições que vejo em outros.

Pareceu regozijá-lo sua resposta, e Meleri se surpreendeu pensando: "Aqui estou eu falando com um fantasma como se fora um velho amigo". Deveria estar aterrada, mas o que sentia era uma estranha curiosidade.

-Você gosta de ser um fantasma?

-Tem suas vantagens.

-Por exemplo?

-Não tem que abrir as portas. Nunca lhe doem os pés.

Meleri rompeu a rir. Era escocês dos pés à cabeça, obstinado e provocador em alguns sentidos, possuidor de um engenho picante e decidido a chegar à medula de qualquer assunto. Até parecia escocês, com sua imponente cabeça, atitude de ave de jóia e olhos de águia. Claro que todo aquilo era absurdo. Ela estava sonhando. Tudo era fruto de sua imaginação. De repente, fechou os olhos e se levou os dedos às têmporas.

-Ai, não sei por que faço isto!

-O que?

Baixou os braços e o olhou.

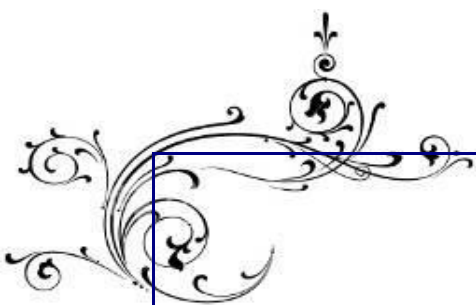
-Dir-te-ei o que estou fazendo. Estou aqui de pé como uma boba, mantendo uma conversação com alguém que tem morto trezentos anos - começou a dar voltas pela habitação-. Isto não está passando, é impossível. Não posso estar falando com um fantasma. Os fantasmas não existem. Você não existe.

O fantasma não respondeu, e quando Meleri voltou a cabeça, já não estava.

O vento voltou a penetrar na habitação, conduzindo folhas, como antes, só que naquela ocasião pareceu lhe esvaziar os pulmões e a deixou levemente enjoada. Meleri tomou ar com dificuldade se dirigiu à cama com dossel. Não tinha feito mais que sentar-se quando a envolveu a escuridão.

Quando despertou, estava caída sobre a cama, contemplando o dossel gasto. Passeou o olhar pela habitação. Não havia folhas no chão. O abajur estava na mesinha, junto à cama. As flores, no vaso da mesa de diante da janela, intacto. Tudo estava igual a antes.

E, entretanto, algo tinha trocado.



Capítulo 32

Robert seguia na biblioteca, falando com o Hugh e com o Iain. Estava a metade de frase quando lady Margaret entrou na habitação, tão régia como sempre, apesar das dificuldades e o sofrimento que tinha experiente em sua vida. Robert a viu tomar assento, como tantas outras vezes, e se surpreendeu pensando que nunca tinha admirado a ninguém como a admirava a ela. Era uma mulher notável, uma autêntica aristocrata. E, por desgrça, devia contemplar com impotência como envelhecia.

Mas naquele dia lady Margaret não parecia estar envelhecendo, porque assim que se sentou, lançou um olhar aos três homens e disse:

-Céus, esta deve ser uma conversação muito sombria. Vi gárgulas mais alegres que vós.

-Pensava que foste descansar, avó - disse Iain.

-E o tentei. Tenho insônia.

-O que precisa é dormir - disse Hugh.

-Seriamente? -lady Margaret arqueou uma sobrancelha -. Não sei como não me tinha ocorrido.

Todo mundo estava rindo do comentário de Hugh quando Meleri entrou correndo na biblioteca como se estivesse fugindo do incêndio de Londres. Fechou a porta a suas costas e se recostou nela enquanto dizia entre ofegos:

-Quanto me alegro de lhes ver todos vivinhos e abanando o rabo.

-Estou seguro de que todos compartilham da mesma opinião a respeito - disse Iain.

-Céus, menina, parece que tivesse visto um fantasma - comentou lady Margaret.

-Não diga isso!

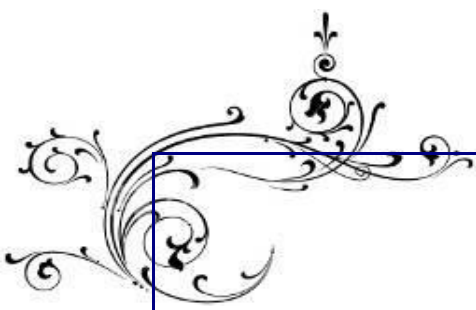
Lady Margaret se inclinou para trás.

-Por que não?

-Porque vi um fantasma. E falei com ele.

Imediatamente, estalou a conversação, cheia de engenhosas conjeturas, umas quantas hipóteses, uma especulação e um par de hipótese. Depois, Meleri foi acoçada a perguntas e petições de que não omitisse nenhum detalhe. Fez o possível, e o explicou tudo com voluntarioso entusiasmo.

Ao vê-la com os olhos muito abertos e expressão fervente, Robert pensou que estava mais entusiasmada que afetada, o qual era uma estranha reação para alguém que acabava de ver um fantasma.



A conversa já se acalmou quando Robert perguntou:

-Mencionou-lhe o sequestro?

-Disse que ele não tinha matado ao Philip.

Hugh ficou perplexo.

-Como pôde dizer isso? As moedas e a adaga... Deviam ser deles. Como pôde negá-lo?

-Não o negou. É o fantasma mais sincero que conheço... Embora não conheci a nenhum outro... Bom, todo mundo sabe. Mas, sim, não tentou negar nada. Possivelmente haja um código de honra para fantasmas.

-Meleri, quer te ater aos fatos? -pediu-lhe Robert.

Ela assentiu e seguiu dando detalhe de como o conde só tinha querido assustar a Philip para que se fora, e de como seu cavalo se assustou.

-Philip o esporeou sem piedade, até que o pobre animal ficou sem controle. Philip caiu da cadeira, mas ficou com o pé enganchado no estribo. Já conhecem o resto.

-Bom, já está - exclamou lady Margaret-. Nosso antepassado ficou livre de todo mal.

-Não fez nenhuma menção às jóias? -perguntou Iain.

Ela o negou com a cabeça.

-Não. Estávamos muito ocupados mantendo diferenças. É um pouco teimoso e o homem mais obstinado que conheço. Entendo como chegou a fazer-se fantasma. É muito obstinado para morrer.

-E não falaram de nada mais? -perguntou Hugh.

-É obvio. Não se pode fazer outra coisa com um fantasma, sabe? Perguntei-lhe se gostava de ser fantasma.

Hugh riu.

-Não!

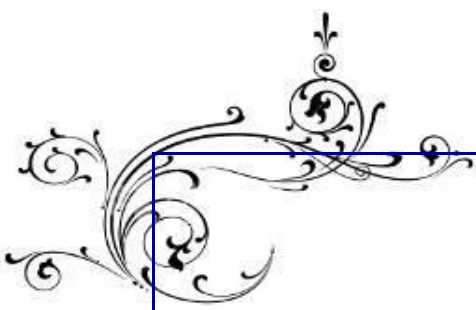
-É obvio que o perguntei. Sentia curiosidade. Como ia, ou seja, o se não?

Hugh ria com tantas vontades que logo que podia mover-se, mas conseguiu dizer:

-Me diga que isto não está ocorrendo.

Robert seguia de pé junto à chaminé, pensando na atuação de Meleri, porque era uma atuação. Compreendeu de improviso que não estava fazendo-os rir por acaso: estava fazendo o possível por impedir que uma situação grave se convertesse em outra tragédia dos Douglas.

E, para falar a verdade, Robert não podia recordar um momento em que tivesse desfrutado mais a ouvindo.



Capítulo 33

Quando Meleri foi deitar-se essa noite, entrou em sua habitação só depois de dizer ao Robert:

-Se estiver comigo, estou segura de que o fantasma não virá.

Permaneceu caída na cama por um longo tempo antes de conciliar o sonho, confiando em que o conde se apresentasse. À manhã seguinte, quando despertou, sentiu em dobro a decepção. Por um lado, porque poderia ter dormido com seu marido, que era imensamente melhor que dormir sozinha. Por outro, porque o conde não tinha aparecido.

-Poderia me haver feito saber que não foste vir - disse em voz alta-. Foi uma grosseria por sua parte. Estou segura de que sabia que estava te esperando. Se tiver ferido seus sentimentos porque não acreditei em ti o sinto. Mas deve compreender que isto não foi mais fácil para ti que para mim. Não estou acostumado a tropeçar com um fantasma todos os dias. E isto é tudo o que tenho que dizer a respeito.

Chamou Agnes e se dirigiu a sua penteadeira para desembaraçar o cabelo. Foi então quando advertiu que faltava sua escova de prata. Possivelmente Agnes o tivesse trocado de lugar, pensou, assim que o perguntou enquanto tomava o pente.

-Não, milady. Não tenho nem ideia de onde pode estar. Ainda perplexa Meleri desceu para tomar o café da manhã.

À manhã seguinte, a escova voltava a estar em seu lugar de costume, sobre a mesa da penteadeira. O que tinha desaparecido era a miniatura de sua mãe. Ao terceiro dia, o conde seguia sem reaparecer, mas a miniatura de sua mãe estava outra vez no seu lugar, e a vasilha de barbear de um cavalheiro descansava ali onde tinha estado seu pendente de ouro.

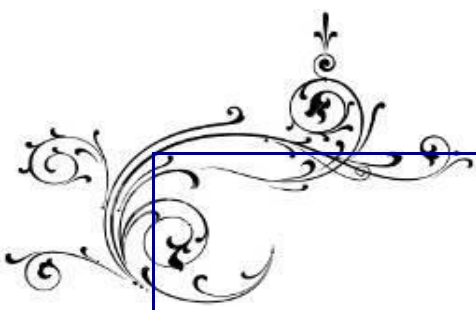
Estava passando algo estranho, Meleri sabia, assim foi averiguar de quem era a vasilha. Tanto Iain como Hugh disseram que não lhes pertencia. Portanto, só podia ser do Robert.

Foi procurá-lo e averiguou que estava na sala de estar... Um lugar estranho, já que fazia tempo que não se usava. Bateu na porta.

-Entre.

Sustentando a vasilha, entrou na habitação e fechou a porta. Robert se encontrava de pé junto à janela, ao lado de uma ampla mesa coberta de papéis. Não muito longe havia uma janela aberta, e a brisa se filtrava e agitava os papéis. Todos os móveis, salvo a mesa, estavam talheres de lençóis brancos. Quando levantou a vista e a viu, Robert pareceu surpreender-se.

-Meleri, o que faz aqui?



-Vinha a sua procura... Queria saber se isto é teu - mostrou-lhe a vasilha. Robert se aproximou e se deteve a escassos centímetros de distância.

-Sim, de onde a tiraste?

Explicou-lhe como tinham estado aparecendo e desaparecendo objetos em sua habitação e que, aquele dia, tinha-lhe desaparecido o pendente e que a vasilha se encontrava em seu lugar.

Robert levava uma jaqueta negra de corte impecável um tanto gasta, mas que lhe a sentava maravilhas.

-Um pendente desaparecido... -deixou a vasilha e meteu a mão na jaqueta para tirá-lo -. Não será este, por acaso?

-Sim, imagino que o encontraste em lugar da vasilha.

-Exato - disse Robert. Levantou a mão para tomar um brilhante cacho avermelhado e o esfregou entre os dedos. Ao fazê-lo, deslizou o olhar ociosamente pelo corpo do Meleri e logo a posou em seu rosto ruborizado. Desdobrou um sorriso lento, provocadora e, céus, tão sensual...

-Obrigado pelo pendente. Era de minha mãe. Detestaria perdê-lo.

Robert soltou o cacho que sustentava.

-Me permita - tomou o pendente da mão -. Deu a volta.

Meleri sentiu pegando fogo ao contato de Robert enquanto lhe grampeava o pendente. Quando terminou, não retirou as mãos, mas sim as deixou apoiadas em seus ombros.

-Ontem à noite senti sua falta.

-E eu de ti.

-Suponho que será melhor que vá, para que possa terminar o que estava fazendo - fez gesto de partir, mas ele a sujeitou com mais força.

-Não há pressa. Interessa-me saber por que seu amigo está recolhendo objetos e trocando os de habitação.

-Não sei. Acredito que me está fazendo saber que segue por aqui e, ao não aparecer, que segue contrariado comigo.

Robert a beijou no ombro e prolongou a carícia pelo pescoço até o outro ombro.

-É um pouco petulante, não?

-Felizmente, é antepassado teu, não meu - disse Meleri -. O que crê que deveria fazer?

-Jamais pensei que teria que engenhar uma maneira de agradar a um fantasma carrancudo.

-Ah, uma ideia maravilhosa! -exclamou Meleri e, esquecendo onde estava, deu-se a volta e lhe rodeou o pescoço com os braços. Pensava lhe dar um beijo fraternal na bochecha em sinal de gratidão, mas, quando quis dar-se conta, Robert a estava abraçando -. Preciso pensar e não posso quando faz isto.



-Então, não pense - disse Robert-. Sente - baixou a cabeça e a beijou nos lábios, ao tempo que afundava os dedos nos cachos de sua juba. Saqueou a boca de Meleri com suas carícias e a deixou desejando mais, mas, mesmo assim, ela tentou apartar-se dele. Em resposta, Robert deslizou a palma da mão à parte inferior das costas do Meleri e a apertou contra ele. Meleri fechou os olhos com a intenção de fazer como se ele não estivesse, mas não funcionou. Robert conhecia muitas maneiras de dar a conhecer sua presença. Movia as mãos a vontade, vagando, detendo-se, descobrindo, até que Meleri compreendeu que estava, compostas de muitas colinas. Por não falar das mais sensíveis.

-Te ocorreu algo já? - perguntou Robert em um suave murmúrio.

-Não, preciso ir a outra parte para pensar. Não posso fazê-lo aqui. Distrai-me.

-Não pode ir. Agora mesmo, deveria me dizer que você gosta do que estou fazendo.

-E se disser que não?

-Alegria que seu corpo me diz o contrário. Captei um indício ou dois, uma leve reação -apertou-a contra ele- aí. Você também a há sentido, verdade?

Meleri estava pensando em uma resposta engenhosa quando ele começou a lhe beijar a cara, como se fora cego e estivesse aprendendo onde estava tudo pelo tato.

-Deveria me deixar pensar em seu contumaz antepassado. Intento te ajudar a encontrar as jóias, sabe?

-Então, me deixe te agradecer como é devido - rodeou-a brandamente com os braços e lhe beijou os pontos principais do rosto; depois, beijou-a na boca em profundidade. Enquanto ela se estremecia de prazer, Robert a apertou contra seu peito.

-Eu gosto de te sentir - sussurrou Robert, e lhe beijou a curva do pescoço, justo por debaixo da orelha-, E me dá gosto te cheirar -beijou-a na bochecha-. Vamos ver se eu gosto de te saborear.

O contato sedoso de sua boca sobre a dela a desarmou. Pensou que aquilo era o que tinha desejado desde dia de suas bodas... uns poucos momentos a sós para tocá-lo e beijá-lo, para descobrir de forma íntima. Estava impaciente. Ele, ainda mais. Robert a compensava por todos os beijos que deveria ter recebido, por todas as tenras carícias e olhares de desejo de que tinha estado privada.

Robert lhe deu a mão e a conduziu ao sofá. Deteve-se o tempo suficiente para retirar o lençol; depois, deitou-se debaixo dele.

-Assim está melhor - disse, com a mão posta no peito de Meleri-. Poderia me acostumar a isto todas as tardes - beijou-a uma e outra vez, até lhe deixar os lábios cheios. Sem deixar de acariciá-la, começou a lhe desabotoar o vestido.

-Crê que deveríamos fazer isto aqui? -perguntou Meleri.

-Cala. Aqui não vem ninguém nunca - disse, e voltou a jogar mão aos botões.



Abriu-lhe o vestido, e estava abrindo-se caminho com os lábios quando ouviram vozes ao outro lado da porta. Meleri proferiu uma exclamação.

-OH, não!

-Não passa nada - disse, e os cobriu por inteiro com o lençol-. Não é mais que alguém passando por diante.

Ouviu-se o rangido da porta ao abrir-se e a voz de lady Margaret.

-Esse lençol de linho servirá para fazer uns aventais, e é o bastante grande para lhes fazer um a cada uma.

Meleri ficou imóvel. Debaixo dela, Robert estava movendo a perna. Aproximou a boca a seu ouvido e sussurrou em voz baixa.

-Não te mova! O que faz?

-Intento colocar o pé sob o lençol. Vê-me - e voltou a movê-lo.

Meleri não tinha rezado com tanto ardor na vida.

-Avó, olhe! Está-se movendo algo no sofá - disse uma das gêmeas.

-Onde, menina?

Robert deixou de mover-se. Meleri conteve o fôlego.

-Ali, nesse sofá.

-Eu não vejo que se esteja movendo nada. Terá sido uma corrente de ar.

-As correntes não têm pés.

-Santo Céu! Será outro homem morto? O lençol foi arranco de repente.

Meleri e Robert ficaram olhando lady Margaret como dois olhos piscando ante um foco luminoso. As gêmeas, que a flanqueavam, olhavam-nos com idêntica surpresa.

-Olá - disse Meleri.

-Pode-se saber o que estão fazendo aqui? - perguntou lady Margaret.

-De verdade tem que perguntá-lo? -disse Robert-. Tanto tempo passou?

-Sim - respondeu lady Margaret-, passou muito tempo, mas acabam de me refrescar a memória. Digam-me, por que aqui?

-Tentávamos desfrutar de um pouco de intimidade - respondeu Robert.

-Lhes cobrindo a cabeça com um lençol?

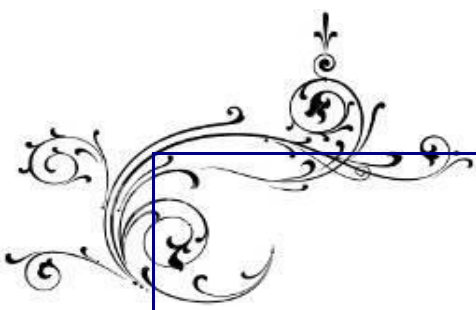
-Ouvimos-lhe no corredor - disse, e ficou em pé-. Pareceu-me uma boa maneira de passar despercebido.

-Se quer passar despercebido, não te esconda debaixo de um lençol na sala de estar.

Meleri se estava ajustando a roupa quando Robert ficou em pé e atirou dela. Meleri levou o lençol com uma mão e, quando se dirigiam à porta, tropeçou com ela. A segunda vez que ocorreu, os dois perderam o controle. Incapazes de manter o semblante grave, a habitação não demorou a encher-se de risadas.

-Preocupa-me, Robert - disse lady Margaret-. De verdade.

-Por fim! -exclamou Robert quando chegaram a sua habitação.



Quando o viu pôr a mão no pomo, a Meleri pulsava o coração com vigorosa espera. Tremia de excitação, feliz de não seguir sendo inexperiente. Sabia o que esperar. Desejava-o. Quando viu que Robert abria a porta, entrou na habitação. Ele tomou em braços.

-No que estava pensando?

Meleri apoiou a frente no peito do Robert.

-Estava imaginando isto.

Robert riu entre dentes e lhe levantou o queixo.

-Não tem que te envergonhar. Todos somos criaturas do desejo. Levo dias reprimindo minha imaginação.

Havia algo maravilhoso nesse homem que sabia fazer rir, pensou Meleri.

Começaram a despir-se, mas ela parecia ter os dedos atrofiados. Robert já se tirou as botas e Meleri ainda não tinha localizado os botões. Robert deveu dar-se conta, porque perguntou:

-O que acontece?

Meleri encontrou um botão e lutou com ele um minuto.

-Acredito que perdi a casa. Robert riu.

-Veem aqui e te ajudarei.

Com mãos serenas começou a despi-la, mas não demorou em frustrar-se. A causa era a dúzia de minúsculos botões que movia entre seus poderosos dedos.

-Tem que ter a paciência do Job para fazer isto todos os dias.

-De Jô ou de Agnes - disse Meleri.

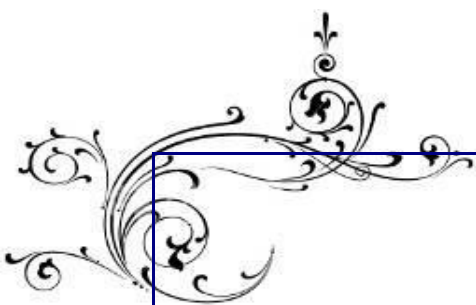
-Louvado seja Deus! -exclamou com entusiasmo quando desabotoou o último botão.

Os dois riram e ela começou a lhe retirar o espartilho dos ombros. A camisa caiu depois, e Meleri em um momento começou a acariciá-lo com as mãos, para descobrir a textura e o tato de seu corpo. Era mais terno e suave do que tinha esperado em um homem. Perguntou-se como seria o resto de seu corpo e seguiu adiante, lhe desabotoando as calças e baixando-lhe até o chão. Quando ainda estava em sua cueca, levantou a vista, mas não chegou a lhe ver a cara, porque algo acima de sua cabeça chamou a atenção.

-Uma leve distração - disse Robert-. Atemoriza-te?

-Ao contrário, estou fascinada. Nunca tinha visto um cara a cara.

Robert voltou a rir. Depois, levantou-a e a apertou contra ele. Picada pela curiosidade, Meleri deslizou as mãos para baixo. Robert emitiu um pequeno gemido e, procurando a boca dela, contentou-se durante um tempo somente beijando-a e dar rédea solta a suas mãos. Meleri adivinhou em que momento estava preparado para passar a outra coisa, e pensou que estavam equilibrados, porque ela também estava preparada. Proferiu uma exclamação de surpresa quando, de repente, Robert a levantou em braços e a levou a cama, onde se sentou, ainda sustentando-a. Inclinou-



se para trás sobre o colchão e ela se colocou em cima dele. Meleri baixou a cabeça e o beijou consciente da crescente agitação na respiração do Robert.

-Eu gosto mais quando você estava em cima - disse-lhe.

Robert rodou sobre a cama e a colocou debaixo.

-A mim também. Diga-me se te pesar muito.

Meleri respondeu lhe baixando a cabeça para beijá-lo. Não demoraram a unir-se. Juntos por fim, ao uníssonos, compartilhando, tocando, sabendo que haveria muitos mais momentos como aquele e que, mesmo assim, nunca seriam suficientes.

Mais tarde, quando alcançaram uma sensação tranquila de união e permaneciam tombados em silêncio, com os corpos ainda entrelaçados, ela o beijou no ombro. Apertou-lhe a mão.

-Sabe uma coisa? -disse Robert.

-O que?

-Jamais pensei que sentiria isto por ninguém. Sabia que me casaria que possivelmente me apaixonaria. Mas não até este ponto e com esta intensidade.

-Eu sempre ouvi falar do amor mas nunca o presenciei -disse Meleri-. Começava a duvidar de sua existência.

-Igual a mim. Agora sei que o amor é tão maravilhoso como dizem. Não é algo que se possa ensinar. Só chega amando e, ao final, arrisca-o tudo para tê-lo. Tudo parece mais formoso quando se vê com olhos de apaixonado. Vale o resgate de um rei, a espera, a luta, inclusive a morte. O melhor é que é um presente. Somos livres de dá-lo, de recebê-lo, de nos inundar nele se nos agrada. Podemos escrever, falar, pensar e cantar sobre o amor. Podemos dá-lo, mas não podemos exigí-lo. Assim que deixa de ser livre, deixa de existir.

-Que formoso -disse Meleri -. Quem te ensinou tantas coisas sobre o amor?

-Você.

Tempo depois aquele mesmo dia. Os homens levaram aos cães a caçar. Aos poucos, lady Margaret partiu com as gêmeas, porque tinha prometido às levar a casa de sua amiga Jane Graham. Meleri estava em seu quarto, falando com Agnes sobre a ideia do Robert de agradar ao fantasma.

-Isso é precisamente o que devo fazer. Só que, como agrada um a um fantasma?

-Não tenho nem ideia, milady mas confio em que encontre a maneira.

-Alguma ideia?

-Não, milady. Só sei uma coisa sobre os fantasmas, e é que devo sair correndo se alguma vez me encontro com um.

Agnes, com seu falatório, era uma distração, assim Meleri decidiu levar uma taça de chá à sala de estar para pensar ali. O que aplacaria ao conde? Repetia-se uma e outra vez. O que respeitava? O que o impressionava?

"A valentia".



A palavra surgiu em sua cabeça sem mais. Entrou correndo na sala de estar, tomou um papel e molhou a pluma com a tinta, depois, escreveu a palavra "valentia". Debaixo, tomou nota de algumas coisas que podia fazer para demonstrar sua valentia.

1. Ordenhar uma vaca. Davam-lhe medo as vacas, porque uma lhe tinha dado um coice de pequena.

2. Montar um cavalo em pelo. Mas era mais absurdo que valente.

3. Passar a noite em um cemitério. Felizmente, Robert jamais o permitiria.

4. Caminhar pelos parapeitos que rodeavam a asa mais antiga do castelo.

Aquela a riscou imediatamente. Havia coisas que nem sequer ia considerar.

Voltou a ler a lista e concluiu que não pareciam façanhas muito notáveis.

Compreendeu que não estava chegando a nenhuma parte, assim que lhe deu a volta ao papel e começou a fazer uma lista de coisas que não gostavam de fazer, coisas que lhe davam medo, mas só lhe ocorria uma coisa. Havia um único lugar no castelo que fugia. Um lugar que não tinha o menor desejo de ver, um lugar que lhe dava pavor.

"As masmorras".

-Está bem! - exclamou -. Você ganhou velho fantasma de homem obstinado!



Capítulo 34

Vestiu uma roupa de frio, recordando que as masmorras eram frias e úmidas. Quando terminou de fechar o vestido azul escuro de mangas longas, jogou-se um chalé de lã cinza sobre os ombros.

-Está bem. Estará contente, ganhaste. Vou para lá, mas lhe advirto isso. Se morrer ali abaixo, será tua culpa. Não sei por que não pôde escolher os jardins ou algo mais sensato - saiu de sua habitação e baixou a escada.

Estava percorrendo a larga galeria, ainda incapaz de conter-se.

-De todas as pessoas teimosas, obstinadas, persistentes, teimosas e inflexíveis que conheci você é o primeiro da lista.

A seu lado, um quadro caiu ao chão.

-Não me importa - disse Meleri-. Atira-os todos e já verá se me incomoda.

Cinco de seis retratos caíram ao chão um após o outro.

-Esqueceste-te um.

Caiu o último.

Seguiu caminhando em silêncio, lhe fazendo saber que ela tampouco estava muito contente com ele. Ao passar junto à sala de estar, o relógio do suporte deu as seis e olhou pela janela. O sol já começava a baixar e Robert e lady Margaret não demorariam em aparecer. Teria que ir depressa se quisesse estar de volta para o jantar.

Por sorte, chegou à grossa porta de carvalho que dava à estreita escada de caracol que conduzia às masmorras sem tropeçar com nenhum membro do serviço. A porta não foi feita para que uma pessoa de seu tamanho pudesse abri-la, e lhe custou trabalho, mas, depois de várias tentativas, obteve-o. Envolveu-a uma rajada de ar viciado e frio, e permaneceu imóvel, com os olhos fechados, confiando em recuperar a compostura. Pronunciou uma reza antes de descender os altos degraus que se abriam como mandíbulas dispostas a consumi-la.

As masmorras.

Resultava um tanto angustiante descer a um lugar como aquele, já que encarnava a insensibilidade de almas desumanizadas, o sofrimento humano e a dor, grotescas torturas... E tudo por um ganho impreciso, algum que outro reconhecimento, réplica ou castigo. E, ao final, para que? Já todos estavam mortos. Meleri subiu a chama do abajur que levava consigo consciente de que a necessitaria para iluminar o caminho pelas escuras profundidades. Inspirando fundo, sustentou-a no alto e pisou com cuidado, porque as pedras estavam úmidas e escorregadias pela umidade e os séculos. O ar se voltava mais frio à medida que descendia e lhe estavam gelando os pés, pois não pôs uns sapatos mais quentes.



Mesmo assim seguiu descendo, e encontrou numerosas teias de aranhas que, como veias, cobriam as pedras. Ao princípio, não eram mais que fios de gaze, tão finos e pálidos que brilhavam quando a luz os iluminava, mas, pouco a pouco, fizeram-se mais grossas, cruzavam as paredes e lhe prendiam no cabelo e as pestanas, como uma advertência de que retrocedesse. Meleri as apartou com a mão e seguiu avançando. Para então, já estava acostumando-se à escuridão, e via que já quase tinha chegado ao final da escada. Ouvia um ruído e um rato se afastou dela.

As masmorras.

Tinha deixado atrás o mundo conhecido. Invadiu-a certo desespero, a sensação de estar separada. Estava verdadeiramente assustada, não só por seu medo à escuridão, mas também pelo de estar isolada, completamente sozinha. Era uma sensação terrível, como a lembrança angustiante de ter permanecido encerrada em um armário por culpa de uma donzela demente. Sentia-se tão desolada como durante aquele castigo quando, abraçando os joelhos, gritou, chamando a sua mãe, temerosa de seguir sem ela, de morrer, de ficar só e esquecida.

Tinha medo das correrias que ouvia, da escuridão que a envolvia, de que um espantoso terror a aguardasse no final daqueles degraus fatídicos. Por fim, chegou ao último e se encontrou em um passadiço mais amplo que a sua vez se abria a uma espaçosa sala. Devia ser a sala de torturas, porque jamais tinha visto nada mais odioso e espantoso.

Dos numerosos métodos para surrupiar informação ou infligir castigo só podia identificar prensa, onde os prisioneiros eram esmagados até morrer de forma lenta e agônica. Em um canto se empilhavam espadas rotas e folhas de tochas, escudos de couro podres e cascos amolgados. Penduradas nas paredes havia numerosas algemas, cadeias e instrumentos de tortura, muito horríveis para pensar sequer neles. Meleri passou rapidamente aquela horrível exposição e se deteve ante uma porta maior. Estava fechada, mas havia uma pesada chave oxidada pendurada em um gancho na parede, e pôde abri-la. Guardou a chave no bolso, no caso da porta se fechava atrás dela, e entrou.

Encontrava-se em uma habitação mais espaçosa que continha cinco ou seis celas pequenas, cada uma com uma grossa porta de carvalho e uma boa fechadura. Seu temor parecia surgir da escuridão como uma garra para agarrá-la. Estava gelada.

Em algum lugar do imenso silêncio que se estendia a suas costas, ouviu o arrasto de uma cadeia, depois, os leves acordes de uma melodia de gaita de fole, e soube que seu suscetível fantasma estava anunciando sua aparição. Avistou um banco gasto pego a uma parede, dirigiu-se a ele e se sentou. Deixou o abajur a um lado. Não sabia quanto tempo teria que esperar, mas estava ficando sem azeite. Jamais poderia encontrar a saída na escuridão.

Meleri estava a ponto de gritar, de lhe dizer o que pensava de sua suscetibilidade quando de repente, uma neblina verde entrou pela porta às escuras.



Girou e se retorceu, fazendo-se mais ligeira enquanto se aproximava, até que começou a cobrar forma e Meleri viu que se materializava uma figura humana.

O fantasma estava olhando com curiosidade e regozijo, e Meleri suspirou de alívio.

-Não sabe quanto me alegro de verte.

Ele se plantou com os pés separados e os braços cruzados sobre seu enorme peito.

-Bom, moça, quem haveria dito que te encontraria aqui, e sozinha.

-Sim - disse Meleri, tremendo e esfregando-os braços-, imagine qual foi minha surpresa ao te encontrar a ti também aqui.

-Não teve medo?

-Sim, e sabe. Até meus próprios batimentos do coração me causavam sobressalto - olhou ao redor-. É um lugar horripilante, impregnado de muita morte e sofrimento para meu gosto. Jamais me teria ocorrido vir.

-Então, o que faz aqui?

-Como que o que faço aqui? Estamos jogando às adivinhações? Sabe por que estou aqui. Porque estivesse esperando a que me ocorresse baixar aqui. Queria que viesse porque sabia que me dava medo a escuridão. Bom, pois aqui me tem.

-É uma moça muito valente.

-Então, era uma espécie de prova? Uma provocação que devia confrontar?

-Sim, foi uma espécie de prova.

-E tenho satisfeito suas expectativas ou devo fazer algo mais? Escalar uma montanha, talvez, ou nadar em um lago cheio de monstros?

-É uma moça como nenhuma, sempre pondo a prova o sentido do valor. Mas superaste o desafio. Já pode descansar.

-Significa isso que posso sair deste horrível e horripilante lugar?

-Se for tão horrível, o que te persuadiu a vir?

-O instinto, o impulso, a intuição.

-A obediência não?

-Não, eu não gosto dessa palavra. - Prefere "rebelião"?

-Não sempre. Agradar-te-á saber que me estou abrandando... Um pouco. Faz tempo que não perco os estribos.

-Ah, sim?

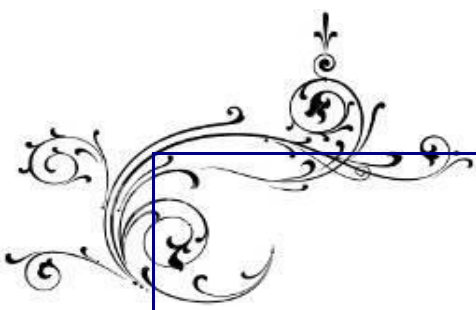
-Sim. Por certo, sinto ter ferido seus sentimentos o outro dia. Não me dava conta de que a um fantasma se zanga que duvidem de sua existência.

-E já não alberga dúvidas?

-Não, estou convencida.

-E agora pensará que vou te dar as jóias dos Douglas.

-Não sei. Pensei que possivelmente fora esse o propósito de minha vinda aqui, mas agora não estou tão segura. Vais-me dar isso?



-Não.

-Existem de verdade ou não é mais que um conto?

-Em que você acredita?

Recordou o que tinha passado quando tinha duvidado dele. Não voltaria a cometer a mesma estupidez.

-Acredito que existem.

-E que te ensinarei como as encontrar?

-Se quiser, mas me parece que ainda não te decidiste - o abajur titilou e Meleri se estremeceu, sentindo o frio nos ossos -. Acaba-me o azeite. Devo iniciar a volta.

-Já está muito gasto- para que possa voltar sozinha.

Meleri sentiu um calafrio de desespero, e voltou a recordar o pavor de ter permanecido às escuras no armário. Por que lhe estava ocorrendo aquilo? Haviam-lhe dito que o conde era um fantasma bom, e as boas pessoas não conduziam a outras a sua morte.

-Então, esse era seu plano? Atrair-me aqui e me deixar às escuras?

-É isso o que crê?

-Não, acredito que é um tipo decente.

-E o que fará quando te acabar o abajur?

-Ficarei aqui e esperarei a que faça algo.

-Assim passaste que não acreditar em minha existência a confiar em que lhe salve.

-Esse era o propósito desta prova, não?

-Sim e não.

-Fala em chave.

-Ah... As chaves. "Nada está oculto que não seja dado a conhecer, nem secreto que não saia à luz".

-Isso é da Bíblia.

-É obvio. Crie que provenho do outro lado?

-Não, e apesar de que você não gosta que lhe chamem bom, acredito que o é.

-Os títulos podem ser enganosos. Pensa em todos os que lhe chamaram galega.

-Como sabe isso?

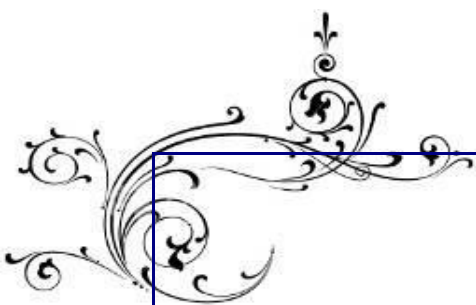
-Um fantasma deve manter algumas costure em segredo.

-Não te cansa alguma vez de ser fantasma?

-Sim. Quanto mais vive, mais parvo é. Sou o primeiro de um longa e nobre linhagem, e levo muito tempo cuidando dele. Mas minha chama se apaga e não fica muito caminho por percorrer.

-Quer dizer que se aproxima o final?

-Sim - disse-, mas para quem?



Meleri ouviu um chiado. A chama do abajur titilou e se apagou. Jamais se havia sentido rodeada pela escuridão absoluta. Nem um raio de luz nem de esperança podia existir em um lugar assim. Reinava um estranho silêncio.

-Segue aí?

Ninguém respondeu.

Ouviu uma correria e levantou os pés do chão, flexionou as pernas e se sentou sobre elas. Tinha frio e fome, e não podia evitar duvidar. E se o conde não retornava? E se a ninguém lhe ocorria procurá-la ali? E se Robert não a encontrava até que era muito tarde? E se ficava nas masmorras, sem poder encontrar o caminho na escuridão? Desprezou os pensamentos e permaneceu sentada em silêncio, tremendo, muito temerosa para mover-se e contendo o fôlego até que não ficou mais remedeio que respirar.

-Tem medo, moça? Meleri exalou o fôlego.

-Tenho medo do desconhecido, mas não de sofrer dano. Hoje aprendi uma coisa.

-O que?

-Não terá que duvidar jamais de algo do que alguém está seguro.

-E está segura de que te tirarei sã e salva daqui?

-Sim, estou segura, porque decidi que me cai bem e sei que não lhe teriam chamado o Bom se fosse tão mau.

-Oxalá pudesse te encher o abajur de azeite se estivesse em meu poder, mas não posso.

Meleri sentiu um calafrio.

-Então, devo permanecer aqui, na escuridão?

-Não, dar-te-ei outra coisa. Algo que me pertence.

O abajur oscilou e reacendeu se, iluminando a habitação com um fulgor antes inexistente. A luz era tão segadora que, durante uns instantes, Meleri não viu nada. Quando por fim recuperou a vista procurou o fantasma na habitação.

Mas o espectro do clã dos Black Douglas tinha desaparecido.

Meleri estendeu a mão para o abajur e ficou atônita. Ali não havia chama a não ser algo que refulgia no centro, como um relâmpago, intenso e de cor branca azulada. Era uma pedra grande e de muitas facetas, Lisa e cintilante como cristal gentil. Mais brilhante que a prata, iluminava a habitação, mas não se consumia. Meleri levantou o abajur para vê-la melhor. Seria um diamante?

Não, disse-se, não podia ser. Os diamantes não eram tão grandes, e aquela pedra tinha o tamanho de um punho. A mostraria a Robert. Ele saberia lhe dizer o que era. Ao recordar o seu marido, iniciou o caminho de volta, passando pelas habitações e passadiços que tinha percorrido antes.

Quando chegou à escada, pisou com passo firme os estreitos degraus até que franqueou a pesada porta de carvalho e saiu ao corredor do castelo. Deteve-se só o



tempo justo para dar a enorme porta um poderoso empurrão e fazê-la encaixar. Só então, deteve-se a tomar ar, agradecida por poder respirar ar limpo e por estar novamente rodeada pela bem-vinda paz de Beloyne.

Avançou sem fazer ruído pela galeria e a escada até sua habitação, abriu a porta, entrou e voltou para fechá-la. Deixou o abajur sobre a mesa contígua à porta, deixou-se cair na cadeira e inclinou a cabeça para trás até apoiá-la na parede. Por fim a salvo, fechou os olhos e disse:

-Graças a Deus que pude voltar - e exalou um fundo suspiro.

-Eu que você não suspiraria de alívio. Meleri se levantou com sobressalto e viu o Robert sentado sobre o baú que se encontrava ao pé da cama.

-Ai, não sabe quanto me alegro de verte!

-Possivelmente não te alegre dentro de um minuto, porque levo aqui sentado uma hora, me perguntando se quando te visse te beijaria até te deixar sem sentido ou te daria umas palmadas. Agora mesmo, inclino-me seriamente pelo segundo. Pode-se saber onde estiveste? Não pensou que me preocuparia? Ou nem sequer te importava?

Meleri esfregou os braços. Fazia frio na habitação, mas a lareira estava acesa, e a suave chama iluminava o belo semblante do Robert de tal forma que ansiava correr a seus braços. Tinha o pescoço aberto da camisa e o cabelo revoltado, como se tivesse passado as mãos por ele. Resultava tranquilizador vê-lo, mas em seu rosto não se refletia nem o mais leve rastro de amável benevolência ou branda tolerância.

Meleri desejava que não estivesse zangado com ela, a menos naquele momento, quando mais precisava sentir o consolo de seus braços, a tibieza de seu fôlego na frente. Mas sabia que não receberia amostras de afeto aquela noite assim, com um suspiro, esperou a que disparasse a primeira surriada.

-O que acontece, amor? Não te ocorre nenhuma resposta? Ficaste adormecida em um canto dos estábulos? saíste a dar um comprido passeio e te perdeste? Tem-lhe feito uma visita a um vizinho e não te deste conta da hora que era? O que, adivinhei-o? Estou esperando. Qual é a resposta? -olhou-a de cima abaixo-. Não te terá escapulado para te reunir com um amante desconhecido...

-Jamais em minha vida me tinham insultado tanto.

-Não te desespere. A noite é jovem.

Que Robert sugerisse aquilo era horrível. O que pensava que era? Estava tão furiosa pela insinuação que não se incomodou em pensar se tinha motivos para rezear.

-Se isso for quão único vais perguntar depois de quão mau o passei, não tenho nada que te dizer. Nenhuma só e singela palavra.

-Tem um segundo para me dizer onde estiveste.



- Quer saber onde estive? Dir-lhe-ei isso! me gelando o traseiro nas masmorras, com seu spectral antepassado! -gritou e, tirando-as sapatilhas, jogou-lhe uma e, depois, a outra.



Capítulo 35

-Onde estiveste ?

Robert estava furioso. Não podia acreditar no que estava ouvindo. As masmorras não eram lugar para ninguém, e menos ainda para uma mulher. Meleri não imaginava o sofrimento que tinha passado ao sentir sua ausência. Durante as últimas quatro horas, fazia que todas as pessoas disponíveis, desde a Fiona até sua avó, ficassem a procurá-la. Ninguém a tinha visto. Ninguém tinha nem ideia de aonde tinha ido. Meleri tinha esfumado sem deixar rastro nem mensagem. Nem sequer uma pegada.

Robert tinha percorrido a cavalo os arredores com o Iain e Hugh até que a escuridão lhes tinha impedido de ver. Como último recurso, tinha retornado ali, à habitação de Meleri, desejando... Não, precisando sentir-se perto dela. E de repente entrava nas pontas dos pés, envolta em mistério, e se comportava como se fora ele quem tivesse fazendo mal.

-Hei dito que estive nas masmorras com o fantasma. Lembra-te dele, verdade?

-Não sei. Eu nunca o vi.

-Pois não sei por que fui eu a privilegiada. Certamente, nunca pedi vê-lo. E não entendo por que te obceca tanto. Não pensará que estou mantendo um romance tórrido com um fantasma de trezentos anos, não? E, se assim fora, não o faria nessas horríveis e horripilantes masmorras.

-Não tem nem ideia de quão angustiados estivemos todos. Levamos horas te buscando.

-E você não imagina quão mau o passei.

-E se te tivesse ocorrido algo? Dá-te conta de quanto teríamos demorado em te encontrar?

-Pensei-o.

-Conforme parece não o bastante.

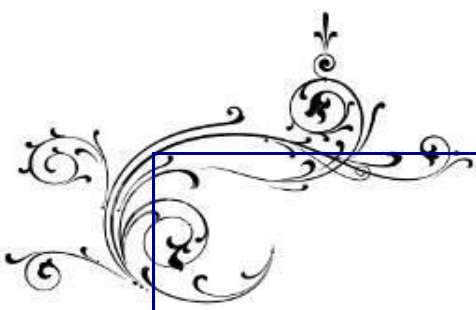
Meleri deu uma pisada no seu pé.

-Não sei por que está tão zangado comigo. Não baixei à masmorra porque fosse meu lugar favorito, sabe? Se fosse você, andar-me-ia com cuidado. Se não começar a ser mais amável, seus descendentes se referirão a ti como Douglas o Grosseiro.

-Pode que não chegue a ter descendentes se seguir assim de zangado. Agora mesmo, no último que penso é em procriar.

-Por fim coincidimos em algo, porque não teria teu filho embora me oferecesse o trono da Inglaterra, Escócia e Gales.

-Esquece o da Irlanda.



-Pois esse também - espetou-lhe Meleri, e apartou uma pequena banquetta com o pé.-Tenho frio, fome, estou cansada e me dói a cabeça. É como se tivesse enxaqueca por todo o corpo. Passei um medo terrível, tropecei com ratos e aranhas gigantes. Apagou-me o abajur e me fiquei na mais completa escuridão. Nada do que possa me fazer será pior que o que vivi. Não quero escutar sua hostilidade. Esta é minha habitação e te agradeceria que te partisse.

-Por que foste às masmorras?

-Porque o fantasma me fez saber que o esperava de mim. Não reapareceria se não ia.

-Deveria ter deixado uma nota. Tinha-me muito preocupado.

Meleri aproximou-se dele, rodeou-lhe o pescoço com os braços e disse:

-Sinto muito.

Robert a beijou na cabeça.

-E eu tenho feito mal me zangando contigo. Possivelmente assim estejamos empatados.

Muito feliz para falar, Meleri sentiu que a beijava na bochecha antes de dispor-se a tomar sua boca. Gemeu e apertou seu corpo contra ele. Robert a manteve abraçada um tempo, sem que nenhum dos dois falasse.

-Tenho que te mostrar uma coisa - disse Meleri de repente e, apartando-se, tomou o abajur e a ensinou -. Olhe isto, se não me crê.

Robert a estudou um momento.

-De onde tiraste isto?

-Me apagou o abajur e fiquei às escuras nas masmorras. Seu antepassado disse que não podia enche-lo de azeite, mas que podia me dar uma coisa que lhe pertencia. O abajur se acendeu novamente e, quando me fixei, esta pedra estava brilhando tanto que era como olhar o sol.

Meleri viu que Robert observava fixamente a pedra preciosa, e se perguntou se teria ouvido uma só palavra do que lhe havia dito.

-O diamante dos templários - sussurrou Robert.

-O diamante do que?

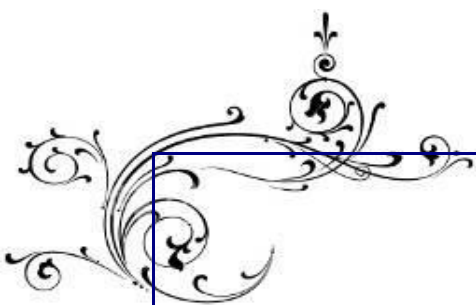
-Dos templários. Diz-se que sir James Douglas o Bom adquiriu a pedra quando lutava na Espanha, quando tentava ir a Jerusalém para enterrar o coração de Robert Bruce. Antes de morrer, guardou o diamante na caixa com o coração do Bruce para que o trouxessem para Escócia. O deram a seus herdeiros e desapareceu com o resto das jóias dos Douglas.

-Por que se chama o diamante dos templários?

-Porque foi inicialmente encontrado pelos cavalheiros templários durante as cruzadas.

-E está seguro de que é este?

-A ciência certa, não, mas sei quem poderia identificá-lo.



-Lady Margaret?

-Sim. Viu um desenho do diamante pouco de casar-se.

-O que foi desse desenho?

-Não sabe. Tinha-o meu avô. Quando morreu, não conseguiram encontrá-lo. Minha avó não o voltou a ver.

-Então, deveríamos procura-la.

-Eu a procurarei. Quero que você te meta na cama e descanse antes que caia ao chão.

-Mas...

-Quase não fica em pé. Te coloque na cama. Voltarei assim que tenha falado com a avó.

Meleri estava muito cansada para discutir. Robert tinha razão. Sentou-se na beira da cama e o olhou.

Robert a beijou com suavidade.

-Durma.

-Fá-lo-ei -disse.

-Eu virei depois - acrescentou, e se foi.

Acabava de fechar a porta atrás dele quando apareceu o conde.

Não chegou com uma rajada de ar naquela ocasião, a não ser com a neblina verde que girava até cobrar forma.

-Se tiver vindo brigar, pode ir já - disse Meleri-. Limito a uma reprimenda diária.

-Não mais reprimendas, não a mais provas. Esta é uma visita amistosa, moça.

-Por quê?

-Queria ver se estava muito zangada comigo.

-Não estou zangada com ninguém. Céus estou muito cansada inclusive para pronunciar a palavra.

-Não o parecia.

-Ouviste-o?

-Sim, moça. Ouviram-lhe em Bruxelas. Meleri estirou as pernas na cama.

-Foi ele; quem me deixou furiosa.

-E assim é como deve ser. É bom que um homem e uma mulher briguem de vez em quando.

-Não sei o que pode ter de bom. Ao conde lhe brilharam os olhos.

-Compreendê-lo-á melhor quando lhes tiverem reconciliado.

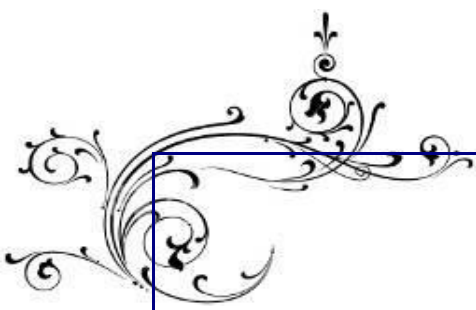
-Já me reconciliei com ele... Mais ou menos.

- "Mais ou menos" não basta.

-Eu fui amável primeiro. Agora toca a ele.

-É obstinada.

-Só quando estou com tiranos. É a única maneira de sobreviver com eles.



-Trocará de ideia quando fizer as pazes, e então te alegrará de ter discutido.

-Ora!

-Dobro ora!

Meleri não pôde evitar sorrir.

-Não sei por que me cai bem.

-Pela mesma razão pela que você me agrada, suponho.

Permaneceu ali sentada olhando-o, incapaz de acreditar que estivesse travando amizade com um fantasma. Mas assim era. Era tão agradável, um sedutor, pensou, negando-se a aceitar que podia ser coisa de família. Estava-lhe passando o cansaço, e se esfregou os pés entre si.

-Por que queria que fosse às masmorras?

-Já lhe disse isso. Para provar que foi muito valente.

-Sabia que morreria de medo. Sou covarde!

-Mas foi a pesar do medo. Isso não é covardia. E se te serve de consolo, é a mais valente porque, das demais, foste quão a única que baixou sozinha às masmorras.

-Assim houve outras?

-Sim.

-Quantas?

-Três ou quatro.

-E eu sou quão única que passou na prova?

-Assim é, moça.

-Vá, imagine, e sorriu-. E suponho que agora me revelará o resto. Quando o fará?

-No momento em que eu escolha.

-Demorará muito?

-Oxalá pudesse dizer que sim. Desde todas as vezes que retornei, esta foi a mais divertida. Lamento que se termine.

-Aonde irá? O que será de ti... Quando tudo isto tiver acabado?

-O que acontece com alguém quando morre? Invadiu-a tristeza.

-Possivelmente pudéssemos encontrar a maneira de fazer que isto dure um pouco mais.

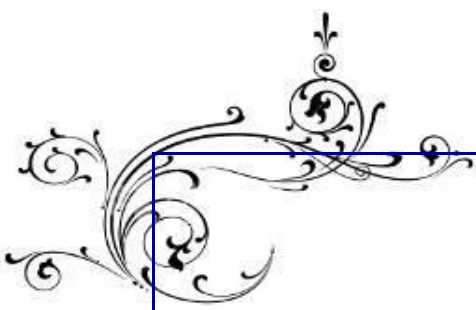
-Sim, mas não posso.

-Sentirei terrivelmente sua falta; acostumei-me a te ter em minha vida.

Chispou um tronco e Meleri lançou um olhar para o fogo... Estava a beira das lágrimas.

-Quando te tiver ido... Poderá retornar alguma vez, embora só seja um rápido? O justo para me fazer uma visita rápida?

O conde não respondeu, e quando Meleri voltou à cabeça, viu que já tinha ido.



Exalou um comprido suspiro, fitou a camisola, tampou-se até o pescoço com o edredom e ficou adormecida. Só despertou horas depois, quando Robert se meteu na cama com ela.

-Me alegre de estar outra vez contigo - disse Robert-. Senti tua falta.

-E eu tua. Nunca posso estar muito longe de ti, nem muito tempo separado de ti.

Isso é porque somos almas as gêmeas -disse, e a beijou.



Capítulo 36

Meleri estava nervosa quando despertou. Nem sequer a tenra lembrança de uma noite nos braços do Robert podia apagar a angústia, a crescente apreensão que sentia. Tinha a premonição de que naquele dia ia ocorrer algo solene e triste.

Pegou rapidamente um sombrio vestido azul escuro que não tinha mais adornos que um singelo pescoço e punhos brancos e baixou a escada, temendo inclusive o rangido das saias sobre as frias pedras do chão.

Uma vez fora, em lugar de dirigir-se ao jardim, como pensava, sobreveio-lhe o impulso de caminhar para a pequena capela que se erguia a certa distância. Não tinha estado nunca ali porque já não se utilizava e tampouco tinha sentido curiosidade por ver os nomes inscritos no panteão familiar, onde jaziam gerações do Douglas. Aquele dia, entretanto, era distinto.

Avançou para a capela, emprestando pouca atenção às lápides salpicadas a seu passo, até que chegou à estrutura perfeitamente simétrica, de estilo gótico, em que os Douglas enterravam a seus mortos. Deteve-se diante de uma grossa porta de madeira pesada. Estava entre aberta, e via um forte feixe de luz que se filtrava pela vidraça e repartia prismas de cor pelo chão de pedra.

Abriu um pouco mais a porta e entrou no panteão propriamente dito, onde a luz parecia deslumbrante. Percorreu as paredes, passando diante de cada cripta e lendo os nomes gravados. Um deles a fez deter-se. De repente, alagou-a uma tenra emoção ao ler o nome. William Douglas.

-Não é meu nome o que já estás aí, a não ser o de um xará.

Meleri girou e viu o fantasma do conde de pé atrás dela, a uns poucos passos de distância. Ia perguntar-lhe onde estava enterrado mas preferiu não sabê-lo.

-Me alegro de que não sejas o teu.

-Por quê?

-Já é bastante triste, acredito, saber que estás morto. Não preciso estar perto do lugar em que estás enterrado para te recordar.

-Tem bom coração, moça. Há momentos nos que lamento minhas restrições fantasmagóricas. Ela sorriu.

-Já ouvi que sentias debilidade pelas moças, e que teve dois filhos com duas mulheres chamadas Margaret.

Viu que lhe cintilavam os olhos.

-Ah, sim? E o que ouviste?

-Que estava casado com a Margaret, a irmã do conde de Mar, e que teve um filho. James, com ela. Mas também ouvi que tomou a viúva de seu cunhado como



amante e que teve outro filho, George, e que ambos continuaram a linhagem. Os Rede Douglas descendem do George e os Black Douglas, do James.

-Está bem informada, moça.

-Isso intento. Então, é certo?

-Sim. Altera meus bons sentimentos para mim? Olharam-se aos olhos e, por um momento, Meleri se sentiu apanhada na intensidade desses profundos olhos azuis.

-Não apoio minhas amizades em feitos tão corriqueiros.-Além disso, conhecia suas indiscrições antes de concluir que me caía bem.

-Ah, moça, Oxalá tivesse mais tempo. Eu não gostaria de me perder os anos de sua vida.

-Oxalá pudesse ficar. Suponho que há normas e demais, inclusive para os fantasmas.

O conde riu.

-Sim, vivos ou mortos, sempre estamos governados pelas normas.

-Então, chegamos ao final?

-Estamos infelizmente perto.

-Oxalá houvesse uma maneira de te dizer, te expressar o que sinto. Devemos tanto... Como posso te agradecer?

-Bom, se o que quer é um tributo apropriado, poderia chamar William a seu primogênito.

Sua imagem começou a esfumar-se. Antes que Meleri pudesse acrescentar algo mais, desvaneceu-se. Enquanto contemplava o lugar em que tinha estado, reparou de improviso em uma parte de pergaminho amarelado. Tomou e leu as palavras de um antigo poema.

Não pense no manhã,
Porque estátuas que ossos assassinados guardam
Em um lugar de lágrimas e dor
Fundas raízes baixo frias pedras alcançam.

A gente tem que fazer o que lhe ordena.
Conta, se puder, cinquenta e cinco cruzeiros,
e busca aquilo que escondido fica,
sinais todas de amadas perdas.

Perto de um lugar onde cor não falta
não procure a aba quebrada de um bebê.
Primeiro, o negro de comprimento passa
e não pares perto do marrom.



Segue para a doce luz da emanaria
e no lugar de uma antiga maldição,
degraus dourados para a arreios branca,
jaz o segredo de um bolso repleto.

O lugar do que buscas assinala
a luz detrás anos de escuridão voltará
o pico de uma grande ave e de anjo, asas.
Destas cinzas o fogo ressurgirá.

Fundo-o ressurgirá com glória,
Não chore ao passar.
O começo de um põe fim a outra história,
O que você é agora, eu fui já.

O pesar de um amigo a eternidade não esconderá
As escadas sobem para mim.
Para uma recente amiga que atrás tenho que deixar
tornei, não menti.

Convencida de que era uma espécie de adivinhação que a conduziria ao resto das jóias desaparecidas dos Douglas, Meleri tentou decifrá-lo. Leu-o de novo, mas, quando terminou, entristeceu-a compreender que não o entendia.

Não havia dúvida de que necessitaria ajuda para decifrar a adivinhação... De alguém que conhecia melhor a zona que ela. Devia encontrar a Robert.

Foi mais fácil do que esperava, porque o viu aproximar-se de cavalo aos estábulos ao mesmo tempo em que ela retornava ao castelo. Ao vê-la, Robert foi a seu encontro.

-Procurava-me? -perguntou.

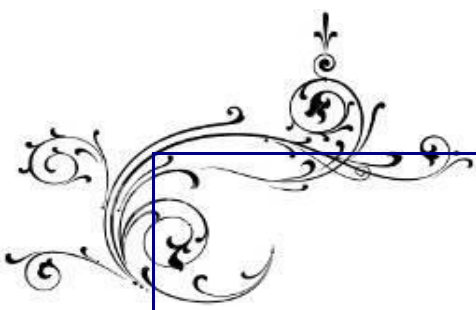
-Sim, recebi outra visita do conde. Deixou-me isto - e lhe entregou o pergaminho.

Robert soltou as rédeas e tomou o pergaminho. Ela esperou em silêncio enquanto ele lia intrigada pelo interminável número de expressões que afluíam em seu rosto. Quando terminou, Robert lhe devolveu o pergaminho.

-Acredito que estes versos conduzirão às jóias.

-É o que eu pensava, mas não tem sentido. Há algo que te resulte familiar?

-A primeira vista, não. Entra procura à avó. Eu me ocuparei do cavalo e me reunirei com vocês na biblioteca. Pode que entre os três possamos decifrar o bastante para iniciar a busca.



Robert chegou à biblioteca antes que Meleri e lady Margaret. Quando estas entraram, tinha aproximado três cadeiras da mesa.

Ajudou-as a sentar-se e tomou o lugar na cabeceira que Meleri tinha deixado o pergaminho. Leu os versos em voz alta para que lady Margaret o ouvisse.

-Não será fácil de resolver -disse lady Margaret.

-Será melhor que vamos estrofe por estrofe -sugeriu Meleri, e Robert se mostrou de acordo.

-Está bem - disse, e leu a primeira.

Não pense no manhã,
porque estátuas que ossos assassinados guardam
em um lugar de lágrimas e dor
fundas raízes baixo de frias pedras alcançam.

-Vos sonha de algo? -perguntou Robert.

-Ossos assassinados. Alguma vez ouviste algo sobre ossos assassinados? – tornou lady Margaret. Robert ficou pensativo um momento.

-Não, a não ser que se refira aos filhos do Gavin Douglas, que foram assassinados por saqueadores ingleses.

-Sim -disse lady Douglas -, estão enterrados no jardim da capela.

-Isso parece ter sentido - disse Meleri-, porque aqui fala de "um lugar de lágrimas e dor", assim é lógico que seja um cemitério. E está acostumado a haver estátuas no alto das lápides.

Robert leu a seguinte estrofe.

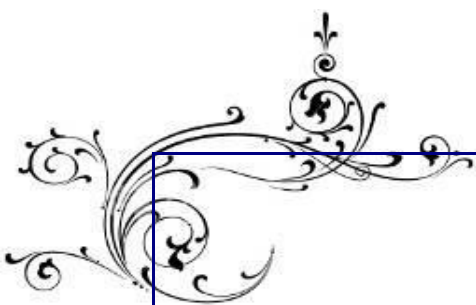
A gente tem que fazer o que lhe ordena.
Conta, se puder, cinquenta e cinco cruzes,
e busca aquilo que escondido fica
Sinais todas de amadas perdas.

-O primeiro verso, está claro - disse Robert-. Devemos fazer tudo o que nos pede a adivinhação.

-Também está claro o segundo -acrescentou Meleri -, porque deveríamos encontrar um lugar com cinquenta e cinco cruzes. E o terceiro verso nos diz que, ao fazê-lo, acharemos o que está escondido, que são as jóias. Mas o último, "assinale de amadas perdas", o que significa?

-Acredito que vai com o segundo verso. "Conta, se puder, cinquenta e cinco cruzes, sinais todas de amadas perdas" - sugeriu lady Margaret.

-Sim - disse Robert-, é o que mais sentido tem. Assim agora estamos procurando no cemitério da capela um lugar no que haja cinquenta e cinco cruzes.



A terceira estrofe o deixava perplexo, e inclusive depois de lê-la pela segunda vez, não cobrou nenhum sentido.

Perto de um lugar onde cor não falta
não procure a aba quebrada de um bebê.
Primeiro, o negro de comprimento passa e
não pares perto do marrom.

-Acredito que deveríamos ir ao cemitério -disse por fim. Possivelmente o entendamos melhor ali.

Os três se dirigiram ao cemitério. Não demoraram a encontrar o lugar das cinquenta e cinco cruzeiras, porque era a parte mais antiga. Entretanto, a terceira estrofe ainda os deixava perplexos.

"Perto de um lugar onde cor não falta" -

Disse Meleri -.

-O que pode significar? Aqui não há muito colorido, porque quase tudo são mármore brancos e pedras cinza, erva verde e terra marrom. Um lugar onde cor não falta... Eu diria que se refere a um lugar em que estão todas as cores.

-Sim, mas que lugar é esse?

-Já o tenho! -exclamou Meleri, com tanta energia que lady Margaret se sobressaltou-. Quando estava no panteão familiar, o sol se filtrou pela vidraça e salpicou de cor todo o chão.

-Não pode ser isso - disse Robert-; significaria que teríamos que levantar o chão, e ali não há nada que encaixe com o resto das estrofes.

-Possivelmente seja perto da vidraça, mas pela parte de fora - disse lady Margaret-. Isso situaria o lugar que procuramos entre a parede da capela onde está a vidraça e o lugar das cinquenta e cinco cruzeiras.

Assim que chegaram a essa parte do cemitério, voltaram a ler a estrofe.

-“Acredito que o Primeiro verso, o negro de comprimento passa” viria depois do primeiro, já que rimam -disse Robert-. Assim devemos passar de comprimento algo negro, não procurar a aba quebrada e não nos deter perto de algo marrom... Isto não tem sentido - acrescentou, e elevou as mãos.

-Olhem isto! -Exclamou lady Margaret-. Aqui está a tumba de um menino, e uma estátua de um bebê com aba, mas a parte de abaixo está rota.

-Tem que ser isso - disse Robert-. Mas agora, onde procuramos o resto?

-Que tal a seguinte estrofe? -sugeriu Meleri.

Segue por volta da doce luz da manhã e
no lugar de uma antiga maldição,

PÉ GASUS LANÇAMENTOS



degraus dourados para a arreios branca
jaz o segredo de um bolso repleto.

-O que quererá dizer que sigamos por volta da luz da manhã? Será o sol? -
perguntou Meleri.

-Acredito que sim - respondeu lady Margaret-. Agora devemos encontrar os
degraus dourados.

-Estamos perdendo o tempo - disse Robert-. Está claro que aqui não há
degraus dourados.

Meleri suspirou.

-Suponho que tem razão. Se nos tivesse dado alguma pista, algo que... Um
momento! Arreios brancos... Cavalos! -exclamou-. Deve haver tumbas adornadas
com cavalos, e o único que temos que fazer é encontrar um negro, outro marrom e
outro branco.

Dispersaram-se procurando, até que Robert já estava a ponto de desistir. De
repente, lady Margaret proferiu uma exclamação.

-Aqui está! É o cavalo negro!

Robert e Meleri se reuniram com ela e ali, sobre a tumba de sir Archibald
Douglas, havia uma pequena estátua de bronze de um cavalheiro sobre um cavalo, e
o bronze se tornou negro com o passo dos anos.

-Se este for o negro, então...

-Aqui! -Exclamou Meleri-. Aqui há uma lápide de granito marrom com um
cavalo gravado perto do nome.

-Olhem isto - disse Robert-. Veem estes degraus que conduzem às demais
tombas? São do mesmo granito marrom, mas pela forma em que o sol os ilumina
parecem dourados – desceram os degraus e se detiveram junto a uma tumba. Ali,
sobre uma lápide de mármore branco estava a estátua de um cavalo branco sem
cavaleiro.

-A arreios brancos - disse Meleri.

-Isto começa a encaixar - disse Robert, e voltou a ler a seguinte estrofe-.
Então, qual é o lugar da antiga maldição?

-Poderia ser o lugar em que estavam enterrados os filhos do Malcolm
Douglas? Recorda, morreram vítimas de uma praga.

-Não sei onde estão enterrados - disse Robert.

-Eu sim - lady Margaret os conduziu ao lugar em que cinco pequenas tumbas
estavam rodeadas por uma grade de ferro forjado. Leram a seguinte estrofe.

O lugar do que buscas assinala
a luz detrás anos de escuridão voltará



o pico de uma grande ave e de anjo, asas.
Destas cinzas o fogo ressurgirá.

-Se lermos primeiro o terceiro verso, o lugar que procuramos está famoso pelas asas de um anjo e o pico de uma grande ave - disse Meleri.

-Quer dizer, esta tumba - Robert a assinalou-. Há um anjo gravado, e em sua mão tendida está estalagem uma enorme ave.

-Acredito que as jóias estão enterradas nessa tumba -disse Meleri- porque o seguinte verso se limita a nos dizer que o fogo ressurgirá das cinzas e que a luz voltará detrás anos de escuridão. Deduzo que isso significa que encontraremos as jóias, que a família sairá da escuridão à luz. Lê a seguinte estrofe.

Fundo-o ressurgirá com glória,
não chore ao passar.
O começo de um põe fim a outra história,
o que você é agora, eu fui já.

-O que está fundo era o sobrenome Douglas, e ressurgirá com toda sua glória - disse lady Margaret.

Robert olhou para Meleri, que tinha ficado repentinamente calada.

-Moça, por que chora? -perguntou Robert, e tomou entre seus braços -. São lágrimas de alegria?

-Não, é que entendo o que diz. Estes versos são para mim. Não quer que me entristeça quando for daqui, e me recorda que ele esteve vivo uma vez.

Robert leu a última estrofe.

O pesar de um amigo a eternidade não esconderá
As escadas, sobe para mim.
Para uma recente amiga que atrás tenho que deixar.
tornei, não menti.

-A eternidade não apagará o pesar de ter que te deixar atrás - disse Robert, e a abraçou com força.

De repente, Meleri se separou dele e secou as lágrimas com o dorso da mão.

-"As escadas, sobe para mim" - disse, e correu para os degraus pelos que tinham baixado fazia um momento-. Está acima! Estou segura.

-Meleri, espera!

-Não, não me sigam! Devo vê-lo sozinha.

Meleri seguiu correndo, com os pés logo que roçando os degraus, até que chegou ao alto. Ofegando, olhou ao redor, invadida de melancolia. O conde não



estava ali. Teria interpretado mal a estrofe? Não ia voltar? Seriam suas últimas palavras as do pergaminho?

Não advertiu que estava chorando até que sentiu o morno fluir das lágrimas na bochecha. Não voltaria a vê-lo nunca mais.

-Suponho que me precipitei um pouco ao dizer que foi forte. Por que chora agora, quando tudo acabou?

Meleri piscou e secou as lágrimas, incapaz de conter o amplo sorriso que lhe abria os lábios.

-Está aqui - sussurrou.

-Acreditava que não ia despedir-me?

-Começava a temer que não.

-Ah, moça de pouca fé.

-Tive um momento ou duas de debilidade. Vais retornar ao retrato?

-Resolveste a adivinhação e meu trabalho está cumprido. Já não posso ficar.

-Então, isto é um adeus?

-Sim, moça, temo que sim.

-E não voltarei a verte alguma vez mais? Não vais voltar jamais?

-Já apareceu tudo.

-Jogarei muitíssimo de menos, sabe?

-Sim, me passará o mesmo. É a menina de meus olhos, e não será fácil te deixar, mas devo partir.

-Por que eu? Por que sou eu a do coração do autêntico escocês? Por que não Robert, ou Iain, ou inclusive Hugh?

-Ai. Acredita que escolheria a um homem podendo ter a uma mulher?

Meleri lhe sorriu, confiando em que pudesse sentir todo o amor e a tristeza que conduzia com seu sorriso.

-Foi essa a verdadeira razão?

-Foi uma boa maneira de lhes reunir, não crê?

-Sim, mas seguro que isso não foi tudo.

-Não, e não me deixará tranquilo até que não lhe tenha contado isso. É muito simples. É descendente de um escocês, um cavalheiro templário que me salvou a vida e morreu fazendo-o. Foi minha maneira de lhe pagar um tributo. Era um final apropriado para todos que nossos descendentes estivessem juntos.

-Descendo de um escocês? Mas se for inglesa! -exclamou.

-Inglesa, galega, irlandesa... E escocesa - disse o fantasma-. Sua bisavó irlandesa era filha do cavalheiro templário. Agora vê por que estava destinada a encontrar a felicidade em um lugar de enorme tristeza.

-Você? Foi você quem ia a meus sonhos de faz tanto tempo?

-Sempre soube que era uma moça inteligente.

-Antepassados escoceses, tesouros... Não o entendo.



-Entendê-lo-á, moça. Entendê-lo-á antes que acabe o dia.

Olhou-o, admirando como sempre sua estatura, o orgulho de seu rosto desalinhado, o fogo de seu olhar. Desejava poder havê-lo visto de mortal. Devia ter sido um homem magnífico.

-Me diga adeus, moça; devo partir.

Não pode ser a hora da despedida. Não podia. Apreciava-o tanto...

Meleri estava chorando outra vez, incapaz de conter as lágrimas que brotavam livremente de seus olhos. Sinceramente, acreditava que lhe romperia o coração.

-Esta é uma das vezes em que detesto sinceramente que seja um fantasma. aprendi a confiar em ti e a esperar com ilusão nossas conversações. O que farei quando for? Quem me ajudará a afiar meu engenho?

-Suponho que Robbie estará encantado de te ajudar com isso.

Sua imagem começou a tremer e Meleri soube que se ia.

-Quero me despedir, mas como posso abraçar o vapor? Suponho que não poderia te dar um abraço... Um muito rápido antes que vá?

Erguia-se a curta distância, com as pernas separadas e a capa negra ondeando ao vento. Tinha os braços cruzados, e Meleri podia ver com que intensidade a observava.

-É uma moça realmente fastidiosa. Meleri não pôde evitar sorrir.

-Sei, mas estava tão afligida pela tristeza que confiava em que... -não terminou a frase, porque naquele momento viu que a imagem transparente começava a consolidar-se. Já não via através dele, porque ante seus próprios olhos cobrou forma sólida. E, céus, era magnífico.

Estava-a olhando como sempre, com os braços cruzados, quando, de repente, abriu-os de par em par.

Meleri correu para ele e sentiu a força sólida de seus braços enquanto se fechavam em torno dela.

-É uma grande moça, e te tem feito um oco em meu coração.

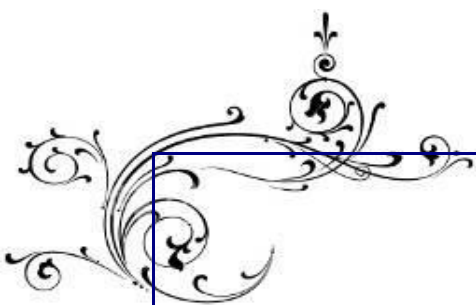
-Te sentirei falta de com todo meu ser - disse Meleri, e o abraçou com força-. Uma parte de ti seguirá vivendo, porque sempre estará em meu coração.

Ela sentiu a pressão de seu beijo no alto da cabeça; depois, o conde a apartou e a olhou à cara. Sua forma começou a tremer, a desvanecer-se, e voltou a fazer-se transparente. Fez-lhe uma saudação militar, deu-se a volta e se afastou, com sua imagem fazendo-se mais tênue com cada passo.

-Não vá! Necessito-te!

-Também a condessa do Suffolk - disse o conde. Depois, com uma gargalhada e uma piscada, desvaneceu-se.

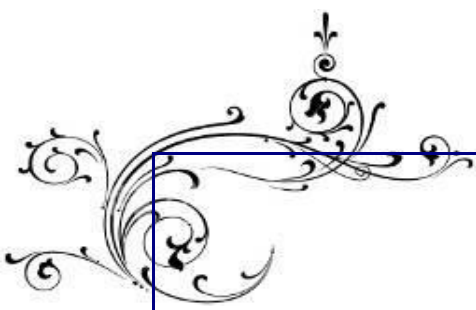
Meleri permaneceu onde estava, tentando conciliar o que sentia. A lembrança de seu breve encontro com ele era tão maravilhoso como tocar uma estrela, e igual de misterioso. Recordar os momentos em comum e concentrar-se no fato de que



tinha sido afortunada conhecendo-o era um parco consolo. O que mais a consolava era que ainda existia, em algum lugar além de seu reino de compreensão.

Não tinha desaparecido em um nada. Sabia que em algum momento de sua viagem, voltaria a vê-lo. E quando o fizesse, ele apareceria de pé, como tantas outras vezes, com os braços cruzados e as pernas separadas, a capa negra ondeando a suas costas e sorrindo através de incontáveis gerações, com o rosto tão afresco como durante seus dias de batalha.

Aquele dia, como na época do conde, o campo florescia nas Terras Baixas, a águia aninhava nos ninhos e o salmão retornava do mar. Havia coisas que nunca trocavam.



Capítulo 37

Em admirado silêncio, a família se congregou dentro da grade de ferro forjado. Só as gêmeas estavam ausentes. Iain, pensando que eram muito pequenas para participar, tinha-as enviado a casa de uma amiga. Agnes tinha ido com elas. Só Meleri e lady Margaret permaneciam em silêncio vendo como Robert. Iain e Hugh cavavam a terra branda de debaixo das amplas asas de mármore do anjo.

-Espero que não seja a tumba de um menino - comentou lady Margaret.

-"tornei, não menti" - disse Meleri, recitando os últimos versos da rima-. Tudo será como ele há dito e "destas cinzas o fogo ressurgirá". As jóias estarão aqui - envolta nas lembranças, permanecia tão imóvel e calada como uma árvore. A sepultura era funda. Já não demorariam muito.

O golpe do metal contra a madeira úmida lhe produziu um calafrio. Meleri parou o coração quando Robert disse:

-Encontramo-lo. É um ataúde.

-Uma sepultura -disse lady Margaret, com a voz carregada de decepção.

-Não, não é uma sepultura. Abre-o - indicou Robert-, e olhe o que há dentro. Não encontrará um corpo... Não haverá nada mais que jóias. ,

Os homens tiraram o pequeno ataúde de madeira do chão. Meleri se sentia sem forças, presa de uma mescla de alívio e nervosismo. O coração lhe pulsava terrivelmente depressa. Robert se voltou para olhar a sua esposa, disse - algo a Iain e se aproximou dela. Passou-lhe um braço pela cintura e permaneceu de pé junto a Meleri. Observando a operação. A madeira era suave e estava podre em alguns pontos, o qual permitiu ao Hugh e ao Iain rompê-la facilmente. Dentro havia um a caixa menor de pedra.

Iain e Hugh intercambiaram olhadas; depois, voltaram-se para o Robert. Ninguém se movia. Por fim tinha chegado o momento, pensou Meleri. Depois de quase três séculos, a espera acabaria logo. Ao final, quando já ninguém podia suportar a tensão, Robert disse:

-Abra-o.

Apertou-a contra ele e tomou a mão de Meleri para levar-lhe aos lábios, onde lhe beijou a palma. Juntos se voltaram para olhar.

Hugh proferiu um grito de júbilo.

-Um cofre de jóias! Pelo amor de São Andrés, encontramos-lo!

Iain o levantou para que todos pudessem vê-lo. O fechamento estava corroído e se rompeu facilmente. Meleri conteve o fôlego.

Com um rápido movimento, Iain levantou a tampa do cofre e o ouviu exclamar:



-Está vazio. Aqui não há nada mais que uma pequena valise de couro gordurento.

Meleri permaneceu em pé, com os joelhos débeis e sentindo-se como se tivesse passado muito tempo ao sol. "Tornei, não menti". Aferrou-se ao braço do Robert.

-As jóias estão aqui. Não nos mentiria, sei. Devemos seguir olhando. Estão aqui.

-Olhe o que há dentro da valise - disse Robert.

Iain a abriu e tirou uma parte de linho desfiado. Dentro encontrou uma velha parte de couro. Abriu o couro e tirou uma parte de pergaminho amarelado dobrado em quatro partes. Desdobrou-o e o estendeu sobre a lápide de mármore. Todo mundo se congregou ao redor.

-O que diz? -perguntou Meleri.

-É um mapa - disse Iain

-Das criptas -acrescentou Robert, fazendo girar o mapa, e o observou durante vários minutos -. Parece que há outro mausoléu detrás da cripta em que está enterrado Andrew Douglas.

-Sim - disse Iain-. Teríamos que tirar o ataúde do Andrew para chegar à outra câmara.

-As jóias estão escondidas aí? -perguntou lady Margaret.

-Isso é o que pretendemos averiguar.

Não demoraram a reunir-se junto às criptas e em retirar a pedra que selava a do Andrew Douglas. O ar viciado e morto saiu à estadia principal, e Meleri voltou a cabeça para não olhar, mas escutou o chiado que fazia o ataúde do Andrew ao ser tirado da pequena câmara que ocupava. Só quando o depositaram com cuidado sobre o chão da capela se voltou para olhar a cripta vazia.

Robert apareceu ao interior.

-Traz um abajur.

Hugh sustentou uma no alto para Robert, quem se encarapitou à cripta.

-Há uma pedra no fundo, mas não sei como abri-la - voltou a sair-. Parece estar firmemente encaixada entre as demais. Não sei como poderíamos movê-la sem derrubar a parede - começou a estudar outra vez a cripta-. Vamos ver...

-No que está pensando? -perguntou Iain. -Olhe como estão encaixadas as lajes. Parece que a de acima, a de abaixo e as laterais tivessem sido colocadas primeiro, e o bloco de abaixo ao final, quase empurrando-o até fazê-lo encaixar.

Iain, Hugh e Robert trabalharam durante mais de uma hora tentando retirar o bloco, mas não puderam.

-Deve haver outra maneira - disse Hugh.



Meleri não agüentou a curiosidade e se aproximou um pouco mais para olhar a cripta. Estudou os blocos de pedra e compreendeu por que Robert pensava que a de abaixo devia ser retirada, porque sustentava às demais em seu lugar.

-E se não retirarem o bloco mas sim o levantam para um lado?

Os três homens ficaram olhando; depois, Iain riu e lhes deu um tapinha nas costas aos outros dois.

-Sem elas, não somos nada.

Os três provaram sorte durante vários minutos a levantar a parte direita da pedra para cima, mas não cedia. Meleri não entendia por que persistiam, mas a toxidez parecia ser o denominador comum da mente de um homem, sobre tudo, se era escocês.

-Por que não provam pelo outro lado? -perguntou. Robert lhe lançou um olhar de irritação, como se duvidasse de que sua ideia fora a funcionar, mas imitou ao Hugh e ao Iain e começou a empurrar com todas suas forças. De repente, o bloco se moveu, tão depressa que pareceu ter vida própria. Em quando alcançou uma posição perpendicular à inicial, outros blocos começaram a desmoronar-se e a cair. Por fim, Robert exclamou:

-Aqui debaixo há uma pequena escada.

Retiraram o último bloco. Meleri podia ver que a cripta parecia a pequena entrada de uma escada subterrânea. Robert tomou o abajur e entrou agachando a cabeça. Meleri entrou depois, e a seguiram Hugh e lady Margaret, a quem Iain ajudava.

Desceram pela escada, que era circular e se abria a uma pequena câmara situada por debaixo do chão da capela. Ali havia cinco cofres. Uma mesa de pedra se erguia no centro da estadia. A parte superior era uma laje de pedra cuja escritura hieroglífica ninguém compreendia. Havia estranhos símbolos e inscrições gravadas na pedra ao longo das paredes.

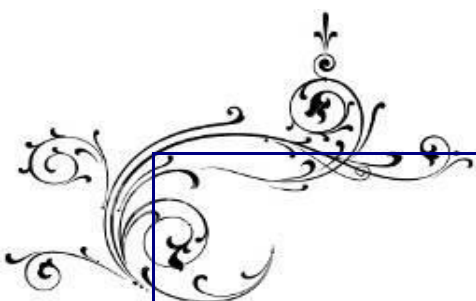
-O que acham? -perguntou Hugh.

-Isto se parece muito aos símbolos gravados nas pedras da capela do Rosslyn - disse Iain.

-Onde está isso? -perguntou Meleri.

-Perto do castelo do Hawthornden, o lar dos Sinclair -respondeu Robert.

-Estive ali uma vez, faz muitos anos -prosseguiu Iain-. Dizia-se que as inscrições eram símbolos templários e do Santo Grial. Antigamente, Rosslyn se escrevia Roslin, que significa Sangue de Cristo. Segundo a lenda, muitos dos cavaleiros templários se assentaram na Escócia depois de sua expulsão da França, onde muitos membros foram queimados na fogueira, dizia-se que tinham combatido junto ao Robert Bruce. Sir Henry Saint Clair do Roslin também tinha sido amigo deles. O filho de sir Henry, sir William, acompanhou a nosso antepassado, sir James



Douglas, quando resguardava o coração do Bruce e morreu com ele, lutando contra os mouros na Espanha. Ao pouco trocaram seu sobrenome pelo do Sinclair.

-Mas por que há inscrições temperaria aqui, nesta capela? -perguntou Robert.

-Não sei - disse Iain.

-Por que não abrem alguns dos cofres e vemos se houver algo que nos dê uma pista? -sugeriu lady Margaret.

Um a um, abriram os cinco cofres, e durante um tempo, permaneceram muito boquiabertos para falar. Os cofres estavam cheios de muitos mais tesouros que as jóias dos Douglas que só ocupavam um cofre pequeno. Estas eram bastante valiosas, e contavam com uma safira que, conforme disse lady Margaret, era "grande como a esperança". Também continha uma coroa de ouro adornada de rubis, uma sereia de ouro com incrustações de pedras preciosas e olhos de esmeraldas. Havia um grosso colar de ouro com um escaravelho egípcio, uma ametista gravada, um bracelete muito pesado com inscrições hieroglíficas, assim como alfinetes de pérolas, broches de esmeraldas e diamantes e anéis engastados com pedras preciosas de todas as cores. Mas aquelas jóias eram mínimas em comparação com o que encontraram em outros cofres, pois dentro havia imensas quantidades de ouro e prata, em sua maioria em forma de jóias e de moedas. Havia dois cofres cheios de lingotes.

-Isto tem que formar parte da fortuna dos templários - disse Iain-. Chegou um momento em que os templários possuíam mais de nove mil casas solares e castelos por toda a Europa. Sua riqueza sustentava os bancos mais importantes. Também provocavam suspeitas e ciúmes entre a nobreza européia, em especial, o rei Felipe IV da França. Este convenceu à batata de que os cavaleiros templários não eram defensores da fé, mas sim tentavam destruí-la. A batata ordenou ao rei que os prendesse, mas quando os homens do rei foram aos castelos, muitos estavam abandonados, e a enorme frota naval ancorada em La Rochelle tinha desaparecido. Aonde foram esses dezoito navios com toda a riqueza que transportavam ninguém sabe.

-Creio que isto poderia formar parte dessa riqueza? -perguntou Robert.

-Sim, acredito que deve provir da relação entre o William Sinclair e James Douglas, e que isso se relaciona de algum jeito com nosso fantasma e o antepassado templário do Meleri.

-Possivelmente possamos investigar isto melhor. Poderíamos começar indo ao Rosslyn -propôs Robert.

-Nunca seja muito crítico com um presente - replicou lady Margaret-. Seria uma boa maneira de perdê-lo.

Hugh comentou:

-Aqui há mais do que podemos gastar em toda uma vida.

-Não me quero levar isso anunciou Meleri, e todos se voltaram para olhá-la.

-O que quer dizer? -perguntou Hugh.



-Não quero tirar o daqui.

-Quer deixá-lo aqui? -perguntou Robert.

-Uma parte, sim. É evidente que não o necessitamos tudo, como Hugh acaba de dizer. Só nos trará problemas. Começaríamos a nos preocupar de se nos roubarem isso. Trocaria nossas vidas. Não sei por que, mas tenho a convicção de que deveríamos nos levar as jóias dos Douglas e deixar o resto aqui.

-Não quer tomar um pouco do resto? -perguntou Hugh -. Umas quantas moedas, um lingote de ouro?

-Não. Acredito que devemos levar o que é nosso e deixar o resto. Possivelmente outro Douglas de uma época futura poderia necessitá-lo. Eu gostaria de pensar que estará aqui para que o desfrute.

-Tem razão - disse Robert. e a rodeou com o braço para abraçá-la com força-. A riqueza de nossa família é suficientemente ampla, e com ela e a dote do Meleri, poderemos pagar as dívidas e restaurar a casa e as terras. O que faríamos com tanta riqueza?

-Posso te fazer uma lista - disse Hugh.

-Estou de acordo com Meleri - declarou lady Margaret-. Muito dinheiro pode estragar a uma família. Eu não gostaria que nos destruíssem a cobiça.

-Acredito que tem razão - disse Iain-. Arrumar-nos-emos isso muito melhor tomando o que é legitimamente nosso.

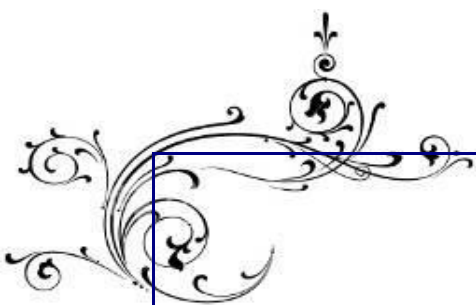
Robert, Meleri, Iain e lady Margaret ficaram olhando ao Hugh, quem riu e disse:

-Não me olhem assim. Quando fui contra os desejos desta família? Além disso, pretendo me casar com uma moça rica.

Robert olhou a Meleri com regozijo.

-E onde pensa encontrar uma moça assim?

-Na Inglaterra - respondeu Hugh. E todos riram.



Epílogo

Mais tarde, quando as jóias dos Douglas já estavam guardadas sob chave, Robert se voltou para Meleri.

-No que pensa?

-Tento compreender tudo o que ocorreu hoje e como encaixa meu antepassado na história.

Robert a envolveu com os braços e a beijou.

-Primeiro resolveremos as dívidas desta família e depois averiguaremos mais sobre seu antepassado. Foi um dia muito comprido. Está cansada?

-Um pouco.

Para falar a verdade, não podia pensar em estar cansada em um momento como aquele, pois estava comovida pela presença tranquilizadora de Robert, pela maneira com que a tinha apoiado. A paciência e a compreensão se converteram em seu símbolo tanto como o tartán dos Douglas ou o escudo familiar. Era difícil não chorar pela tristeza de perder o conde e a alegria de ter encontrado a um homem ao que amar durante o resto de sua vida.

Robert a estreitou com força e deslizou os lábios por sua bochecha.

-Me recorde de sempre te dizer algumas vezes o quanto sou orgulhoso de ti, deu-lhe a mão. Vamos deveriam descansar antes do jantar. Esta noite temos muito que celebrar.

Abraçados, Robert e Meleri percorreram a galeria para a escada. Como sempre, os cães estavam em suas posições acostumadas aos pés dos degraus, mas, ao aproximar-se, Meleri viu que Corrie e Dram não estavam tensos e imóveis, nem contemplando a fileira de quadros. Dormiam placidamente.

Como tinha por costume, Meleri contemplou os rostos sérios e dignos de vários séculos de antepassados Douglas. Só que naquela ocasião era diferente, embora não sabia muito bem por que. Tudo estava igual, dos adornos de frutas e flores dos painéis até os retratos pendurados dos muros, mas já não sentia a opressão que sempre sentia na galeria. Tampouco a estranha sensação de que a estavam observando. Era como se tudo tivesse mudado, como se eles soubessem e lhes parecesse bem.

-Olá, meus amores - disse, e se deteve para acariciar Corrie e Dram, que os tinham ouvido aproximar-se e se puseram em pé, ansiosos por saudá-los.

Robert se deteve junto a ela, e Meleri se voltou para ele. Seu coração transbordava felicidade e confiava que Robert pudesse ver todo o amor que lhe transmitia com o olhar. "Será o pai dos meus filhos". Pensou.

A idéia acabava de cruzar por sua cabeça quando a invadiram o consolo e a tranquilidade. De repente, compreendeu que não demoraria em ter um filho. Um filho a que chamaria William.

Imaginou como ficaria o castelo com a asa restaurada, e pensou no homem ao que amava com todo seu ser, no futuro que os aguardava. Perguntou-se como era possível que uma moça inglesa e temperamental tivesse tido a fortuna de converter-se na esposa de um homem que provinha de longa linhagem do Black Douglas.

Um raio de sol se filtrou pela janela e Meleri sentiu o calor da mão do Robert fechando-se em torno da dela. De algum lugar do fundo do castelo se ouviu o som de uma gaita de fole, e recordou que só faltava uma coisa para que sua felicidade fora completa.

Chegaram perto do retrato do primeiro conde.

-Este quadro sempre será um tesouro para mim - disse Meleri, e se deteve um momento para contemplar o lugar em que tinha estado sua imagem.

Só que ele estava ali, tão magnífico como a última vez que o tinha visto. O via enérgico. Quase, vivo com os braços cruzados por diante, as pernas separadas, a capa negra ondeando as costas e o brilho de seus penetrantes olhos azuis.

Meleri encheu os olhos de lágrimas.

-Retornou ao quadro, tal como disse - pôs a mão na imagem e se surpreendeu ao descobrir que estava morna-. Sempre sentirei falta de -disse -. Se ao menos tivesse podido ficar.

-Não chore pequena. Não gostaria de verte triste - Robert lhe aconteceu o braço pelos ombros e juntos começaram a subir a escada.

-Tinha chegado a querê-lo de verdade - disse Meleri - e a desfrutar vivendo em um castelo encantado. Ele era como um pai para mim. Custa-me trabalho pensar que não voltarei a vê-lo, e me rasga saber que já tudo se acabou.

Terminou de pronunciar as palavras, mais abaixo, na galeria, Meleri ouviu um ruído.

O quadro do velho conde tinha caído.

FIM

